

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE A SAÚDE E A
DOENÇA MENTAL: UM ESTUDO DE CASOS
PSIQUIÁTRICOS À LUZ
DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL (1937-1950)**

NÁDIA MARIA WEBER SANTOS

ORIENTADORA: PROF^a DR^a SANDRA JATAHY PESAVENTO

PORTO ALEGRE, AGOSTO DE 2000

**A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE A SAÚDE E A DOENÇA MENTAL: UM
ESTUDO DE CASOS PSIQUIÁTRICOS À LUZ DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL
(1937-1950)**

NÁDIA MARIA WEBER SANTOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós - Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS -, sob a orientação da Prof^{fa} Dr^a Sandra Jatahy Pesavento, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Porto Alegre, agosto de 2000

" Se alguém julgar que falo com mais audácia do que com verdade, venha inspecionar comigo as vidas humanas."

ERASMO DE ROTERDAM

(Elogio da loucura, p.81)

Dedico esta dissertação à Miriam Gomes de Freitas, psiquiatra, "pensadora", amiga e colega, que me mostrou o sentido da realidade psicológica e me ensinou a encarar as verdades deste mundo.

A Rogério e Ayan, meus amores do dia -a -dia.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABL- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

AHPA- ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSÉS VELLINHO

APRS- ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL

BHPSP- BIBLIOTECA DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO

BPRS- BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

HPSP- HOSPITAL PSIQUIATRICO SÃO PEDRO

IHGRGS- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RS.

LBHM- LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL

MCSHC - MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO DA COSTA

NHC- NOVA HISTÓRIA CULTURAL

NCP - NOVA(S) CARTA(S) PERSA(S) (DE VIANNA MOG)

PA- PSICOLOGIA ANALÍTICA

RS- RIO GRANDE DO SUL

TR- ABREVIATURA DO NOME DO PACIENTE ESTUDADO NO CASO, O QUAL NÃO DEVE SER IDENTIFICADO.

VM - VIANNA MOOG

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, ajudaram e deram força a esta tarefa de escrever uma dissertação de mestrado. Todos os nomes citados aqui sem dúvida foram importantes, e suas ajudas foram fundamentais em diferentes etapas deste trabalho.

Primeiramente agradeço à minha orientadora, Professora Dr^a Sandra Jatahy Pesavento, que com sua força e competência, que se fizeram sentir desde o momento de minha entrada no curso, assumiu uma aluna que veio de outra área (Medicina) e tornou possível a concretização deste exercício de interdisciplinaridade a que me propus.

Magda Gans e Alexandre Schiavoni, mestres em História por este PPG, são peças fundamentais neste xadrez, pois desde o início prestaram-me fundamentais auxílios na busca de meu "espaço" na disciplina História.

Muito importante para minha "formação histórica" foram as disciplinas cursadas no primeiro ano do Mestrado, e, dentro destas, a discussão sobre variadas visões da "História". Sendo assim, presto minha homenagem aos professores que as ministraram de forma competente e criativa: Sandra Pesavento, Sílvia Petersen, José Rivair de Macedo e Kátia Pozzer.

Quando nos damos conta de que estamos em "terras estrangeiras", a acolhida afetiva e o respeito pelo "outro" são alimentos que nos acompanham em toda a viagem. Sendo assim, senti-me nutrida pelos vários colegas, que se tornaram amigos: Roswithia, Marcelo, Leandro, Márcia, João Batista, Paulina, Adriana, Paulo Moreira, Renata, Regina e Neneca.

Algumas pessoas, não ligadas ao PPG em História, também acompanharam esta viagem e devo muito a eles: Eduardo Marcant Engelsing, licenciado em Letras/UFRGS e especialista em latim e alemão, pela excelente e acurada tradução (bem como comentários lingüísticos) das cartas de TR; Isaías Ribeiro, nosso secretário no Centro de Estudos Junguianos C.A Meier, pela digitação destas cartas com cuidado e esmero; Zelinda, mestranda em História pela PUC, pela indicação do "prontuário perdido"; funcionários do Arquivo Público do Estado do RS, nas pessoas de Sônia Fleischmann, Ana Maria e Neida (infelizmente esta nem está mais lá), por todas as "dicas" referentes ao arquivo dos prontuários do Hospital Psiquiátrico São Pedro e a sua paciência de lidar com tantos pesquisadores diferentes ao mesmo tempo...; Haroldo Ferreira, do setor sul riograndense da Biblioteca Pública Estadual, que eficazmente encontrou, e colocou-me à disposição, a raridade atual que é a obra "Novas Cartas Persas" de Vianna Moog; doutores Igor Ferrão (diretor de ensino e pesquisa) e Roberto Lieberknecht (diretor geral) do Hospital São Pedro (da gestão de 1998, quando iniciei a pesquisa) pela acolhida e pelo material fornecido para a pesquisa; colegas do Centro de Estudos pela disposição em trocar experiências; Ilita Patrício pela sua disposição em mostrar uma face contemporânea do hospício, até então desconhecida para mim. A todos estes, um especial agradecimento.

Agradeço ao CNPq pela "bolsa" concedida de um ano.

Por último, mas não menos importantes, meus agradecimentos àquelas amigas mais "íntimas", que, na condição de "amigas afetivas", souberam dar força em momentos difíceis e ter fé em minha pequena obra que é esta dissertação: Maria (minha mãe, que sempre deu lições de humildade e afetividade ao lidar com as pessoas), Marga, Josi, Kiti e Deise.

RESUMO

Esta dissertação visa analisar, através de um exercício de interdisciplinaridade e de estudo de casos psiquiátricos, as representações simbólicas relativas à doença mental, pertinentes ao imaginário de um segmento da sociedade gaúcha, no período histórico que compreende os anos de 1937 a 1950. Através da relação de conceitos da Nova História Cultural e da Psicologia Analítica de C.G. Jung, lança-se luzes sobre os dados encontrados nas fontes, quais sejam, as representações encontradas no imaginário dos doentes, cotejando-as sempre com aquelas que determinam a terapêutica dentro de uma instituição psiquiátrica, mais especificamente no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre.

ABSTRACT

This thesis aims at analyzing the symbolic representation related to mental disease through an interdisciplinary approach as well as psychiatric case studies. These representations were part of the imaginarium of the society of the state of Rio Grande do Sul from the historical period of 1937 to 1950. Relations between the concepts of the New Cultural History and C. G. Jung Analytical Psychology are used to enlighten the data found in our sources, that is: the imaginary world of sick patients. This analysis was done taking into account also the representations determined by the therapy adopted by the psychiatric institution, which was, in this case, Hospital Psiquiátrico São Pedro, in Porto Alegre.

SUMÁRIO

PRETEXTO PARA ESCREVER ESTA DISSERTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E O INCONSCIENTE	
NAS CIÊNCIAS HUMANAS	38
1.1. História e psicologia - uma aproximação fértil	39
1.2. A questão do inconsciente nas ciências humanas	53
1.3. O símbolo como mediador entre inconsciente e história: o homem como "animal symbolicum" e a Nova História Cultural.....	59
CAPÍTULO 2 - O "ESPAÇO CRÍTICO" DO ALIENADO: FORA E	
DENTRO DE SI-MESMO	74
2.1. O macro espaço: Rio Grande do Sul, Estado Novo e eugenia.....	76
2.2. O espaço intermediário: Porto Alegre e sua modernização.....	86
2.3. O micro espaço: "memórias de um velho hospício" (ou: a ditadura dos métodos)	98
2.3.1 Instituição, seu diretor e métodos... ..	98
2.3.2 Doentes e seus imaginários... ..	116

CAPÍTULO 3 - A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE SAÚDE E DOENÇA

MENTAL	143
3.1. "As chinelas para Hitler" - estudo de um caso psiquiátrico	
à luz da Nova História Cultural	144
3.2. Uma outra abordagem... ..	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
BIBLIOGRAFIA E FONTES	190
ANEXO 1 - "DADOS COMEMORATIVOS"	200
ANEXO 2 - CARTAS DO PACIENTE TR	207
ANEXO 3 - REPORTAGENS E FOTOS	255

PRETEXTO PARA ESCREVER ESTA DISSERTAÇÃO

"Pretexto", aqui, serve a um duplo propósito. Como finalidade ou razão para se fazer algo, no caso, esta dissertação. E como "pré- texto", onde se introduz o assunto do texto e se justifica sua existência.

Toda vida humana tem uma história e todos pensamentos, uma raiz. Ao meu ver, toda pesquisa também, possui história e raiz, dentro e fora de quem a realiza, configurando, assim, um processo. E é deste processo que trato na continuação desta "introdução".

"Pretexto para escrever este livro" é o título do prefácio (ou Introdução) do livro que meu avô materno escreveu em 1957, intitulado "Naturismo para os dentes" ¹. Neste, ele escreve não só sobre os dentes, mas também sobre seus preceitos e idéias sobre naturismo, alimentação, novas descobertas científicas nestas áreas, experiências com os filhos relativo à alimentação, etc. É um tipo de livro composto de pequenos textos, de meia página cada um, tentando relacioná-los entre si, mas nem tanto,...É bastante peculiar a maneira como escreve, bem como suas idéias:

Quando minhas filhas se casaram, ambos os genros convidaram um cunhado para morar juntos. Ficando eu sòzinho, escrevia boletins familiares com cópias datilografadas para todos os filhos, inclusive meu irmão, porque em visitas não sei dizer nada que achava conveniente. Mesmo para falar, em geral, me fogem as expressões desejadas. Portanto escrevi. Mas em sonho alguém me disse que devia escrever um livro; e assim realizo o meu sonho. ²

Ricardo Weber nasceu na Polônia, em Lodz, no século passado e veio menino de seis anos para o Brasil, no início de 1900. Obviamente, a família toda (pais e três filhos) vinha

¹ Weber, Ricardo. *Naturismo para os dentes*. Porto Alegre: editora da Livraria do Globo, 1957.

² Weber, Ricardo. "Pretexto para escrever este livro", op. Cit.

fugida de alguma perseguição pois, como sabemos, a Polônia era, na época, de domínio russo. Seu pai era de ascendência alemã e sua mãe, da nobreza tcheca. Há uma suspeita de que algum ramo da família fosse judeu, mas isto nunca se confirmou. Chegando ao Brasil, após "quarentena" (prática esta aplicada aos estrangeiros europeus que em nossos portos desembarcavam, a fim de resguardar o povo brasileiro do contágio de possíveis doenças trazidas da Europa) no Rio de Janeiro, a família instalou-se em Bom Retiro, no Rio Grande do Sul. Parece que lá, entre outras coisas, lidaram com apicultura.

Quando jovem, ainda, formou-se em odontologia em Filadélfia, Estados Unidos, e voltou ao Brasil para se estabelecer definitivamente e clinicar. Era dentista naturista, e tendo talvez perdido seu diploma no navio durante a volta, tinha o título, aqui, de "dentista prático-licenciado". Casou-se uma vez só, com uma mulher de São Gabriel, filha e neta de militares (seu pai lutou na guerra do Paraguai e Canudos), uma mulher "morena jambo", como diziam. Meu avô era um homem loiro, de olhos azuis bem claros e alguns familiares contam que ele referia ter casado com esta mulher para fazer uma "experiência genética", isto é, ver com que cor de olhos sairiam seus filhos. Não sei o julgamento dele, mas minha mãe e meus três tios nasceram todos com cabelos castanhos ou pretos e olhos escuros.... E todos os netos também...

Talvez já dê para imaginar que este homem tinha fama de louco. Mas ele nunca foi internado, nem interditado. Viveu sua vida na maior parte solitária, mas a viveu em liberdade, trabalhando, estudando e principalmente lendo muito. Ele morreu quando eu tinha oito anos, portanto pouco contato e relação tive com ele.

Ele tinha um modo bem próprio de ver o mundo, as coisas deste mundo. Sua "cosmovisão" certamente determinou suas atitudes, e ele parece ter sido coerente com ela até o final de sua vida (é só lembrarmos o "pretexto" de seu livro).

Era um homem inteligente, muito culto. Ele lia (e falava fluentemente) em várias línguas: alemão, polonês, inglês, francês e espanhol. Sua biblioteca era riquíssima de obras importantes. Desde as de medicina e odontologia naturistas, de filosofia a literaturas, passando por obras de mitologia, tinha muitos livros em edições originais; em alemão, por exemplo, havia as obras de Freud e as de Nietzsche, que parecia ser seu filósofo preferido. Sei que sua vasta biblioteca foi doada e vendida aos "sebos", na ocasião de sua morte; minha tia foi a única que "salvou" alguma coisa.

Conta-se que a família mudava-se muito de casa, pois ele queria sempre renovar sua clientela. Era um profissional que preferia atender pacientes de pouca renda. Foi um protético habilidoso, com muitos clientes. Acreditava na psicologia, dizendo "psicologicamente também o dentista precisa tratar alguns clientes"³, e escrevendo sobre Hipócrates, ressalta que este também curava pela psicoterapia e análise onírica, "método de Freud, quatro anos antes de Jesus Cristo":

Revela-nos isto Gaston Baisette (Hippocrate, Editions Bernard Grasse , Paris, 1932), referenciado pelo Dr. Bircher-Benner (*Wendepunkt* de julho de 1932). Quando Perdikkas II, rei da Macedônia, sofria de todos os males imaginários, tratou-o Euriphon, médico da Escola de Knidos. Não conseguindo nenhuma cura durante dois meses, com drogas, o rei mandou chamar Hippocrate, médico da escola reformada de Kos. Este não lhe deu remédio nenhum, nem usou unguentos, mas interessou-se pela sua vida da infância e pelos seus **sonhos**. Assim, descobriu um namôro antigo com Phila, a favorita de seu pai Alexandre. Morto êste, Phila tomou conta do palácio real com 19 anos de idade. Perdikkas sonhava com estrêlas e cometas de certos movimentos. Disso Hippocrate tirou a conclusão que o rei estava apaixonado por Phila. O rei zangou-se e não quiz acreditar, mas sonhou com o cometa com movimento

³ Op. Cit. P.14.

contrário. Chamou Hipocrate e confessou o seu amor por Phila. Assim o rei da Macedônia curou-se e ficou feliz.⁴

Sobre suas "loucuras" (loucuras aos olhos dos outros) tenho algumas para relatar brevemente, mas importantes ao enfoque desta dissertação. Algumas foram explicitamente criativas, outras nem tanto, embora na sua ótica, todas tinham um sentido, estavam todas a serviço de um fim, em geral os bons cuidados com a saúde. E também seu bem-estar...

Uma de suas "esquisitices" era exatamente sua opinião sobre médicos e medicina.⁵ Era totalmente contrário a médicos, não deixando sua filha se operar, por exemplo, de apendicite (esta foi salva por um tio que a tirou de casa e a levou ao hospital. Quando retornou, ele não acreditava na operação, achando que ela havia "tirado um filho". Tiveram que lhe trazer o apêndice infectado e extirpado, para provar a cirurgia realizada). Mais uma controvérsia familiar: quando as crianças ficavam doentes, gripadas no inverno, seguia suas idéias naturistas, fazendo banhos escaldantes nos quais elas eram mergulhadas e logo após dando um jato de água fria em suas costas, enrolando em seguida todo o corpo delas em cobertores.

Como pai e marido, parece ter deixado bastante a desejar. Os filhos reclamam que ele não dava carinho, e isto foi grave para eles, pois sua esposa morreu (de câncer no seio em estágio avançado!) quando a filha mais velha, minha mãe, tinha quinze anos, tendo então esta que cuidar dos irmãos menores, educá-los e suprir o carinho que o pai não lhes dedicava.

Segundo a família, ele era violento ao impor suas idéias. Seus filhos contam que seu gênio era esquisito, que "governava a casa com mão de ferro", por vezes muito agressivo, achando que só ele tinha a razão em tudo. Adepto do naturismo em sua vida diária (era

⁴ Op. Cit. p.14

⁵ " A Argentina orgulha-se de seus hospitais e Sanatórios, que são muitos; mas isso é antes de tudo uma vergonha." op. Cit. , p.18.

também simpático ao nudismo e ao jejum, este último como forma de "cura de todos os males"), prezava de forma exagerada a alimentação que ele achava saudável, obrigando os filhos a comerem muita fruta e verdura, proibia o açúcar e o sal e, por vezes, a carne (sua esposa fugia com os filhos para uma confeitaria, a fim de que as crianças pudessem saborear doces e ele não descobrisse).

Como era muito estudioso e em qualquer tempo livre "enfiava-se" na biblioteca para ler, de preferência "horas a fio", privilegiou o estudo e a educação formal dos filhos, os quais tinham toda liberdade de sair à rua para irem à escola. Também acabou por inventar coisas que além de lhe facilitarem a vida, serviram ainda mais para aumentar sua fama de "louco": para dias de inverno, inventou uma espécie de porta-livro que ficava em cima de sua escrivaninha. Neste, ele adaptou uma cordinha com prego na extremidade, que servia para ele mudar as páginas do livro sem se desenrolar de seu cobertor. Além disto ele tinha "cadernos de estudos", divididos por assuntos, os quais confeccionava ele próprio, da capa às páginas, com papéis velhos e restos de outros livros. Seus filhos, em período de férias, eram obrigados a ajudá-lo nestas confecções. No final de sua vida, passava de 500 o número destes cadernos.

Consta que suas duas filhas mulheres "fugiram" de casa ao casar, e levaram os irmãos para morar junto. "Ninguém agüentava mais o velho", cresci ouvindo isto.

Também tive meu momento "traumático" com este avô. Lembro-me da cena, eu devia ter em torno de quatro ou cinco anos: ao abrir a porta de nosso apartamento a ele, numa de suas raras visitas, ele arrancou-me o "bico" da boca, num gesto agressivo, e colocou-o num vaso de plantas do corredor do edifício. Pisoteando-o e soterrando-o com os pés, disse: "isto não é bom para os dentes nem para a saúde!". Dá para imaginar que além do medo (todos netos tinham muito medo dele) provocado, nunca mais usei tal artifício infantil...

Dizia-se ateu, e chamava Jesus Cristo de "aquele sem-vergonha", embora na juventude tenha sido adventista, segundo suas filhas. Infelizmente ele falava pouco com os filhos (não os deixou, além do mais, aprender alemão) e isto faz-nos perder uma parte de sua história, que não mais pode ser contada.

Todos estes fatos de sua vida serviram para rotulá-lo de "louco" e de forma mais amena de "esquisito", por seus filhos e parentes. Aliás, ele mesmo se rotulava de psicastênico⁶.

Mas, volto a dizer, ele nunca foi internado, viveu "livre", embora para muitos, dentro de sua "neurose", foi produtivo, trabalhou, ganhou dinheiro, teve família e a sustentou, estudou e leu muito, e - até escreveu um livro!!!

O livro de Ricardo Weber foi escrito durante a década em que se situa a atual pesquisa e publicado na seguinte, valendo então como documento importante para apreciarmos outros enfoques médicos do momento, bem como novas "sensibilidades" sobre as questões de saúde. Além disto, como se pode ver, desde muito criança, deparei-me com a questão dos tênues limites entre saúde e doença mental, o que acho ser um grande pretexto para este trabalho e para a profissão que exerço.

Chegando, então, ao tempo presente, esta pesquisa iniciou-se, com a necessidade de encontrar e pensar **as representações simbólicas da loucura (da doença mental)**, em nosso meio urbano, constitutivas do imaginário social sobre a mesma, a partir das internações de pacientes no hospital psiquiátrico da cidade de Porto Alegre (capital do RS) - Hospital São Pedro, de 1937 a 1950.

⁶ Psicastenia era a classificação de uma neurose identificada e estudada na virada do século passado.

Parece-me importante considerar a loucura não somente desde o ponto de vista do saber médico institucionalizado, competente cientificamente para diagnosticá-la e tratá-la, mas também desde aquele que a imagina, a sente e a vive. Nesta perspectiva, entra-se em contato com outras variantes, como por exemplo, as motivações que levaram familiares a enviarem seus parentes à instituição (seu entendimento sobre o que seja a loucura nestes casos) e a própria visão que o paciente possui de sua 'doença' e de sua experiência de internação.

Sendo médica- psiquiatra e trabalhando nesta área há 14 anos, faço, desde então, muitos questionamentos, os quais podem ser melhor avaliados e compreendidos na perspectiva da História Social e Cultural e não através da Medicina e psiquiatria dominantes, com seu rol de postulados organicistas, onde as neurociências dominam e o aspecto psicológico da doença mental é esquecido. Estas questões abrangem diferentes áreas, porém os *assuntos/problemas* que mais chamam a minha atenção são:

- 1- a questão do doente mental como um ser excluído da sociedade urbanizada, sendo-lhe negado o papel de *agente* da História, marginal à sua própria contemporaneidade, estigmatizado frente o convívio social;
- 2- a questão das *representações* da loucura, que, nesta prática social de exclusão, são legitimadas pelo discurso médico oficial ou servem para legitimar este próprio discurso;
- 3- o *imaginário da exclusão*, favorecendo a formação de espaços urbanos que privilegiam o isolamento e o confinamento do doente, por vários anos , criando verdadeiros depósitos de seres humanos, fora de toda a prática social integradora (talvez mesmo agora, quando mais se fala em retirar os loucos do hospício);

- 4- *a questão do imaginário do próprio doente* sobre si mesmo e sua 'doença';
- 5- os *limites (tênuos) entre saúde e doença mental*, que tanto no momento do diagnóstico, como no tratamento dispensado aos doentes na sociedade, deveriam ser encarados.

Optei, então, por pesquisar nos prontuários médicos do Hospital São Pedro os **motivos dos encaminhamentos** de pessoas que para lá foram como internos e compará-los com o 'motivo da baixa' descrito pelo primeiro médico que as atendia e seu possível diagnóstico. Fiz desta fonte, então, a **fonte principal** de minha pesquisa histórica.

Uma outra questão então se delinea, a do **período histórico** a ser pesquisado. Já tendo lido algum material sobre a história do Hospital Psiquiátrico São Pedro (que logo especificarei) e a partir de entrevista com uma funcionária (irmã religiosa) que lá trabalha desde 1949 (e também com outras funcionárias mais recentes, aposentadas, uma enfermeira e uma assistente social), soube da existência de trens que traziam uma quantidade grande de pacientes ⁷- alienados mentais, como na época eram chamados - do interior do estado para cá, a partir do ano de 1948 e que foi nesta década de 40 que inicia o que se convencionou chamar de 'super população' de internos neste hospital. Em outras palavras, é a partir da década de 40, indo culminar na seguinte, que acontece o "boom" de internações no hospital, fenômeno este que aumenta consideravelmente em números absolutos a quantidade de pacientes que aí permaneceram internados.

Escolhi, desta forma, o período histórico que compreende os anos de 1937 a 1950, recorte este que então se justifica por quatro conjuntos de fatos históricos ocorridos neste

momento, os quais articulados entre si tornaria, no meu entender, legítima a procura de representações sobre a loucura e práticas de exclusão sobre a mesma. Sucintamente: o primeiro deles refere-se ao aumento significativo de internações, na década de 40, no Hospital São Pedro de Porto Alegre, o que é observável pelo número de prontuários existentes neste período.

Em segundo lugar, temos, nesta época, a proliferação de regimes ditatoriais e totalitários no Brasil e no mundo e suas conseqüências bem práticas no tecido social, sendo o Estado Novo, no nosso país, um ponto importante a ser investigado na articulação com práticas de exclusão do louco no Hospício. Um terceiro fato inclui a questão do urbano : neste período o crescimento urbano foi considerável, a capital teve seu plano de urbanização no Estado Novo e tanto mais com a industrialização crescente do pós guerra imediato (1945/46), urbanizando-se inclusive algumas cidades do interior.

Em que medida este crescente desenvolvimento industrial e das cidades no Estado detonou novas medidas para exclusão daquele que não era considerado economicamente produtivo, um ser não pertencente aos grupos geradores de riqueza?

Em quarto lugar, de 1937 a 1950, configura-se a segunda gestão do dr. Jacintho Godoy como diretor do HPSP, momento em que novas técnicas e práticas institucionais e médico-psiquiátricas se impuseram nesta Instituição.⁸

A partir do exposto, formulou-se a seguinte **problemática**: como é pensada, sentida, imaginada e vivida a doença mental em nosso meio urbano e o que levou as pessoas

⁷ O que faz lembrar "A nau dos loucos" ou " A nau dos insensatos" que Foucault descreveu em sua "História da Loucura" e tantos outros representaram nas artes. É uma reedição, no RS, deste mecanismo medieval/renascentista!

⁸ Estes quatro itens serão discutidos no capítulo 2 desta dissertação.

(cidadãos comuns da urbe) a encaminharem, cada vez mais, seus familiares a esta instituição, no período de 1937 a 1950. Traçando, também, a comparação com as formas de tratamento aceitas, neste momento, no meio médico- psiquiátrico, adentraremos aí, por uma brecha da realidade social, no campo das representações e do imaginário coletivo – onde um outro olhar sobre a loucura pode ser investigado, diferente daquele do saber científico estabelecido.

Como pensar o “louco” (doente mental) como cidadão , se as práticas sociais de exclusão imperam, historicamente, na formação da identidade destas pessoas ditas “fora da razão” ? A sua identidade é privada de sentido social, é negativa, estigmatizada. Identidade, aqui, entendida como um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade, onde as premissas de um se equacionam com as representações do outro - constituindo um imaginário de pertencimento e não de exclusão. Assim, nesta dissertação, tentou-se compreender as representações encontradas no imaginário dos doentes, cotejando-as com aquelas que determinam a terapêutica dentro de uma instituição psiquiátrica.

Neste trabalho parte-se de uma conceituação específica de "doença" e por conseguinte, de "doença mental", conforme empregada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Sucintamente, parte-se do pressuposto que o ser humano é **constitucionalmente** saudável inclusive sob o ponto de vista psicológico. Postula-se a psique (e o inconsciente) como um órgão, da mesma forma que temos os outros órgãos do corpo. Ela tem sua fisiologia própria e também adoece, como os outros órgãos. E possui uma grande capacidade de regeneração e auto- regulação. Encarada assim, os **sintomas** de uma doença psíquica são, ao mesmo tempo que uma tentativa de cura, **símbolos** daquilo que se quer curado. Desta forma, o surgimento de uma "neurose" ou "psicose" acontece com a finalidade de restabelecer o equilíbrio psicológico perdido em alguma situação extrema, ou num momento de crise. "O médico não

deve jamais perder de vista o seguinte: as doenças são processos normais perturbados e nunca *entia per se*, dotados de uma psicologia autônoma."⁹ Além disto, estar "louco" é uma concepção extremamente relativa. "Estar louco" é um conceito social, explica Jung.¹⁰

Defendo a idéia de que a doença mental não é *por si só* parâmetro de exclusão de qualquer indivíduo de seu meio sócio- cultural, uma vez que a grande maioria dos primeiros surtos da doença podem ser evitados ou plenamente tratados com sucesso (quando diagnosticados no início de sua evolução e desde que não tenham sido ainda manipulados com medicamentos, eletrochoque ou outros meios deteriorantes do psiquismo) fora do ambiente hospitalar. Esta **afirmação** requer um fundamento explicativo, que também será aprofundado no decorrer da pesquisa, ao mesmo tempo que se constitui num dos motes da mesma. Trataremos deste assunto com maiores detalhes no terceiro capítulo desta dissertação.

Assim, em uma primeira aproximação, trabalhando com as fontes principais, analisei uma amostragem de 80 prontuários referentes ao ano de 1940. Os prontuários médicos do HPSP, do período pesquisado, estão armazenados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, em caixas e maços¹¹. Aqueles do **ano** de 1940 estão colocados em aproximadamente **42 caixas** (alguns são maços), constando de **20 prontuários por caixa**, num total também aproximado de **840** prontuários somente do ano referido (este número aproximadamente mantém-se nos outros anos da década de 40, o que nos leva à uma provável soma de **8500** prontuários do período a ser examinado- e isto realmente leva à confirmação do grande aumento de internações que vinha acontecendo, uma vez que, do período precedente,

⁹ Jung, C.G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1998. P.24

¹⁰ Op. Cit. p.51. Citações extraídas do texto "Fundamentos de Psicologia Analítica" de 1935.

¹¹ A numeração de todas as caixas e maços pesquisados constam em "Fontes", no final deste trabalho.

década de 1930, no ano de 1933, por exemplo, existem somente 26 caixas, portanto 40% a menos).

Esta amostragem de **80** prontuários foi avaliada nos seguintes aspectos:

- (1) Chama a atenção a diversidade dos motivos que justificavam o encaminhamento e a internação de pacientes, como por exemplo, o despertar da sexualidade em menina adolescente do Interior do Estado e seus atos “auto-eróticos”, cujo encaminhamento ao hospital tinha o intuito de afastá-la dos meios sociais de sua cidade - o que legitima a investigação do fato do HPSP não servir somente para a internação de doentes *mentais* caracterizados como tais pela Medicina, mas também estava a serviço de medidas disciplinares (e obviamente receber os "problemas" presentes nas famílias, desde que fossem pagos para isto);
- (2) A existência de cartas de familiares falando do estado da pessoa que está sendo encaminhada para o Hospital, seus *delírios* e *discursos* (que serve como pista para examinarmos o imaginário do paciente sobre a loucura) e sua relação com pessoas próximas. **Nesta amostragem ficou pressuposto que uma boa parte dos pacientes não desejava a internação.**
- (3) Outro dado importante para nossa pesquisa é que de **40** pacientes, **25** provinham do interior (Ijuí, Bagé, Santa Maria, Pelotas, Livramento, Caxias, etc.) e **15** da Capital.
- (4) O tempo de internação variava, mas em geral era longo (meses ou anos) e grande número de pacientes foi abandonado lá pelos familiares (bem como as re-internações eram muito freqüentes após uma consulta de revisão após a alta).

(5) Na maioria dos prontuários há uma ficha padrão (protocolo) com um questionário de 9 itens (perguntando sobre a doença atual), que era realizado no momento da baixa hospitalar; o informante era quem trazia o paciente (geralmente um familiar) e era inquirido, por exemplo, sobre a causa atribuída à moléstia atual, sobre atos praticados ou coisas ditas pelo paciente que permitissem *suspeitar* de alienação mental, ou se foi tentada a cura por meios *extra- médicos* (exemplo: benzeduras, feitiçarias, batuque, espiritismo).¹²

Os diagnósticos psiquiátricos bem como as terapêuticas também eram bastante diversificados, conforme a mentalidade científica da época em nosso meio e que também está relacionada à “visão” de loucura, de doença mental que predominava.

Considereei importantes estes dados, estas “pistas” ou “indícios” encontrados nesta amostra de material, pois relacionando-os tanto com o período histórico em questão, como com o referencial teórico sobre representações e imaginário, poderemos compreender melhor como era vivida e imaginada a loucura em nosso meio. Tanto os familiares, como os próprios pacientes têm parte importante nesta formação do imaginário, uma vez que este possui raízes tanto individuais como coletivas, conscientes e inconscientes. Surge disto tudo, então, o tema (e título) da pesquisa, qual seja, as fronteiras entre saúde e doença mental na perspectiva da História Cultural.

Partindo para a triagem do referencial teórico a ser utilizado na dissertação, observou-se que alguns pressupostos teóricos do historiador contemporâneo poderiam dialogar entre si e com as várias etapas da pesquisa e da dissertação propriamente dita.

¹² Esta ficha (apenas um dos modelos encontrados durante o período pesquisado) encontra-se no "Anexo 1" desta dissertação, com o nome de "Certificado de Internação e Dados Comemorativos". Este modelo específico de ficha era utilizado no hospital no ano de 1937.

A teoria, no meu entender, tem a função tanto de colocar problemas e nortear caminhos para a pesquisa, como referendar/corroborar ou excluir os dados encontrados nas fontes. De qualquer forma costuma haver (ou pelo menos esta foi minha tentativa) um frutífero diálogo entre teoria e prática de pesquisa, em nosso meio acadêmico.

A partir das noções de representação, símbolo e imaginário, tentei articular e fertilizar o solo encontrado nas fontes. O tema foi abordado, assim, sob a perspectiva da **Nova História Cultural**, pois esta, neste final de século XX, amplia sobremaneira a forma pela qual é escrita e pensada a História, em suas mais variadas vertentes .

A categoria da representação tornou-se central para as análises da Nova História Cultural, que busca resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de idéias e imagens da representação coletiva e se atribuindo uma identidade.¹³

Ao mesmo tempo, tornou-se fundamental manter um diálogo com outras áreas do saber e autores – entre eles psicólogos e filósofos - que pensaram a questão do simbólico e da representação, principalmente as noções trazidas por C. G. Jung e E. Cassirer. Nenhuma teoria psicológica se aproxima mais da NHC do que a Psicologia Analítica de Jung, justamente pela centralidade da categoria da representação na sua composição.

A noção de representação está ligada à noção de que algo pode ser re- apresentado, re-simbolizado no real (e sobre o real). Em outras palavras, imagens e discursos representam o mundo, representam o real através de seu aspecto simbólico.

¹³ Pesavento, Sandra. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil {séculos xix e xx}. In: *Anos 90: revista do curso de pós - graduação em história*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, n.4, dez 1995, p.116.

(...) Na verdade, a concepção do imaginário como função criadora se constrói pela via simbólica, que expressa a vontade de reconstruir o real num universo paralelo de sinais. ... A noção de símbolo é, pois, central e se encontra ligada à de representação ... Assumimos, pois, o pressuposto das representações simbólicas e alegóricas do imaginário coletivo (...)¹⁴

Sendo o símbolo a melhor expressão possível, insuperável numa dada época, do que ainda é desconhecido, compreende-se que ele possa surgir no momento mais complicado e diferenciado da atmosfera espiritual, social e cultural de um dado tempo¹⁵. Utiliza-se neste trabalho a noção de símbolo resgatada por C.G. Jung para as ciências humanas. Um símbolo é sempre mais do que podemos entender à primeira vista; ele não dissimula, ele revela no tempo oportuno, ele ensina. Chamamos de símbolo um conceito, uma figura ou um nome que nos podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido.¹⁶ Ao contrário, um sinal ou signo, é sempre menos do que a coisa que quer significar. Esta diferença é fundamental para o ponto de vista deste trabalho, pois é necessário diferenciar as diversas concepções de símbolo que povoam os textos das ciências humanas.

No campo da Antropologia Filosófica, Cassirer¹⁷ fala-nos da necessidade de conceituarmos o homem não como um animal racional e sim como um animal simbólico, o que abrangeria os mais variados aspectos de sua cultura, inclusive os aspectos irracionais, tão rechaçados pelas ciências humanas e biológicas do último século.

¹⁴ Pesavento, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História* São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.15. n.29, 1995, pp. 21 e 22.

¹⁵ Jung, C.G. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981, p.546.

¹⁶ Jung, C.G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes. 1998. p.189

¹⁷ Cassirer, Ernst. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

O que , talvez, mais nos interesse no momento, e ao historiador da NHC, é o fato de que , através do símbolo, se possa chegar a análises mais ‘possíveis’ da realidade, ou seja, menos estanques no sentido de um ponto de vista dogmático sobre o ‘real’. Através do simbólico percebem-se indícios e enigmas a serem revelados, surgindo (ou podendo surgir) diversas (re)- interpretações do real. É a possibilidade que o símbolo traz em seu cerne de contar a História partindo não de um pressuposto de segurança sobre o que aconteceu, mas a História podendo ser uma versão do que se passou, uma re- apresentação do real.

Como podemos ver (apesar da brevidade do até então exposto), os historiadores da NHC, através desta via de mão dupla (isto é, discussão com as diversas áreas do saber, onde, aqui, se possa discutir sobre a questão do simbólico com a própria psicologia) procuram chegar no real (no acontecimento, no fato histórico) através de estratégias simbólicas, ou seja, tentam ‘retirar’ e perceber o simbólico que está por trás (ou inserido) nos discursos, imagens, práticas e ritos. É isto, aliás, que nos permite acessar o "reprimido" aos fatos, aquilo que não foi contado pela história "dos vencedores".¹⁸ ,¹⁹

Ora, no contexto da ‘loucura’ isto torna-se possível no momento em que se pesquisa todo o ‘arsenal’ de motivos, elucubrações e práticas que levam as pessoas de uma certa comunidade (uma “fatia”, portanto, do social) a internarem (ou diagnosticarem, ou excluírem) o paciente num hospital psiquiátrico. Também quando nos referimos ao imaginário do próprio doente sobre si mesmo, estamos nos referindo a uma realidade simbólica, através das imagens que sua própria fantasia (inconsciente) produz.

¹⁸ Outras obras foram consultadas no decorrer da pesquisa e serviram de parâmetro teórico indispensável para tratar da questão do imaginário: “*Pour une histoire de l’imaginaire*” de Lucien Boia e “*Les imaginaires sociaux*” de B. Baczkó.

¹⁹ A questão da interdisciplinariedade insere-se como ponto crucial desta dissertação, sendo discutida no Capítulo 1 da mesma.

Assim, uma das premissas básicas de minha pesquisa foi avaliar de que forma o imaginário de uma época relaciona-se com estas questões e serve para legitimar as práticas científicas de exclusão do ‘louco’ e vice-versa.²⁰

A noção de imaginário trabalhada aqui tem uma dupla face. A primeira, aquela que trabalha com sua noção desde o ponto de vista do conjunto de representações coletivas forjadas por uma coletividade para expressar suas idéias, crenças e comportamentos comuns - concepção esta utilizada por historiadores e sociólogos contemporâneos. Ela diz respeito às formulações da "consciência coletiva"²¹ a respeito de seus símbolos. A segunda, tão complexa quanto a primeira, trata de uma concepção de imaginário "desde dentro", isto é, utiliza a noção de inconsciente, como matriz/fonte das manifestações humanas, e delimitada principalmente por teóricos da psicologia.

Em suma, o “espírito” de uma época, a *Weltanschauung* ("concepção de mundo", aqui indicando uma forma específica de perceber o mundo peculiar de uma nação, um período histórico ou um indivíduo), o surgimento de símbolos coletivos em momentos de crise, as sensibilidades, as ideologias sociais, enfim todo o imaginário (de certa forma individual e coletivo, consciente e inconsciente) de uma sociedade é passível de investigação e análise históricas, quando se trata de avaliar o que se entende por ‘loucura’.

Como já se pode notar, não podemos falar em símbolo e imaginário sem falar em inconsciente, como o nome que se dá ao que não está explicitamente consciente e entendido. Desta forma procurou-se contextualizar a “questão do inconsciente” na psicologia e na

²⁰ Conforme Jung (1981: 544) , na medida em que toda teoria científica comporta uma hipótese, quer dizer , a caracterização antecipada de uma ordem de coisas cuja essência ainda se desconhece, ela pode ser considerada como SÍMBOLO. **Esta afirmação nos levará à investigação da relação estreita entre imaginário e métodos legitimados de tratamento psiquiátrico.**

²¹ "Consciência coletiva" é uma expressão utilizada por C.G.Jung, quando se refere ao conjunto de normas e padrões coletivos, enfim, a tudo aquilo que é socialmente e coletivamente consciente e identificado como tal.

história, levando em conta algumas vertentes teóricas que com isto trabalharam, no período em questão.

Assim, ao nos colocarmos diante de uma perspectiva simbólica nas ciências humanas, e admitindo o símbolo como a melhor representação possível de algo ainda não dado, de algo ainda não conhecido pela consciência em toda sua profundidade, estamos nos referindo também a manifestações do inconsciente (e aqui, novamente, encaramos o símbolo não como algo que possa ser construído ideologicamente e racionalmente, mas sim como algo que surge espontaneamente no espírito humano, em todas as épocas e civilizações, transpondo os limites do inconsciente e surgindo na consciência, individual ou coletiva, dando forma a algo que até então não se considerava, isto é, trazendo à tona aquilo que é o inesperado, o novo; em outras palavras admite-se que o símbolo ou simbólico sempre possui uma parte implícita, que implica sentidos e significados ocultos da realidade visível).

Na medida em que a NHC debruça-se sobre novas fontes e legitima-se numa nova postura epistemológica neste final de século, onde a questão do imaginário se faz fundante e com isto assume a valorização do simbólico, pretendo lançar (talvez como desafio, talvez como um problema) que os **registros simbólicos do inconsciente**, isto é, suas **inscrições na consciência** - que surgem nas **imagens e discursos**, sejam individuais (por exemplo, nos sonhos, nas fantasias criativas de um só indivíduo, nas obras de arte) ou coletivos (nas práticas sociais em geral, nos movimentos sociais, de classe, ou na produção cultural de uma época, por exemplo) - possam ser considerados como fontes legítimas para o historiador. Faltou dizer que filio-me à noção de que o inconsciente, no que diz respeito às suas bases mais profundas no espírito humano, não é patológico mas possui em si uma **função criadora**,

autônoma, independente da consciência, mantendo com esta uma relação compensatória, e que nele não está presente apenas "tudo o que há de ruim na mente humana"²².

Penso, entretanto, que algumas dificuldades podem surgir para o historiador neste caminho. Como por exemplo, de que forma estas inscrições do inconsciente relacionam-se com as práticas sociais. Através, portanto, do diálogo com a psicologia e com seus conceitos, procurar-se-á, nesta dissertação, discutir estas dificuldades e quiçá traçar um caminho para sua superação.

Na revisão historiográfica do nosso meio acadêmico do RS, encontrou-se já duas dissertações de mestrado do PPG em História da UFRGS, de Yonissa Wadi (1996) e Alexandre Schiavoni (1997) sobre a temática da 'Institucionalização da loucura', ambas de fundamental importância para a compreensão da história da Psiquiatria em nosso Estado e formação do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, as quais tomarei certamente como referências capitais em meu trabalho.

A primeira, intitulada "*Palácio para guardar doidos*": *uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*, incide sobre o estudo de um aspecto da formação histórica da psiquiatria no RS, qual seja,

a construção do discurso médico- psiquiátrico no processo de conquista do espaço preferencial dos loucos, o hospício. Neste sentido lança um olhar sobre as práticas médicas e as relações que se estabelecem entre o saber e as várias instâncias sociais envolvidas no processo de institucionalização da loucura (Estado, políticos, filantropos, família, polícia, justiça e mesmo o louco).²³

²² A noção de inconsciente como "depósito de coisas negativas", encontra-se no pensamento freudiano. Ver: Freud, Sigmund. *Lições introdutórias á psicanálise* (principalmente lição XVIII "A fixação ao trauma e o inconsciente"). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

²³ Wadi, Yonissa, dissertação de mestrado, introdução, p.2.

Esta pesquisa é de fundamental importância, no momento em que historiciza a criação do Hospício São Pedro de Porto Alegre, desde as lutas para a conquista de um espaço urbano que contivesse os loucos fora do convívio com outros doentes, portanto sua retirada da Santa Casa de Misericórdia (hospital onde até sua fundação eram internados), passando pela construção do saber especializado com os progressos da ciência, pela fundação do Hospício e chegando até a discussão sobre a entronização do perito psiquiatra. A dissertação abrange, desta forma, um largo período de lutas, constrangimentos e concretizações neste tema, ou seja, a formação da psiquiatria no estado desde 1860 a 1930.

Na segunda dissertação, intitulada *A institucionalização da loucura no Rio Grande do Sul: o Hospício São Pedro e a Faculdade de Medicina*, cuja pesquisa compreende o período de 1880 a 1920, encontramos o tema das relações de poder que se estabelecem através do saber psiquiátrico na criação destas duas instituições que se legitimam e se organizam, por seus discursos, sobre as práticas de exclusão do louco. O autor diferencia sua pesquisa, no momento em que debate a inserção do discurso da medicina social na base do discurso oficial sobre a loucura (e também de suas práticas), aquele pretendendo "organizar o caos da cidade colonial".²⁴ Mostrando também um pouco da história e da luta pela legalização da prática médica enquanto disciplina acadêmica e científica no Rio Grande do Sul (Império e República Velha), coloca-nos frente às problemáticas enfrentadas pela Medicina e sua Faculdade (e conseqüentemente pela psiquiatria) na sua diferenciação e legitimação sobre a chamada medicina popular (ou sobre as práticas curativas populares).

²⁴ Schiavoni, Alexandre, dissertação de mestrado, introdução, p.8.

Mais recentemente, foi-me apresentada uma tese de doutorado em Enfermagem de Vera Lúcia Miron, defendida em Ribeirão Preto – SP, em 1998 e intitulada *Loucos, nervosos e esquisitos: memórias da loucura em Ijuí (RS), 1890 a 1990*. A autora, utilizando o referencial da história das mentalidades e situando-se neste amplo espectro do tempo, cem anos, faz a tentativa de reconstituir e sistematizar as práticas exercidas no município, no que se refere aos comportamentos e modos de viver considerados desviantes daqueles comuns a toda gente e que freqüentemente adquirem significado social quando interpretados no terreno da loucura. Desta forma, ela penetra um pouco nas representações sobre os loucos desta cidade, apontando sempre as características de agressividade, periculosidade, imprevisibilidade e incurabilidade como "*balizadoras da intervenção social sobre o comportamento de determinados sujeitos e que se situa, preferencialmente, em seu isolamento e segregação na cadeia, no hospício ou no domicílio*".²⁵

Uma outra tese de doutorado, digna de ser mencionada aqui, por lidar com questões que se relacionam com o que pretendo investigar, é a da historiadora Beatriz Weber, intitulada *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-grandense - 1889/1928*, defendida em 1997 na UNICAMP. Interessa-nos, aqui, o 'outro lado' do saber, aquele popular, que por muito tempo impregnou as práticas de cura em nosso estado. Não falando especificamente em loucura, mas se atendo a todo um sistema de cura que inclui "superstições e magias", ela retrata o imaginário de uma população, numa época não longe de nossa pesquisa atual, que sem dúvidas ainda está impregnada desta 'outra visão'.

Diversos grupos sociais forjaram suas formas de tratar com a doença e com os médicos, seja através do misticismo, da homeopatia ou do espiritismo, criando verdadeiros centros de cura. Para estes grupos, a saúde significava mais do que o simples bem-estar físico. Era também conforto, consolo, socialização, proteção e

²⁵ Miron, Vera Lúcia, tese de doutorado, resumo, p.3.

explicação para seus problemas através de um universo simbólico reconhecível. Nesse contexto, deve-se ressaltar a importância da visão mágico/sobrenatural para explicar a origem das doenças e as formas de lidar com ela. Esse tipo de explicação estava presente na visão de positivistas, médicos, católicos e da população que freqüentava os centros de atendimento. Nas duas primeiras décadas do século XX, ainda não havia uma visão científica e racional capaz de sobrepor-se a todas essas visões. Apesar de seus esforços, a República não consolidou uma sociedade 'civilizada' e racional. Especialmente no Rio Grande do Sul, religião, saúde e magia permaneceram como elementos indissociáveis no universo da cura dominado pela aura de cientificidade que comportava a medicina.²⁶

Remetendo à minha pesquisa, como já vimos, ainda na década de 40, existia na papeleta (antiga denominação de prontuário médico) um questionário (chamado "dados comemorativos", atual anamnese) que investigava a história prévia de saúde e doença do paciente onde constava a seguinte pergunta (sobre a doença atual): 'Foi tentada a cura da moléstia atual por meios extra-médicos (benzeduras, feitiçarias, batuque, espiritismo)?' Esta aproximação com a tese em questão é muito importante, pois aí já veremos um parâmetro popular, e portanto revelando um aspecto do imaginário, na população rio-grandense.

Assim, dentro desta linha teórica apresentada, refletindo sobre as nuances do limite saúde/doença e de volta à fonte, alguns novos achados mudaram um pouco o rumo da pesquisa, ponto este que será esclarecido a seguir.

No decorrer da pesquisa no Arquivo Público do RS, outros dados foram sendo encontrados, que mudaram, de certa forma, o encaminhamento da mesma. Além disto, também algumas leituras colaboraram para reavaliar a fonte e seus achados.

Foram pesquisados 230 prontuários (papeletas) médicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, do período de 1937 a 1950, além dos já citados.

²⁶ Weber, Beatriz, tese de doutorado, p.322-323.

Na procura de informações que dessem mais pistas sobre as representações da loucura no período escolhido, encontrei algumas de capital importância, que mudaram em definitivo o rumo da pesquisa. Sendo assim, de uma análise inicial quantitativa, passou-se a uma **análise qualitativa**. Isto porque estes novos dados incluíram em especial um prontuário de 1937 (onde há 13 cartas escritas pelo paciente dentro do próprio hospital) e alguns outros, 2 (dois) prontuários de 1939 e 5 (cinco) prontuários de 1941. Nestes 8 (oito) prontuários encontramos relatos das vidas dos pacientes, informados à assistente social no momento da baixa e também um pouco da história destes durante as internações a que foram submetidos (nas evoluções dos médicos durante a estada no hospital, intercorrências, tipo de tratamento a que foram submetidos, etc.).

Os cruzamentos destes dados, destes sinais e indícios, retirados da própria realidade do paciente, realidade esta tanto objetiva quanto subjetiva, permitiram o encontro e a análise mais abrangente das representações, portanto do imaginário sobre a loucura vindo do próprio "louco". Desta forma, com a redução da escala e através do cruzamento dos fatos do micro-real, chegamos a uma análise mais aprimorada, onde o efeito de real e de verdade do historiador se fará perceber nos dados não- materiais, culturais e sensíveis encontrados.

Assim, supõe-se que a pesquisa nada perca em valor, pois , citando Vovelle :

O estudo de caso representa o retorno necessário à experiência individual, no que nela tem de significativo, mesmo que possa parecer atípica (...). O retorno ao qualitativo por meio do estudo de caso responde a um movimento dialético no campo da história das mentalidades. A meu ver, em vez de negar as abordagens seriais quantificadas, ele as complementa, permitindo uma análise em profundidade que prefere aos heróis de primeiro plano da história tradicional os depoimentos da normalidade (...) ou os aportes mais ambíguos, porém talvez ainda mais ricos, do depoimento extremo de um personagem em situação de ruptura.²⁷

²⁷ Apud LEVI, G. Usos da biografia In: *Usos e abusos da história oral*. FERREIRA, Marieta (org.) Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.177.

Estes 'casos extremos', como nos fala Ginzburg ²⁸, podem revelar-se significativos, pois de maneira positiva, levam a identificar as possibilidades latentes de algo (em seu caso a cultura popular, no nosso, as representações da loucura) que só conheceremos através de uma documentação fragmentária e deformada.

Da mesma forma, o simbólico, constituinte principal das representações e que surge fragmentariamente nos discursos e imagens, só se torna compreensível se percorrermos também a via do inconsciente (**a fantasia do próprio doente**) e cotejando-a sempre com os achados concretos e “conscientes” encontrados no imaginário.

Estes novos achados nos prontuários permitiram fazer uma primeira generalização: existe um abismo entre o imaginário sobre a loucura e o tratamento médico a ela dispensado pelo meio médico local. Em outras palavras, todo o conteúdo psicológico, conteúdo do próprio imaginário do paciente, baseado (e desencadeado por) em fatos concretos de sua história pessoal, que muitas vezes constitui o fator desencadeante da doença (ou pelo menos do desequilíbrio psíquico que o levou ao hospital) não eram levados em conta no momento do tratamento, muito embora os médicos tomassem conhecimento deles. As técnicas chamadas **biológicas** de tratamento psiquiátrico (por exemplo, choque por insulino-terapia ou a introdução do eletro-choque em 1944) eram indiscriminadamente ministradas em todos os pacientes, bastando somente que estes apresentassem 'delírios' ou comportamento de 'alienado mental', isto é, fora dos padrões normais de comportamento social. Isto a que estou chamando de 'padrões normais' (e seus correlatos, aqueles 'desviantes' ou anormais), que são de certa forma legitimados socialmente, é passível de ser pesquisado nos casos encontrados e analisados no contexto da época e do local. No seu cruzamento com os conteúdos das vidas

²⁸ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

destes pacientes (a realidade concreta), discutiremos as representações da loucura desta sociedade, as quais balizam as fronteiras entre saúde e doença mental.

Tendo sido esta a trajetória da pesquisa, vamos agora aos seus resultados, que tomam forma e adquirem vida, no espaço desta dissertação.

Esta, foi organizada em três capítulos, como segue. Em função da especificidade do tema e da abordagem proposta, o primeiro capítulo será fundamentalmente teórico, onde abordaremos as concepções e conceitos chaves, dentro das ciências humanas, para a análise dos casos estudados e o entendimento do que possa ser um novo olhar sobre a "loucura". A aproximação entre psicologia e história, uma questão interdisciplinar, e o uso comum de seus conceitos, como símbolo, representação, imaginário e inconsciente será discutida o quanto permite o espaço deste tipo de trabalho. O segundo capítulo trata do contexto social, político e urbano da época em que se realiza a pesquisa, bem como daquele contexto médico - psiquiátrico importante na determinação de técnicas que permitiram o imaginário da exclusão se instalar. Também se discute a forma pela qual a psiquiatria está aparecendo no Brasil e no RS, colaborando com os regimes ditatoriais que se instalaram, passando por noções como a de eugenia, tão relevante na Medicina e política do Estado Novo em nosso país. Ao mesmo tempo, outras correntes psicológicas faziam parte das discussões mundiais sobre doença mental e não eram ainda praticadas nem sequer citadas no contexto médico de nosso Estado. Veremos, também neste capítulo, o contexto institucional, legitimado a partir do "discurso" do diretor do HPSP, bem como dos métodos aplicados aos pacientes. Para isto, cotejamos o conteúdo do livro escrito por Jacintho Godoy com a descrição de alguns casos de pacientes, retirados de depoimentos e prontuários médicos. Por fim, no terceiro capítulo, analisamos um caso psiquiátrico, menos sob o ponto de vista médico e mais sob o ponto de vista do

imaginário de uma época e do próprio doente. Os instrumentos analíticos da psicologia médica de Jung e da Nova História Cultural fertilizam-se mutuamente neste trabalho, a fim de dar conta de um olhar mais humano sobre a "loucura". A fonte utilizada, ou seja, os prontuários médicos do HPSP constituíram-se num solo rico, onde podemos ver o sofrimento humano mais profundo, porém sem eco naqueles que poderiam tê-lo diminuído - seus familiares e "equipe de saúde". Uma medicina cega e totalitária instalou-se em nosso meio e vive até hoje em nossos hospitais (não só psiquiátricos) fazendo vegetar seus pacientes, extirpados de toda dignidade que a vida humana merece.

CAPÍTULO 1

AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E O INCONSCIENTE NAS CIÊNCIAS HUMANAS

"... o que ele (o historiador) encontra logo no início de sua investigação não é um mundo de objetos físicos, mas um universo simbólico - um mundo de símbolos.

Antes de mais nada, ele precisa aprender a ler estes símbolos."

(Ernst Cassirer)

Optou-se por colocar um capítulo teórico isolado no início desta dissertação por entender que o referencial em questão e a própria ligação entre história e noções de psicologia são ainda pouco trabalhadas explicitamente nos textos de historiadores. Dependendo do ponto de vista que tomamos, ou da porta pela qual se entra numa teoria, ou mais especificamente, da teoria psicológica que se utiliza, as análises se tornarão bastante diferentes, ou até mesmo excludentes em alguns casos. Quando se trata de representações simbólicas, que constituem um imaginário - individual ou coletivo- estamos usando conceitos que pertencem à psicologia, em alguma instância.

Assim, a prática deste trabalho não deixa de ser também um exercício de interdisciplinariedade.

1.1.História e psicologia, uma aproximação fértil

Qualquer que seja o paralelo realizado, a aproximação feita ou o diálogo que se estabelece entre História e Psicologia, produz-se (ou é produzido por) um vasto campo de pesquisa e análise, sendo necessário, portanto, que se faça algumas delimitações. Não só delimitações do próprio material a ser avaliado, mas também dos conceitos utilizados, tanto numa como noutra disciplina. Os parâmetros utilizados na ciência História são muitos, bem como são muitas as 'Psicologias' dentro da ciência psicológica.

Em primeiro lugar gostaria de salientar que Psicologia é também história. É a história do Homem sedimentada em sua própria psique durante milênios. Psicologia é história individual e história coletiva, portanto também social e cultural.^{29, 30}

Porém, historicamente, sua epistemologia difere daquela da História, esta enquanto disciplina que discrimina e analisa *no tempo* os **fatos sociais**; aquela enquanto trata, no tempo também, dos **fatos psíquicos** que possibilitaram à humanidade revelar-se enquanto tal. Ao meu ver, entretanto, não se excluem enquanto áreas bem próximas de análise dos eventos e fatos históricos no tecido social, sejam estes individuais ou coletivos, ou examinados sob um posto de vista da micro ou da macro análises. E, também, são muitas as aproximações que podem ser feitas , a partir de conceitos que, embora suas definições não sejam epistemologicamente iguais em ambas disciplinas, são possíveis de serem utilizados, se respeitadas suas especificidades.

O **conceito** (no campo teórico) pode ser reconhecido como o *órgão do conhecimento da realidade*.³¹ Eles são fundamentais para a aquisição do conhecimento, em qualquer campo que este se dê, sempre na dialética do fato objetivo ao qual corresponde com o

²⁹ E esta concepção de psicologia enquanto "história" é o eixo fundamental da Psicologia Analítica, estando nas bases do pensamento de Jung desde muito cedo. Em seu livro auto-biográfico, que ele redigiu poucos anos (1957/8) antes de sua morte (1961), ele escreveu (no capítulo onde está falando de sua relação de colaboração com Freud, que se deu nos anos de **1907 a 1913**): "Tomei consciência, então, de um modo todo particular, da grande diferença que separava a atitude mental de Freud de minha própria. Eu crescera na atmosfera intensamente histórica de Basileia, no fim do século anterior, e a leitura dos velhos filósofos me proporcionara um certo conhecimento da história da psicologia. Quando refletia sobre os sonhos, ou sobre os conteúdos do inconsciente, nunca o fazia sem recorrer a comparações históricas: em meus tempos de estudante, utilizava-me para isso do velho dicionário de filosofia de Krug. Conhecia particularmente bem os autores do século XVIII e também do começo do século XIX. (...) Quanto a Freud, minha impressão era a de que para ele "a história do espírito humano" começava com Büchner, Moleschott, Buboïs-Reymond e Darwin." In: Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.144.

³⁰ Em outra passagem de sua obra, Jung diz: "Na estrutura do nosso corpo e do nosso sistema nervoso, transportamos conosco toda a nossa história genealógica; isto também é verdade no respeitante à alma que revela igualmente os traços do seu passado e do seu devir ancestral. Teoricamente, poderíamos reconstruir a história da humanidade, partindo de nossa compleição psíquica, porque tudo que uma vez existiu está ainda presente e ativo em nós. " In: *O homem à descoberta de sua alma*. Porto: Tavares Martins, 1975, p. 372.

³¹ Coincidentemente, no campo humano psicológico, a "psique" possui a mesma definição, isto é, de **órgão de conhecimento e reconhecimento (apreensão) da realidade**, tanto interna (subjetiva) como externa (objetiva).

investigador da realidade. O real também se torna conhecimento sob forma de conceito. O conceito é aquilo que é geral, abstração em diferentes campos teóricos, ele é aquilo que se vai construindo e transformando-se em teoria. Ao mesmo tempo, uma teoria precisa de fatos materiais que a sustentem.

Os conceitos são (trans)históricos, dinâmicos. Todo conceito possui uma historicidade, a qual serve de base para as análises feitas a partir de sua 'trajetória de vida'. Sem a compreensão de como o conceito funciona no tempo e em determinada estrutura geral (teoria), fica de antemão difícil sua utilização mais plena. Quando, então, um conceito origina uma teoria, ele está apto a ser utilizado pela comunidade científica que o investigou, e aí dá à ciência seu estatuto próprio. E, é neste momento que se pode estabelecer diálogos entre as diversas Ciências, no uso e intercâmbio entre seus conceitos e corpos teóricos. E isto é plenamente lícito, pois o que nos interessa é sempre aquilo a que o conceito remete, é sua utilidade na prática, como um instrumento analítico.

A teoria, portanto, é essencial e, bem longe de ser 'neutra', representa o compromisso de quem a aplica com a realidade. "A teoria é o ponto de inserção do cientista com a realidade." ³²

Uma sociedade concreta, uma realidade (aquilo que é o objetivamente real, portanto *histórico*) é o ponto de partida e chegada do trabalho do historiador e a apreensão desta realidade se dá pela subjetividade deste. Porém, esta subjetividade sendo mesclada aos seus pressupostos teóricos retira a análise do puramente arbitrário subjetivo.

³² Freitas, Miriam Gomes de. *Psique e soma: duas ordens de razão*. In: *Gastroenterologia e suas relações*. Abramovich, Milton et alii {org.}. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

Assim chegamos à constatação que é impossível a explicação histórica científica sem o recurso à teoria (bem como na Psicologia). Mas qual teoria? Os conceitos, que se transformam em teoria, tem sua história, isto é, raízes e historicidade (transformações no tempo). Alguns não precisam (ou não podem) ser exclusivos de determinadas disciplinas. Não há razão para que historiadores deixem de se apropriar de termos e conceitos de outras áreas do saber e da pesquisa; e desde que estes sejam utilizados com propriedade e fidedignidade às suas raízes, a relação pode tornar-se frutífera.

Porém antes de começar com os exemplos, cabe, neste momento, abrir uma brecha para a discussão sobre um ponto fundamental no debate acadêmico contemporâneo, que é a questão da **interdisciplinaridade**.

Parto da definição (entre outras várias que existem) de Japiassu sobre o que seja *interdisciplinar*:

(...)interação entre duas ou mais disciplinas podendo ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados, e da organização da pesquisa. É imprescindível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas. Diríamos que o objetivo utópico do interdisciplinar é a unidade do saber. Unidade problemática, sem dúvida, mas que parece constituir a meta ideal de todo o saber que pretenda corresponder às exigências fundamentais do progresso humano." ³³

Esta noção de interdisciplinaridade levaria, no seu entender, a uma interpenetração e fecundação recíprocas. O autor parte da constatação do esfacelamento do saber científico (e seu ensino), dizendo que *"a especialização sem limites das disciplinas científicas culminou*

³³ Japiassu, H. A atitude interdisciplinar no sistema de ensino. *Tempo Brasileiro*, n. 108, p.83-94, jan/mar, 1992.

numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico".³⁴ E o interdisciplinar, que ele ressalta como uma 'atitude de espírito', seria a recusa a estes especialismos que bitolam e aos dogmatismos dos saberes verdadeiros.³⁵

Mas podemos atentar, também, a outras impressões, como a de Faure, que nos aponta para alguns problemas na atividade interdisciplinar, como aquele da comunicação entre os pesquisadores, em função da utilização de sistemas conceituais diferentes, aos quais correspondem linguagens específicas. A atividade de integração dos sistemas conceituais pode ficar prejudicada, devido à acentuação das diferenças entre as áreas. Isto nos remete ao problema da especificidade dos conceitos, que nem sempre podem possuir (ou possuem) uma fluidez em seu uso, de um campo para outro.³⁶

É inegável a exigência contemporânea do diálogo entre as Ciências, entre as áreas dos saberes científico e humano. E, como nos diz Portella: "*A interdisciplinaridade não é uma fuga antecipada, mas um trabalho infatigável de reconstrução da disciplina- aberto e solidário.*"³⁷ Porém, esta inter-relação tem limites, que aponto serem de caráter intrínseco a cada disciplina, ou seja, estes limites encontram-se na especificidade *inerente* a cada campo do saber, suas metodologias e objetos de pesquisa.

Sabendo, então, que os conceitos possuem historicidade, especificidades nos diversos campos do conhecimento e que são ferramentas analíticas, sem as quais inviabiliza-se o conhecimento científico, pode-se tentar estabelecer quais conceitos, pertinentes à Psicologia são mais direcionados ao uso historiográfico e quais são aqueles mais usados pelos

³⁴ Op. Cit p.83

³⁵ op. Cit. p.89

³⁶ Faure, G. A constituição da interdisciplinariedade: barreiras institucionais e intelectuais. *Tempo Brasileiro*, n. 108, p.61-68, jan/mar, 1992.

³⁷ Portella, E. A reconstrução da disciplina. *Tempo Brasileiro*, n. 108, p. 5 a 7, jan/mar, 1992.

historiadores e com qual propriedade.

Como exemplo deste imenso campo, vou ater-me a alguns conceitos que em leituras vejo serem mais utilizados nas análises dos historiadores. E os exemplos, retirados destes, serão acolhidos no decorrer do texto.

A psicologia também lida, por exemplo, com binômios e conceitos como estrutura/sujeito, individual/coletivo, social e cultural, fragmento/totalidade, narrativa, como as outras Ciências Humanas. Porém não será este trabalho que dará conta disto.

Parece-me que alguns campos da História são privilegiados no uso destes conceitos psicológicos. Entre eles, as **mentalidades**, a **história oral**, a **história do imaginário e das representações** (atualmente no âmbito da Nova História Cultural), **as histórias biográficas** e, explicitamente, a **psico-história**. Alguns autores, mais que outros. Vê-se, nestes, que a escrita da História não precisa ser necessariamente psicanalítica (isto é, analisar psicanaliticamente os sujeitos da História, sejam indivíduos ou grupos) para usar referenciais da Psicologia, embora alguns o façam. Nem acharmos que, para utilizar os paradigmas desta, só se pode escrever a história da loucura e dos 'distúrbios mentais' ou dos processos (fatos) psíquicos ³⁸ (como História dos Sonhos ³⁹, p. ex.).

Pois já há muito que a História tenta apropriar-se dos conceitos da Psicologia, sendo, às vezes, casos isolados, outras, formando 'escolas'. Exemplo disto é Lamprecht (século XIX), citado por Cassirer, e Febvre e Bloch (século XX), citados por Dosse,

³⁸ Tenho usado até aqui os termos 'mental' e 'psíquico' indistintamente. Porém prefiro usar **psíquico** para todos os processos originados no aparelho psíquico, deixando a palavra mental mais próxima dos conteúdos racionais e intelectuais.

³⁹ Com isto não estou dizendo que não acho da maior importância escrevermos a História da loucura e dos sonhos.

respectivamente.⁴⁰ Estes historiadores trouxeram a Psicologia para dentro da História, o que serviu muito à primeira, uma vez que é recente (do século passado) sua passagem aos estatutos científicos.

Segundo Cassirer , o historiador alemão novecentista Kurt Lamprecht colocou em relevo a concepção entusiástica do elemento psicossocial da história de Herder , vindo na psicologia não só uma ciência auxiliar, mas também 'sua única base científica possível'. Para Lamprecht, a história não é outra coisa senão psicologia aplicada; é esta que deve servir de fio condutor para se chegar a compreender a História :

Pero una cosa es el conocimiento de esta conexión y otra cosa muy distinta su comprobación efectiva. Esto requiere que la comprensión histórica descienda hasta los fenómenos elementales más profundos - aquellos que primero esclarece la psicología - y que el desarrollo de la psicología individual, por lo menos... haya llegado ya hasta el dominio cognoscitivo de estos fenómenos elementales.⁴¹

Lamprecht, ao evidenciar a Psicologia no fundo de todo fenômeno histórico, inclusive nos econômicos, e confiando demais na Psicologia experimental de seu tempo (a qual ele via como o 'fundamento normativo da historiografia'), recebeu muitas críticas de seus colegas contemporâneos, tendo Cassirer explicado:

Trátase de simples esquemas psicológicos, formulados para que se encargue de llenarlos la 'intuición' histórica: la psicología puede pretender trazar el marco general de estos esquemas, pero Lamprecht se equivocaba al creer que podía dibujar, además, el quadro del desarrollo histórico como tal, ni siquiera esbozado en sus rasgos generales.⁴²

⁴⁰ Reconheço que outros historiadores já utilizaram conceitos da Psicologia em seus trabalhos. Mas seleciono estes por serem de alguma forma precursores e importantes devido a suas obras historiográficas.

⁴¹ Lamprecht, K. apud Cassirer, E. *El problema del conocimiento*. Tomo iv. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1986, p.340.

⁴² op. Cit. p.350.

No nosso século, outra vertente começou a introduzir a Psicologia na História, como nos relata F. Dosse ⁴³ : foram os idealizadores e fundadores da revista *Annales* francesa, que logo virou "Escola", L. Febvre e M. Bloch.⁴⁴ Ambos apropriaram-se de outra área do saber , chamada de 'estudo das mentalidades', a qual provém de disciplinas estranhas à História, quais sejam, a Etnologia e a Psicologia (esta última com maior relevância). "Em suma, a história é a própria psicologia: é o nascimento e o desenvolvimento da psique".^{45, 46}

Em outra parte de seu texto , Dosse escreve que o território do historiador deslocou-se recentemente para a exploração da psique humana através da evolução dos comportamentos, sensibilidades e representações. *"Esse alargamento epistemológico faz parte do patrimônio da escola dos Annales, que desempenhou incontestavelmente, nessa área, papel dinâmico."* ⁴⁷ Aqui, ele abre espaço para outros historiadores (como Ariès e Delumeau), que adiante citarei. A relevância, no momento, será dada às noções (e seus respectivos conceitos psicológicos) de **natureza humana** e **inconsciente coletivo**, ambas muito presentes nos textos destes autores e importantes no contexto desta pesquisa.

Dosse refere que o horizonte histórico de Febvre, o "ponto nodal" de sua pesquisa, é a psicologia histórica e com isto retoma, cada vez mais o indivíduo como universo de análise.⁴⁸ Mas o que é interessante é que ele não desvincula esta inserção psicológica do

⁴³ Dosse, F. *A História em migalhas*. Campinas: editora da Unicamp, 1994.

⁴⁴ Marc Bloch, segundo Dosse, não escreve a mesma história das mentalidades de Lucien Febvre; sua principal inspiração é outra, alimenta-se menos da psicologia e mais da antropologia histórica nascente. Devido unicamente a isto, sua obra não será contemplada neste espaço, embora saibamos que Bloch também deu importância à psicologia em seus estudos.

⁴⁵ Berr, Henri apud Dosse, F. op. Cit. p.84.

⁴⁶ Em 1935, nas Tavistock Lectures, Jung disse : "O que o inconsciente realmente contém, são os grandes fatos coletivos dos tempos. No inconsciente coletivo do indivíduo a própria história se prepara, e quando alguns arquétipos são ativados num certo número de indivíduos, chegando à superfície, encontramos-nos no meio da corrente histórica, como acontece agora no mundo. A imagem arquetípica que o momento necessita ganha vida e todo mundo é tomado por ela. (...) ". Jung está se referindo à ascensão do nazismo na Alemanha e no mundo. In: Jung, C.G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.168. (volume XVIII das Obras Completas).

⁴⁷ op. Cit p.201

⁴⁸ Vide, por ex., seu trabalho sobre Rabelais e o problema da descrença no século XVI.

estudo das civilizações: "*O indivíduo é apenas o que sua época e seu meio permitem que ele seja.*" ⁴⁹ - aqui, vê-se o caráter individual e social da obra deste autor. Na psicologia, atualmente (somos herdeiros, sem dúvida, de pelo menos duas correntes mais importantes da psicologia surgidas já no início deste século, a de Freud e a de Jung), trabalha-se com esta noção, de que as vidas individuais, com seus psiquismos normais (e também patológicos), estão atreladas tanto ao meio familiar e à sua própria especificidade psíquica (o que estaria mais no âmbito da história individual), quanto ao social (a psicologia de um indivíduo também depende da psicologia de um povo, ou do 'espírito' de sua época, colocando-se, aí, na perspectiva da história coletiva) , e, é a realização do indivíduo nestes dois planos que estabelece sua saúde psicológica e seu 'agir' no mundo, social e culturalmente entendido.⁵⁰

Para Lucien Febvre, também,

a psicologia retrospectiva ou psicologia histórica tem a vocação de recuperar os quadros mentais dos períodos do passado, **romper com a concepção de uma natureza humana atemporal, imutável** ⁵¹, assim como todo anacronismo, ou seja, a tendência natural de transpor nossas próprias categorias de pensamento, de sentimento, de linguagem para as sociedades nas quais elas não tem significado ou o mesmo significado.⁵²

Natureza humana, refere-se a tudo o que é especificamente humano na sua essência.

Na psicologia, é a confluência de toda experiência psíquica do ser humano, biológica e culturalmente orientada, no tempo. Ela não é imutável, como propriamente apontaram Febvre e Dosse.. A noção de **inconsciente coletivo** de Jung dá conta, na psicologia, desta

⁴⁹ Febvre, L. apud Dosse, F., op. Cit p.86

⁵⁰ Na psicologia contemporânea esta discussão é mais complexa, como veremos adiante.

⁵¹ O grifo é meu.

⁵² Op. Cit. p.86

questão. Apesar das inúmeras críticas e falta de entendimento de muitos teóricos, ele foi claro em seus escritos, quando formulou a historicidade do **inconsciente** humano.⁵³

(...) o inconsciente, enquanto totalidade de todos os arquétipos, é o repositório de todas as experiências humanas desde o seus mais remotos inícios: não um repositório morto - por assim dizer um campo de destroços abandonados - mas sistemas vivos de reações e aptidões, que determinam a vida individual por caminhos invisíveis e, por isto mesmo, são tanto mais eficazes. Mas o inconsciente não é, por assim dizer, apenas um preconceito histórico gigantesco; é também a fonte dos instintos, visto que os arquétipos mais não são do que formas através das quais os instintos se expressam. Mas é também da fonte viva dos instintos que brota tudo o que é criativo; por isto, o inconsciente não é somente determinado historicamente⁵⁴, mas também gera o impulso criador - à semelhança da natureza que é tremendamente conservadora e anula seus próprios condicionamentos históricos com seus atos criadores. Por isto, não admira que tenha sido sempre uma questão candente para os homens de todas as épocas e todas as regiões saber qual a melhor maneira de se posicionar diante destas determinantes invisíveis. ...⁵⁵

E mais adiante ele conclui:

O inconsciente coletivo é a formidável herança espiritual do desenvolvimento da humanidade que nasce de novo na estrutura cerebral de todo ser humano. A consciência, ao invés, é um fenômeno efêmero, responsável por todas as adaptações e orientações de cada momento, e por isso seu desempenho pode ser comparado muitíssimo bem com a orientação no espaço. O inconsciente, pelo contrário, é a fonte de todas as forças instintivas da psique e encerra as formas ou categorias que as regulam, quais sejam precisamente os arquétipos. Todas as idéias e representações mais poderosas da humanidade remontam aos arquétipos. Isto acontece especialmente com as idéias religiosas. Mas os conceitos centrais da Ciência, da Filosofia e da Moral também não fogem a esta regra. Na sua forma atual eles são variantes das idéias primordiais, geradas pela aplicação e adaptação conscientes dessas idéias à realidade, pois a função da consciência é não só a de reconhecer e assumir o mundo exterior através da porta dos sentidos, mas traduzir criativamente o mundo interior para a realidade visível.⁵⁶

⁵³ A noção de **inconsciente** (e também de **consciência**) é uma das mais utilizadas entre os historiadores, de todas as vertentes. Logo darei outros exemplos; agora quero discutir um pouco estes conceitos sob o ponto de vista da Psicologia.

⁵⁴ Os grifos são meus. Com esta expressão Jung não está se referindo ao determinismo histórico que se vê na Escola Metódica, por exemplo.

⁵⁵ Jung, C. G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 1984. P.94 (volume VIII das Obras Completas)

⁵⁶ Op. Cit. p.95

Para Jung, um arquétipo, para se apresentar como tal, tem que ter aspectos históricos e "não podemos entender os fatos sem entender a história".⁵⁷

Já em Ariès, a noção de inconsciente (coletivo) aparece mais explícita. Em sua obra "História da morte no Ocidente", Ariès comenta: "A meu ver, as grandes oscilações que arrastam as mentalidades - atitudes diante da morte- dependem de motivos mais secretos, mais subterrâneos, no limite do biológico e do cultural, ou seja do inconsciente coletivo."⁵⁸ Dosse critica-o, ao sugerir que Ariès, quando estuda as variações do comportamento diante da morte, "não leva em conta os mecanismos de transmissão da cultura dominante nem os condicionamentos demográficos e sociais." E, ainda,

Aliás, P. Ariès, não sente necessidade de localizar as situações dessas sensibilidades sucessivas diante da morte, pois, segundo ele, trata-se apenas de variações do inconsciente coletivo que transcendem seu meio ambiente. Se houve autonomia na evolução das atitudes dos ocidentais diante da morte, então, abrir-se-ia nova via com total independência em relação a uma sociedade dada e em suas dimensões tanto materiais quanto espirituais? As atitudes diante da morte, nesta visão idealista, pairam fora do espaço e do tempo, animadas por um dinamismo próprio e irracional⁵⁹

Diante desta afirmação, resta-nos saber se foi mesmo *Ariès* que assim entendeu, ou foi seu crítico (Dosse) que assim analisou, pois em Jung, **de onde obrigatoriamente devemos retirar a noção original de inconsciente coletivo em psicologia (e é à Psicologia que estes historiadores estão se referindo)**, como viu-se na citação acima, nunca o inconsciente humano é a-histórico - ele é, sim, trans-histórico e cultural, em outras

⁵⁷ Jung, C.G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 169. A mesma consideração fazemos em relação à "história pessoal" ao tratarmos de um doente: " O ponto decisivo é a questão da 'história' do doente, pois revela o fundo humano, o sofrimento humano e somente aí pode intervir a terapia do médico". (Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1984., p. 115). Maiores considerações a este respeito discutiremos no Capítulo 3, no momento da análise do caso de um paciente.

⁵⁸ Ariès, P. *Sobre a história da morte no Ocidente*. Lisboa: Teorema, 1988.

⁵⁹ Dosse, F., op. Cit. p.205-6.

palavras, o que nele está sedimentado são as poderosas experiências de toda humanidade - ricas em emoções e imagens -, experiências estas sociais, individuais, culturais, biológicas. É uma falácia entender-se o inconsciente coletivo como independente da História, dos movimentos sociais e da produção cultural da Humanidade. Nesta teoria psicológica, é da **relação dialética** do "mundo interior" (inconsciente pessoal e inconsciente coletivo) com o mundo exterior (consciência pessoal ou individual e consciência coletiva, onde inscrevem-se os movimentos sociais, por ex.) é que se estrutura o mundo, a cultura, a História; e estes por sua vez dialeticamente condicionam o indivíduo..

Poderia citar vários outros exemplos de obras de historiadores em que este conceito (e alguns outros na mesma vertente) fica um tanto obscuro. As próprias obras de Ariès, Delumeau ("A história do Medo no Ocidente", na qual também estas noções aparecem explícitas) e outros expoentes da *Nova História* poderiam (e deveriam) ser melhor analisadas.

O historiador, como já disse, não precisa fazer obras psicanalíticas para usar o conceito de **inconsciente**, por exemplo. Mas ao usá-lo é necessário que saiba, ou mesmo revele, a **fonte, isto é, de qual teoria psicológica ele o retirou, e o que ele entende por este conceito**. Em Freud, por exemplo, que é o referencial psicológico mais usado e citado nos textos das ciências humanas ⁶⁰, a noção de inconsciente e consciência é bastante diferente e não possui a historicidade que a teoria junguiana lhe confere. Para ele o inconsciente deriva

⁶⁰ Deixarei de lado, neste momento, a discussão sobre a validade ou não do uso deste referencial pelas ciências humanas e o porque dele imperar nos meios acadêmicos. Adianto que considero o seu uso extenso uma impropriedade, no sentido de que há um retrocesso da psicologia ao domínio biológico (vide a causalidade psíquica à mercê de um **instinto**, o sexual) . O conceito de inconsciente possui a sua historicidade, que vem, já desde o século XVIII pela vertente da filosofia metafísica..

da consciência, dos 'restos diurnos', e nele há somente material reprimido. Renato Mezan afirma ao citar um texto de Freud de 1937 ('Construções em Psicanálise') :

(...)o trabalho do analista é comparado ao do arqueólogo, que procura reconstruir uma civilização a partir dos vestígios materiais que ela deixou atrás de si; mas são ressaltadas duas diferenças, da maior importância para a compreensão da tarefa do analista: por um lado, o material com que ele trabalha está **integralmente preservado no inconsciente, imune à ação corrosiva do tempo, que tanto dificulta a atividade do arqueólogo...**" ⁶¹ ⁶²,

Ainda na via de examinar os conceitos e apropriações do historiador, numa outra perspectiva, podem existir análises historiográficas **involuntariamente psicológicas**. Mas não se pode "tirar leite de pedra". Isto significa que não se pode inferir que tal ou qual historiador que usou uma 'palavra' pertencente ao 'dicionário' psicológico esteja querendo fazer uma análise psicológica. Tampouco sei se podemos fazer análises psicologizadas de todo e qualquer texto histórico. Lembre-se que é necessário, na interdisciplinaridade, resguardar as especificidades de cada ciência, respeitar seus limites (tanto como objetos de análises, quanto como sujeitos da ação analítica). Numa linguagem bem coloquial seria mais ou menos dizer: " Não posso sair por aí fazendo qualquer coisa e misturando tudo."

Embora a psique esteja em todo ser humano e dela parta a vida (pensamentos, sentimentos, emoções, racionalidade, o irracional, a criatividade - enfim, tudo passa pelo órgão psíquico), não se deve "super- psicologizar" todas as realidades, pois tiraríamos sua concretude específica, aqui nos interessando o fato social (histórico) objetivo.

⁶¹ Ou seja, imune à história. O grifo é meu, a fim de salientar a não- historicidade que o inconsciente tem na obra de Freud. Os exemplos poderiam ser inúmeros, mas contento-me com este neste momento.

⁶² Freud, apud Mezan, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Como deixam claros os exemplos acima, o 'cientista humano' não pode se apropriar dos conceitos de outra disciplina, sem um custo. Este custo significa procurar as raízes dos conceitos, à qual teoria pertencem, a que dizem respeito, sua historicidade dentro da própria teoria (lembre-se que os conceitos sofrem também transformações no tempo). No nosso entender, só isto faz da interdisciplinaridade algo sério e coerente, no intercâmbio entre as ciências e seus postulados, dando maior valor individualmente a cada uma, respeitando o que lhe é específico e, assim, possibilitando uma troca fértil e promissora para o futuro destas.

Uma última palavra: sobre a **subjetividade** do historiador . Não há como eliminar a subjetividade do conhecimento, este é um ponto não mais discutível. Toda experiência é, ao menos em sua metade, de caráter subjetivo. Neste sentido, considera-se 'subjetividade', enquanto conceito psicológico, ligado à "**disposição**" individual. A disposição é estar a psique preparada para agir e reagir numa determinada direção; o 'estar disposto' consiste sempre no fato de existir uma constelação subjetiva determinada, uma combinação de fatores de conteúdo psíquico, que determinará a ação neste ou naquele sentido, ou captará o estímulo exterior deste ou daquele modo, consciente ou inconscientemente.⁶³ Assim como a psique, individual (subjetiva) e coletiva (objetiva), é ao mesmo tempo a matéria- prima, realidade e sujeito na investigação do psicólogo⁶⁴, ela está totalmente implícita no trabalho do historiador. Com isto quero ressaltar que a 'disposição' do historiador, suas maneiras próprias de ver o mundo e sua própria predisposição psicológica, influenciarão verdadeiramente sua obra (como todo e qualquer outro cientista social), podendo levar-nos a dizer: nossas teorias são nossos próprios 'pré- conceitos'.

⁶³ Ver Jung, C.G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 493 e ss.

⁶⁴ Em outras palavras, a psique é o sujeito e o objeto de sua própria investigação.

O mesmo poderia ser dito a qualquer ciência (ou cientista), inclusive a psiquiatria, com a qual também nos ocupamos nesta dissertação. Esta "disposição" é intrínseca a qualquer sistema de representações, isto é, a qualquer "imaginário".

1.2 A questão do inconsciente nas ciências humanas.

Como já se notou, parte-se do pressuposto que o inconsciente não é uma questão exclusiva das ciências médica e psicológica, mas sim uma **questão cultural** mais ampla. A riqueza e a complexidade dos fenômenos abarcados é imensa e a questão acaba se impondo aos meios acadêmicos também da filosofia e das ciências humanas.⁶⁵

Justifico, a princípio, esta afirmativa mostrando sucintamente alguns momentos da **história do inconsciente** tal como a escreve Henri Ellenberger⁶⁶, historiador norte-americano da psiquiatria. Em sua obra intitulada "*A descoberta do inconsciente; história e evolução da psiquiatria dinâmica*", publicada originalmente em Nova Iorque em 1970 e baseada numa extensa e apropriada pesquisa histórica de doze anos o autor revela (entre outras muitas revelações, pois aqui nos interessa somente estes últimos séculos) que a questão do inconsciente e suas manifestações, desde o século XVIII, era matéria de discussão ainda principalmente na área da filosofia, ganhando destaque nos países de língua alemã pelos filósofos da *Naturphilosophie* (filosofia da natureza) que tem seu expoente em Schelling (1775-1845). Aí o conceito de inconsciente extrapola os limites da psicologia da consciência e abre as portas para a apreensão do psicológico num sentido mais amplo e complexo.

⁶⁵ Ver Freitas, Miriam Gomes de. Op. Cit. p. 194.

⁶⁶ Ellenberger, Henri. *El descubrimiento del inconsciente -historia y evolución de la psiquiatria dinámica*. Madrid: editorial Gredos, 1976.

Diria mesmo que são as teorias sobre constituição do inconsciente que atuam como enfoques portadores da possibilidade de apreensão do psicológico. E que sem este conceito, facilmente escorrega-se para o organicismo ou o misticismo. Na história da psiquiatria, por exemplo, esta dualidade atravessa, há muito, a discussão sobre as causas das enfermidades mentais: ou o enfoque organicista que hoje culmina nas **neurociências** ou a submissão **acrítica** ao reino da fantasia e do inconsciente.⁶⁷ Nas primeiras décadas do século XIX prevaleceram duas tendências psiquiátricas principais: **a somática** ou organicista, que atribuía às enfermidades mentais causas físicas e modificações cerebrais e **a psíquica** que ressaltava as causas emocionais. Ao redor de 1840, esta última declinou e a tendência organicista dominou todo campo da psiquiatria, quando enfermidade mental foi equacionada à enfermidade cerebral.

Discussão inserida e relacionada aos contextos social, político e cultural da época, foi nos países de língua alemã que ela se deu mais profundamente e com maior intensidade e talvez também com maior penetração no mundo inteiro. Os filósofos da natureza, entre eles von Schubert, Troxler e Carus (infelizmente aqui não há espaço para citar todos autores com os pontos mais relevantes de suas obras), pesquisaram e postularam o inconsciente como o verdadeiro fundamento do ser humano, por estar enraizado na vida invisível do universo e da **história** e ser o verdadeiro nexo de união do homem com a natureza. C.G. Carus, médico, pintor e filósofo, por exemplo, em 1846, publica sua obra intitulada *Psique*, que foi o primeiro intento de dar uma teoria completa e objetiva da vida psicológica inconsciente em finais do período romântico e antes que comece a predominar a teoria positivista. Outro filósofo do inconsciente, Eduard von Hartmann, em 1869, no seu livro *A filosofia do inconsciente*, coleciona fatos relevantes e numerosos sobre as manifestações do inconsciente nas

⁶⁷ Freitas, Miriam Gomes de . op. Cit, p.195.

associações de idéias, nos chistes, na vida emocional e sobre seu papel na linguagem, na história, na religião e na vida social. *Arthur Schopenhauer*, por sua vez, apesar de não poder ser considerado um romântico, também contribuiu para a questão do inconsciente e de alguns aspectos de sua relação com a consciência, entre eles, a teoria de repressão e da sexualidade (posteriormente tão caras à Freud e determinante da hegemônica teoria psicológica nos meios acadêmicos do século XX).

Para se ter uma idéia mais aproximada de suas teorias sobre o inconsciente, este representava, para a maioria dos filósofos românticos, o verdadeiro fundamento do ser humano, por estar enraizado na vida invisível do universo e ser, portanto, o verdadeiro nexo de união do homem com a natureza.⁶⁸ A noção de inconsciente deixava de corresponder às "lembranças esquecidas" que Santo Agostinho postulava, ou às "percepções obscuras" de Leibniz. Tomava agora uma dimensão que abarcava todos os fenômenos humanos, nas suas mais variadas representações, correspondendo, por exemplo, ao que hoje, define-se como inconsciente na psicologia junguiana.

Assim vê-se que a questão do inconsciente bate às portas das ciências durante todo o século XIX. Na virada para o século XX, estas questões já não podem mais ser desconsideradas tal a quantidade de autores, médicos, filósofos ou escritores que abordam o assunto, sob os mais variados ângulos. Nas últimas duas décadas do século XIX, o conceito filosófico de inconsciente, segundo os ensinavam Schopenhauer e Eduard von Hartmann era muito popular e a maioria dos filósofos admitia a existência de uma vida mental inconsciente.

Porém, já em 1880 o mundo ocidental estava sob influência do positivismo, do cientificismo e do evolucionismo. As tendências predominantes eram, junto aos restos da

⁶⁸ Ellenberger, H. op. Cit p.240.

velha filosofia da Ilustração, o darwinismo social, o marxismo e as novas filosofias materialista e mecanicista. Entre os pensadores dirigentes estavam os utilitaristas e filósofos sociais Herbert Spencer, John Stuart Mill e Taine. Na literatura, o naturalismo tratava de reproduzir de forma o mais exata possível a vida e os fatos, como havia feito Balzac e estavam fazendo Flaubert, Maupassant e Zola. O romantismo parecia coisa do passado.⁶⁹ Poder-se-ia dizer, sem dúvida, que por volta desta década, produziu-se ao longo de toda Europa um novo giro cultural, uma mudança na orientação intelectual.

Os psicólogos, por sua vez, buscavam provas científicas e, neste sentido, fizeram contribuições decisivas nos anos de 1880 a 1900, com a introdução dos enfoques experimental (introduzido por *Fechner*, em sua *Psicofísica*) e clínico (destacamos *Pierre Janet*, com sua obra *Automatismo psicológico* de 1889 e posteriormente, em 1895 *Breuer e Freud* com seus *Estudos sobre histeria*), que se juntavam ao enfoque especulativo tradicional dos românticos.

Esta onda científicista e positivista da virada do século contaminou a disciplina História. A reação contra o "ideário romântico do irracionalismo" (assim que era considerado nesta época) trouxe o imperativo da objetividade e da demonstração (igual a toda ciência da época). A chamada *Escola Metódica* impõe uma pesquisa científica afastada de toda especulação filosófica e visando à objetividade absoluta no domínio da história; ela pensa chegar a seus fins ao aplicar técnicas rigorosas concernentes ao inventário das fontes, à crítica dos documentos e organização precisa nas tarefas do profissional historiador.⁷⁰ A historiografia progride, neste momento na Europa, pode-se dizer, escorada no programa de Ranke, que como todos conhecem, tem postulados teóricos que neutralizam qualquer

⁶⁹ Ellenberger, H. op. Cit. p.313.

⁷⁰ Bourd , G. e Martin, H. *Les  coles historiques*. Paris: Éditions de Seuil, 1983, p.181.

subjetividade do historiador, seu possível confronto com outras formas de conhecer o fato histórico que não numa relação direta com documentos seguros e afastam-no de uma reflexão teórica, que para ele, introduziria um elemento de especulação.

Toda uma gama de reflexões e constatações filosóficas e psicológicas a respeito de uma vida inconsciente na psique humana e, portanto, influente na cultura e nos fatos sociais, é colocada à margem, para não dizer banida, no entendimento do sujeito histórico.

Mas breve isto se reverterá. No século XX, já em suas primeiras duas décadas, teremos quatro conjuntos de obras de médicos psiquiatras que trabalham com psicologia médica, as quais foram decisivas para a compreensão da noção de inconsciente como hoje conhecemos e trabalhamos, no final do século XX. Estes pensadores da psique são: Pierre Janet, Freud, Adler e Jung. Entretanto, suas concepções de psique, de mundo, de ser humano, são bastante diferentes, bem como suas personalidades e formações pessoais. Portanto, as teorias psicológicas que formularam também divergem em sua base, em sua epistemologia. E isto é bastante importante de ser pensado, no momento em que se utilizam conceitos desta área em outras disciplinas, como na História, por exemplo. Pois a meu ver é muito importante ter-se consciência de qual *Weltanschauung* ('concepção de mundo') fazemos parte, porque ela influencia sobremaneira - consciente ou inconscientemente - a vertente do pensamento à qual nos filiamos e a que tipo de prática profissional nos entregamos.

Sendo assim, os conceitos de inconsciente (e com isto, a noção de símbolo), que vem sendo trabalhados na psiquiatria e psicologia ao longo deste século (e introduzidos no campo da historiografia, no momento em que se admite o diálogo com outros campos do saber, isto é, reverte-se a posição positivista), suscitam uma variada gama de análises históricas, uma vez que são pelo menos duas noções distintas de 'inconsciente' que predominaram nas ciências do

século XX: a de Freud e a de Jung. É muito diferente estarmos condicionados inconscientemente exclusivamente por um instinto sexual e uma pulsão de morte deterministas (Freud), e vermos nas manifestações da psique humana não só este aspecto biológico mas também sedimentos culturais e sociais da história da humanidade (Jung). Assim, pela ótica junguiana, psicologia é também história. Os usos destes conceitos (ou categorias conceituais) são inúmeros nas ciências humanas e as conseqüências das análises feitas com um ou outro referencial levam a caminhos e conclusões bastante distintas.⁷¹

Trabalhamos, aqui, com a noção de inconsciente postulada por Jung, a fim de compreender as representações da loucura na dimensão de imaginário que queremos traçar, ou seja, do imaginário do próprio doente.

Para ele, a psique é estruturalmente uma totalidade dinâmica, que compreende a relação dialética entre consciência (cujo centro é o ego ou "eu") e inconsciente (cujo centro e também meta de desenvolvimento é o que se denominou de "self" ou "si-mesmo"). O inconsciente é encarado como um órgão psíquico, que enquanto tal se manifesta na vida humana através de imagens simbólicas, seja nas dinâmicas saudável ou patológica de um indivíduo.

Em Jung, o conceito de inconsciente é um conceito exclusivamente psicológico, não um conceito filosófico no sentido de uma noção metafísica (embora tenha sua raiz epistemológica anexada aos filósofos românticos alemães). É um conceito limite- psicológico, que abrange todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, quer dizer, que não estão referidos ao ego de um modo perceptível, podendo ser individuais ou coletivos.

⁷¹ Remeto à seção anterior, onde esta análise de conceitos nas ciências humanas foi feita com maior propriedade.

Os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação à consciência. "Uso de propósito a expressão 'compensatória' e não a palavra 'oposta', porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o si-mesmo (Selbst)."⁷²

Para Jung, o inconsciente divide-se em: **inconsciente pessoal** (relativo à história do indivíduo), cujos elementos estruturais chamamos de "complexos"⁷³ e **inconsciente coletivo**, que, como já vimos, se refere à história da humanidade e seus componentes são os instintos e arquétipos.⁷⁴

Estes processos inconscientes manifestam-se parcialmente através de sintomas, ações, opiniões, afetos, atos falhos de toda espécie, fantasias e sonhos. Seu caráter compensador do "ego" consciente contém todos os elementos para uma regulação da psique como um todo. Sendo seus conteúdos não conscientes, somente podem ser apreendidos de forma indireta, ou seja, quando surgem na consciência, mediados por alguma coisa. Esta "alguma coisa" são as imagens simbólicas ou símbolos, que trataremos na próxima seção.

1.3. O símbolo como mediador entre inconsciente e história: o homem como "animal symbolicum" e a Nova História Cultural

Pisando, então, no terreno efervescente do nosso final de século, num momento histórico em que se tenta resgatar fragmentos perdidos do tempo passado, onde não se quer mais somente contar a história dos vencedores ou lançar mão de modelos 'totalizantes' de

⁷² Jung, C.G. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 53.

⁷³ Os "complexos" estruturam o imaginário que vem da história pessoal do indivíduo.

⁷⁴ Estas noções serão importantes para o que demonstraremos no Capítulo 3.

análise histórica, chega a **Nova História Cultural** trazendo à tona a questão do imaginário e das representações simbólicas que o constituem. Um século depois dá-se finalmente a virada que os positivistas impediram. Pode-se resgatar o que os românticos e filósofos da natureza já haviam tão bem mostrado: a noção de representação envolve uma relação ambígua entre presença e ausência, representar é presentificar uma ausência, é trazer à tona um símbolo.

A NHC não postula uma oposição dicotômica entre real e imaginário, ela vê no símbolo (e no inconsciente) um valor de verdade, embora diferente da verdade da realidade concreta objetiva.

Constituído por um sistema de idéias- imagens de representação coletiva, o imaginário possui um fio de terra que o liga às condições concretas da existência, mas não é um reflexo do real. As representações sociais são, por assim dizer, históricas, concebidas em cruzamento com práticas historicamente determinadas, mas não tem exata correspondência com o concreto. Elas comportam uma dimensão do sonho, desejo, utopia, de projeção de um inconsciente coletivo, forjando imagens daquilo que se desejaria que acontecesse..." "Enquanto representação, o imaginário é também epifania, revelação de um outro ausente, mas esta enunciação é feita de maneira simbólica e alegórica. Em suma, há, pois, um significado a desvelar, dada a natureza da revelação. O imaginário expressa-se por discursos e imagens, que vão além do seu significado aparente. As tendências atuais da nova história cultural apontam para a chave da decifração do enigma: a articulação texto-contexto." "... a história cultural tem-se revelado tributária da história social, possibilitando, pelo cruzamento de práticas e representações, chegar ao significado (ou possíveis significados) das dimensões do imaginário."⁷⁵

Assim, falar em imaginário, mesmo que em imaginário social, falar em símbolo é falar também em inconsciente, uma vez que este é representado, na consciência, através de símbolos.

⁷⁵ Pesavento, Sandra. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: Mauch, C. et al. {org}. Porto Alegre na virada do século 19, cultura e sociedade. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: editoras da UFRGS, ULBRA e UNISINOS, 1994, p.130.

Porém é correto, volto a dizer, resguardarmos as especificidades dos conceitos em cada área do conhecimento, em que seu trânsito, numa via de mão dupla, entre uma e outra disciplina se faz necessário quando se tenta dar conta da complexidade das manifestações humanas, seja em seus aspectos individual ou social (coletivo).

Através de algumas considerações do filósofo neo-kantiano Ernst Cassirer (retiradas de sua obra de 1944)⁷⁶ a respeito da disciplina História e de seu objeto, pode-se compreender melhor a ligação História/Psicologia e suas relações com os conceitos de inconsciente e símbolo que se quer demonstrar. Ele comenta que o historiador, já no início de sua investigação, encontra não um mundo de objetos físicos, mas um universo simbólico - "um mundo de símbolos", como ele diz. E cabe ao historiador, antes de mais nada, aprender a decifrá-los. "Qualquer fato histórico, por mais simples que possa parecer, só pode ser determinado e entendido por uma tal análise prévia dos símbolos."⁷⁷ Ele vai bastante longe, no que concerne à época em que escreve, quando coloca que à reconstrução empírica dos fatos, a história acrescenta uma reconstrução simbólica. Para ele, o "sentido histórico" não muda o aspecto das coisas e acontecimentos, mas dá aos mesmos uma nova profundidade. O que o historiador procura é, *a priori*, a materialização do espírito de uma época passada, o que se faz através da mediação simbólica. "A história é a tentativa de fundir todos estas *disjecta membra*, os membros espalhados do passado, sintetizá-los e moldá-los em um novo aspecto."⁷⁸

Para muitos historiadores contemporâneos não há novidade nestas palavras, porém Cassirer introduz, em sua filosofia da história, já naquela época, a necessidade da

⁷⁶ Cassirer, Ernst. *Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins fontes, 1994.

⁷⁷ op. Cit. p.285

⁷⁸ op. Cit. p.290.

interpretação simbólica dos fatos históricos do passado, a fim de que uma nova compreensão do passado possibilite ao mesmo tempo uma nova perspectiva do futuro.

"Para obter esta dupla visão do mundo em perspectiva e em retrospectiva, o historiador deve escolher um ponto de partida." E este só pode estar em seu próprio tempo, levando à afirmação de que nossa consciência histórica é uma "unidade de opostos": ela liga os pólos opostos do tempo, permitindo-nos assim sentir a continuidade da cultura humana.⁷⁹

O conhecimento histórico estaria, para ele, situado no campo da hermenêutica, tendo a interpretação dos símbolos precedência sobre a coleta de fatos, "e sem essa interpretação não há como alcançar a verdade histórica."⁸⁰, ⁸¹

Desta forma, todos pequenos fatos significativos, são símbolos através dos quais pode-se ler e interpretar caracteres individuais ou o caráter de toda uma época. Ele cita o exemplo de uma carta qualquer de Goethe, ou de uma observação sua qualquer numa conversa. Estas não teriam deixado vestígio algum na história da literatura, porém seriam documentos fundamentais para construir seu retrato histórico e até seu pensamento, que sem dúvida também representa um certo pensamento de uma época. Longe de terem uma utilidade prática ou física, a interpretação destes "documentos" leva-nos a uma realidade simbólica, inserida num contexto pessoal (psíquico) e de uma época, significativa na perspectiva da identificação de um certo "imaginário".

⁷⁹ op. Cit. pp 291-293. Note-se que a psique também é constituída de pares de opostos, como postulada por Jung.

⁸⁰ Op. Cit p.317.

⁸¹ Gostaríamos de esclarecer que esta não é nossa posição, pois a coleta de fatos é a base irrevogável de qualquer interpretação. Se esta tivesse precedência sobre os fatos, não haveria dialética e, então, estaríamos no campo da "metafísica", da adivinhação, do "interpretaço".

No momento em que falamos em ‘simbólico’, falamos em cultura. “A cultura, definida como a capacidade de pensamento simbólico, é parte da verdadeira natureza do homem. A cultura não é suplementar ao pensamento humano, mas seu ingrediente intrínseco.”⁸²

Para Cassirer, a aquisição de um **sistema simbólico** transforma toda a vida humana.

Em confronto com outros animais, o homem não somente vive uma realidade mais vasta, mas também vive uma nova dimensão da realidade. E desta forma ele define o homem não mais como um *animal rationale* e sim como um *animal symbolicum*. “Deste modo, podemos designar sua diferença específica e podemos compreender o novo caminho aberto ao homem: o da civilização.”⁸³ Leia-se o caminho da **cultura**.

Ainda para Cassirer os símbolos (no sentido próprio do termo) não podem ser reduzidos a sinais, pois estes pertencem a duas esferas diferentes da expressão das idéias: o sinal sendo uma parte do mundo físico do ser e o símbolo uma parte do mundo humano do **sentido**.

O significado dos símbolos repousa numa base tanto coletiva como individual.

Seguindo G. Levi

(...) o significado dos símbolos repousa no fato de que eles são compartilhados e por isso comunicáveis entre os membros de um grupo pequeno ou grande: no primeiro momento, o pensamento é organizado de acordo com as estruturas simbólicas públicas à mão e, somente depois disto, ele se torna privado.⁸⁴

⁸² Levi, G. A micro-história. In: Burke, Peter. *A escrita da história, novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 146.

⁸³ Cassirer, E. op. Cit. p. 49 e ss.

⁸⁴ Levi, G. Op. Cit. p.147

É exatamente aí que se toca também na psicologia, quando falamos sobre a realidade do inconsciente e do que significa o símbolo.

Na psicologia de Jung, torna-se simbólica toda e qualquer concepção que declare uma expressão como sendo a melhor forma possível para designar uma coisa relativamente desconhecida. Para ele, o processo contínuo de formação de símbolos leva o ser humano à cultura. "O símbolo exprime sempre que, em sua forma, reside, mais ou menos, uma possibilidade de nova manifestação de vida, de uma redenção dos vínculos e do cansaço vital".⁸⁵

Além disto, o símbolo só se conserva vivo enquanto estiver repleto de significado.⁸⁶ Para este pensador da psique, também existe a diferença entre signo e símbolo, como mencionada por Cassirer, contendo o símbolo um **valor funcional**. A função do símbolo é, entre outras, de síntese.

Respeitando a etimologia da palavra, símbolo é *symbolon*, do grego (a partir do verbo *symbollo*), que significa "lançar juntos", no sentido de síntese, integração. A palavra alemã para símbolo é *Sinnbild*, cuja tradução literal será: *Sinn* é sentido e *bild* é imagem. Portanto, símbolo significa "imagem do sentido". Mostra-nos que imagem e sentido andam juntos, podendo lembrar o que Jung fala: a imagem dá o sentido, traça o caminho e orienta a ação. O símbolo torna-se, então, momento de encontro e transformação.⁸⁷

Para Jung, aliás, um símbolo *vivo* é o que também constitui para aquele que o considera, a máxima expressão possível do **pressentido**, mas ainda não- conhecido. "Em tais

⁸⁵ Jung, C.G *Tipos Psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

⁸⁶ Jung, C.G. op.cit., p. 543 e ss.

⁸⁷ Freitas, M.G de. Op. Cit. p.198.

circunstâncias , dá lugar a uma participação inconsciente. Produz um efeito vitalmente criador e estimulante.”⁸⁸

Sendo o símbolo a melhor expressão possível, insuperável numa dada época, do que ainda é desconhecido, compreende-se que ela possa surgir no mais complicado e diferenciado da atmosfera espiritual, social e cultural de um dado tempo. “Na medida em que um símbolo **vivo** encerra tudo o que é afim a um grande grupo humano, para evidenciar seus efeitos concretos sobre este grupo, compreende-se que inclua, justamente, o que lhe possa ser comum.”⁸⁹

Conforme este autor, somente quando o símbolo consegue captar o ‘iminentemente novo’ e reduzi-lo a sua expressão mais simples é que tem um efeito universal. Neste fato reside o efeito simultaneamente poderoso e redentor de um **símbolo social vivo**.⁹⁰

O símbolo possui sempre uma dupla face: ele é inconsciente e consciente, individual e coletivo (transpõe-se para as realidades social e cultural), "olha" para o passado e para o futuro quando traz o que é radicalmente novo.⁹¹ Ele pressupõe uma síntese, como vimos em sua etimologia. Como unificador de antagonismos, ele dá uma idéia de multiplicidade, e ele é uma inteireza que não pode nunca se dirigir a uma única capacidade do homem. O símbolo solicita nossa totalidade, afeta todo nosso ser. Por isto ele tornou-se a via adequada para análises históricas mais apuradas. Em sua especificidade (seu significado intrínseco) ele comporta as noções de discurso indireto, imagem, sentido, algo que pode ser "pressentido" (a via das sensibilidades), potencial criativo, efeito criador e estimulante.

⁸⁸ Jung, op. Cit, p.545.

⁸⁹ Op. Cit. : p.546

⁹⁰ Pensando desta maneira é que teóricos da NHC dão conta também da questão do símbolo, pois nos momentos de crise social é que emergem representações que melhor expressam o dado momento ou período histórico.

⁹¹ Poderíamos, inclusive, dizer que o símbolo enraíza-se no passado e olha para o futuro.

Desde as épocas mais remotas (p. ex. Artemídeos de Éfesos, em seu livro ‘Chave dos Sonhos’, passando pelos medievais – Santo Agostinho, e românticos – p. ex. Schlegel) a linguagem simbólica está relacionada a **procedimentos de linguagem discursiva indireta e/ou imagética**, e estes sempre dotando de sentido e significado sua representação.

A noção de representação está ligada à noção de que algo pode ser re- apresentado, re- simbolizado no real (e sobre o real). Em outras palavras, imagens e discursos representam o mundo, representam o real através de seu aspecto simbólico.

A potencialidade de criação do efeito de real (Chartier, Ginzburg, Bourdieu falam sobre isto em diferentes perspectivas) através do símbolo contido na representação (re- apresentação deste real) é um elemento constitutivo que está na base do imaginário coletivo, de uma certa sociedade , num determinado período histórico. O que equivale dizer que toda e qualquer sociedade , ou "fatia" desta (classes, pequenos grupos, associações,...) e em diferentes momentos do tempo histórico, ‘cria’ seu imaginário, possui suas representações simbólicas.⁹²

Bourdieu⁹³ fala-nos numa ordem gnosiológica do mundo (seu sentido imediato) estabelecida a partir do poder simbólico – poder este de construção da realidade. Desta forma (remontando a Durkheim) ele postula a função social do simbolismo, ou seja, *“os símbolos são instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o **consensus** a cerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (...)”*⁹⁴

⁹² As representações simbólicas mudam as situações objetivas, e vice-versa. A cultura trabalha com as mudanças sociais e a NHC, por sua vez, investiga como as transformações culturais acontecem, a partir destas representações simbólicas.

⁹³ Bourdieu, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.9.

⁹⁴ op. Cit. p. 11.

Para ele , também, o campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes, sendo o ‘capital simbólico’ aquilo que determinará quem vencerá esta luta.⁹⁵ As relações de força destes poderes , a luta pelos diferentes capitais, contribuem, para Bourdieu, para a perpetuação do sistema social e instituição de práticas sociais de exclusão e dominação.⁹⁶

Também podemos dizer, usando Chartier⁹⁷, que as representações coletivas são ao mesmo tempo que matrizes construtoras da ordem social, são também elaboradas através de um cruzamento múltiplo com as práticas sociais.

Temos, portanto, exposto até o momento , uma complexa rede teórica sobre a questão do simbólico , nestas várias áreas do conhecimento.⁹⁸

O que , talvez, mais nos interesse no momento, e ao historiador da NHC, é o fato de que , através do símbolo, se possa chegar a análises mais ‘possíveis’ da realidade, ou seja, menos estanques no sentido de um ponto de vista dogmático sobre o ‘real’. Em outros termos, a NHC põe em dúvida o que existe no mundo, as certezas são abaladas. Através do simbólico percebem-se indícios, suspeitas, enigmas a serem revelados.

Existem possibilidades, não certezas; e a dúvida passando a ser um princípio de (re)-conhecimento do social, abrindo-se espaços para desafios e destes surgindo (ou podendo surgir) diversas (re)- interpretações do real. É a possibilidade que o símbolo traz em seu cerne

⁹⁵ “Capital Simbólico” ou Cultural é entendido, pelo autor, como conjunto de informações , uma ‘bagagem’ recebida por ‘herança social’.

⁹⁶ Estas noções de práticas de dominação, de exclusão, bem como os discursos sedimentados e/ou formadores destas são de fundamental importância para esta pesquisa histórica, no que tange às questões das práticas e representações de exclusão e repressão da doença mental em dado período histórico.

⁹⁷ Chartier, R. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

⁹⁸ Com o que, obviamente, tenho consciência de não esgotar todas as possibilidades de discussão e nem mesmo as áreas e pensadores afins.

de contar a História não partindo de um pressuposto de segurança sobre o que aconteceu, mas a História podendo ser uma versão do que se passou, uma re- apresentação do real.

Assim, a questão de pensar as noções sobre imaginário, nas ciências humanas, se fez imperativa.

Atualmente são muitas as conceituações e discussões a respeito de imaginário, que se revelam através dos teóricos das ciências humanas em geral.⁹⁹

O tema do imaginário está na ordem do dia, como uma das instigantes tendências de análise de nossa *fin de siècle*. Apresenta-se no bojo de uma série de constatações relativamente consensuais que caracterizam a nossa contemporaneidade no apagar das luzes do século XX: a crise dos paradigmas de análise da realidade, o fim de crenças nas verdades absolutas, legitimadoras da ordem social e a interdisciplinaridade.¹⁰⁰

Partimos da definição simples de que imaginário refere-se a um conjunto de imagens, isto é, é um depositário de imagens. Sendo assim, há duas formas distintas de pensar este "conjunto".

A primeira forma trata de uma concepção de imaginário "desde dentro", ressaltando o caráter simbólico das imagens das fantasias humanas, que aparecem em suas mais variadas manifestações provindas do "âmbito" do inconsciente. Surgem espontaneamente na psique dos indivíduos, tomando forma, através de imagens, no mundo exterior consciente. Remetem-nos ao caráter criativo do inconsciente humano.

(...) a psique é constituída *essencialmente* de imagens. A psique é feita de uma série de imagens, no sentido mais amplo do termo; não é porém, uma justaposição ou uma

⁹⁹ Remeto a: Pesavento, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História/ANPUH*, vol.15, nº 29, 1995, p.9-27. Neste texto a autora faz uma extensa compilação e reflexão sobre várias definições e usos da noção de "imaginário", a partir de autores contemporâneos das ciências humanas. Portanto, não vou ater-me a estas diferenciações e reflexões já realizadas.

¹⁰⁰ Pesavento, S., op. Cit, p.9.

sucessão, mas uma estrutura riquíssima de sentido e uma objetivação das atividades vitais, expressa através de imagens. E da mesma forma que a matéria corporal, que está pronta para a vida, precisa da psique para se tornar capaz de viver, assim também a psique pressupõe o corpo para que suas imagens possam viver.¹⁰¹

Esta concepção aproxima-se daquela de Lucian Boia que, ao definir imaginário como um produto do espírito humano, propõe recorrer-se aos arquétipos, enquanto elementos constitutivos do imaginário.¹⁰²

Para este autor, a história do imaginário pode ser definida como uma história dos arquétipos. Mas para ele não se trata de conferir a estes um "sentido transcendente" nem de aplicá-lo a um "vago inconsciente coletivo através de uma justificação psicanalítica", como o fez Jung. Parece, sim, que o homem é programado para pensar, para sentir e para sonhar de uma maneira bem definida ("são estas permanências mentais que se cristalizam naquilo que podemos chamar de arquétipos"). A seguir, ele diz: definamos, então, arquétipo como uma constante ou uma inclinação essencial do espírito humano; é um esquema organizador, uma forma (enquanto molde, modelo) cuja matéria (substância) muda, mas os contornos permanecem.¹⁰³

Embora este autor tenha tocado numa definição de imaginário ao nosso ver acertada (pois "desde dentro" quer dizer desde o inconsciente humano coletivo cujos constituintes são os arquétipos)¹⁰⁴, ele erra em sua crítica a Jung, pois não só o conceito de inconsciente coletivo **não** é vago neste autor, como também L. Boia dá uma definição de arquétipo que é a mesma de Jung: formas ou categorias de apreensão da realidade, que potencialmente existem

¹⁰¹ Jung, C.G. Espírito e vida. In: *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.267.

¹⁰² Boia, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

¹⁰³ Boia, L op. Cit. p.17.

¹⁰⁴ Ver definição de inconsciente coletivo na página 48 deste trabalho.

(são os "contornos" de Boia), mas só adquirem substância e forma quando atualizados na vida individual. *"Os arquétipos são formas de apreensão e todas vezes que nos deparamos com formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconhecamos ou não o seu caráter mitológico."*¹⁰⁵ Além do mais Jung nunca chamou os arquétipos de "permanências mentais", pois desta forma estaria retirando o caráter histórico do arquétipo e do inconsciente coletivo, que é exatamente o que Boia faz.

Os arquétipos não se propagam de forma alguma apenas pela tradição, a linguagem e migração, mas podem renascer em qualquer lugar e tempo, isto é, de um modo que não é influenciado por nenhuma transmissão externa. Esta constatação significa nada menos que, em cada psique, há prontidões vivas, formas que, embora inconscientes, não são, por isso, menos ativas, e que moldam de antemão e instintivamente influenciam o seu pensar, sentir e atuar.

(...) existem certas condições coletivas inconscientes que atuam como reguladoras e como estimuladoras da atividade criadora da fantasia e provocam as configurações correspondentes, A existência destes reguladores inconscientes - que eu às vezes também chamo de dominantes, por causa de sua maneira de funcionar - me parece tão importante, que baseei sobre eles minha hipótese de um inconsciente coletivo ou impessoal.¹⁰⁶

Assim, devemos realmente aos arquétipos nossa capacidade de produzir imagens e símbolos. Interessa-nos sobremaneira este ponto de vista, no que tange às fantasias do doente mental, sendo estas de caráter arquetípico, coletivo e mitológico, concernente ou não a uma dada época.

A segunda forma, ou possibilidade, de definirmos imaginário é aquela que representa sua face voltada para o exterior, para a realidade social, possibilitando quase que uma

¹⁰⁵ Jung, C.G. Instinto e inconsciente. op. Cit. p.73.

¹⁰⁶ Jung, C.G. Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. Op. Cit., p.141.

Para não estender esta discussão para além dos limites cabíveis nesta dissertação, remeto o leitor à obra de Jung citada (Natureza da Psique) e à obra de Jolande Jacobi intitulada "Complexos, arquétipos e símbolos" (São Paulo: Cultrix, 1990.), principalmente o item sobre "O desenvolvimento histórico do conceito de arquétipo de Jung" (p.38-40).

"construção consciente" de um imaginário. Esta face realiza-se no tempo e no espaço, por exemplo, quando do surgimento de movimentos sociais e políticos, e presta-se à manipulação e jogos de poder. Em outras palavras, é possível à consciência coletiva de uma determinada sociedade construir seu imaginário a partir do que chama de símbolos coletivos. É este aspecto que, em geral, encontra-se nas práticas de exclusão, que mencionaremos no próximo capítulo

Embora não seja esta a concepção de símbolo e imaginário que concordamos (um símbolo sempre surge espontaneamente, de outro modo ele já passa aos desígnios do "signo"), parece inegável que:

A elaboração de um imaginário é parte integrante de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também ... por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas.¹⁰⁷

Para Baczko:

O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos "discursos" nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem. É assim que os imaginários sociais assentam num simbolismo que é, simultaneamente, obra e instrumento (...) A construção do símbolo e dos sistemas de símbolos, que se revelam fortemente estruturados e dotados de notável estabilidade, bem como as relações entre imaginário e símbolo, constituem problemas tanto para os psicólogos como para os sociólogos do conhecimento. (...) A função do símbolo não é apenas instituir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e colectivos e indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos.

¹⁰⁷ Carvalho, José Murilo de. *A formação das almas - o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 198.

Os mais estáveis dos símbolos estão ancorados em necessidades profundas e acabam por se tornar uma razão de existir e agir para os indivíduos e para os grupos sociais. **Os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações.** Qualquer campo de experiências sociais está rodeado por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças (cf. Desroche 1973). O dispositivo imaginário assegura a um grupo social quer um esquema colectivo de interpretação das experiências individuais, tão complexas quanto variadas, quer uma codificação das expectativas e das esperanças. (...) A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo. Com efeito, o **imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à acção, um apelo a comportar-se de determinada maneira.** Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma acção comum.¹⁰⁸

Na nossa concepção, esta é uma forma "externa", no que concerne às disposições conscientes coletivas de se perceber o simbólico por detrás de um imaginário coletivo. Se, como diz Baczko, os imaginários sociais e os símbolos em que se assentam fazem parte de sistemas complexos que incluem mitos, religiões, utopias e ideologias, reconhecemos nestas duas últimas a construção consciente de um imaginário. No entanto, ela também serve ao assunto analisado.

Como veremos adiante, o imaginário sobre a loucura que imperou em nosso meio social e médico, foi manipulado, por um lado, pelo racionalismo científico que respaldava as noções médico- psiquiátricas e por outro, por este mesmo racionalismo (sob rótulos de eugenia e positivismo) entranhado na sociedade como uma "visão de mundo". No plano concreto, isto levou à prática de exclusão do doente em hospital "especializado".

¹⁰⁸ Baczko, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi* - Vol. 5. Porto:Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1982, p.311-12. Os grifos são meus.

Mas acarretou, ainda, uma conseqüência mais séria: os médicos (e a própria sociedade, também, representada pelos familiares e entorno social do paciente) não compreenderam que cada pessoa é detentora de seu próprio sistema simbólico, que aflora em momento de crise (no caso, a doença mental). Este sistema simbólico, que constitui o imaginário legítimo e espontâneo do próprio paciente (ou sobre o que seja sua doença) é absolutamente válido para a compreensão de sua problemática psicológica. Desta forma, a conseqüência foi a exclusão do doente para dentro de sua própria loucura, ficando-lhe impossibilitada a cura.

Isto tudo levaria a perguntar: quais os limites entre saúde e doença psíquica, desde o ponto de vista daquele que a sofre? Existiriam outras formas de tratar e mesmo de "encarar" a doença mental? Torna-se válida, a partir daí, a procura de um "outro imaginário"?

Estas últimas questões e pontos de vista serão analisados e respondidos, através de casos empíricos, nos próximos dois capítulos desta dissertação.

CAPÍTULO 2

O "ESPAÇO CRÍTICO" DO ALIENADO: FORA E DENTRO DE SI-MESMO

" O alienismo, a medicina social, a engenharia, assim como a polícia e todo um conjunto de instituições, conjugam esforços em direção à edificação de uma cidade higienizada, livre da peste e do perigo, que reproduza em seu interior, a imagem vitoriosa da ordem burguesa. Expressão deste processo, a arquitetura e o urbanismo acabam por transformar a própria face das cidades, erguendo monumentos ao triunfo e dominação da burguesia, e abrindo novas 'passagens' que exorcizam o perigo e impõem outra leitura do espaço urbano."

(Cunha, in "O espelho do mundo. Juquery, a história de um asilo")

"A ironia que eu invoco não é cruel. Não zomba nem do amor, nem da beleza. É doce e benevolente. Seu riso acalma a cólera, e é ela que nos ensina a desdenhar dos tolos e dos maus, que sem o seu concurso, poderíamos ter a fraqueza de odiá-los."

(Anatole France)

Espaço crítico é um termo que retiro da obra homônima de Paul Virilio¹⁰⁹, onde o autor nos coloca frente a um espaço urbano tecnológico, contemporâneo à nossa virada de século (XX para XXI). Ele parte da arquitetura e das políticas urbanas contemporâneas para investigar os efeitos sobre nossa consciência ética de um mundo que se organiza cada vez mais em sintonia e dependência com a difusão e produção de imagens e informações. "Ocupado por telas (de cinema, vídeo, computador), o espaço público clássico tende a se transformar em uma imagem pública asséptica, na qual se redefine toda uma realidade coletiva."

Tomando esta análise como um modelo metafórico, abstraindo seu sentido concreto, podemos parafraseá-lo e dizer que, dentro de uma organização urbana dos meados de nosso século (o período em questão é aquele que corresponde aos anos de 1937 a 1950), com suas políticas urbanas e arquitetura, o habitante da urbs, rotulado como 'louco' ou alienado mental, também é colocado (compulsoriamente) em um espaço de clausura que podemos definir como "**o seu espaço crítico**". Também aí nossa consciência ética é chamada a opinar, na medida em que foi tentado (e conseguido !) fazer uma assepsia da imagem do cidadão e uma higienização das ruas da cidade, por meio destes encarceramentos dos 'elementos' considerados marginais e alienados (não só os loucos recolhidos ao hospício, mas também os negros, os 'improdutivos subalternos', as prostitutas, bêbados, etc.).

Espaço crítico tem, também, um outro sentido, aqui, que espero fique claro no final deste trabalho. Não externo, social ou urbano, mas interno, simbólico. É a própria doença do 'louco', que, quando fabricada pelo imaginário de uma época, concretiza-se na doença mental crônica que o acomete, quando submetido a técnicas "terapêuticas" que se dizem curativas,

¹⁰⁹ Virilio, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1993.

mas antes de tudo são 'alienantes' e destrutivas, excluindo-o para sempre de seu próprio espaço psicológico. Sua doença, acaba sendo, portanto, também seu "espaço crítico". Seu imaginário pessoal, enclausurado pelas técnicas chamadas científicas, não é chamado a ajudar em sua cura e no entendimento de sua problemática.

2.1. O macro espaço: Rio Grande do Sul, Estado Novo e eugenia

Não é o intuito desta dissertação ou deste capítulo mapear por completo o imaginário da população gaúcha durante o período político conhecido como Estado Novo.

Interessa-nos, aqui, rever alguns pontos que possam ajudar a esclarecer o que vinha acontecendo sob o ponto de vista das políticas de saúde, mais especificamente na área da saúde mental.

A conjuntura política e social do Brasil já vinha influenciando de alguma forma as práticas de saúde no Estado, desde o início da República.

Porém o Rio Grande do Sul, *locus* de muitas disputas (políticas, econômicas e sociais), e também de contradições, sofreu uma forte influência do "princípio" positivista que norteava seus dirigentes, e isto teve eco na forma como institucionalizaram-se, aqui, as práticas médicas. Aliás, este foi o único Estado no Brasil que adotou uma perspectiva positivista após a proclamação da República, consolidada na Constituição Estadual de 1891.¹¹⁰

¹¹⁰ Weber, Beatriz . "As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio- Grandense - 1889/1928." Tese de doutorado em História. Campinas: Unicamp, 1997, p. 19.

Conforme a historiadora Beatriz Weber, o "poder" da medicina foi construído num longo processo que, certamente, percorreu o século XIX e só consolidou-se no nosso estado por volta da década de 1940.

Se, nas primeiras décadas da República, faziam-se sentir estes ideais positivistas nas práticas adotadas e no próprio imaginário da sociedade, embora com limites, foi a partir de 1925 que se percebeu a introdução da concepção eugenista nos discursos dos governantes, "sinalizando uma mudança na política de saúde pública que foi adotada após Getúlio Vargas assumir o poder".¹¹¹

A trajetória do Hospício São Pedro, tanto quanto as práticas psiquiátricas que nele tiveram espaço, sofreram forte influência destas duas teorias.¹¹²

Não foi simples o processo de construção da "autoridade médica" nesta instituição, nem ao nível científico, nem ao nível institucional.¹¹³ Mas este "poder" do médico instalou-se, em definitivo, a partir das duas gestões do dr Jacintho Godoy (que aconteceram nos anos de 1926-1932 e 1937-1950), respectivamente sob a égide do positivismo borgista (Borges de Medeiros) e do autoritarismo getulista (Getúlio Vargas). Veremos as particularidades desta instituição na seção 2.3.

Em termos gerais, enquanto a preocupação dos dirigentes "positivistas" recaía, em termos de saúde, na questão do saneamento das cidades, a perspectiva eugenista privilegiava

¹¹¹ Weber, Beatriz. Op. Cit, p. 21.

¹¹² Chamei de "teoria", embora preferisse usar o termo "visão de mundo". Teoria parece algo que possui uma direção unívoca de conceitos e apropriações. Mas aqui no RS, o positivismo, por exemplo, assumiu aspectos "peculiares", como apontou Weber, que, a meu ver, ficariam mais adequados sob esta outra terminologia (definida na introdução).

¹¹³ Ver a este respeito os trabalhos de Yonisa Wadi e Alexandre Schiavoni (dissertações de mestrado), citadas na introdução deste trabalho.

as práticas higiênicas moralizadoras e disciplinares. Segundo Weber, no Brasil, positivismo e eugenia andaram juntos em alguns aspectos:

A visão de eugenia e suas filiações é bastante controvertida nos estudos realizados no Brasil. Alguns autores afirmam que o positivismo foi a teoria que propunha confiança no futuro do Brasil, contrapondo-se à perspectiva de degenerescência social, que propagaria um pessimismo racial, social e climático do país, fadado à inferioridade racial pela sua formação mestiça. (Madel Luz). Nessa visão, o positivismo seria frontalmente contrário à perspectiva eugenista. No entanto, as formas como o positivismo foi mesclado aos interesses de vários defensores da eugenia no Brasil não permitem que se afirme de forma generalizada a incompatibilidade das duas concepções. Uma das escolas que seguiu o positivismo na Europa foi a de Herbert Spencer, na Inglaterra, que também lançou bases de um movimento progressivo da sociedade, aceitando a teoria da evolução de Comte, apesar de negar a sua lei dos três estados e ser contrário à perspectiva religiosa da última fase. João Ribeiro Jr. afirma que essas duas perspectivas apresentam muitos pontos de contato e que a doutrina da evolução social pode se apresentar como uma doutrina essencialmente positiva. Daí ter sido possível a ideólogos republicanos brasileiros combiná-los (...)¹¹⁴

O termo "eugenia" foi criado pelo fisiologista inglês Francis Galton (1822-1911), em 1883, que o definiu como "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente". Galton publicou um livro, em 1865, chamado "Hereditary Talent and Genius", onde defende a idéia de que a inteligência é predominantemente herdada e não fruto da ação ambiental. Parte destas conclusões ele obteve estudando 177 biografias, muitas de sua própria família.

Galton era parente de Charles Darwin (1809-1882). Erasmus Darwin era avô de ambos, porém com esposas diferentes, Darwin descendeu da primeira, por parte de pai, e Galton da segunda, por parte de mãe.¹¹⁵

¹¹⁴ Weber, B. Op. Cit. p.92-93.

¹¹⁵ Conforme Goldim, José Roberto. *Eugenia*. Texto publicado na homepage do Grupo de Pesquisa e Pós-graduação da UFRGS/genética. Goldim é biólogo, doutor em bioética e professor de Bioética da UFRGS e PUCRS.

Observando seus próprios pressupostos, nota-se que não foi uma coincidência esta "perspectiva eugenista como uma leitura radical da teoria evolucionista" ¹¹⁶.

Em seu livro, Galton propunha que

As forças cegas da seleção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente e os homens devem usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e o processo da evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro. ¹¹⁷

Após Galton, um grande número de intelectuais europeus e norte- americanos procuraram explorar, sistematicamente, os efeitos físicos e culturais produzidos pela miscigenação das raças humanas.

Em 1937, as idéias eugênicas já vinham sendo implantadas na Alemanha há três anos, com legislação própria e aceite da classe médica. Em artigo do Correio do Povo de abril de 1937, escrito pelo correspondente brasileiro em Berlim, encontramos dados e comentários que comprovam, inclusive com números, o ideal eugenista dos dirigentes do país e dos médicos, capazes de esterilizar cirurgicamente milhares de pessoas que eram portadoras de alguma moléstia ou deformação física de origem hereditária. Entre estas, destacava-se a esquizofrenia: "A Alemanha considerada muito justamente como uma das mais sadias nações européias, tem sua riqueza racial posta em perigo pelo prevalecimento, *inter alia*, de cerca de 280.000 casos de 'schizophrenia', um nome científico que abrange várias desordens do espírito". ¹¹⁸

¹¹⁶ Weber, B. Op. Cit. p. 91.

¹¹⁷ Galton, apud Goldin, José Roberto. Op. Cit.

¹¹⁸ Porto Alegre: Correio do Povo, 4 de abril de 1937, p.3. Artigo intitulado: "Tres annos de legislação eugenica - O que se realizou na Allemanha, na lucta contra a degenerescencia dos rebentos - Um triumpho visível do pensamento biológico das últimas décadas." Esta reportagem aparece transcrita na íntegra no Anexo 4 desta dissertação.

Um outro dado digno de nota, neste artigo, é o fato de relatar que, no ano de 1935, foram esterilizadas 40.000 pessoas portadoras de "enfermidades de caráter hereditário" na Alemanha, sendo que uma alta porcentagem destas morreu em consequência dos efeitos da operação. Embora o autor desta reportagem duvide destes números e destas mortes, fica a menção a este fato que, queiramos ou não, evidenciou-se claramente nas medidas adotadas pelo nazismo, nos anos subseqüentes, em campos de concentração, com o extermínio de milhões de judeus e outros considerados "inferiores biologicamente".¹¹⁹

No Brasil, esta "visão de mundo" eugenista começou a ganhar espaço a partir de 1914, por uma tese defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E nos anos 20 estas idéias adquiriram grande notoriedade também entre educadores, escritores e jornalistas.¹²⁰

Uma das análises possíveis que pode ser feita sobre o aceite dos pressupostos eugênicos pela intelectualidade brasileira (e também pelos governantes), nas duas primeiras décadas do século XX, é o fator miscigenação, como estando nas bases dos problemas que a República enfrentava e não dava conta. Para alguns intelectuais brasileiros, a crise atravessada pelo regime republicano, as revoltas sociais e as crises econômicas, seria explicada pelo clima tropical e constituição étnica do povo. "Raças inferiores" haviam-se misturado ao povo genuinamente brasileiro. Negros e mestiços, que eram considerados **biologicamente** inferiores, poderiam comprometer o "contrato social democrático" da ordem republicana.

¹¹⁹ Deixamos em aberto, neste momento, a possível relação com os tratamentos administrados aos pacientes do HPSP, neste período, que também "eliminavam" pessoas doentes, porém sob a legitimação das técnicas psiquiátricas. Nas próximas seções trataremos deste fato específico.

¹²⁰ Maciel, Maria Eunice. A eugenia no Brasil. In: *Anos 90*, Porto Alegre: PPG História UFRGS, n.11, julho de 1999, p121-143.

Nesta, a hierarquia biológica das raças sucedia a hierarquia de sangue da nobreza, a fim de perpetuar as desigualdades sociais.¹²¹

Em 1929 aconteceu o primeiro Congresso Brasileiro de Eugenismo, na Capital Federal (Rio de Janeiro), tendo como um dos temas principais a questão da imigração. O principal articulador das idéias eugênicas no Brasil foi Renato Kehl, que preparou o Boletim de Eugenia neste mesmo ano. Esta "ciência da boa geração", como ele a preconizava, tentou ser uma escola para a formação de caráter e defesa da espécie.

Em 1931 foi criada a Comissão Central de Eugenismo, sendo Kehl seu presidente. Fazendo parte da diretoria, estava o professor e sanitarista Belizário Pena, que em 1928 visitou o hospital São Pedro, tendo elogiado a reforma pela qual este estava passando, sob os cuidados do dr Jacintho Godoy: "A reforma radical pela qual está passando este manicômio, fará dele um dos mais perfeitos estabelecimentos do gênero. Orientada pelos ensinamentos da moderna psicopatologia, esta obra de assistência social honra sobremodo a sua proficiente direção e o Estado do Rio Grande do Sul".¹²²

Na psiquiatria brasileira, a eugenia esteve presente nas bases da formação da Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada no Rio de Janeiro, em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel, com a ajuda de filantropos do seu círculo de relação. O objetivo inicial era de melhorar a assistência aos doentes mentais através da renovação dos quadros de profissionais e dos estabelecimentos psiquiátricos.¹²³

¹²¹ Costa, J.Freire. *A História da psiquiatria no Brasil, um corte ideológico*. Rio de Janeiro: editora Documentário, 1976,p. 37 e ss.

¹²² Impressão deixada por escrito na ocasião de sua visita ao HPSP em 10 de julho de 1928. In: Godoy, Jacintho. *A psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: edição do autor, 1955.

¹²³ Costa, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil, um corte ideológico*. Rio de Janeiro: editora Documentário, 1976.

Interessante ao nosso estudo é o fato deste médico ter criado, antes de fundar a Liga, um ambulatório de profilaxia das doenças mentais (anexo à Colônia Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro), um "serviço aberto" para "psicopatas" (como eram chamados os doentes mentais neste período), um laboratório de psicologia e uma escola de enfermagem onde eram formadas as monitoras de higiene mental. Estes passos, com exceção do laboratório de psicologia, foram os mesmos seguidos por Jacintho Godoy no HPSP desde que assumiu suas gestões, principalmente após 1937.¹²⁴

Esta pode ser uma versão da história, porém, sob este ponto de vista, podemos afirmar que, com a eugenia, o racismo entrava em sua era "científica", sendo legitimado pela Biologia.

Foge à finalidade de nosso trabalho discutir os pormenores que esta problemática, a um nível mais abrangente e complexo, assumiu no Estado Brasileiro. Porém, como já dissemos, interessa-nos as questões que, a partir daí, tiveram consequência sobre a Psiquiatria.

Até 1926, a LBHM seguiu a orientação de Riedel, que procurava aperfeiçoar a assistência aos doentes. A partir desta data, os psiquiatras começaram a elaborar projetos que ultrapassavam as aspirações iniciais da instituição e que visavam à prevenção, à eugenia e à educação dos indivíduos, havendo um desvio nos programas de higiene mental.¹²⁵

Para Freire Costa, a eugenia foi o artefato conceitual que permitiu aos psiquiatras dilatar as fronteiras da Psiquiatria e abranger desta maneira o terreno social. A eugenia da LBHM buscava provar, antes de mais nada, que a doença mental era um predado dos

¹²⁴ Estes dados referentes ao HPSP serão apresentados em outra seção. Interessa-nos agora somente apontar esta relação, que nos levará a compreender a base eugenista que foi "implantada" no HPSP por Godoy.

¹²⁵ Costa, J.F. op. Cit. p.32.

indivíduos não brancos (negros, árabes, japoneses, chineses,...) ou dos brancos menos respeitados pelos psiquiatras, como os portugueses.¹²⁶

É importante salientar, que a crença que estes psiquiatras tinham na "verdade eugênica" não era um produto de suas convicções subjetivas. Era mais que isto. A eugenia baseava-se em fundamentos racionais, que a psiquiatria organicista endossava. Tornava-se óbvio que, se a doença mental era transmitida por herança genética, a única prevenção possível (logicamente possível) era o extermínio físico ou a esterilização sexual dos indivíduos doentes. Concordamos, em nossas análises, com Freire Costa que afirma que o espaço teórico da época não permitia a formulação de outra idéia de prevenção que não fosse esta.

Os psiquiatras da Liga acreditaram no mito da ciência psiquiátrica universal. Eles se concebiam habitantes do hermético reino das ciências, portanto, impermeáveis às influências culturais. Por isto mesmo, esqueceram que eram indivíduos pertencentes a uma certa classe social, com opiniões e valores próprios a um determinado período histórico. Este preconceito levou-os a elaborar programas de higiene mental baseados na "prevenção eugênica" nascida da psiquiatria nazista. Para eles, a eugenia era um conceito científico, logo, inquestionável. Uma vez aceito este pressuposto, restava impor aos habitantes brasileiros as receitas da psiquiatria nazista. Os psiquiatras passaram a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre brasileiros, a exigir a proibição da imigração de indivíduos não brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salário paternidade eugênico, etc.¹²⁷

Neste momento histórico brasileiro, a cientificidade dos princípios eugênicos só poderia ser negada se a validade de toda Psiquiatria organicista fosse questionada. "Para que as medidas de prevenção eugênica perdessem suas bases racionais, era necessário que a

¹²⁶ ibidem, p.127.

¹²⁷ ibidem, P. 13.

organicidade da doença mental, assim como o postulado de sua hereditariedade fossem contestados."¹²⁸ **Pois a eugenia admitida na LBHM fundava suas bases, racionalmente, sobre a Psiquiatria organicista, de caráter puramente biológico, vigente na época.** E foi esta Weltanschauung que se sedimentou também na psiquiatria do RS, como já apontamos, legitimando as técnicas orgânicas de tratamento da doença mental, bem como as práticas violentas e discriminatórias exercidas sobre os pacientes no HPSP sob direção de Jacintho Godoy.

Assim, eugenia e Estado Novo combinam...

Não seria apenas um "mero detalhe" que entre as leituras prediletas de Getúlio Vargas, na sua juventude, apareciam as obras de Spencer e Darwin.¹²⁹

O Estado Novo, sob o controle absoluto de seu governante, que se espelhava nas realidades fascistas européias, implantou, no Brasil, um antiliberalismo doutrinário, onde exaltava exatamente a falência das democracias mundiais. Com isto, dá-se a vitória desta corrente autoritária, enquanto forma de viabilizar o desenvolvimento capitalista do país às expensas também de um rígido controle social. Enquanto a noção de "classe social" era eliminada, surgia a idéia de povo, identificada com a nação. O progresso se daria com o desenvolvimento industrial e com o bem-estar social que viria em consequência.

A nação brasileira era, pois, o conjunto do povo, onde as diferenças sociais eram desconsideradas para ceder lugar às diferenças de etnia e cultura, às quais se somavam as geográficas do clima, vegetação, solo e atividades econômicas. O conjunto destas diversidades constituía a nação brasileira, onde com a cooperação de todos se realizaria a aventura do progresso. Substituíam-se, pois, a idéia do conflito pela da harmonia social e da conjugação de esforços.¹³⁰

¹²⁸ Ibidem, p.14.

¹²⁹ Citado na biografia de Getúlio Vargas escrita por Paul Frishnauer. Apud, Franco, Sérgio da Costa. Getúlio Vargas em três tempos. In: *Getúlio Vargas e outros ensaios*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 1993.p.13.

¹³⁰ Pesavento, Sandra. *O Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Ed Unversidade/UFRGS, 1994.p.49 e ss.

Encontrando respaldo institucional -legal e autoritário, como um solo fértil que dará farta colheita, a eugenia ganhou cada vez mais espaço.

No que diz respeito à Psiquiatria no Rio Grande do Sul, houve o retorno à cena do antigo diretor do HPSP que havia sido demitido em 1932, dr Jacintho Godoy. Ele retornou ao cargo em 1937, com todo o apoio de Vargas e dos interventores federais no RS, Maurício Cardoso (seu "amigo antigo") e Cordeiro de Farias. Veremos suas relações com o autoritarismo e com as noções positivistas e eugênicas na seção 2.3.

Desta vez, é Jung quem nos fala, a partir do ponto de vista da psicologia, sobre a ameaça que pesa sobre o indivíduo na sociedade moderna:

Sob a influência dos pressupostos científicos, tanto a psique como o homem individual, e na verdade qualquer acontecimento singular, sofrem um nivelamento e um processo de deformação que distorce a imagem da realidade e a transforma em média ideal. Entretanto, não podemos subestimar o efeito psicológico da imagem estatística do mundo: ela reprime o fator individual em favor de unidades anônimas que se acumulam em formações de massa. Em lugar da essência singular concreta, surgem nomes de organizações e, no ápice desse processo, o conceito abstrato do Estado enquanto princípio da realidade política. É inevitável, então, que a responsabilidade moral do indivíduo seja substituída pela razão do Estado. Em lugar da diferenciação moral e espiritual do indivíduo, aparecem os serviços públicos e a elevação do padrão de vida. O sentido e a finalidade da vida individual (a única vida real!) não repousam mais sobre o desenvolvimento individual mas sobre uma razão de Estado, imposta de fora para dentro do homem, ou seja, na objetivação de um conceito abstrato cuja tendência é colocar-se como a única instância de vida. A decisão moral e a conduta de vida são, progressivamente, retiradas do indivíduo que, encarado como unidade social, passa a ser administrado, nutrido, vestido, formado, alojado e divertido em alojamentos próprios, organizados segundo a satisfação da massa. Os administradores, por sua vez, constituem também unidades sociais, com a diferença apenas de que são os defensores especializados da doutrina do Estado. Para essa função, não são necessárias personalidades com grande capacidade de discernimento, mas somente especialistas que nada mais saibam fazer senão coisas de sua especialidade. A razão de Estado decide o que se deve ensinar e aprender.¹³¹

¹³¹ Jung, C.G. *Presente e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.6.

Podemos ver, a partir desta afirmação do psiquiatra suíço, que uma outra vertente do pensamento europeu, no que dizia respeito à psicologia dos indivíduos, trabalhava com diferente ponto de vista e ganhava espaço de discussão nos meios médicos e psiquiátricos mundiais. Mas este não chegou a influenciar as práticas médicas, no Rio Grande do Sul, nas décadas de 30 e 40. Veremos algumas concepções desta outra abordagem no último capítulo deste trabalho.

2.2. O espaço intermediário: Porto Alegre e sua modernização

O discurso autoritário também se fez sentir em Porto Alegre desta época.

O período do Estado Novo resultou na indicação de interventores para os governos estaduais e municipais. A cidade de Porto Alegre viveu, de forma radical, a feição autoritária de intervenção de seu espaço urbano, possibilitada pela grande concentração de poder nas mãos dos governantes e na capacidade de acumulação do Estado. Iniciou-se, aí, a fase de verticalização do centro da cidade e a finalização de obras grandiosas para a fisionomia de Porto Alegre, iniciadas nas primeiras décadas do século XX.¹³²

O hospital para "alienados mentais" já existia, desde 1884, mas nem por isso medidas outras deixaram de ser tomadas., para perpetuar esta realidade de exclusão.

Segundo, ainda, Pesavento, as periferias cresceram e os cinturões de miséria eram representativos, incomodando a imagem que se queria passar da cidade. "Favelas, malocas ,

¹³² Pesavento, Sandra. *Memória Porto Alegre, espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999, p.100.

menores abandonados foram objeto de crítica social ao estado de calamidade que acompanhava a transformação de Porto Alegre." ¹³³

Porto Alegre, neste período, foi uma cidade, talvez como tantas outras 'em desenvolvimento', que também tratou de definir espaços privados para este tipo de habitante.

A idéia de modernidade implicava uma reformulação dos territórios em termos da abertura da cidade à franca circulação e articulação das suas partes; na verticalização da área central e na busca de uma uniformidade da paisagem, com a paulatina eliminação de espaços do ponto de vista da sua estrutura física e das socialidades aí desempenhadas.... De um lado, velhas estruturas urbanas foram rompidas para dar lugar às noções de contemporaneidade, com o que desapropriaram-se áreas construídas e eliminaram-se becos. ¹³⁴

Interessa-nos, particularmente, a população que foi enviada para o Hospital São Pedro, o hospício da capital, em números absolutos cada vez maiores, a partir desta data. Nos prontuários médicos pesquisados deste período, na ficha de identificação, onde era registrada a procedência e ocupação (ou profissão) dos pacientes, viu-se que um número grande deles vinha de Porto Alegre, trazido pela polícia, de procedência não identificada ("achado na rua, perambulando", isto é, não havia endereço ou familiares responsáveis) ou com o rótulo de "desocupado". Também há muitos diagnósticos, entre estas pessoas, de alcoolismo, ou uma frase que dizia "encontrado bêbado na rua", ou "foi encontrado bêbado instigando arruaças".

Se atentarmos a todas estas práticas e discursos de exclusão e ao imaginário social (eugenista) da época que os sustenta, veremos que se torna procedente a idéia de que o hospital psiquiátrico da capital serviu também a este propósito: internar para "limpar" a cidade, ou seja, "hospital lata -de -lixo social".

¹³³ op. Cit. p.100.

¹³⁴ Pesavento, Sandra. op. Cit, p.99.

Assim, numa época em que se aproximava a comemoração dos 200 anos da cidade, o repensar do "progresso" do espaço urbano, e sua conseqüente modernização, fez-se sentir em várias áreas.

Nas décadas de 30 e 40, era comum afirmar-se que Porto Alegre havia sido fundada a 11 de novembro de 1740, data em que Jerônimo de Ornellas recebera a carta de confirmação de sua Sesmaria (em terras que havia ocupado desde 1732).¹³⁵

Algumas obras escritas surgiram neste período, comemorando o bicentenário da cidade, obras estas que relatam a história de Porto Alegre, seu desenvolvimento e vários aspectos de sua estrutura urbana, social, econômica, política, cultural, etc. Particularmente "Porto Alegre, biografia duma cidade", organizada pelo capitão Álvaro Franco e provavelmente escrita em 1940, possui um caráter de celebração, laudatório, que assimilou a modernização havida na cidade, no período do Estado Novo - que como o nome sugere, pretende-se "novo", ou renovador de um estado de coisas.

Partindo de duas destas obras (com textos de diversos autores)¹³⁶ e do Plano de Urbanização de 1943, assinado por José Loureiro da Silva, prefeito da cidade neste momento, pretendo demonstrar e analisar alguns aspectos do urbano de nossa cidade, que entendo serem pertinentes ao tema discutido aqui.

Sucintamente relaciono, abaixo, estes dados relativos à nossa cidade, que podem dar uma idéia do processo de modernização que ocorria.

¹³⁵ Ver Riopardense de Macedo. *Porto Alegre: origem e crescimento*. Porto Alegre: ed. Livraria Sulina, 1968.

¹³⁶ Estas obras encontram-se relacionadas na bibliografia e fontes ao final do trabalho. Foram conseguidas no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Além destas, outras obras também foram consultadas e aparecerão ao final.

Em 1937, Porto Alegre contava com uma área de 470 quilômetros quadrados¹³⁷. No intuito e na ânsia de conseguir recursos, cobrando mais impostos, o Poder Executivo, em 1940, estende legalmente os limites urbanos, pelo decreto lei número 25 de 11/12/1940.¹³⁸ Com isto esqueceram que a miséria também poderia crescer e as condições de vida, saneamento e urbanização deveriam ser incrementadas, nestes locais que 'tornaram-se' urbe.

Em 31/12/1939, Porto Alegre contava com uma população estimada de 350.000 habitantes (no perímetro urbano) e 385.000 para todo município. Temos o dado de 179.263 hab. para 1920 e *Riopardense de Macedo* refere que "...como consequência da demanda de mão - de - obra, a população, na década de 1940, passa de 275.739 para 394.151, aumento de 43% em dez anos." ¹³⁹

Também pela avaliação do recenseamento de 1939, Porto Alegre contava nesta época, com 42.687 prédios residenciais e 7.733 construções subsidiárias. Havia 1.138 logradouros públicos (praças e ruas), 5.583 focos de iluminação pública em ruas e praças, 9.242 aparelhos de telefone. A cidade também possuía 57 associações científicas, literárias, artísticas e educativas, 4 cívicas, 380 recreativas e esportivas, 163 beneficentes (de classe e sindicais), 15 hospitais, 13 asilos e 3 infantários. O número de teatros e cinemas era de 30. O número de periódicos editados na cidade era de 93, sendo 7 diários.

¹³⁷ Todos estes dados e os seguintes são retirados da obra "Porto Alegre, biografia duma cidade", relacionada na bibliografia final, portanto não especificarei à cada referência. Quando os dados diferem nas outras obras, este fato será ressaltado.

¹³⁸ *Riopardense de Macedo*, op.cit., p.117.

¹³⁹ *Riopardense...*op.cit.,p.114.

Em relação aos aspectos da área da saúde, era José Bonifácio, farmacêutico e médico sanitarista, diretor geral do Departamento Estadual de Saúde do RS, na época. A nova orientação sanitária neste período era baseada no sistema americano, que descentraliza os serviços de saúde pública, agrupando-os em unidades espalhadas, que são os Centros de Saúde e os Postos de Higiene. Em 1940, no Estado, já se encontravam em funcionamento 5 Centros de Saúde, sendo 3 na Capital, 1 em Pelotas e outro em Rio Grande. Nas outras cidades do interior (e, aqui, a lista é muito grande, a qual inclui todas as cidades que se observou, pelos prontuários do Hospital São Pedro¹⁴⁰, enviarem pacientes a esta instituição) existiam apenas Postos de Higiene.

No âmbito da 'defesa pública', a criação da Colônia Penal Agrícola Gen. Daltro Filho foi considerada a maior realização (pelo Major Aurélio Py) do ano de 1939, que tinha o intuito de fazer uma 'regeneração protegida do criminoso pelo trabalho útil'.

Em relação à evolução arquitetônica, conforme a opinião otimista de Ernani Correa¹⁴¹, depois do Golpe de Estado, o prefeito de Porto Alegre, José Loureiro da Silva, aparelhara a cidade nos moldes das principais capitais do mundo.¹⁴² A remodelação da cidade fora iniciada a cargo do urbanista Arnoldo Gladosch, um plano baseado em estudos parciais, concebidos por engenheiros de Porto Alegre, entre eles Ubatuba de Faria e Eduardo Paiva. Dentro em breve, a cidade teve seu plano diretor completo. O plano de realizações de Loureiro da Silva incluía como obras principais: a canalização do Riacho, o prolongamento da Avenida João

¹⁴⁰ Estes prontuários foram examinados em número de 40, servindo como uma pequena amostragem para estes dados. Adiante esta pesquisa será citada.

¹⁴¹ Este autor, junto com Walter Spalding, entre outros, escreve na obra acima referida "Porto Alegre: biografia duma cidade".

¹⁴² Aqui, pode-se já perceber como a 'mentalidade' dos governantes e, possivelmente o imaginário da época, mesclam-se com aqueles dos outros países, talvez paradigmáticos para esta nação ainda tão jovem como o Brasil. Certamente não é este o único período de nossa história em que isto acontece, porém cabe-nos a possibilidade de pesquisar quais eram estas 'mentalidades' e imaginários para a referida época. Também isto em relação ao saber e discurso médico-científico, principalmente sobre o que seria 'loucura' ou doença mental.

Pessoa (até a antiga Estrada do Mato Grosso, onde localizava-se o Hospital São Pedro, atual avenida Bento Gonçalves), a abertura da avenida Farrapos, o saneamento dos bairros São João e Navegantes (onde localizavam-se a maior parte das indústrias e comércio da Capital, ao longo da margem do rio), a abertura da avenida 10 de novembro (atual Salgado Filho) e avenida Protásio Alves.

Pesavento refere, sobre esta época, que

A revolução de 30 e a instauração, em 1937, do Estado Novo na sociedade brasileira resultam na tematização de uma cultura nacional popular no país. A busca do progresso e da modernidade através da harmonia social e de um capitalismo autônomo tentará encobrir as grandes diferenças sociais existentes nos grandes centros urbanos, através de ações arbitrárias na reordenação do espaço e da vida nestas regiões. As bases de uma democracia populista que vigorará após este período começam a ser implantadas.¹⁴³

Conforme esta historiadora, o fato de quererem equiparar a cidade de Porto Alegre aos grandes centros urbanos, implicava em realizar "verdadeiras cirurgias" no espaço urbano, que redesenhavam a cidade e abriam nela grandes vias de circulação para articulação de suas partes.

É o historiador Riopardense de Macedo que nos detalha estes aspectos um pouco mais, com uma análise também pertinente à motivação deste atual estudo.

Para este autor, foi na segunda metade da década de 30 e nos primeiros anos da de 40 que se executaram as maiores obras viárias de Porto Alegre¹⁴⁴:

¹⁴³ Pesavento, Sandra. *Memória Porto Alegre, espaços e vivências*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal/ ed. da UFRGS, 1999, p.99.

¹⁴⁴ O que, no meu entender, confere **uma imagem** à cidade, qual seja, de maior urbanização e possibilidades melhores de vida dentro dela, no que se refere às representações de uma população, tanto rural como urbana.

Para isso concorreram duas condições favoráveis: Primeiro, a ditadura instalada em 1937 colocou na chefia do Poder Executivo o Sr. José Loureiro da Silva que, aproveitando a oportunidade de uma época discricionária realiza rapidamente as grandes desapropriações necessárias que em outra ocasião teria sido impossível; segundo, a declaração de guerra favoreceu certos empréstimos que seriam bem menores e muito mais difíceis em outras circunstâncias.¹⁴⁵

Citando a análise deste autor, acho-a pertinente como uma interpretação que também nos remete às possíveis transformações que ocorrem no imaginário social de uma dada época em uma determinada sociedade. Em outras palavras, penso que existam relações entre uma determinada conjuntura social, política e, porque não dizer, urbana, com a mudança de um imaginário social numa certa época. Obviamente que fatores tanto conscientes como inconscientes determinam um imaginário coletivo, e também sabemos que jamais poderemos abstrair a realidade concreta de uma sociedade na formação deste mesmo imaginário.

Ele continua, dizendo que o Plano Geral de Melhoramentos de 1943 foi feito pelo arquiteto José Moreira Maciel e o projeto propriamente dito pelos engenheiros urbanistas (já citados), os quais eram "fortemente influenciados pelo Plano do Rio de Janeiro, do arquiteto Agache e pelo Plano de avenidas de São Paulo, proposto por Prestes Maia."¹⁴⁶ Porém, faltava um estudo sócio- econômico da cidade.

Então, o prefeito, também influenciado pela obra de Agache¹⁴⁷, contrata outro arquiteto, A. Gladosh, para realizar o Plano Diretor da cidade.¹⁴⁸ Mas este trabalhou mal,

¹⁴⁵ Macedo, Riopardense de . *Porto Alegre: origem e crescimento*. Porto Alegre: editora livraria Sulina, 1968,p.112.

¹⁴⁶ Fonte : Plano Diretor de Porto Alegre, edição da Prefeitura Municipal, 1964, p. 17.

¹⁴⁷ É o próprio prefeito Loureiro da Silva que escreve na introdução do Plano de Urbanização de 1943: " Este plano é o balanço de toda nossa atividade no sentido de doutar a capital sul riograndense de um plano harmônico que se enquadre dentro das **concepções científicas** da Urbanística moderna. " (p.11) Os grifos são meus.

¹⁴⁸ Op.cit p.113/114.

segundo Riopardense, e seu plano só apresentou alguma lógica na proposta de "travessia a seco" do Guaíba, que era prevista a partir da ponta da cadeia.

Em 1942, Eduardo Paiva publica no Boletim do Município, volume V, um trabalho que alerta os poderes públicos sobre "o que é um expediente urbano". Logo depois elabora o expediente urbano de Porto Alegre, publicado com plantas, tabulações e valiosas observações sobre a distribuição da população, uso das áreas, localização de centros principais e uma série de outros elementos básicos para qualquer trabalho de planejamento. Segundo Riopardense de Macedo, *"foi o primeiro esforço em pesquisa urbana, que deveria incutir nos técnicos sucessores a preocupação de estudar a realidade sócio- econômica, antes de qualquer proposição de traçado urbano ou de legislação orientadora do desenvolvimento da cidade."*¹⁴⁹

Enquanto isto acontecia, um conjunto de circunstâncias fazia a cidade crescer, crescendo com ela seus problemas pela falta de zoneamento, isto é, de uma adequada distribuição das atividades e racional limitação das densidades de suas extensões.

De um lado, a guerra obrigou a criação de indústrias locais, principalmente metalúrgicas, químicas e de tecelagem, para suprir a falta de fornecimento por parte dos países desenvolvidos, Alemanha e EUA. Isto criou tarifas protecionistas que de alguma forma as defenderam, depois, contra a importação de artigos congêneres. De outro lado, como consequência da demanda da mão de obra, a população, na década de 40, passa de 275.739 para 394.151, um aumento de 43% em 10 anos. E, finalmente, a conclusão da guerra veio liberar a importação de veículos e o livre consumo de gasolina que, em virtude do grande aumento de população facilitou a criação de novas linhas de transporte coletivo, que, então, já dispunham de grandes avenidas radiais para se estenderem com facilidade, bem distante do centro urbano. Esta circunstância, com a drenagem das grandes baixadas, facilita a ocupação dos vazios entre bairros, completando a malha urbana até as proximidades da terceira perimetral.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Op.cit. p.114.

¹⁵⁰ op. Cit. , p.115

Um outro aspecto importante que este historiador chama a atenção e bastante pertinente à nossa análise, é a questão da formação das vilas marginais. Ele relata que é no final da década de 40 que tem início o processo desta formação. A indústria crescente era um 'convite' às populações rurais, tragicamente exploradas no campo, a se transferirem para a cidade.

Também as colônias começavam a apresentar problemas sérios para a manutenção de sua população crescente: as áreas subdivididas, durante cem anos, transformavam-se em minifúndios e também os colonos passavam a procurar a indústria ou os novos meios de vida em Porto Alegre. Mas as possibilidades de absorção desta mão de obra tinha um limite que muito cedo foi transposto: já em 1951 a população de marginais atingia 16.303 pessoas, passando para 39.806 em 1957, portanto 147% em 6 anos." ¹⁵¹

Este processo é o inverso do que acontecia um século antes, quando as populações próximas dos maiores centros urbanos, levadas à miséria pela falta de assistência à agricultura, procuraram a atividade rural, então plena de promessas para uma vida melhor. Nos anos 40 deste século, o crescimento demasiado rápido da cidade ainda não era acompanhado pelo aumento rápido da indústria para absorver, com os serviços, a mão de obra que aqui apostava anualmente, vinda de todo interior do Rio Grande do Sul (e também de Santa Catarina).

Na década de 40, era a indústria e a vida urbana que constituíram a atração e, então, o movimento contrário (ao século passado) se verificava...Apenas, desta vez, no fim da viagem, os aguardava a frustração e a miséria; amontoavam-se em barracos de lata e de táboas velhas, carentes de tudo, inclusive de esperanças. "¹⁵²

¹⁵¹ op. Cit., p.116

¹⁵² op. Cit., p.116

E, quem sabe, paravam, também, no hospício da capital, pois temos relatos, como já dissemos, de que muitos que lá chegavam eram 'indigentes- marginais' da capital, porém provenientes anteriormente do interior do Estado e da zona rural. O crescimento urbano e a atração que a cidade exercia, de um lado, e a falta de "colocação" dos que chegavam e seu conseqüente empobrecimento, podem ser fatores que, juntos, predispueram, num certo sentido, ao desequilíbrio psíquico de uma parte desta população.

Chegando, então, ao nosso objeto específico de pesquisa, qual seja, as internações no Hospital São Pedro de Porto Alegre, averiguou-se, por amostragem, **40 prontuários médicos**, escolhidos aleatoriamente do ano de 1940.

Nestes, 25 pacientes eram provenientes do interior, de várias cidades, incluindo o meio rural (sendo que as que se repetiam por três vezes eram Santa Maria, Pelotas e Livramento) e suas profissões eram basicamente agricultores (principalmente), mineiros e pedreiros. Da capital, provinham 15, com profissões variadas, entre elas jornaleiro, 'chauffeur', açougueiro, militar (dois), pintor de parede (três), mecânico e 'indigente' (seis).

Os encaminhamentos e envios eram feitos em geral por familiares, polícia (havia muitas cartas de delegados para o Hospital) e raramente por outro médico. Aqui não nos interessa colocar os diagnósticos médicos feitos no Hospital, mas sim as motivações para internamento ou as condições em que a pessoa era encontrada quando decidiam, então, remetê-la ao hospício de Porto Alegre. Os motivos que mais apareceram foram: mania de perseguição, alcoolismo (muitos), tentativas de auto- mutilação, pessoa encontrada 'vagueando' pelas ruas ou fazendo longas caminhadas, agressão com faca a familiares (netos) e a vizinhos, falar sozinho e andar 'esfarrapado' pela rua.

Na literatura encontrada sobre a década de 40 em Porto Alegre, achou-se somente uma menção à existência do Hospital São Pedro. Foi na obra intitulada "Aspectos Gerais de Porto Alegre", organizada por Fortunato Pimentel e possivelmente escrita em 1945:

O hospital São Pedro, pertence ao Serviço de Assistência a Psicopatas do Departamento Estadual de Saúde. Fundado em **04 de novembro de 1879**, atende a pacientes gratuitamente ou sob remuneração. É um prédio de alvenaria, tipo monobloco, com dois pavimentos, várias vezes ampliado, dispendo de farmácia, laboratório, radioscopia (...). Tem isolamento e serviço para tuberculose. Hospitaliza, **anualmente, em média, 2.300 pessoas**, atendendo, anualmente nos **ambulatórios, 11.000 pessoas**. A administração interna é atribuição das Irmãs da Ordem de São José.¹⁵³

Neste livro há dois erros sabidos, ambos em relação à data de fundação do Hospício. Numa parte em que o autor apresenta os Hospitais existentes em Porto Alegre, em 1944, ele fala do Hospital São Pedro como tendo sido fundado em 29 de julho de 1884. E nesta citação acima, um pouco mais adiante no livro, ele fala em 04 de novembro de 1879. Os dados corretos, segundo Schiavonni¹⁵⁴ e os próprios relatórios do Hospital e imprensa da época, são: em 02 de dezembro de 1879 foi lançada a pedra fundamental do prédio, na chácara recém adquirida para sua construção; em 29 de junho (e não julho) de 1884 ele foi inaugurado.¹⁵⁵

Se temos estes dados errados, confundidos numa mesma obra, o que não pensar sobre o 'pouco caso' que a sociedade em geral faz da existência deste local e seus habitantes? Não é por acaso que ele foi construído bem longe do centro da cidade e das vivendas dos 'homens de bem'.

¹⁵³ Os grifos são meus.

¹⁵⁴ Schiavoni., Alexandre. *Um furacão na cidade: o Hospício São Pedro na Porto alegre 'fin de siècle'*. Porto Alegre: Cadernos de estudo do PPG em História/UFRGS (edição própria), 1994.

¹⁵⁵ Note-se que no dia 29 de junho festeja-se este santo (São Pedro).

Também pode não ser confiável a estimativa de internações dada por esta fonte, apesar do número ser bem alto e parecer que, contando-se o número de prontuários existentes em arquivo, este cresceu gradativamente durante toda a década.

Mas o que dizer em relação às representações do imaginário social e sua relação com a conjuntura política e urbana que acabamos de delinear?

Talvez, possamos seguir o que nos diz José Murilo de Carvalho em seu livro "A formação das almas; o imaginário da República": *"A manipulação do imaginário é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinições de identidades coletivas."* E, parafraseando este mesmo autor, poderíamos dizer que a discussão dos símbolos e seu conteúdo poderá fornecer elementos preciosos para entender a visão da loucura, ou mesmo da sociedade, da história de nossa cidade e do próprio ser humano desta época.

Ou então, seguir Pesavento quando diz:

(...) admitir que a representação do mundo é, ela também, parte constituinte da realidade, podendo mesmo assumir uma força maior para existência que o real concreto. A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Estaríamos, pois, imersos num 'mundo que se parece', mais real, por vezes que a própria realidade e que se constitui, a nosso ver, numa abordagem extremamente atual, particularmente se dirigida ao objeto 'cidade'.¹⁵⁶

A partir desta afirmação, podemos equacionar a exclusão dos "loucos" de uma urbs (e

¹⁵⁶ Pesavento, Sandra. *O imaginário da cidade - visões literárias do urbano, Paris/Rio de Janeiro/Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p.8.

talvez de todo este estado do sul do Brasil) a uma redefinição de "espaços e vivências", numa cidade que está se modernizando e além disto passando por uma ditadura de forte base discriminatória. O doente mental, então, habita seu "**espaço crítico externo**", sem poder opinar, sem escolher estar ali, sem poder usufruir de seu livre arbítrio, nem de sua razão. Este espaço crítico revela-se no seu cotidiano dentro do hospício, confundindo os limites daquilo que é essencialmente humano: a psique. As fronteiras entre o real e o imaginário aí mais uma vez se perdem, mas desta vez de uma forma negativa e não produtiva - o ser humano, que se tornou paciente, não mais sabe quem ele é e por onde pode escapar. As técnicas 'avançadas', 'modernas', de terapia, na década de 40 são cada vez mais utilizadas pela medicina psiquiátrica organicista mundial. Importadas pelo Brasil, e sendo bastante utilizadas no Hospital São Pedro de Porto Alegre, elas acabam por confinar o doente quase para sempre no hospício e para sempre no 'espaço crítico' de seu próprio psiquismo, ou seja, na sua doença. É disto que trataremos a seguir.

2.3. O micro espaço: "memórias de um velho hospício" (ou, a ditadura dos métodos)

2.3.1. Instituição, seu diretor e os métodos...

Remonta à penúltima década do século XIX (1884) a fundação do Hospital São Pedro de Porto Alegre. Não entraremos nas questões formais que dizem respeito à criação desta instituição, nem da conquista de poder (poder este tanto institucional como técnico) pelo saber médico, pois este trabalho já foi realizado com minúcia e excelência nas pesquisas de Yonissa Wadi e Alexandre Schiavoni.¹⁵⁷ Certamente nos valem dos dados existentes nestes

¹⁵⁷ Remeto a suas dissertações de mestrado no PPG de história da UFRGS, referidas na introdução deste trabalho.

trabalhos, tomando-os como referência histórica capital. A relação feita com a Faculdade de Medicina e os médicos que dirigiram o hospital em época anterior à nossa pesquisa foi bem demonstrada por Schiavoni.

Interessa-nos perceber, através da trajetória desta instituição, de que forma foram tratados os problemas pertinentes aos pacientes, na prática hospitalar, chegando ao momento estudado por nós neste trabalho. Isto abarca tanto a questão da terapêutica médica, como questões sociais de "super- população" e cuidados dispensados ao indivíduo doente dentro do hospital. Atemo-nos, aqui, portanto, ao imaginário que **subjaz** aos decretos e leis que constituíram o HPSP e aos métodos empregados nesta instituição.

É na figura de seu diretor que encontraremos algumas destas respostas.

Em 1937 começava a segunda gestão do dr. Jacintho Godoy na direção do HPSP (que se estendeu até 1950). Foi a partir deste ano que o fenômeno da superlotação de pacientes (que já era apontado em gestões anteriores) ficou mais grave.

Em seu primeiro "mandato" (1926-1932) Jacintho Godoy foi demitido sob acusação de envolvimento e favorecimentos políticos. A este respeito é o próprio doutor que agora fala:

A 25 de novembro de 1932 fui demitido do cargo da direção geral, sob a falsa alegação de atividade política, mas sendo de fato seu verdadeiro motivo, a circunstância de uma velha ligação de amizade com um grande homem público que se

viu envolvido, na ocasião, no movimento armado pela reconstitucionalização do País.¹⁵⁸

Seguindo um pouco os fatos da vida deste psiquiatra sul-riograndense, e responsável pela "modernização" do HPSP (em seguida mostraremos alguns aspectos desta "modernização"), veremos que desde cedo há envolvimento políticos, seja em participação direta ou no almejo de ascender aos "altos postos da política nacional", transparecendo aí a vontade de prestígio e poder que sempre estiveram no cerne de sua personalidade.

Aos 21 anos de idade (por volta de 1907), já cursando a faculdade de Medicina, Jacintho Godoy associou-se a um "pugilo de acadêmicos que liderou uma campanha política, tornada famosa, na eleição presidencial de Carlos Barbosa."¹⁵⁹

Ele fez parte da redação do jornal "O Debate", fundado para esta campanha, "ao lado de outros acadêmicos, que, posteriormente, ascenderam aos mais elevados postos na política nacional".¹⁶⁰ Ele está referindo-se às eleições disputadas para a sucessão de Borges de Medeiros, quando este adoece e precisa ser substituído, em 1907. Carlos Barbosa, candidato

¹⁵⁸ Godoy, Jacintho. *A psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: edição do autor, 1955. Esta obra, embora com o título de história da psiquiatria no RS, versa sobre a história do Hospital São Pedro desde que o autor assumiu sua direção. O largo período que o antecede, da fundação em 1884 até 1926 (42 anos!!!), mereceu apenas dois parágrafos, no início do capítulo intitulado "As obras de remodelação do velho hospício". Este livro revela-se, ainda, como uma "auto-exaltação" de Jacintho Godoy, com um discurso laudatório programado, onde seu autor auto-elogia-se (a si e a suas magníficas obras) quase em todas as páginas. No decorrer de nosso texto teremos oportunidade de ver algumas passagens de sua obra que autorizam estas afirmações. Por enquanto fiquemos com esta, em que se afirma como o transformador do hospital de depósito a espaço verdadeiramente psiquiátrico: "Esta história da psiquiatria no Rio Grande do Sul precisava ser escrita. Coube-me esta tarefa por estar vinculada a outra história, a do Hospício São Pedro, desta cidade, em cuja vida se entrosou mais de vinte anos de minha carreira profissional, **precisamente na sua fase de transformação de depósito de alienados em hospital psiquiátrico.**" (introdução, p.15) Os grifos são meus.

¹⁵⁹ Godoy, J. op. Cit. p.9.

¹⁶⁰ *ibid.* p. 10. Certamente aqui ele faz referência a Getúlio Vargas, que se tornou seu "amigo" nesta época. Além deste, também figuravam aí, João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso, Otávio Rocha, entre outros. Sérgio da Costa Franco identifica neste grupo de jovens estudantes e profissionais "traços nítidos de narcisismo regionalista e de messianismo político". In: Franco, Sérgio da Costa. *Getúlio Vargas e outros ensaios*. Porto Alegre: ed Universidade/UFRGS, 1993.

do PRR, partido de Borges, vence Fernando Abbott que era o candidato do Partido Republicano Democrático. O Bloco Acadêmico Castilhista apoiava o PRR.

No período em que Godoy ficou afastado dos estudos, por motivos de doença, retirou-se para a cidade de Cachoeira, tendo escrito em jornal desta cidade. Mas em seguida, ao retornar às suas atividades acadêmicas em Porto Alegre, em 1910, com mais ou menos 25 anos, foi nomeado para o cargo de secretário da Procuradoria- Geral do Estado , junto ao desembargador André da Rocha e, ao mesmo tempo desempenhou a função de "Secretário-Particular do chefe do Partido Republicano Rio- grandense, Dr. A A Borges de Medeiros, que então se achava afastado da Presidência do Estado. Por esta última tarefa, **nunca quis receber remuneração alguma...**"¹⁶¹ Relata que exonerou-se dela quando estava em seu último ano da faculdade, a fim de não distrair de suas atividades hospitalares um tempo precioso que ocupava em "vultuosa correspondência política".¹⁶²

Em 1913, após estágio de cinco anos na Chefatura de Polícia, onde dedicou-se ao estudo de Medicina Legal, ingressou no funcionalismo público. Em 1919 foi à França, para estudos, onde permaneceu "em convívio de dois anos com grandes mestres da psiquiatria e da neurologia, entre eles Pierre Marie, Babinski, Dupré e Laignel Lavastine; trazia no cérebro a chama de um ideal a realizar em prol dos doentes mentais, em meu Estado."¹⁶³ Na sua volta, ocupou o cargo público de diretor do Manicômio Judiciário (que ele fundou em 1925 e que funcionou em instalações do próprio Hospital São Pedro):

No ano de 1924, o Governo do Estado, me deu exoneração do cargo de médico-legista da Chefatura de Polícia, que vinha exercendo desde agosto de 1913, para investir-me no de diretor do Manicômio Judiciário, recém criado e a ser organizado. (...) Confeccionando o seu regulamento, tive a preocupação de dar-lhe cunho

¹⁶¹ Ibid p. 10. Os grifos são meus.

¹⁶² Ibid p.10.

¹⁶³ Ibid. p.15.

exclusivamente de hospital judiciário, sem nenhuma dependência, quer do Hospital São Pedro, quer da Casa de Correção.¹⁶⁴

Posteriormente, com o falecimento do diretor do HPSP, Dioclécio Pereira, foi criada a Diretoria de Assistência a Alienados por ato do Governo de Estado, reunindo sob uma chefia única, os dois estabelecimentos, Hospital São Pedro e Manicômio Judiciário, regendo-se cada qual pelos respectivos regulamentos, com autonomia própria.

Coube a mim a nomeação para este novo cargo, à testa do qual me achei até 6 de novembro de 1932, exonerado por ato de General Flores da Cunha. Reintegrado, em 31 de dezembro de 1937, na interventoria do General Daltro Filho, quando reassumi o cargo, já não encontrei sob minha jurisdição o Manicômio Judiciário, pois em virtude de uma reorganização, ocorrida nessa época, na Chefatura de Polícia, fôra aquele estabelecimento arrebataado da assistência a Alienados para uma seção de Presídios e Anexos daquela repartição.¹⁶⁵

Não é mera coincidência o fato dele ter sido "reintegrado" à direção do hospital em pouco mais de um mês do início do Estado Novo.

Em 1927, com total apoio do Presidente Borges de Medeiros, Jacintho Godoy começa as obras de remodelação do Hospício, das quais ele foi o idealizador e grande realizador (realizou-as, inicialmente, com a verba de cinco milhões de cruzeiros doadas pelo Governo Borges de Medeiros).¹⁶⁶

¹⁶⁴ Ibid p. 59.

¹⁶⁵ Ibid p. 78. Cabe ressaltar que o Sanatório São José, de propriedade da família Godoy, foi fundado neste meio tempo, em 1932, quando do afastamento do dr. Jacinto da direção do São Pedro. Na página 270 de seu livro ele comenta que o surgimento deste hospital privado para doenças mentais foi uma iniciativa de amigos que se cotizaram para ajudá-lo e então abriram uma sociedade. Esta sociedade, da qual Jacintho era o diretor nesta época, foi "uma instituição vitoriosa que preencheu uma lacuna em nosso estado, evitando a evasão dos clientes das classes abastadas para as casas de saúde do Rio de Janeiro, São Paulo e Montevideo.". Atualmente este hospital ainda existe e foi herança de Jacintho a seus filhos e netos, tendo muitos destes seguido a profissão de médicos- psiquiatras.

¹⁶⁶ Ibid. p. 29.

No capítulo do livro intitulado "Repercussão na imprensa local", onde ele está se referindo a estas obras de remodelação, ele é incansável em sua laudatória a si- mesmo, ao colocar notícias de jornais que somente o elogiam, quando não o louvam: "A obra que o Dr. Jacintho Godoy vem realizando no antigo Hospital São Pedro é um trabalho que merece, por todos os títulos, ser devidamente conhecido e admirado."¹⁶⁷

No capítulo seguinte, "Algumas visitas realizadas na época", doutor Jacintho fala sobre as impressões de visitantes ilustres a respeito da remodelação (as obras de maior vulto são a nova cozinha a vapor, os novos refeitórios e os serviços de saneamento) que está acontecendo no hospital, seja citando seus discursos ou relacionando uma notícia de jornal que tenha comentado o fato. Entre eles figuram Borges de Medeiros, Belizário Penna (sanitarista- eugenista) e Getúlio Vargas. Referindo-se à visita deste último em 16 de junho de 1929, relata uma grande entrevista do jornal Correio do Povo, que termina com a seguinte frase: "O Dr. Getúlio Vargas, ao retirar-se do Hospital São Pedro, manifestou ao Dr. Jacinto Godoy a excelente impressão que colhera em sua visita, felicitando-o pelas obras de transformação do velho Hospital São Pedro."¹⁶⁸

Percebe-se neste livro, que sua intenção foi exatamente a mesma que dominou o "espírito" dos dirigentes do Estado Novo, qual seja, o grande desejo de mostrar melhorias,

¹⁶⁷ Ibid. p. 45.

¹⁶⁸ Ibid. p. 55. Sobre as reformas deste período, remeto ao livro para uma visão mais completa daquilo que dr. Jacinto diz ter feito. Em relação a imagens concretas, temos somente fotos da cozinha e de uma ambulância "a motor" adquirida na época (antes, o transporte dos doentes, ou suas remoções, eram feitas em charretes). No decorrer desta pesquisa foi-me apresentado um vídeo (pelo diretor do hospital Dr. Roberto Lieberknecht, em 1998) feito pelo dr. Jacintho em 1929. Apesar da péssima qualidade da película, devido às condições técnicas pouco desenvolvidas no passado e seu estado de conservação "mofado", deu para ver as amplas dependências do hospital e obras. Chama a atenção que no refeitório todos pacientes estão sentados, "comportados", todos com colher na mão e bem vestidos. Este, entre outros, é um detalhe que nos leva a crer que **estas imagens deste vídeo** foram "fabricadas" para passar uma imagem que não correspondia à realidade, ou pelo menos não era a realidade cotidiana do hospício. Alguém que já tenha entrado em hospital psiquiátrico pode imaginar mais de cem doentes mentais "sentadinhos e bem-comportados" numa ampla mesa de refeitório, sem fazer a mínima bagunça?

através de obras gigantescas, que apareceriam "a olho nu" a qualquer visitante, seja da cidade, seja no Hospício. Enquanto isso, o "micro espaço" das vidas individuais não é percebido...

Em algumas páginas de seu livro, Jacintho critica as administrações do hospital anteriores à sua, com a finalidade de justificar suas atuais obras de modernização. Suas "ações travestidas de novidade", como nos fala Wadi, serviam como estratégia "através da qual o discurso do psiquiatra ao criticar internamente um espaço construído por seus pares, quer na verdade apontar mudanças no comportamento da corporação médica, buscando ampliar e diversificar o seu espaço de poder." ¹⁶⁹

Mas também podemos fazer o seguinte exercício de imaginação: "a velha amizade com um grande homem público" a que se refere ao justificar sua demissão em 1932, é com Borges de Medeiros. Certamente envolvimento político e "favores" havia, pois este não precisa ser explícito (em geral não o são) para que aconteça. Na época, a Revolução Constitucionalista dividiu a oligarquia gaúcha: Borges de Medeiros ficando na "ala" regionalista, de apoio aos paulistas, fica em oposição a Getúlio Vargas e conseqüentemente a Flores da Cunha, que como interventor no RS, demite Jacintho Godoy da direção do HPSP. Neste período, antes de reassumir a direção do hospital em 1937, ele cria um hospital particular (que foi herança à sua família) com a ajuda de "amigos" (principalmente Alvaro Barcellos e Murillo da Silveira) . Inicialmente ele pensava em construir o Sanatório São José numa chácara pertencente ao Banco da Província, em Teresópolis. Porém, segundo ele, fez um achado melhor: acabou adquirindo a chácara de propriedade da "conhecida educacionista Cecília Corseuil Du Pasquier", esposa do professor Ivo Corseuil, localizada na "Cascata" da

¹⁶⁹ Wadi, Yonissa. Dissertação de Mestrado (op. Cit), p.276.

Glória.¹⁷⁰ Ele conta que ao ser demitido do HSPS dedicou-se estes cinco anos à clientela privada (o que lhe deu algum dinheiro). Porém a data de abertura do Sanatório São José é 1932, cujo investimento deve ter sido altíssimo, devido às proporções das obras e ao sítio escolhido. Parece claro que nos encontramos diante de uma trajetória profissional que se apoia no envolvimento político e na prática de "favoritismos", típica da época.

Tendo ficado claro sua relação concreta com os "einentes" políticos da época positivista e ditatorial, passamos agora a um outro ponto, muito relevante, de sua trajetória no HPSP, sendo as conseqüências disto observáveis nas práticas institucionais de tratamento aos doentes e os cuidados prestados a eles no hospital.

Como não poderia ser diferente, a partir do que foi exposto, Jacintho Godoy assumia abertamente suas idéias positivistas, em total sintonia com a presidência do Estado, que certamente contaminaram a maneira como dirigiu o hospital e também os métodos terapêuticos aos quais se filiava.

Seus pontos de vista, passando direto da política às suas idéias sobre doença mental e psiquiatria, não diferem em absoluto.

Ao proferir um longo discurso no ato inaugural do Manicômio Judiciário (em 04 de outubro de 1925) ele faz suas as palavras de um autor francês (Dubuisson), a respeito do criminoso/ doente que devem "tratar": " A teoria positivista admite que, por injusto que possa

¹⁷⁰ Ibid. p.394. Com a morte de Cecília, o professor vendeu a chácara. "Todo o terreno de sua chácara estava preparado, com suas avenidas e estradas, para a colocação de pavilhões com separação natural dos dois sexos..." Atualmente, como dissemos, este Sanatório ainda existe, e situa-se na Av. Oscar pereira, quase em frente à entrada para o hospital Divina Providência.

parecer à primeira vista, a pena deve ser tanto mais forte quanto o indivíduo malnascido, mal-educado, apaixonado, tem necessidade de uma punição mais severa para ser intimidado."¹⁷¹

Mais adiante no mesmo discurso ele revela seu posicionamento sobre a matéria médica que estuda e com a qual trabalha:

Meus senhores, a psiquiatria não escapou à lei dos três estados, religioso, metafísico e positivo. No estado religioso, completamente divorciado da Medicina, o alienado considerado como um possessor do demônio é encarcerado nas prisões. A reforma de Pinel inaugura o período metafísico e a psiquiatria ingressa no domínio propriamente médico, mas o caráter essencialmente filantrópico da reforma desse grande homem **explica as tendências puramente filosóficas e psicológicas desse estado.** É com Morel que começa o estado positivo, verdadeiramente científico, em que a noção da etiologia tóxica ou infecciosa serve de base a uma classificação nosológica. No momento atual da ciência médica, diante das conquistas maravilhosas da Biologia, **já se pode afirmar com desassombro que as moléstias mentais não existem.** O que existem são síndromos mentais ou afecções cerebrais com expressão psíquica, determinadas por perturbações orgânicas ou funcionais produzidas por toxi- infecções adquiridas ou herdadas.¹⁷²

Esta mescla de positivismo com eugenia, foi o imaginário implantado, de fora para dentro, na nossa sociedade, a respeito do doente mental. Discurso médico - científico aliado à visão de mundo de quem o propaga. Uma personalidade autoritária justificou, assim, seus métodos autoritários. A concepção organicista da psiquiatria estava aí, certamente, a serviço destas duas vertentes de pensamento.

Em relação às terapêuticas administradas, prevaleciam aquelas que possuíam um efeito orgânico, de acordo com as idéias e "mentalidade" do diretor do hospital. Sua justificativa para usar tais métodos foi a de "desvencilhar (o Hospital) dos percalços do excesso de doentes, conseguindo manter uma organização técnica capaz de executar todas as

¹⁷¹ ibid. p.69.

¹⁷² ibid. p.72/73.

modalidades terapêuticas em voga nas clínicas estrangeiras".¹⁷³ Eram elas: malarioterapia, insulino-terapia, convulsoterapia (por Cardiazol, chloreto de amônio e eletrochoque), penicilino-terapia para pacientes com neuro - sífilis e psicocirurgia (lobotomia).¹⁷⁴ Apesar de investir em técnicas caras e "modernas", o doutor Godoy deixa claro (em "oração" dele mesmo proferida em 1949, quando da inauguração de novos pavilhões no HPSP, tendo um destes levado seu próprio nome) que "aí (no hospício) tudo pode passar - os diagnósticos e as terapêuticas, mas há os que sempre ficam durante toda a existência física, **os doentes crônicos e incuráveis**, e a seu lado, os psiquiatras através de sua vida profissional." ¹⁷⁵

Wadi escreve que "quase em meados do século XX, os psiquiatras usam uma espécie de mito de origem para afirmarem-se como os legítimos guardiões da loucura." Sendo homens de competência e abnegados servidores da razão, guiam-se pelo exemplo de seus mestres e constroem discursos que os legitimam como "peritos", tendo representado isto uma significativa vitória da psiquiatria. ¹⁷⁶

É certo que constroem discursos (também endereçados a seus interesses particulares), como seguem "mestres". No caso de Godoy, estes mestres foram os idealizadores da psiquiatria organicista. Assim como seu grande amigo e benfeitor foi um positivista. Mas os mestres podem ser outros, tudo depende da visão de mundo e de ciência que temos. No caso do HPSP desta época, ele sofreu as conseqüências de ter tido este diretor, tanto tempo "no poder".

¹⁷³ Ibid. p.337. Nesta afirmação talvez esteja implícito o discurso eugenista, pois estes métodos muitas vezes matavam ao invés de curar pacientes.

¹⁷⁴ Estes tratamentos serão explicados sucintamente no momento da apresentação dos casos de pacientes no próximo item desta seção.

¹⁷⁵ Ibid. p.419. Os grifos são meus.

¹⁷⁶ Wadi, Y. op. Cit. p.281 e 282.

Jacinto Godoy vangloriou-se de inserir em seu Hospital a técnica da malarioterapia, utilizada no tratamento da paralisia general progressiva, ou Moléstia de Bayle. Esta doença era de origem sífilítica, e tinha um desfecho fatal e evolução rápida, em muitos casos. Esta terapêutica consistia em inocular no paciente sífilítico um sangue de portador infectado de malária. Segundo parecia, estes ficavam sensíveis, algum tempo depois de contrair artificialmente o impaludismo, às drogas que poderiam curar a sífilis, como os antibióticos. Embora esta técnica pudesse "funcionar", ela remete-nos aos preceitos eugênicos (e também positivistas) de que a sífilis era um grande mal e tudo era justificado para combatê-la.¹⁷⁷

Em 1944, um dos psiquiatras do hospital, chefe de uma divisão, escreveu, na papeleta de um paciente seu, reclamações a respeito da internação deste. Aproveitou a ocasião para fazer severas críticas aos diferentes serviços e instalações do hospital, "em termos desrepeitosos à autoridade da direção". Dr. Godoy, então, solicitou uma "devassa", a fim de apurar as acusações imputadas pelo funcionário aludido. Solicitou ao D.E.S (Departamento Estadual de Saúde, órgão público a que estava subordinado o HPSP) a abertura de um inquérito administrativo, e afastou-se do cargo de diretor, "a fim de deixar ampla liberdade à investigação que ia proceder."¹⁷⁸

O jornal "Diário de Notícias" de Porto Alegre, em 7 de novembro de 1944 emitiu notícia dizendo que a recente acusação não chegou a "criar um caso", pois eram improcedentes as acusações do médico X. E chama de "matéria paga", o "furo" jornalístico de um outro periódico da cidade que publicou a denúncia:

¹⁷⁷ No artigo do "eugenista" Ernani Lopes chamado "Menores incorrigíveis", de 1930, este propunha três medidas profiláticas para combater a delinquência infanto-juvenil: "a) combater ao alcoolismo e à syphilis dos procriadores; b) evitação das reuniões de indivíduos tarados; c) segregação e esterilização dos degenerados de acordo com o parecer das comissões técnicas". In: Archivos Brasileiros de Hygiene Mental (III) 7, junho de 1930. Citado por Freire Costa, op. Cit., p.45.

¹⁷⁸ Godoy, Jacinto. Op. Cit. p.263.

(...) quando um jornal resolveu "furar" com a sensacional denúncia, o inquérito, há muito, estava resolvido, desfazendo as acusações formuladas. Se não foi um dos membros da comissão de inquérito que mandou publicar o "furo", que muito duvidamos, só podia ter sido o próprio Dr. X, já então em gesto de náufrago ao ver o barco salva-vidas ao sabor das ondas, fora do alcance de suas mãos." ¹⁷⁹

Uma nota oficial do Diretor Geral do D.E.S (na época Dr. Eleyson Cardoso) foi publicada, nesta mesma ocasião e reportagem, dizendo "arquite-se, em face da Comissão de Inquérito. Designo os Drs. Felicíssimo Difini, Alvorino Xavier, Jandyr Maya Faillace e Jacintho Godoy para, em comissão, elaborar um projeto de reforma do atual regulamento do Hospital São Pedro." A notícia ainda ressalta que não houve caso de suspensão do diretor do hospital e sim um afastamento voluntário do mesmo para dar liberdade aos membros da comissão do processo.

Não é mais, atualmente, possível de verificar se esta também não teria sido uma matéria "a pedido".

Em dezembro, doutor Godoy reassume seu cargo, recebendo em homenagem um banquete no Clube do Comércio de Porto Alegre, com notícia publicada no Correio do Povo de 15 de dezembro de 1944. Nesta, lê-se o nome das pessoas que lá estavam: grande parte dos nomes "ilustres" de nossa cidade na época, entre políticos, médicos, industriais e militares.

No livro de Jacintho Godoy, consta esta reportagem, com o nome de todos convidados e com o discurso integral que ele proferiu na ocasião. Este discurso permanece, como todos os outros dele que lemos, em tom oratório de exaltação de suas obras no Hospital São Pedro, e de si mesmo, remetendo sempre à trajetória de sua vida pessoal: suas viagens ao exterior, sua

¹⁷⁹ Op. Cit. p. 264/265.

dedicação à profissão, a injustiça de ser afastado do cargo por motivos políticos em 1932 e à sua sabedoria ao lidar com doentes mentais. Termina o discurso com as seguintes palavras:

Mas o psiquiatra está afeito a surpresas e imprevistos. Em começo de julho deste ano, achava-me em plena consulta, ouvindo as queixas de uma cliente, quando penetrou, porta adentro de meu gabinete, um moço de olhar desvairado e gestos desmedidos. Era um egresso do Hospital São Pedro, que envolvera a minha pessoa na trama de seu delírio persecutório. A minha calma profissional e a presença de espírito da enfermeira que me assistia, pouparam-me da lâmina afiada que ele ocultava por dentro do casaco.¹⁸⁰

O doutor Jacintho Godoy foi demitido de seu cargo público no início de 1951, "sem homenagens, sem ato de louvor", tendo "abandonado" o hospital em 1 de março de 1951.

O início de sua "derrocada" à frente desta Instituição deveu-se à vitória, nas eleições de 1950, do Partido Trabalhista Brasileiro, colocando no Governo do Estado o Coronel Ernesto Dornelles, que substituiu as chefias dos cargos em vigor. Este nomeou, então, para dirigir o D.E.S. o dr. Alberto Carneiro, ex- chefe de um posto de saúde do interior do Estado. Este pediu a demissão de Jacintho Godoy e nomeou para seu lugar um outro médico, que já era do corpo clínico do hospital, dr. Antônio Augusto Brochado. Mas não sem motivos...

Em 22 de março de 1951 foi publicada uma reportagem no jornal "Diário de Notícias" intitulada "Mergulho nos abismos da mansão da loucura", assinada por Paulo Tollens e Nelson Grant. Nesta, apareciam fotos de pacientes da "4ª classe", agitados e em péssimas condições. No livro de Jacintho consta que foram tiradas à revelia e à noite, às escondidas.

¹⁸⁰ Op. Cit. p.270.

Mas não é o que tivemos oportunidade de ver e ler no jornal.¹⁸¹ Nesta reportagem temos números absolutos de internos na época (2961 pacientes), bem como a quantidade de leitos que faltam para aqueles que lá permanecem: "714 pacientes encontram-se sem cama" - o que confirma a superpopulação mencionada e a falta de estrutura do hospital para abrigar aqueles a quem recebia...

Em 25 de março, o atual diretor do D.E.S em entrevista ao mesmo jornal disse textualmente: "A situação caótica do Hospital só se poderia resolver tomando, como fizemos, embora penosamente, uma providência inicial, qual seja, afastando o Dr. Jacintho Godoy da direção, e pedindo-lhe, ao mesmo passo, uma prestação de contas pelos seus 20 anos de gestão à frente daquele estabelecimento."¹⁸²

O acusado em questão posiciona-se, em sua defesa, com várias estratégias. Escreve:

Eu teria a quem recorrer, a fim de fazer cessar a campanha injusta que contra mim se iniciava. Ao próprio Presidente da República (*Getúlio Vargas, recém eleito*), companheiro de juventude acadêmica, de campanhas políticas de jornalismo, poderia esclerecer a injustiça de quem estava sendo vítima, mas resolvi não fazer nada disso e defender-me sozinho, com meus próprios recursos.¹⁸³

Deu uma longa entrevista à "Folha da Tarde" de 28 de março, contando tudo que fez pelo hospital em vinte anos. Depois solicitou ao Governador do Estado uma inspeção técnica no hospital, que foi indeferida por este por não ter apoio no Regulamento do Hospital.¹⁸⁴

¹⁸¹ As fotos e reportagem aparecem na íntegra no Anexo 4 desta dissertação. O texto enfatiza que o problema do HPSP era unicamente de administração, mostrando várias facetas do aspecto físico decadente do hospital e seus habitantes, bem como uma crítica severa ao administrador (dr Godoy) que estava deixando o cargo. Na mesma página do jornal, encontramos uma matéria da parte de "policia" que relata uma agressão sofrida por uma paciente no HPSP por parte de duas enfermeiras. Achamos legítimo anexá-la ao nosso trabalho.

¹⁸² Apud Godoy, op. Cit. p. 448.

¹⁸³ Op. Cit. p. 426.

¹⁸⁴ Op. Cit. p.439.

Restou à Jacintho Godoy, o apelo à Justiça. Promoveu o processo de imprensa contra os dois autores da reportagem bem como contra o Diretor do D.E.S.

O Sanitarista com pretensões a Pinel (*referindo-se a Alberto Carneiro*), em pleno século XX, ouviu de meus advogados verdades que recordará o resto da vida. Condenado por crime de injúria, como é de praxe fazer em tais casos, esboçou pedido de demissão, que não foi aceito, por continuar a merecer confiança. E assim tinha que ser, pois como foi esclarecido, desde o seu início, o governo é partidário.¹⁸⁵

Mas, e o que era o governo de Borges de Medeiros e o de Getúlio Vargas? Borges ficou no poder por trinta anos... Não foi o próprio Jacintho beneficiado por estes seus amigos? Do que estava ele reclamando agora sobre o "partidarismo" embutido nos cargos públicos e "de confiança"? Este, realmente, não seria um argumento válido. Válida era sua ira de homem autoritário ao ver trazida à tona verdades escondidas...

O caso dividiu os políticos e a "mídia" da época.

Exemplo disto é a acirrada discussão sobre a demissão dele, ainda antes do artigo jornalístico ser publicado, proferida em plenária da Assembléia Legislativa, entre os deputados Flores Soares, Peracchi Barcellos, Helmuth Closs, Lima Beck e Leonel Brizola. Esta aconteceu quatro dias após (em 5 de março) o doutor Godoy ter deixado a direção do hospital.

O primeiro, em seu discurso, defendia-no, mostrando-se indignado com sua demissão,

¹⁸⁵ op. Cit. p. 439/440.

pois ele "encaneceu no estudo e no serviço ao Rio Grande". O outro médico que assumiu parecia-lhe "um jovem esculápio, um ser extranumerário do Hospital São Pedro".

Leonel Brizola, manifestando-se a favor do ato realizado de demissão, diz:

Apenas quero dizer ao nobre orador que, neste caso, o Governo agiu muito bem, nomeando um moço cheio de entusiasmos já com uma folha apreciável de serviços prestados à coletividade, e que irá fazer uma brilhantíssima gestão, dadas as suas qualidades, à testa daquele estabelecimento. Rendo as minhas homenagens ao titular que deixou o posto, mas também quero dizer a V. Excia. que o Hospital em matéria de organização era uma verdadeira desorganização.¹⁸⁶

O deputado Helmuth Closs, em pronunciamento na mesma sessão, também concordou com a medida do Governo, dizendo que o hospital em questão estava muito mal administrado.

Peracchi Barcellos, líder da bancada do PSD na Assembléia Legislativa, em sessão do mês seguinte (abril), proferiu um longo discurso em defesa de Godoy, o qual foi publicado no "Correio do Povo" de 25 de abril. Neste momento, já havia saído a matéria jornalística com as fotos, e a defesa intensificou-se.

Também o radialista Manoel Braga Gastal, da Rádio Farroupilha, em seu programa "Dois dedos de prosa", em 27 de março de 1951, manifestou-se contrário ao discurso proferido pelo diretor do D. E. S., em sua entrevista do jornal do dia 25: "Assim apenas se joga com o nome alheio, e com um passado até aqui tido e havido como exemplar. Quem estará tranqüilo em função pública, a vingar esta nova Inquisição?"¹⁸⁷

Em junho do mesmo ano, o diretor-gerente do "Diário de Notícias", endereça carta ao Dr. Dionísio Lima da Silva, Juiz de Direito do Fôro de Porto Alegre, informando, por

¹⁸⁶ Op. Cit. p.445.

¹⁸⁷ Na íntegra publicado por Godoy, às páginas 448 e 449.

solicitação deste, que a matéria de 22 de março publicada por eles, foi levada ao jornal como matéria paga por aqueles que a assinaram (citou os nomes) e "foi extraída a nota correspondente a débito do Hospital São Pedro". Isto revelava que o hospital pagou sua própria difamação, segundo Godoy. Mas, a partir da reportagem referida, vemos que a precariedade das instalações e dos cuidados aos pacientes realmente existiam, justificando, sim, uma denúncia, partisse de onde fosse.¹⁸⁸

Caberia à posteridade julgar?

Vejamos, então, a fala de algumas pacientes:

"Há 28 anos atrás o pátio era brabo, brigaçada todo o dia, era sangue para tudo quanto era lado. A gente pegava a caneca e fincava na cabeça das outras."

"Quem cuidava dos pacientes eram as irmãs. (...) a medicação era de uma qualidade só. O choque era direto¹⁸⁹, todas deitavam e preparavam a boca, e as primeiras que levantavam já iam ajudando as outras. Hoje apesar de fraca das vistas ajudo na cozinha."

"Estou 14 anos internada. Antigamente tinha mais irmãs que enfermeiras, eu tinha horror do pátio, os quartos eram fechados (celas) e tinha saleta onde as pacientes ficavam nuas e no fundo desta uma sala onde as irmãs trancavam as pacientes pra acalmar e davam choques e depois deixavam num patiozinho..."

"Fui trazida para o hospital com 16 anos e hoje estou com 30. (...) Naquele tempo a medicação recebíamos na enfermaria à noite. As irmãs abriam nossas bocas e faziam engolir

¹⁸⁸ Para maiores detalhes deste episódio, sob o ponto de vista de Jacintho Godoy, ver, em seu livro, o capítulo "A nova direção do D.E.S.", páginas 423 a 450.

¹⁸⁹ Refere-se ao eletro-choque (ou ECT), prática de tratamento instituída no HPSP pelo dr. Jacintho Godoy em 1944.

os comprimidos que vinham numa caixinha. (...) O médico lá de vez em quando aparecia, só as irmãs atendiam."

"Havia muitas brigas, dormíamos nuas lugares cheios de m... no chão, que além de imundos e fedorentos passávamos frio e só tínhamos um lençol por cima e outro por baixo."¹⁹⁰

Embora estes depoimentos tenham sido colhidos em 1975, as condições descritas pelas pacientes correspondem à década de 1950, imediatamente após as tantas melhorias e modernizações que dr. Jacintho disse que fez. No discurso e no "papel", melhorias. Na prática, maus tratamentos, más condições de higiene, morte e depósito de centenas de pessoas. Há pacientes que atualmente estão no HPSP desde há 40 anos, e lá esperam a morte, ou já morreram "de velhos" (e doentes).

Desta mesma fonte retiramos alguns segmentos do depoimento de uma enfermeira, que chegou ao hospital em 1971:

O normal eram pacientes nuas, caídas pelo chão, sujas, muito sujas e ninguém sabia direito quem era quem. (...) A medicação não era selecionada, eram dados os mesmos comprimidos colocados em caixas grandes e distribuídos da mesma maneira como se dá milho para galinhas à revelia. A distribuição seguia o critério de: se o paciente estava agitado, dava-se dois comprimidos, se estava calmo, somente um.¹⁹¹

¹⁹⁰ Depoimentos de pacientes encontrados em impresso do próprio hospital chamado "*Memórias de um velho hospício*". Idealizado e escrito por Rui Carlos Müller, chefe da Recreação do hospital, em 1975. Vide referência completa em "Fontes", ao final da dissertação. Esta fonte tornou-se importante, pois seu autor fez uma pesquisa nos arquivos e biblioteca do hospital, e escreveu um pouco da história deste (em cinco capítulos) desde sua inauguração até 1975. Por tratar-se do autor um funcionário do hospital, achamos importante utilizá-la, pois ele escreve baseado em arquivos do HPSP, no livro (certamente) do dr. Jacintho (a quem ele chama de "este notável homem") e em depoimentos de pacientes internadas há muito tempo no hospital. Certamente não conheceu dr. Jacintho pessoalmente, pois este afastou-se do hospital em 1 de março de 1951 e não mais voltou. Fica sua imagem de "benfeitor" do Hospital, ou então as pessoas que lêem seu livro, não o lêem criticamente. Na opinião de Müller, por exemplo, a superlotação do hospital em 1937 foi "possivelmente em consequência da maior divulgação do tratamento e melhorias técnicas". O depoimento das pacientes, o inquérito de 1944, a reportagem e as fotos da imprensa de 1951 são indícios de que a realidade não era tão boa quanto "pregava" Godoy em seu livro.

¹⁹¹ ibidem

Veremos a seguir, a partir da descrição de casos empíricos, que também estes "critérios" e práticas, revelados até aqui, obscurecem o entendimento da problemática psicológica do paciente. Esta revela-se a partir das fantasia simbólicas oriundas de seu sistema psíquico, a partir do próprio imaginário que está na raiz de sua doença (concepção de imaginário "desde dentro"). E é somente olhando através destas imagens e tentando compreendê-las que podemos chegar no cerne de uma doença mental e dizer: a cura pode ser possível!

2.3.2. Doentes e seus imaginários...

A realidade vista a partir dos prontuários colocam "em xeque" as inúmeras afirmações de dr. Jacintho, pois o que se vê é o uso abusivo de técnicas agressivas (tanto à saúde como à integridade física de um paciente), sempre "em nome da ciência".

Os casos que aqui serão relatados resumidamente são cópias e/ou compilações sintéticas dos dados encontrados em prontuários médicos, interessando-nos: (1) dados de identificação: idade, sexo, profissão e procedência dos pacientes; (2) motivo da baixa: (a) a primeira avaliação do médico e diagnóstico; (b) os dados existentes na 'ficha comemorativa' (quando preenchida), onde estão as entrevistas com os familiares que trouxeram o paciente (em geral são familiares que os trazem), os quais explicam como este se encontrava imediatamente antes da baixa e relatam dados de sua história pessoal.

Além disto, outros dados do prontuário médico serão evidenciados, por exemplo, o tipo de tratamento ao qual foi submetido, o comportamento do paciente no hospital e dados importantes das evoluções médicas. As identidades dos pacientes, por uma questão ética,

serão resguardadas. Pelo mesmo motivo, não serão relacionados aqui os números das "papeletas" .

Em relação à questão do imaginário dos doentes nos casos analisados, deverá ser feita a seguinte ressalva: não é possível fazermos uma análise completa das representações simbólicas inconscientes de uma pessoa, sem ter presente as relações que ela própria faz (as relações estabelecidas por sua consciência - chamadas na Psicologia Analítica de "associações pessoais"). Só o conhecimento da situação consciente permite precisar a direção que se deve dar aos conteúdos inconscientes.

Desta forma, tentaremos apontar alguns componentes gerais de seu imaginário, isto é, alguns traços de caráter mais coletivos ou arquetípicos, quando presentes. Além disto, a história pregressa e atual de cada paciente deve ser levada em conta, quando se trata de estabelecer relações psicológicas. É somente no contexto de uma vida individual que podemos estabelecer esta relação entre imaginário ("desde dentro") e doença, pois acreditamos que esta surja no indivíduo como resultante de um processo que deve acontecer e se desenrolar também num plano simbólico. Da mesma forma, a doença, ou o desequilíbrio, aparece tendo uma meta, um sentido no processo de vida de uma pessoa.

Estas mesmas considerações devem ser observadas no caso que será aprofundado no terceiro capítulo desta dissertação.

Contrariando o que diz Jacintho Godoy em seu livro¹⁹², comentado na seção anterior, **não encontramos nos prontuários anotações completas** sobre o estado de saúde dos pacientes, nem sobre sua história. O que se tem são notas curtas diárias sobre as medicações

¹⁹² p. 315 e ss.

administradas, quando muito! Por isso, o número de casos com o qual se pode trabalhar no enfoque desta dissertação é pequeno.

Chama a atenção um outro fato: neste período, muitas pessoas morreram no hospital, a despeito (ou quem sabe por causa delas?) das técnicas "modernas" e avançadas de tratamento. E morreram não porque estavam há muitos anos lá internadas (como também acontece). Por exemplo, em duas caixas de 1939 (40 prontuários) há 27 mortes. Não é muito? E aqueles que morriam ("alta por falecimento", era escrito) não eram de idade avançada, obrigatoriamente.

Por exemplo, um rapaz de 16 anos, internado com o diagnóstico de "demência precoce" (como era denominada a esquizofrenia até **os anos 20** deste nosso século), morreu em um mês após **convulsoterapia com insulina**.¹⁹³ Causa da morte: colapso circulatório.

Somente se tivesse alguma doença orgânica associada (e este relato não aparecia na papeleta), um colapso circulatório seria explicado em pessoa tão jovem. Falha das técnicas? Poucos meios diagnósticos? Certamente dr. Godoy iria contrariar esta suspeita.

Um outro homem, de 43 anos, vindo de Dom Pedrito, morreu em cinco meses de

¹⁹³ Este tratamento chama-se **Insulinoterapia de Sakel**. Esta técnica remonta a 1933, quando Sakel (médico vienense) apresentou o resultado de suas primeiras pesquisas. Trata-se de administrar insulina (atualmente só usada em pacientes diabéticos) e provocar um estado de coma (coma induzido), que se chama coma hipoglicêmico. A hipoglicemia significa baixa taxa de glicose no sangue. (Na diabetes esta taxa é alta por problemas de secreção inadequada de insulina pelo organismo. Administra-se insulina exógena para compensar, por isso pacientes diabéticos não podiam receber "insulinoterapia de Sakel". Mas não vi no prontuário que todos haviam feito exames de sangue para saber se eram diabéticos ou não.) Foi por anos a base do tratamento da esquizofrenia. Sua observação empírica de que estados hipoglicêmicos melhoravam o estado psicótico foi preconizado como método preferencial de tratamento de quase todas psicoses até meados de nosso século. Em nosso meio, foi apenas substituído com o advento do Eletrochoque.

internação no hospital. Foi submetido a **malarioterapia**¹⁹⁴. No prontuário encontrava-se **apenas um relato**, do médico que o encaminhou do interior para cá: "perturbações psíquicas com fases de delírio, excitação, egolatria¹⁹⁵, e fases de acalmia, onde todos estes sintomas desaparecem, voltando o paciente às suas atividades habituais". O que teria levado este paciente à morte? Neste caso não havia sequer o código da doença (CID) que há nos prontuários em geral, apontando a causa da morte.

Os exemplos seriam inúmeros.

Apresentaremos, então, alguns casos onde, as histórias dos pacientes descritas no prontuário servirão ao nosso propósito: colher algumas representações da doença mental vindas do imaginário do próprio doente. E com isto, cotejando-as aos métodos terapêuticos empregados, teremos uma idéia mais adequada da problemática que envolve a doença mental em nosso meio. Começaremos a vislumbrar quão tênues são os limites entre a saúde e a doença mental.

Todos os casos que seguem possuem algo em comum: todos são tratados pelos médicos de forma homogênea, isto é, não respeitando o imaginário de cada doente, tampouco a história de vida de cada um. É claro que a coleta de dados (que é a base histórica a respeito do paciente, na qual deve ser calcada a interpretação) feita no momento da internação é insuficiente para aprofundarmos as vidas pessoais, e em nenhum destes casos foram encontradas cartas, como no caso que será analisado no capítulo seguinte. Mas isto não

¹⁹⁴ A malarioterapia foi introduzida no HPSP por Jacintho Godoy; foi o grande "feito" deste homem, segundo ele mesmo, na terapêutica psiquiátrica. Método importado da Europa, consistia em inocular no indivíduo acometido de paralisia geral progressiva (que era muito diagnosticada e de origem sífilítica) um sangue de pacientes infectados de malária, em momento de febre. Os acessos palustres acometem o doente em torno de 10 dias. Isto deixaria o organismo sensível ao tratamento com os medicamentos específicos da sífilis, que podia então ser curada. Foi muito usado no HPSP no período de nossa pesquisa.

¹⁹⁵ Significa "adoração de si mesmo", aparece em pacientes que auto exaltam seus feitos.

invalida nossa análise, uma vez que os dados existentes, neste momento, são suficientes para nosso propósito. Relatarei, aqui, os casos referindo-me ao ano do prontuário da primeira baixa hospitalar.

CASO 1 –1939

Paciente masculino, 56 anos, operário, procedente de Porto Alegre, natural de Portugal. Interna em finais de dezembro de 1939. Diagnóstico na baixa de ‘delírio paranóide’¹⁹⁶, ‘debilidade mental’ e ‘oligofrenia’¹⁹⁷. Há um bilhete de encaminhamento feito por um delegado de polícia, onde somente consta o seguinte: “Solicito-vos recolher portuges X que com este vos apresento, que vem manifestando evidentes sintomas de alienação mental.”¹⁹⁸ Conforme relato do médico que o examinou na baixa, o paciente apresentava-se tranqüilo, com mímica expressiva, atitude extrovertida, leve excitação mental, orientado no tempo, com “tom oratório do discurso”.

Foram identificadas idéias delirantes de grandeza: o paciente é transformador do mundo, superior ao próprio Deus, que já morreu, e recebeu todos os poderes de Maria Santíssima, quando esta deixou de existir. Nasceu em Portugal, na Cumieira, e vai mandar um

¹⁹⁶ Delírio cujos conteúdos são de origem persecutória.

¹⁹⁷ Debilidade mental e oligofrenia são termos associados, isto é, dizem a mesma coisa. Referem-se ao diagnóstico de "retardo mental", isto é funcionamento intelectual abaixo da média acompanhado por déficits no funcionamento adaptativo. Atualmente a Organização Mundial de Saúde tem indicado o termo "subnormalidade mental" que engloba ambos acima. O primeiro termo era usado no passado principalmente em literatura médica norte americana e o segundo naquela de origem européia. No HPSP esta diagnose servia, portanto, a ambos "senhores".

¹⁹⁸ É importante ressaltar que a grande maioria dos prontuários examinados tinha um ‘encaminhamento’ feito por delegados ou chefes de polícia, tanto aqueles do interior como da capital. A expressão ‘evidentes sintomas de alienação mental’ também aparecem em todos estes bilhetes os quais quase nunca são acompanhados de um atestado médico ou relato de algum médico a respeito do estado do doente. Muitas vezes encontramos encaminhamentos de vários doentes ao mesmo tempo, com seus nomes elencados no mesmo bilhete, mesmo sendo estes de procedência diversa, isto é, de várias cidades do interior. Poder-se-ia falar em “encaminhamentos coletivos” de alienados mentais ao hospício, nesta época.

milhão de trabalhadores para lhe organizarem uma Quinta. É dono do Lloyd Brasileiro, mas nada recebe porque há um contrato do governo de Portugal com sua família, que é muito grande e recebe todas as rendas. O paciente declara que quer transformar o mundo para encher a barriga e ter seu descanso. Ao mesmo tempo diz que é um desgraçado, que vive perseguido, segregado, que mal tem comida para se alimentar, porque impedem que utilize seus bens. Diz que na sua terra existem quatro cristandades, com tantos santos quantos são os dias do ano. Após relatar estes dizeres do paciente, o médico então conclui que o pensamento deste é muitas vezes apresentado de modo incoerente. E então é declarado o diagnóstico acima referido.

Dois meses depois (fevereiro de 1940) ele tem alta por se terem dissipado os sintomas agudos. Reinterna três dias após, referindo que recorreu ao cônsul de Portugal a fim de que este lhe conseguisse uma passagem para sua pátria, mas este foi grosseiro e mandou-o de volta ao hospício. Nesta baixa o psiquiatra que o examina relata o seguinte:

“ Apresenta-se tranquilo, fisionomia e gestos expressivos. Inquirido, discorre sobre as causas da sua internação e revela rico delírio ambicioso e persecutório, de base interpretativa e hallucinatória. Humor lábil, ora expansivo, ora depressivo. Ambivalência. Irritabilidade. Interpretações mórbidas exógenas: no Rio verificou que as autoridades e pessoas que se encontravam na sua vizinhança faziam referência à sua desgraça. Sonegação dos próprios bens. Doutras vezes, à distância, faziam-no saber das resoluções dos inimigos, insistindo sobre seu degolamento. É proprietário do Lloyd Brasileiro, senhor de inumeráveis bens em Portugal. É uma divindade superior e o desgosta a lucta em que se empenham os filhos e outras santidades menores.”

Em junho deste ano foi transferido para a Colônia Agrícola¹⁹⁹, onde morreu em agosto de 1941. Nesta, ele trabalhou na limpeza dos pavilhões, “com proveito”. Conforme o relato do médico, de novembro de 1940²⁰⁰, o paciente apresentava-se orientado no tempo e espaço, com parcial desorientação delirante na pessoa. Nível mental baixo, conteúdo intelectual escasso. Desagregação do pensamento. Idéias delirantes de influência e de grandeza. Alucinações auditivas diferenciadas. Diz ter o poder de comunicar-se com todo o mundo e ser perseguido pela maçonaria.

Embora existam delírios neste paciente, estes são de conteúdo diferente de outros pacientes, isto é, sua vida é diversa, portanto seus problemas são específicos e se referem exclusivamente à sua própria vida. O tratamento administrado, convulsoterapia²⁰¹ (não especificado o tipo), foi o mesmo usado em outros casos cujos sintomas ou conteúdos delirantes são diferentes (e que portanto possuem simbolismo e significado diferentes nas vidas de cada um).

Em primeiro lugar é um paciente nascido em Portugal. Seu imaginário aponta temas neste sentido. Embora não saibamos os motivos que o trouxeram ao Brasil, há indícios que possuía família em sua terra natal e para lá queria voltar. Mesmo sendo óbvio que não era

¹⁹⁹ O Hospital São Pedro possuía uma colônia agrícola desde a década de 20, na gestão anterior à de Godoy. A "Colônia Jacuí" como era chamada, localizava-se em terras próximas a São Jerônimo. A sua criação parece ter obedecido menos ao critério de "desafogo" do hospital, que na época não era superlotado, e mais à finalidade de laborterapia (terapia do trabalho, atual nome para terapêutica ocupacional). Para os médicos da época, esta terapêutica visava a real ocupação de pacientes crônicos em atividades produtivas. (ver Wadi, op. Cit, p.244 e ss.) No caso, atividades agrícolas. E para os pacientes agitados, a finalidade era sua punição. Para lá eram enviados os pacientes crônicos. Quando dr Godoy assumiu a direção, em 1926, ele transferiu a colônia agrícola para Porto Alegre, para uma chácara pertencente ao Hospital, "nas terras do Caminho do Meio, a Chácara da Figueira". (ver Godoy, op. Cit. p.220 e ss.)

²⁰⁰ A despeito da sua internação de 14 meses na colônia, até o seu falecimento, existe apenas uma evolução do médico no prontuário (papeleta) deste paciente.

²⁰¹ A convulsoterapia ou tratamento convulsivo tem a finalidade de utilizar os efeitos dos ataques convulsivos sobre o cérebro, que é de onde acreditam que venham as doenças mentais. Era preconizado no tratamento da esquizofrenia, somente, até meados deste século. Havia dois tipos: aquela convulsão por agentes químicos (aqui no HPSP era muito utilizado o Cardiazol) e a convulsoterapia por meios elétricos, ou eletrochoque. Atualmente esta última ainda é muito usada em nosso meio psiquiátrico.

dono do Lloyd Brasileiro, sente-se injustiçado com sua situação financeira, talvez até com sua ocupação de operário. Não podemos saber se ele tinha bens ou não, mas sabemos que muitas famílias brigam por heranças.

Seus sintomas (os conteúdos da "mania de perseguição" e das "idéias de grandeza") são símbolos de conflitos pelos quais está passando. De forma alguma exime o paciente (a pessoa que os tem) da responsabilidade de seu estado. Em outras palavras, estes símbolos podem aparecer projetados em situações e pessoas externas, mas dizem respeito à própria pessoa que os vivencia. Sendo assim, caberia uma análise mais minuciosa do inconsciente da pessoa em questão, resgatando seu próprio imaginário.

Ele parece ter imagens religiosas que o afligem. Sendo "transformador do mundo" e afirmando que Deus está morto, não podemos deixar de pensar que suas idéias de grandeza sejam compensatórias a um estado de inferioridade e impotência que sentia neste momento. A imagem de Deus pode corresponder à imagem de um centro psicológico mais amplo, central na personalidade humana (arquétipo do "Self", na psicologia de Jung), que tem a função de reorganizar a psique durante a vida e, principalmente, em momentos de crise. Este "arquétipo central" encontrando-se "morto" pode significar que, neste momento, sua vida interior não está encontrando um caminho de reorganização e cura de seus conflitos.

Infelizmente, esta é só uma análise geral, pois não temos outros dados da vida deste homem. Se, na época de sua internação, tivesse sido colhido mais material, o encaminhamento do caso poderia ser outro, e não a morte na Colônia Agrícola, após tratamentos "chocantes".

Teria o "ideal eugênico" também prevalecido neste caso? Os portugueses, como foi dito na primeira parte deste capítulo, eram considerados, aqui no Brasil, pelos psiquiatras, seres inferiores.

CASO 2 – 1939

Paciente homem, de 44 anos, carpinteiro, natural e procedente de Pelotas. Interna em janeiro de 1939 e morre no hospital em março de 1940 por cirrose hipertrófica (diagnóstico este que nada tem a ver com doença mental e sim com a condição orgânica de comprometimento generalizado do fígado, causa de morte muito comum em alcoolistas). Sua história dentro do hospício percorre algumas facetas distintas de outros, pois mesmo com cartas da esposa solicitando sua alta, a fim de que retorne ao interior para estar junto dela, esta alta é negada e ele morre no hospício. Participam a morte do marido à esposa ao invés de lhe responderem as cartas.

Na baixa, ele apresentava-se tranqüilo, orientado em relação à pessoa e ao mundo externo, desorientado em relação ao tempo: não sabia se estava em 1939 ou 1839. Respondia com solicitude ao interrogatório.

Ao ser questionado pelo médico, referia o seguinte: "aos 23 anos de idade casou com uma mulher de 44 anos, cega. Tomou esta atitude para livrá-la das perseguições e maus tratos do padrasto. Depois da morte do pai apareceu-lhe Deus numa estrada e lhe falou, aconselhando-o a que fosse casto e virtuoso. Diz que é muito religioso; várias vezes lhe aparecem santos. Há anos sofreu a perseguição de um colega de serviço. Tanto o paciente como a mulher ficaram doentes: o chão lhes fugia dos pés, o paciente não sentia mais o próprio corpo, era como se a sua cara estivesse com terra. Nos últimos tempos, como a mulher já velha não mais o aceitasse sexualmente, o paciente, uma ou outra vez, procurou outras

mulheres. Supõe ter adquirido uma infecção e contaminado a esposa, da qual diz ter grande paixão. Sente dores no corpo, tem a impressão que as suas carnes ora estão inchadas, ora murchas. Os olhos estão anuviados, o barulho que fazem lhe repercute dolorosamente na cabeça. Conforme o médico entrevistador, o paciente referia todas estas coisas com uma atitude de indiferença emotiva. Dizia, também, que ele “não tem cura e que é melhor que os médicos do hospital o matem, para terminarem os seus padecimentos; ainda não se suicidou porque é muito religioso”.

Seu diagnóstico inicial foi de **oligofrenia e debilidade mental**.²⁰² Fez como tratamento 13 comas insulínicos e em novembro do ano de 1939 foi transferido para a seção de crônicos.

Neste momento chega uma carta de sua esposa (datada de 24 de novembro de 1939), dirigida ao diretor do hospital, solicitando que “se digne” a dar alta a seu marido a fim de que regresse à cidade e “...Motiva este meu pedido, a vontade que tenho de interná-lo no Hospital daqui e tê-lo assim mais perto de mim, pois se caso viesse se dar algum desastre me seria desagradável”.

Quando avaliado novamente em dezembro, o diagnóstico foi de “psicose de involução melancólica e ansiosa pré-senil”, sendo-lhe negada a alta e sendo desconsiderado o pedido de sua esposa. O fato de ter sido dado este diagnóstico, tão arbitrário quanto a falta de resposta à esposa do paciente, mostra o quanto o tratamento neste hospital, nesta época, era pouco criterioso. Não achei referência em livros de Medicina da época, que aos 44 anos de idade uma pessoa pudesse ter um diagnóstico que incluía “período pré-senil”.

²⁰² Note-se como era “fácil” dar este diagnóstico a vários casos, mesmo com sintomatologia e histórias diferentes.

Quatro meses depois ele morre no hospital, de cirrose hepática. Ficou 14 meses internado.

Note-se que neste meio tempo, em 8 de maio de 1939 (quatro meses após a internação e 10 meses antes de sua morte) chega a primeira carta da esposa onde já é mencionada uma possível alta: “ Si já estais com alta porque não vens? Já tens o dinheiro para a passagem este dinheiro está nas mãos de um senhor aí. Peço- te responderes esta minha cartinha e espero boas notícias e o teu breve regresso ao lar. Muitos abraços da tua velha M.” Ainda nesta carta ela fala que as notícias que tem recebido dele, através de pessoas amigas que o têm visitado, são boas e que ele está já gozando de perfeita saúde.

Permanecem algumas incógnitas neste caso, como: a falta de informação aos familiares do que está realmente acontecendo ao paciente e a gravidade do caso, o boicote do dinheiro da passagem de volta, os vários procedimentos terapêuticos graves a que foi submetido sem consentimento de familiares e a não resposta às cartas da esposa.

Em relação a seu imaginário, parece ser um "bom homem", e ter preceitos religiosos. Em geral, as "visões" são projeções de conteúdos do inconsciente, que se manifestam por imagens, também simbólicas das situações de vida que estão consteladas. A visão de Deus, após a morte do pai, pode ter sido de fundamental importância naquele período de sua vida.

O fato de sofrer a perseguição de um colega de trabalho não pode ser de antemão considerado um "delírio", pois sabemos que estas situações existem, sob os mais variados aspectos e com os mais complexos motivos. "Não sentir o próprio corpo" e "sua cara parecer estar com terra" podem simbolizar o estado de vergonha e inferioridade que o paciente sentia por ter sido exposto pelo colega nesta briga. Seu estado deprimido ("não tem mais cura") também pode se referir à falta de ímpeto para modificar sua vida. E seu pedido para que os

"médicos do hospital o matassem", foi ironicamente cumprido. Digo ironicamente, pois parto do princípio ético de que os médicos daquela época acreditassem na ciência que praticavam, embora os resultados frustrassem...

CASO 3 – 1941

Este caso interessa-nos pelo conteúdo do delírio deste paciente. É um homem de 47 anos, comerciante, procedente de Pelotas. Interna com o diagnóstico de paralisia geral e PMD (psicose maníaco- depressiva)²⁰³, em síndrome maníaca; também encontrava-se sífilítico e tuberculoso. Na baixa encontrava-se em agitação psicomotora, desorientado.

É bom notar que conforme o estágio da sífilis, podem ocorrer tremores e agitação psicomotora com conseqüente quadro de paralisia geral, portanto este estado em que chegou o paciente não necessariamente deve ser classificado em "doenças mentais". Mas como se viu no livro do doutor Godoy as doenças ditas mentais, no seu entender, eram neurológicas e muitas advinham de "toxi-infecções" e levavam a paralisias gerais, como por exemplo, a sífilis. E os tratamentos seguiam estas indicações. Vejamos um pouco mais do que escreve o doutor a respeito disto:

Em Medicina mental, diante de um indivíduo de 50 anos de idade, com idéias delirantes incoerentes, absurdas, contraditórias, perda de julgamento, inconsciência completa da situação, disartria²⁰⁴, linfocitose do líquido céfalo- raquidiano²⁰⁵, reação de Wassermann²⁰⁶ positiva, o diagnóstico há de ser feito de *síndrome demencial, de afecção - meningo-encefalite difusa, de moléstia - sífilis.*²⁰⁷

²⁰³ Diagnóstico utilizado para definir uma psicose que tem por característica dominante a instabilidade (em graus patológicos) do humor, ora deprimido, ora eufórico ou "maníaco" (agitado).

²⁰⁴ Dificuldade na articulação das palavras.

²⁰⁵ Aumento dos linfócitos (células sanguíneas) no líquido que circunda todo sistema nervoso (cérebro a medula espinhal)

²⁰⁶ Exame laboratorial que diagnostica a sífilis.

²⁰⁷ Godoy, J. op. Cit. p.73.

O médico que o avaliou identifica logorréia ²⁰⁸, pensamento incoerente e “falsos reconhecimentos”. Em seu delírio, conversa com o dr. Getúlio e apresenta-se como Lampião, mas esclarece que não é o Lampião Virgulino, mas sim o “Lampião do Getúlio”. Refere ainda que seu único bem é o milho, fazendo sempre muita menção a este e aos burros que possui.

O tratamento administrado foi convulsoterapia com cardiazol²⁰⁹, e morreu no hospital após um mês de sua entrada. Infelizmente seu prontuário é "pobre", isto é, não tem nada mais escrito além do mencionado acima.

O fato de dizer-se "Lampião de Getúlio" parece interessante pelo período em que estava passando o Brasil. O "Lampião" nordestino foi um matador justiceiro, visão aceita por uma tendência de avaliação popular do imaginário corrente na época. Sendo um "Lampião de Getúlio", ele está identificando-se como "bandido matador" de Getúlio Vargas, justiceiro de seu próprio senhor. Mesmo não sabendo a que ele se refere, estamos diante de um imaginário que pairava em torno da vida e pessoa do governante. Temos dados históricos posteriores que colaboram com esta imagem: refere-se ao "Atentado de Toneleros", ocorrido na madrugada de 5 de agosto de 1954, contra Carlos Lacerda, mas que ocasionou a morte do Major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz, que caminhava a seu lado. Lacerda era filiado à UDN e dono da "Tribuna da Imprensa". Ele movera intensa campanha contra o Presidente, chamando-o de "patriarca do roubo no Brasil". Na ocasião, o governo foi responsabilizado pelo ato, abrindo uma crise política profunda. Em 9 de agosto, Afonso Arinos, correligionário de Lacerda e líder da Minoria na Câmara, pronunciou discurso em repúdio ao atentado. Ele revelou que as investigações da Aeronáutica haviam confirmado a participação da guarda

²⁰⁸ Necessidade incoercível de falar.

²⁰⁹ É o tratamento de indução de convulsão por agentes químicos, no caso o Cardiazol. Introduzido por von Meduna, em 1935 também na Áustria, ele preconizava que epilepsia e esquizofrenia eram antagônicas. Então provocar convulsões epiléticas artificialmente, poderia levar ao desaparecimento dos sintomas esquizofrênicos.

Presidencial no crime. Foi mencionado Gregório Fortunato, o "anjo negro" de Getúlio, um "guarda" pessoal dele, que na imagem do paciente, poderia ser chamado de "Lampião de Getúlio". Arinos propõe, então, que Vargas, cujo governo considera um "estuário de lama", deixe a Presidência. Quinze dias depois, Getúlio Vargas suicidou-se.

CASO 4 – 1941

É a história de uma mulher de 37 anos, doméstica, procedente de Porto Alegre. Foi encaminhada pelo delegado de polícia e temos a seguinte história contada por seu filho (relatada na “ficha comemorativa”, dados recolhidos pela assistente social): “Há seis anos ficou viúva. Três anos depois mandou abrir a sepultura para retirar os ossos, porém não foi possível por achar-se o cadáver em estado de conservação. Ficou muito impressionada e recorreu ao espiritismo, tendo conseguido falar com o espírito do seu marido, e este lhe dissera que o médico que o tratava havia dado uma injeção que o matara e isto por estar o referido médico apaixonado por ela. Recorreu também a cartomantes e teve a mesma confirmação. Todos os anos continua mandando abrir a sepultura e sempre tem encontrado o cadáver em estado de conservação. Resolveu então dar parte à polícia do crime que o médico havia praticado. Nesta ocasião foi conduzida a este hospital.”

Ao exame do médico, na baixa, este relata: “Tranquila, orientada, normal ao exame. Foi à chefatura de polícia, procurou Dr. W. que lá trabalha, acusando-o de ter morto o seu marido há cinco anos. Chegou a esta conclusão porque este Dr. atendeu o marido às 11 horas e ele faleceu às 23 horas. Aquele médico assim procedeu porque se apaixonou por ela e após a morte do marido diz ter sido procurada por ele, inúmeras vezes. Vê-se que a paciente vem sistematizando um delírio erótico, baseando-se muitas vezes em interpretações mórbidas. Não tem instrução e apenas sabe escrever o nome.”

O diagnóstico para esta paciente foi “paranóia sensitiva”, foi tratada com apenas uma convulsoterapia (sem especificação de qual tipo) e teve alta em um mês (sem melhoras) para ser cuidada em casa.

Resta-nos perguntar: o que respalda a conduta deste médico, isto é, outros vários pacientes receberam altas doses de medicamentos e várias sessões de convulsoterapia para sintomas delirantes semelhantes (não no conteúdo, mas na intensidade) e ela vai embora em um mês (tempo muito curto para a média das internações) ? Também podemos pensar na “imunidade médica compulsória”, ao ser um destes acusado da morte (talvez erro terapêutico) do marido. Algumas variantes estão em jogo, o médico acusado era da polícia, por exemplo. Não poderia ser esta, uma história de sedução verdadeira, pois na literatura e nos próprios textos historiográficos muitas delas são contadas? O imaginário da paciente mais uma vez foi recusado como uma realidade, seja concreta (caso real de sedução com morte do outro envolvido) ou simbólica (psicológica), mais uma vez desconsiderado como um fato real que agiu nesta pessoa específica, portanto devendo ter seu espaço e seu peso no tratamento desta doente (doente?). Em outras palavras, os delírios são históricos. Delírios eróticos, quando ocorrem, tem cura, se os conteúdos forem trabalhados adequadamente com a pessoa. Em geral podem ser simbólicos de problemas sexuais concretos. Talvez o que aqui tenha colaborado para esta história ter se configurado como delírio, foi o fato da paciente ter procurado uma "explicação" no espiritismo. Assim como recorrer à ajuda do espiritismo (e seu imaginário) era também uma prática comum em nosso meio, ainda neste período, esta prática era considerada inadequada ao pensamento científico que se instalava cada vez mais no meio médico.²¹⁰

²¹⁰ A este respeito ver também a tese de Beatriz Weber "As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense - 1889/1928."

Mas nada disto foi levado em conta, restou a "alta para ser cuidada em casa, sem melhora".

CASO 5 – 1941

Menina de 12 anos, estudante, procedente de Porto Alegre. Diagnóstico de esquizofrenia. Era uma paciente particular, isto é, a família custeava todo tratamento.²¹¹

Internou em julho deste ano. Veio transferida do Isolamento do Hospital São José, onde estava internada com febre tifóide. Nesta baixa, encontra-se em estado de excitação psicomotora, humor ansioso, enfraquecida fisicamente e obnubilação da consciência. Chorando muito e inapetente.

O tratamento recomendado, para o diagnóstico de esquizofrenia, foram inúmeras sessões de insulino-terapia (coma hipoglicêmico), que totalizaram 60 só nesta internação. Já na primeira sessão ela começa a apresentar intolerância à insulina, pois fez uma crise convulsiva, considerada grave, no decorrer do coma. Mesmo assim, embora “em observação”, continuaram as sessões.

Alguns dias após a internação, tem-se a seguinte evolução médica²¹²: “ Ao baixar a este hospital, apresentava um quadro típico de confusão mental. Dentro de curto prazo, melhorou, tornando-se muito amiga das irmãs. Depois agitou-se. No fim de uma semana de

²¹¹ Neste caso, veremos muitos detalhes do caso nas evoluções médicas, tanto na especificação de seu tratamento, como do estado ‘mental’ da paciente, o que é inusual nos prontuários da época. Note-se que esta paciente baixa em “divisão” (enfermaria) particular, isto é, sua família custeava todo seu tratamento. Após a pesquisa em tantos prontuários, vê-se que naqueles que não são de pacientes particulares, quase não há evoluções médicas e detalhamento do tratamento. Neste caso agora relatado, há, por exemplo, uma ficha bem preenchida para cada sessão (das 60 que fez!!!!) de insulino-terapia.

²¹² As "evoluções", em prontuários, são relatos feitos pelos médicos, em geral com o intuito de apresentar o que está sendo feito em relação ao tratamento do paciente, apontando melhoras e pioras, informando aos que lerem posteriormente, o estado em que o mesmo se encontra no decorrer da internação. Algumas vezes, o pessoal de enfermagem também escreve, anotando intercorrências, que só são vistas por eles no dia- a- dia de um hospital, como agressões sofridas por outros pacientes, a recusa a ingerir alguma medicação, etc.

excitação psico- motora, entrou numa fase de indiferença pelo meio, não procurando mais as irmãs como antes. Baixou ao serviço de insulino-terapia tendo melhorado um pouco do estado mental e muito do somático. Hoje, ao exame, apresenta-se bem nutrida, numa atitude aparentemente bem adaptada. Não nos fita e a enfermeira informa que a paciente não olha para ninguém. Conserva a comissura labial ligeiramente desviada para esquerda. Por vezes esboça um sorriso imotivado. Só fala se interrogada. Responde com acerto. Está orientada na pessoa, lugar e tempo. Às vezes é preciso insistir para que chegue até o fim da resposta. Não se percebe incoerência do pensamento, nem manifesta idéias delirantes e nega pseudo-percepções”.

A instabilidade do estado da paciente continuou, tendo várias complicações quando da administração da insulina (febre, convulsões). Em início de outubro ela sai do hospital para passar o dia fora, a pedido de seu progenitor. Quatro dias após este passeio, anota-se na papeleta que toda sintomatologia anterior dissipou-se, que ela apresenta fácil comunicabilidade, está bem adaptada e coerente e portou-se bem no passeio que fez com o pai. Seu estado somático é excelente.

Em dezembro deste ano ela tem alta, com uma anotação de que apresentou resistência à insulino-terapia e curada dos distúrbios mentais agudos.

Esta paciente, então, reinterna em fevereiro de 1945, agora com 15 anos. Residia em Venâncio Aires. Encontra-se em estado de agitação psicomotora, com logorréia, gesticulação abundante e falando de maneira teatral, em tom declamatório. O tratamento administrado é

eletrochoque²¹³, muitas sessões. Em abril, dissipam-se as manifestações de excitação, está “calma, adaptada e coerente. Trabalha com proveito no Laboratório.” Em maio está restabelecida do estado psicótico e pode sair a passeio em companhia de pessoa da família (pai). Quando retorna do passeio está pior do estado mental, mostrando-se indiferente, com incoerência do pensamento e da linguagem, risos imotivados, desleixo no vestuário. Continua, então, o tratamento com eletrochoque.

Em maio, ainda, há uma anotação no prontuário dizendo que "faz meses que a paciente não é menstruada".

No final deste mês, após várias sessões de eletrochoque, ela sai novamente do hospital durante o dia para passear com pessoa da família (não é mencionado com quem) e “porta-se de maneira adaptada ao passeio”. Faz mais algumas sessões de eletrochoque e tem alta em julho, lúcida, tranqüila e coerente.

Em abril de 1952 ela foi admitida no setor de Profilaxia Mental deste hospital, que era um serviço aberto, hoje chamado de ambulatorial. Não há maiores anotações na papeleta sobre este período.

Em maio de 1953, chegou ao hospital um ofício do subdelegado de Canoas, perguntando se ela realmente esteve internada lá no período de 1941 a 1944 e justificou esta pergunta dizendo que "há naquela delegacia um inquérito policial em favorecimento a ela, que seria a ofendida". Neste momento, então a paciente estava com 24 anos. Não há outros dados no prontuário e a história relatada nesta fonte termina aqui.

²¹³ Tratamento instituído no HPSP em 1944. Preconizada e iniciada na Europa por Cerletti e Bini, em 1938, substituiu amplamente o tratamento convulsivo farmacológico. É feito com o paciente sob anestesia. Seu uso é extenso e indiscriminado até os dias de hoje. No HPSP era usado também pelas irmãs para punirem pacientes, conforme relato de pacientes.

Analisando este caso, primeiramente veríamos que: se a doença inicial era comprovadamente febre tifóide, os sintomas de agitação e confusão poderiam ser explicados por este quadro tóxico. Para dar conta destes sintomas, não era necessário o diagnóstico de esquizofrenia.

Se a paciente já mostrava intolerância ao tratamento com insulina, por que continuá-lo até um extremo dela ter convulsões e depois se tornar resistente a ponto de não mais entrar no coma induzido? Esta terapêutica durou de julho a novembro. Em dezembro teve alta.

No meio desta internação saiu com o pai a passeio, e segundo este, ela portou-se "bem".

Quando reinternou em 1945, o tratamento preferencial já era o eletrochoque. A adolescente, então com 15 anos, recebe em torno de 30 sessões de choque. É relatado que em maio (ela voltou ao hospital em fevereiro) estava restabelecida do estado psicótico. Em seguida, dois dias depois desta afirmação, ela sai a passeio com alguém da família. Piora do estado mental no dia seguinte, estando escrito: prosseguir o eletrochoque. As próximas "evoluções" na papeleta (dos dois dias consecutivos): "Melhora estado mental" e "Faz meses que não é menstruada". Sai de novo do hospital com pessoa da família e "porta-se bem". Mais eletrochoque. Em junho, ela tem alta - curada.

Há algumas contradições e algumas incógnitas neste caso. A primeira contradição é que esquizofrenia não tinha cura, para os médicos da época. Também o eletrochoque era administrado mesmo quando a paciente não tinha os "sintomas psicóticos". Qual era o problema em seu organismo que a fazia não ter menstruação? Estaria grávida? E com quem saía do hospital para passar? "Portar-se bem" depende de quem vê, depende do que se quer dizer sobre o que se passou. O que significa "desleixo no vestuário", condição esta escrita na

volta de um passeio com o pai? E qual teria sido a agressão sofrida por ela, que a levou a fazer queixa na delegacia em 1953? Como era paciente "particular" muitas coisas podem ter sido feitas em combinação com a família.

Sobre seu imaginário pouco nos é mostrado, mas estes sintomas de confusão, irritabilidade, e "fala teatral" podiam simbolizar algum fato ou problema psicológico que ela tinha dificuldade de falar.

CASO 6 – 1941

Mulher de 22 anos, doméstica, casada, procedente de Rio Pardo. Tem diagnóstico de esquizofrenia.

Na “ficha comemorativa”, preenchida pela assistente social e com informações dadas pelo marido da paciente, na baixa, encontramos a seguinte história: “ Há quatro anos, um mês depois do nascimento do primeiro filho a paciente estava lavando roupa no arroio quando levou um grande susto causado por uma cobra. Começou a chorar muito, conversava bobagens e depois fugia para caminhar na estrada. Tinha alucinações visuais, mas não explicava o que via. Não ficava no quarto às escuras. Um mês depois ficou curada. Estes sintomas, porém, se repetem sempre que a paciente tem família. Há 15 dias, isto é, 15 dias depois do nascimento do último filho, a paciente ficou novamente transtornada. Chora muito e tenta fugir. Durante a noite piora. Tem sobressaltos quando vae começar a dormir e tem cefaléia intensa. Queixa-se de dor no peito e não se alimenta quase.”

Ao averigüar o resto do prontuário, descobre-se que o primeiro filho desta mulher faleceu poucas horas após o nascimento (há quatro anos atrás) e tem ela, neste momento da baixa, três filhos vivos. Casou-se com 19 anos, com um homem de 30 anos. Na nota do

médico está escrito o seguinte: “ Fisionomia cansada. Olhar atento. Respostas incompletas. Orientada parcialmente na pessoa, desorientada no lugar e no tempo. Deixada à vontade, mantém-se em mutismo, virada de lado para nós. Não gesticula. Mímica pobre. Ontem à tarde apresentou uma crise de excitação motora, mostrando-se agressiva. Caminhava de um lado para outro, gritava, agredia as outras doentes, não atendia a enfermagem. As informações do certificado são bastante instrutivas. Desde o primeiro filho, alguns dias ou um mês após o parto a paciente apresenta distúrbios mentais semelhantes aos já registrados. Diagnóstico: síndrome confusional.”

Nesta internação ela faz como tratamento várias crises convulsivas com ‘cardiazol’.

Em 1957 reinterna e faz várias sessões de eletrochoque (e não há qualquer história relatada, a não ser esta de 14 anos atrás). Na página inicial do prontuário, onde há os dados de identificação, está escrito: diagnóstico- esquizofrenia.

Digno de nota é o fato de, embora o médico chamar de “instrutivas” as informações colhidas pela assistente social, este conhecimento nada muda o tratamento administrado e a condução médica do caso. O tratamento com choque mais uma vez se faz presente, na ausência de um entendimento mais profundo e humano sobre a história de vida desta mulher, ou seja, a perda de um primeiro filho.

Um olhar mais atento verá que ela tem uma crise "confusional" a cada vez que ela "tem família", quer dizer, a cada vez que ela dá à luz um filho. Denominamos este quadro clínico pós-parto de "psicose puerperal", descrita como uma psicose que acomete a mãe, dentro dos primeiros trinta dias após o nascimento da criança. Os sintomas em geral são: depressão intensa, delírios e/ou alucinações, com conteúdos relacionados à criança (sua morte, ou deficiência, ou a mãe tenta até matá-la) ou mesmo a negação do parto e crença de

que ainda é virgem. Sua etiologia, tanto para obstetras como para psiquiatras, está relacionada a uma psicose subjacente anterior (isto é, existiriam sintomas latentes de doença mental antes da gravidez) ou a uma síndrome cerebral orgânica, ocasionada por quadro tóxico (por exemplo, a ingestão de algum medicamento, como os analgésicos potentes, que produziu estes sintomas).

De qualquer forma, e é isto que estamos tentando demonstrar no decorrer deste trabalho, o quadro de delírio desta paciente estava ancorado numa experiência histórica real: a morte neo-natal de um filho. E isto não foi levado em consideração, mais uma vez a história pessoal é soterrada.

Certamente este foi um problema não assimilado por ela, e, cada vez que tem outro filho, aquela experiência do passado retorna em seu imaginário. Ao mesmo tempo, porém, não se deve estabelecer uma relação causal tão racional com este fato. Se assim fosse, o fato de alguém dizer isto a ela, já poderia tê-la curado (é quase certo que alguém, um familiar ou um amigo, possa ter referido esta situação a ela). Mas lembremos da serpente.

Serpente, um animal de "sangue frio" representa um instinto básico humano, ligado a reações "viscerais". Muitas vezes ela simboliza o medo diante de certos acontecimentos, medo este irracional, não possível de ser controlado pela razão. Jung refere que devido a seu veneno, sua imagem em sonhos não raro precede doenças físicas. "Via de regra ela exprime uma animação anormal do inconsciente."²¹⁴ Neste caso, o medo diante do aparecimento repentino de uma cobra, situação tão comum em zonas não urbanas, constelou nesta mulher uma reação absolutamente inconsciente de perigo. É uma situação arquetípica vivida desde sempre pela humanidade. Neste caso, ela representava a morte de uma criança e o pavor da

²¹⁴ Jung, C.G. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 421.

mãe diante disto. Seria muito pouco dizer que a mãe sente "culpa" pela morte do filho (talvez alguns psicanalistas encarassem deste modo). A imagem arquetípica e sua reação instintiva é mais forte, e mais humano, que qualquer "culpa" que se possa ter, por um acontecimento que aconteceu sem a nossa vontade. A culpa estaria aqui justificada se a mãe tivesse matado o filho ou desejado sua morte por algum motivo. Não parece ser este o caso. A dor desta mulher, expressa em seus sintomas, é mais convincente que qualquer interpretação racional. Mas o tratamento foi dar-lhe "crises convulsivas". Será que ela precisava de mais convulsões?

CASO 7 – 1941

Mulher de 20 anos, doméstica, procedente de Taquara. Embora o diagnóstico de esquizofrenia, consta em seu prontuário que em três meses teve alta curada. Apesar desta anotação, ela retornou para internação em 1949, com o mesmo diagnóstico.

No encaminhamento está relatado que faz 15 dias que faleceu seu pai e que sua filhinha está doente, “mas a paciente não demonstra nenhum pesar por estes fatos”, apresenta-se em negativismo, indiferença afetiva, alucinações e mutismo.

Ela tem uma filha de seis meses. Casou-se aos 19 anos, com homem de 23. É de uma família de colonos (agricultores). Era uma pessoa alegre, mas há 3 meses apresenta-se sempre triste. Uma prima da paciente informa: “ Há três anos a paciente teve uma suspensão (das regras) devido a um banho frio que tomou. Apresentou sintomas de doença mental, durante 4 meses, tendo depois ficado curada. Há 3 meses e meio, depois do nascimento do filho apresentou os mesmos sintomas de três anos passados: tristeza, choro e negativismo. Só se alimenta sendo obrigada e não dorme durante a noite. Diz que vai morrer muito breve e tem medo dizendo que vão matá-la. Tem alucinações visuais e auditivas: vê pessoas que chegam-se a ela, gritando muito em seus ouvidos. Queixa-se de falta de ar.”

Na baixa, pela descrição do médico, ela apresentava-se inquieta, com atenção móvel, despreocupada pelas coisas e pessoas. Indiferente, não respondia às questões. No momento da entrevista levanta-se várias vezes para sair ao corredor, respondendo a custo e em voz baixa. O médico ainda escreve: “Autismo²¹⁵. Perda da iniciativa. Orientada na pessoa e lugar.”²¹⁶

Outros problemas foram encontrados e relatados no prontuário: pequena ruptura do períneo (que pode ser uma seqüela do parto, embora este tenha ocorrido há seis meses, ou uma violência sexual – anotação minha) e tuberculose.

No hospital mantém-se quieta, isolada das companheiras, alimentando-se às vezes com a mão. Uma das notas de evolução médica diz o seguinte: “A paciente não deverá ter alta por ser uma esquizofrênica recente que irá perder a oportunidade de cura.” Nesta internação ela faz choques com cardiazol e após a quarta administração faz episódio de convulsão. Noutra evolução médica escreve-se: “ Mesma atitude apática, falta absoluta de iniciativa, rigidez afetiva, tendência ao mutismo.”

Após três meses de internação, encontramos a seguinte evolução de seu médico: “Tranqüila, lúcida, orientada, assumindo atitudes bem adaptadas e entrando facilmente em contato com o ambiente. Faz a crítica de seu estado anterior. **Reconhece que era doente mental.** Manifesta propósitos coerentes de conduta. Propomos sua alta **curada.**”²¹⁷

Lê-se: "se alguém reconhecer que era doente mental, pode considerar-se curado, pois o louco nunca admite que é louco." Esta é uma afirmação comum de se ouvir na boca do leigo.

²¹⁵ Desligamento completo do mundo exterior, como condição patológica grave.

²¹⁶ Como uma pessoa em autismo pode estar orientada na pessoa e lugar e **comunicar** esta sua orientação?

²¹⁷ Os grifo são meus.

Faz parte do imaginário sobre a loucura que é criado pela consciência coletiva. E os médicos aceitam? Ou foi deles que saiu este discurso?

Quando reinterna em 1949, **com o mesmo diagnóstico**, uma cunhada informa: “Há sete anos quando nasceu sua filha a paciente teve um grande abalo nervoso, pois sua filha nasceu aleijada. Até hoje tem raiva do marido. É depressiva, chora sem motivo, tem mania de perseguição. Não come e não dorme. Sente uma sede muito grande. Se uma pessoa deixa a paciente sentada o dia inteiro no sol, lá ela fica.” Teve alta em março de 1950, a pedido do marido.

Não há menção no prontuário ao tratamento realizado!

Mas colocamos este caso aqui, para demonstrar mais uma vez que a história de vida de uma pessoa relaciona-se com seu estado "mental". Já poderia ter sido um fato revelado na primeira internação que sua filha havia nascido aleijada. E que ela sentia raiva do marido. Mas não são só estes dados racionais e conhecidos que a levam a adoecer. Algo em seu imaginário a perturba, senão porque teria idéias de perseguição, que em geral também são projeções para o mundo externo de algo desconhecido em si mesmo e que incomoda?

Não estaria o imaginário eugênico de perfeição da raça embutido também dentro destes seus pensamentos?

E a ruptura de períneo? Seria ainda do parto? É difícil, claro, mas não impossível.

E porque sentia raiva do marido e isto só foi revelado na segunda internação? Note-se que nesta, ela teve alta a pedido do marido...

*

Todas estas histórias de "pessoas doentes", poderiam ser contadas aos milhares, se víssemos todos os pacientes que já passaram e continuam a passar (e morar) no hospital psiquiátrico de nossa cidade. São vidas que se tornaram mais doentes (ou se extinguiram), embora tenham ido procurar a cura. Nestes casos, não seriam as técnicas a salvar o doente, mas sim a compreensão que o médico poderia ter de seus dramas humanos, verdadeiramente humanos. Se conseguíssemos abrir mão dos métodos e das regras, por instantes que fosse, e enxergássemos a realidade pelo ângulo do imaginário e da psicologia individual, talvez salvássemos vidas, pois talvez salvássemos **nossa compreensão** sobre as vidas humanas.

Cotejamos novamente com Jung:

Observando-se que, por princípio, as vantagens do conhecimento redundam especificamente em desvantagem para a compreensão, o julgamento decorrente pode se tornar um paradoxo. Para o julgamento científico, o indivíduo constitui uma mera unidade que se repete indefinidamente e pode ser igualmente expresso por uma letra ou um número. Para a compreensão, o homem em sua singularidade consiste no único e no mais nobre objeto de sua investigação, sendo necessário o abandono de todas as leis e regras que, antes de tudo, se encontram no coração da ciência. O médico principalmente deve ter consciência desta contradição. Por um lado, ele está equipado com as verdades estatísticas de sua formação científica e, por outro lado, ele se depara com a tarefa de cuidar de um doente que, principalmente no caso da doença mental, exige uma compreensão individual. Quanto mais esquemático o tratamento, maiores as resistências no paciente e mais comprometida a possibilidade de cura. O psicoterapeuta ver-se-á obrigado a considerar a individualidade do paciente como fato essencial, a partir do qual deverá ajustar os métodos terapêuticos. Hoje já se tornou um consenso na medicina de que a tarefa do médico consiste em tratar de uma pessoa doente e não de uma doença abstrata que qualquer um poderia contrair.²¹⁸

A análise do caso que faremos a seguir tentará mostrar o quanto a incompreensão a respeito de uma vida individual, com sua psicologia própria, pode levar à idéia de que não há cura para a doença mental e, com isto, fabricar um imaginário de "exclusão", exterminando com a potencialidade criativa que há em cada psique humana. Na verdade, a "incompreensão"

²¹⁸ Jung, C.G. *Presente e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.5. Este texto foi escrito em 1957.

já é consequência, também, do imaginário de exclusão. E este "feed-back", onde um potencializa o outro, perpetua esta dinâmica, formando um anel intransponível que exclui o que é fértil e fortalece a descrença na possibilidade de cura. Uma outra abordagem seria, então, necessária...

CAPÍTULO 3

A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE SAÚDE E DOENÇA MENTAL

" O preço mais alto que os homens sempre pagaram e continuam a pagar por tudo aquilo que adquirem, independentemente do valor material ou espiritual, é o preço psicológico."

(Laurens van der Post)

" O último passo da razão é o de reconhecer que existem infinitas coisas que a superam"

(Pascal)

3.1. "As chinelas para Hitler" - estudo de um caso psiquiátrico à luz da Nova História Cultural ²¹⁹

Imaginário e doença mental andam juntos neste trabalho. Na tentativa de mostrar empiricamente o que até agora foi discutido, apresentaremos o caso do paciente TR, internado em 1937 no HPSP de Porto Alegre.

Este prontuário de 1937 foi encontrado numa caixa de 1899, portanto foi um "achado" que não esperávamos. Devo-o à indicação de uma colega, que, pesquisando papeletas da virada do século passado, encontrou-o e avisou-me, uma vez que sabia que eu trabalhava com o período de 1937 a 1950.

O caso que relataremos significa muito. Por várias razões.

Por toda situação da vida deste paciente, até onde foi possível percebê-la através da história que ele deixa transparecer nas cartas; a situação em que se encontra na internação psiquiátrica; sua cultura e o belíssimo português em que escreve (não só no sentido formal da língua, mas principalmente pelas situações simbólicas que descreve) - tudo isto faz com que afirmemos de antemão: sua individualidade é invulgar.

Significa também que não há rótulo (ou diagnóstico!) que se coloque em alguém, que consiga descrever toda a complexidade de uma personalidade e faça justiça ao que realmente esta pessoa sente e pensa de si e do mundo.

²¹⁹ As abreviaturas que usaremos constam na página 5 desta dissertação.

Exemplifica de forma contundente tanto o entorno físico de um paciente internado, as más condições das instalações em que foi colocado, como a precariedade das relações humanas dentro de um hospício.

As cartas que o paciente escreveu, durante sua internação, são muito importantes. Elas não somente permitem que possamos traçar um retrato de uma vida particular, mas também mostram aspectos de uma época, de uma cidade e de um imaginário coletivo.

O relato que faremos é sobre a história de um homem (TR) de 34 anos, casado e "pai de família", que permaneceu internado no HPSP por quatro meses (de maio a setembro de 1937), tendo alta a pedido de seu pai, para acompanhamento em casa. Na baixa deste paciente o médico descreveu-o como "tranquilo, ar de imperiosidade, sorriso irônico; diz o paciente sentir fraqueza na cabeça ao que devia excesso de trabalho mental e preocupações; é da profissão de padeiro; dedica-se desde algum tempo a estudar correntes filosóficas, religião, política. Uma noite teve uma intuição mystica que lhe revelou o seu destino. Prevê acontecimentos futuros: a guerra da Espanha foi uma de suas previsões. Não tem quase afetividade: da própria internação não se queixa".

Era de origem alemã, procedente de Canoas (que na época pertencia ao 4º Distrito de Gravataí) e de família de comerciantes com relativas posses. Sua internação foi toda paga pela família. No encaminhamento feito pelo delegado de Canoas (como dissemos antes, grande parte dos encaminhamentos, tanto da capital como de outras cidades, vinha com bilhetes de delegados) já se revela este fato: "...conforme vontade da família sua internação correrá por conta própria."

No "Certificado do Internação", assinado por médico da cidade de procedência (às vezes eram médicos da própria delegacia, outras vezes, de hospitais da cidade), está escrito:

"idéias de grandeza, absurdas e extravagantes, insônia". A partir do relatado nos "Dados Comemorativos"²²⁰ conseguimos apreender as seguintes informações, sobre a história pregressa do paciente, dadas pelo **pai e irmão do paciente**, no dia da baixa hospitalar: **TR** tinha ambos os pais vivos, era o primeiro dos oito filhos deste casal, a gravidez e o parto transcorreram normais e este último foi "a termo" (no prazo certo). Tinha quatro irmãos vivos e três outros morreram em tenra idade. Sobre os antecedentes hereditários e colaterais, quando questionados se havia casos na família de alienação mental, responderam que um tio avô do paciente era alienado. Não havia outros casos (na família) de doenças crônicas, suicidas, homicidas ou portadores de afecções do Sistema Nervoso.

Sobre os antecedentes pessoais, TR não teve maiores problemas na primeira infância e adolescência, exceto um ferimento na perna em jogo de futebol. Na idade adulta sofria dos intestinos (?) e contraiu sífilis e gonorréia aos 24 anos, tendo feito tratamento adequado com "injeções". Não fazia uso de bebidas alcoólicas nem outras substâncias tóxicas. Sua inteligência era normal antes da moléstia atual; seu caráter era alegre e instável (as opções oferecidas no questionário eram: alegria ou tristeza, otimismo ou pessimismo ou ainda instável). Era uma pessoa desconfiada, impressionável, não era violento, nem impulsivo. Não o caracterizaram como mentiroso, simulador, inafetivo e brutal, nem pervertido sexualmente.

Ao serem inqueridos sobre a "doença atual", deram as seguintes respostas: a causa desta era atribuída a desgostos familiares e ciúmes. Apresentava mania de grandeza, escrevia muito, tinha idéias extravagantes. Sofria de insônia, não comia mais. Havia uns três anos teve

²²⁰ Remetemos ao "Anexo 1" onde colocamos o Certificado de Internação padrão, que era enviado às delegacias e hospitais do interior do Estado, para futuros encaminhamentos. Os "Dados Comemorativos", espécie de anamnese que era empregada nesta época (pois em outros anos diferiam um pouco, em geral com menos perguntas; esta parece ser a mais completa que encontramos), também encontram-se transcritos neste anexo. Estes dados eram preenchidos já no HPSP, muitas vezes, pela assistente social que entrevistava o familiar que trazia o doente ao hospital, e não pelos médicos. Este fato é sugestivo do quanto os médicos desta época não davam importância à história pessoal de um paciente.

idéias suicidas, mas não concretizou nenhum ato neste sentido. Nunca apresentou outras reações anti-sociais. Sobre sinais neurológicos observados (crises epiléticas, perturbações da palavra, etc), responderam que TR tinha "ataques" (sem outra especificação de que tipo). Vinha se tratando há muito tempo, mas também não informaram onde, nem como, nem há quanto tempo fazia. Às perguntas sobre se foi tentada cura por meios extra- médicos, se já havia apresentado doença mental anteriormente, ou se teve internações em outros Sanatórios, não havia resposta escrita.

Na resenha médico- social, podemos detectar que TR casou- se aos 31 anos, com moça de 18. Teve uma primeira filha que faleceu com 1 ano. Atualmente tem um filho vivo, de 1 ano de idade. Sua juventude transcorreu em vida familiar, sem problemas. Era instruído, mas não informaram o grau de escolaridade, nem como era sua relação com os mestres e condiscípulos. Comportou-se bem no serviço militar e "levou um tiro de guerra". Sua ocupação sempre foi no comércio, não teve insucessos na vida prática; nunca esteve em prisões nem sofreu processos judiciais. Não teve recentemente abalos morais. A situação financeira da família era regular. Suas leituras de predileção eram jornais políticos. Era protestante, mas não praticava esta religião, conforme resposta de seu pai. À pergunta : "entregava-se a práticas de espiritismo, batuque ou feitiçarias?", não houve resposta.

Como veremos a seguir, estes dados informados pelos familiares, traçam, já, uma certa representação da doença, desde o ponto de vista da família, pois muitas coisas que o paciente relata de sua vida nas cartas que escreve não foram aí mencionadas, não foram respondidas. Além do mais, fica explícito o que eles supunham ser a causa da "doença atual".

No seu prontuário não há muitas especificações (que em geral aparecem nas evoluções dos médicos) do seu estado mental no hospital, a despeito dos quatro meses em que lá

permaneceu. Há nove "evoluções" do médico, nada explicativas, somente assinando algum medicamento administrado, ou dando conta de uma agressão por ele sofrida na enfermaria, ou dando-lhe alta ("alta para ter tratamento em casa").

Não há especificação sobre o tratamento administrado, mas há no final do primeiro mês de internação, uma "evolução" onde se lê: "Transferido para secção de terapêutica". Embora não tenhamos encontrado nenhuma referência na papeleta médica sobre o método empregado neste paciente, ele era sífilítico (tinha o exame laboratorial de Wasserman positivo), o que nos faz pensar, pelo menos, em Malarioterapia (como já foi descrita).

Assim, este "caso" pareceu-nos distinto de outros, por terem sido encontradas no prontuário treze cartas (doze cartas e um versinho)²²¹ escritas pelo próprio paciente durante sua internação. Não é preciso frisar que estas cartas nunca chegaram a seus destinatários... Embora seu diagnóstico tenha sido "paraphrenia", antigo nome dado às síndromes de delírio crônico²²², o conteúdo destas cartas talvez menos tenha a ver com "delírios" e muito com a própria história de vida de seu autor. Eram cartas em geral de muitas páginas, escritas na sua maioria em papel almaço, dirigidas a um suposto "amigo", a editores de jornais, artigos para a

²²¹ Remeto ao "Anexo 2" desta dissertação, onde as cartas foram colocadas após sua transcrição completa. Optou-se por dispô-las na ordem das datas em que foram escritas pelo paciente e não na ordem aleatória em que foram encontradas e arquivadas na papeleta. Três delas foram encontradas sem data, então foram colocadas em ordem pelo contexto ou "gancho" que o paciente deixou nas anteriores. Apenas uma delas e o "versinho" foram deixadas ao final, pois não foi possível correlacionar o contexto diretamente com alguma outra. A carta em alemão, em suas duas versões foram mantidas no original, com a respectiva tradução (feita por nós) ao lado. Algumas palavras em alemão ficaram obscuras ao tradutor, sendo pouco compreensíveis em seu contexto. Optamos, então, por deixar entre parênteses a tradução literal da palavra ou frase.

²²² A classificação das doenças psiquiátricas modifica-se muito, no correr das décadas. Os compêndios de classificação que usamos atualmente chamam-se DSM-IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, na quarta edição) e CID 10 (Classificação Internacional das Doenças, em sua décima reedição e revisão). Até à classificação anterior (DSM III R e CID 9) a parafrenia era um termo utilizado como sinônimo de esquizofrenia paranóide na CID 9, mas não estava incluída no DSM III R. Em outros sistemas de classificação, era utilizado para descrever um curso de declínio crônico, com delírios bem sistematizados, mas com personalidade bem preservada, portanto não era esquizofrenia. Seus múltiplos significados fizeram com que o termo caísse em desuso. É bastante provável, pelo que se vê em outros prontuários, que os psiquiatras do São Pedro na época, não considerassem esquizofrenia, pois eles realmente colocavam este diagnóstico em muitas papeletas. Mas resta a dúvida de que, por se tratar de um paciente particular, eles pudessem colocar um diagnóstico "menos prejudicial", conforme os interesses da família.

imprensa (há um cujo título é "A avareza" e versa sobre o problema da avareza no mundo contemporâneo, que para ele era "uma das qualidades mais desprezíveis que o ser humano adquire e que está na vanguarda do mundo"), desabafos "filosóficos" ("Meditações e previsões sobre o futuro")²²³, bem como aquelas dirigidas a "personalidades" de destaque da época como o Arcebispo Metropolitano e o Governador do Estado do Rio Grande do Sul. Algumas cartas são importantes, no sentido de ele contar sobre os problemas que teve com o pai e a família.

Ele apresentava, ao que se lê nestas várias cartas, idéias definidas sobre a religião católica, mas coloca-se como cristão (e não católico). Deixa transparecer uma certa admiração pelo nazismo e pela pessoa de Hitler e foi adepto do integralismo e do positivismo. Queria a paz no mundo, embora seu mundo interno não vivesse em paz. Ao mesmo tempo, ele diz-se ex-integralista, refere a si mesmo como um judas, ou assemelha-se a Deus, e briga com a Igreja Católica e seus padres. Ama e odeia ao mesmo tempo: "Apaixonado por vós, vos odeio, porque pregais na igreja o cúmulo da imperfeição-perfeita." ²²⁴

Esta dualidade de sentimentos e opiniões perpassam todas as cartas, o que é típico na sua condição patológica do momento (cisão psíquica). Neste sentido, os oxímoros e as metáforas com símbolos de opostos enriquecem seus escritos... Para dar conta do que quer transmitir, alguma pitada de ironia e a sátira são também ingredientes constantes. Cabe ainda ressaltar que, embora esteja preenchido nos dados de identificação da papeleta médica que seu grau de instrução é secundário, ele escreve muito bem, num português corretíssimo para a época, em todos os sentidos (tanto o formal, quanto o coloquial). Notamos, também, a partir

²²³ Note-se que ele escreve no momento da ascensão dos regimes fascista e nazista no mundo e, aqui no Brasil irá começar o 'Estado Novo'.

²²⁴ Carta 3, endereçada ao Arcebispo Metropolitano Dom João Becker.

do conteúdo da carta 4, que este homem queria ser um escritor, ou pelo menos era escrevendo que ele se sentia livre...

Suas opiniões não estão aqui para serem julgadas se certas ou erradas. Importa constatar que, para nós, elas não representam tão simples e necessariamente "idéias delirantes", pois elas retratam uma realidade, tanto interna (psicológica), quanto externa a ele próprio, como veremos adiante.

Ao debruçar-me sobre os doentes e seu destino, compreendera que as idéias de perseguição e as alucinações se formam em torno de um núcleo significativo. No fundo, há os dramas de uma vida, de uma esperança, de um desejo. Se não lhes compreendemos o sentido, é uma falha nossa. Nessas circunstâncias, compreendi pela primeira vez que na psicose jaz e se oculta uma psicologia geral da personalidade e nela se encontram todos os eternos incuráveis, obtusos, apáticos, se agita mais vida e sentido do que pensamos. No fundo, não descobrimos no doente mental nada de novo ou de desconhecido; encontramos nele as bases de nossa própria natureza...²²⁵

Conforme uma das cartas (carta número 11) ele foi afastado do negócio da família (padaria), embora as idéias que revertessem em lucro fossem suas, e relata que seu pai não gostava que ele passasse bom tempo de sua vida escrevendo ("isto era loucura") e lendo filosofia e outros assuntos como política e religião.

Existem, também, cartas que são verdadeiros poemas, com depoimentos desesperados, de quem está sofrendo e também passando por uma internação psiquiátrica, tendo contato com a realidade diária e aviltante de um hospício ("a todo instante sou interrompido por loucos que, ora me pedem cigarro, ora fogo, ora a penna. Para dizer-vos basta que estou escrevendo encostado da latrina e de cigarro na boca,..." - carta 3; "ando sebozo, quando vão

²²⁵ Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 117/8.

me tirar daqui?"; "aqui no hospital começo a ver fantasmas..."- carta 4). Com frequência, ele deixa transparecer em seus desabafos, a indignação sobre a falta de condições, lá dentro mesmo do hospital, de receber um pouco de papel para escrever ("...aqui nem a muque dão-me papel; Regime de hospital..." - carta 9; "rogo desculpar-me o feitio desta que é cara como tudo, aqui no hospital, onde estou e tenho que lutar com sérias dificuldades para adquirir um pouco de papel e tinta na altura, pois crêem que sou maníaco" - carta 7). Mas não deixa de admitir, em outros momentos, que está doente e precisa de tratamento (carta 6), quando diz, com ironia: "...attestando o meu estado de hyper-excitação nervosa, que claramente transparece naqueles versinhos rudes, pelo facto de reviver dias amargos e estar actualmente adoentado e em tratamento achando-me sob o açoitado da medicina que desequilibra para equilibrar...".

Há uma carta escrita em alemão, endereçada a Hitler, onde consta uma confissão de fatos acontecidos a ele (foi seduzido por padres da igreja). Existem duas versões desta carta, como se uma (carta 5) fosse o rascunho e a outra aquela que deveria ser enviada (carta 4). Na primeira consta a confissão, na segunda não. Comparando com as outras cartas em português, encontramos nestas em alemão conteúdos semelhantes ou aproximados, dados estes que nos serviram de pistas para formularmos a história deste paciente e os problemas pelos quais está passando neste momento específico de crise.

Assim, a carta 4 ("A confissão") tornou-se a mais importante para nós, na medida em que retrata, através do imaginário do doente, os conteúdos psicológicos que o afligem. O simbolismo que nesta aparece (e é aquela que tem o "tom" mais "delirante"), tanto ao nível de conteúdos pessoais como arquetípicos, revelam aos poucos, para nós, toda a "trama" que sua vida teceu, até desembocar na "loucura", na sua dissociação psíquica. Como se fosse um filme

passando diante de nossos olhos, aponta para a dualidade de sentimentos, para um drama não compreendido de um homem que manteve relações íntimas com um padre, a quem ele possivelmente amou e odiou... Esta carta apresenta a **história psicológica** de TR, história esta que faz a síntese entre a história pessoal e a história coletiva, como exporemos depois, em pormenores.

Em muitos casos psiquiátricos, o doente tem uma história que não é contada e que, em geral, ninguém conhece. Para mim, a verdadeira terapia só começa depois de examinada a história pessoal. Esta representa o segredo do paciente, segredo que o desesperou. Ao mesmo tempo, encerra a chave do tratamento. É, pois, indispensável que o médico saiba descobri-la. Ele deve propor perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não limitar-se apenas aos sintomas. Na maioria dos casos, não é suficiente explorar o material consciente...²²⁶

Traçando um breve perfil de "**TR por ele mesmo**", a partir de seus escritos, diríamos que ele era um homem que gostava muito de ler e escrever (carta 4), e conhecia vários autores, em profundidade, embora paradoxalmente negue isto em seguida (carta 9). Trabalhador desde muito jovem (carta 11) sentiu-se injustiçado quando o pai tirou-o da sociedade da família, colocando seu irmão mais jovem em seu lugar. Teve um grande amor em sua vida que foi frustrado em sua realização mais plena (carta 9). Casou-se, após inúmeras aventuras amorosas, com uma moça de "família" e teve dois filhos, sendo que sua primogênita morreu ainda bebê (carta 4), o que lhe deixou um profundo sentimento de desamparo. Era um homem que refletia sobre os assuntos contemporâneos, adepto do integralismo, que depois mudou, e da "ciência positivista" (cartas 2, 3, 10 e 11). Tinha idéias bem definidas sobre os padres da Igreja Católica (várias cartas), tendo sido "seduzido" por

²²⁶ Jung, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

um deles (carta 4). Era um "homem da capital" (carta 3), embora residisse na região metropolitana (carta 8). Lia muitos filósofos, bem como conhecia alguns clássicos da literatura mundial (cartas 2, 3, 4 e 9). Bem informado sobre o que acontecia pelo mundo, lia jornais de Porto Alegre e Alemanha (cartas 1, 2 e 3) e posicionava-se em relação a discursos de líderes políticos e acontecimentos europeus, como a Guerra da Espanha, que transcorria naquele momento (em quase todas as cartas).

A fim de aprofundar nossa análise sobre o imaginário deste paciente, é necessário contemplarmos um pouco mais detidamente o conteúdo de algumas destas cartas.²²⁷

A primeira carta foi endereçada a Vianna Moog (doravante VM), advogado, jornalista e escritor gaúcho, nascido em São Leopoldo em 1906. Ele exerce um papel fundamental como "interlocutor" de TR. Seja ele mesmo ou o que ele representa ao nosso paciente (não foi possível estabelecer uma conexão entre suas vidas que fosse concreta, isto é, não se sabe se eles se conheciam ou não pessoalmente), é bastante importante no contexto geral do caso, pois TR endereça quatro, das doze cartas, escritas a ele, e ainda o menciona nas outras, bem como o usa de "intermediário" para enviar cartas para outras pessoas.

O escritor é tratado como o "amigo" de TR. Para este, VM receberá o "primeiro nobel da paz deste ano" (carta 4). Eles tinham quase a mesma idade (VM com 30 e TR com 34 anos, nesta época). Sendo da mesma geração, certamente depararam-se com problemas semelhantes, no que diz respeito à política e sociedade em que viviam. Assim, um breve histórico da vida deste "homem público", até 1937, poderá lançar luzes sobre o possível fascínio que sua personalidade exerceu sobre TR.

²²⁷ Infelizmente, devido à proporção deste trabalho de mestrado, não daremos conta de toda complexidade e riqueza destas cartas e da história deste paciente. Fica em aberto, para futuras pesquisas, a complementação desta análise.

Quando jovem, VM estudou no Instituto São José, de Canoas, dirigido por irmãos Lassalistas.²²⁸ Querendo seguir a carreira militar, foi ao Rio de Janeiro, mas não havendo provas vestibulares naquele ano, voltou e trabalhou no comércio por um tempo. Por volta de 1925, matriculou-se na Faculdade de Direito e foi designado para a Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Em 1926, prestou concurso para agente fiscal de imposto de consumo, tendo ido trabalhar no interior do Estado. Em 1930, formou-se em Direito, em Porto Alegre. Participou da campanha política da Aliança Liberal e "dos entusiasmos da Revolução de outubro de 1930"²²⁹. Suas atividades jornalísticas começaram neste ano, após a vitória da revolução. Foi removido para Porto Alegre como agente fiscal e combateu o tenentismo pelas colunas do *Jornal da Noite*.

Em 1932, VM participou da Revolução Constitucionalista, foi preso e transferido da capital do RS para a capital do Amazonas. Após ter passado por algumas capitais do norte do país, em 1934, época que foi concedida anistia pelo Congresso, ele foi restituído ao Sul, voltando a Porto Alegre.

Foi no período de exílio que começou realmente sua atividade literária. Escreveu "Heróis da decadência- reflexões sobre o humor, com estudos sobre Petrônio, Cervantes e Machado" e "O ciclo de ouro negro", um ensaio de interpretação da realidade amazônica.

Quando voltou à Porto Alegre, ele dirigiu o jornal "Folha da Tarde", pertencente à mesma empresa (Caldas Júnior) do *Correio do Povo*. Desta fase, 1937, resultaram crônicas (totalizando 25), que ele escrevia no *Correio do Povo*, nos periódicos de quintas e domingos,

²²⁸ É possível que nosso paciente também tenha estudado aí, pois o alemão que sabia não era vulgar, sendo estudado, na época, em colégios religiosos. Ele conhecia muito bem assuntos que só uma educação refinada ou em instituições deste tipo é que se aprendiam.

²²⁹ Estes dados biográficos foram retirados de artigo da "homepage" da Academia Brasileira de Letras. Vianna Moog, em 1945, foi eleito para a cadeira número 4 da ABL, substituindo Alcides Maya. Para maiores dados ver: <http://www.abl100anos.com.br/cads/4/viana.htm>

que se chamavam "Cartas Persas"²³⁰. Eram estas crônicas que nosso paciente lia, se identificava em muitos aspectos e comentava com Vianna em suas cartas.

Nesta primeira carta a VM (embora nesta não haja data, pela comparação dos conteúdos supomos que ela tenha sido escrita em torno de 4 de junho) TR começa dizendo "Li tua chronica da semana passada...". É bem possível que TR lesse jornais no hospital ²³¹, pois como era paciente particular, podia receber algumas visitas e, conseqüentemente, poderiam trazer-lhe os periódicos do dia, ou da semana. De qualquer forma, mesmo que lesse as crônicas de Vianna anteriormente (e isto parece ser verdade pois ele se refere a uma delas, em carta posterior, que encontramos publicada em abril, no Correio do Povo), são elas, agora, que lhe fornecem substrato para tentar compreender o seu mundo interno.

Estas crônicas jornalísticas, as "Novas Cartas Persas" (NCP), constituem-se numa sátira em torno da situação político-social pela qual o país (Brasil) está passando. Porém, para VM, elas estão associadas a um estilo de contar e satirizar a história (um "princípio de fantasia"), que remonta a Montesquieu:

Um dos livros de mais ruidoso e integral sucesso, no seu tempo, foi, sem dúvida, "Cartas Persas" de Montesquieu. A esta jóia literária, mais do que a qualquer de suas produções, deve o escritor a fama que lhe imortalizou o nome. Nada mais simples, entretanto, do que o plano desse livro incomparável. Dois persas em viagem ao Ocidente mantêm correspondência com os amigos da pátria distante. Tudo que lhes cai ao alcance da observação transforma-se-lhes em objeto de comentários, narrativas e reflexões. Neste desfile de imagens do Oriente e do Ocidente, revela Montesquieu toda a finura de seu espírito. De um lado faz a crítica dos grandes e pequenos ridículos morais, políticos e sociais da Europa e da França, nos últimos anos do reinado de Luiz

²³⁰ Posteriormente, neste mesmo ano, esta coletânea de crônicas foi publicada em livro, pela Livraria do Globo, com o nome "Novas Cartas Persas" de Vianna Moog. Consta, ainda, que foi após o golpe de 37 que ele dedicou-se mais integralmente à literatura. Algumas destas "novas cartas persas", aquelas que interessam ao caso analisado, encontram-se no Anexo 3 desta dissertação.

²³¹ Pesquisamos todos os números do "Correio do Povo" de abril do referido ano, pois é o mês que antecede a ida de TR para o hospital. Como havia menção, em suas cartas escritas em junho, a muitas notícias e crônicas lidas neste jornal, achamos que deveríamos procurar, também, nos números de maio, a referência de suas idéias do momento. Com efeito, encontramos muito material comentado por ele nestes exemplares.

XIV, e, de outro lado, em contraste, mostra-nos as excelências e as maravilhas da Pérsia, em magníficas descrições de seus usos e costumes.²³²

É neste espírito crítico, utilizando-se da fantasia e da sátira, que VM desenvolve as cartas: três personagens persas (Usbek, Iben e Rustan) viajam pelo mundo e correspondem-se, comentando as realidades contemporâneas, incluindo aspectos políticos brasileiros (criticam os governantes), costumes do povo, a imprensa, a guerra da Espanha, a relação França/Alemanha no panorama da política mundial, a beleza da Terra, a Academia Brasileira de Letras, a questão racial, etc. Todas estão diretamente relacionadas à realidade brasileira e, sem dúvidas, aos percalços que ele mesmo passou, sendo preso e exilado.²³³

Iben está em Teheran, comentando os costumes persas; ele é "aquele que nasceu com a paixão dos motivos políticos" (NCP número XIV). Usbek está na Europa, passando por Paris e Londres, e comenta os últimos acontecimentos e costumes europeus. Rustan veio ao Brasil e está no Rio de Janeiro, constatando que em sua chegada "as paisagens naturais não me interessaram tanto quanto a paisagem humana que entrevi nos diferentes portos do Brasil. Que variedade estonteante de raças e sub-raças!(...)Nem todos a bordo, entretanto, pareciam participar dos meus entusiasmos por esta estupenda fauna brasileira."²³⁴

²³² Moog, Vianna. *Novas cartas persas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937, p.7 (prefácio). O mesmo "artifício literário" foi utilizado por Lima Barreto, em "Os Bruzundangas": "É sobre essa postura europeizante, falsamente erudita e adepta da mentalidade progressista, que recai a ironia maior de Lima Barreto. A situação é levada ao extremo do ridículo na obra *Os bruzundangas*, onde utiliza o expediente de Montesquieu nas Cartas Persas para falar de um país fictício, metáfora do Brasil, em que expõe a nu as mazelas nacionais." Citado por: Pesavento, Sandra. *O imaginário da cidade, visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 1999, P. 211.

²³³ Todas as cartas de VM possuem um título e versam sobre algum assunto específico. Nas crônicas jornalísticas estes títulos apareciam. No livro, foram um pouco modificados e aparecem ao final, no índice, junto com o assunto a que se referem. Ver Anexo 3, onde colocamos uma cópia do índice deste livro. As cartas não aparecem no livro, na mesma seqüência em que foram publicadas no jornal.

²³⁴ Op. Cit. p.22.

TR usou o mesmo "artifício literário" que VM e Montesquieu, para relatar a sua história: escreveu cartas, utilizando também sátira e ironias. Ele não só compreendeu, gostou e comentou muitas das cartas persas, como utilizou a sátira e o humor, para manter-se vívido diante de sua tragédia pessoal.

Veremos na carta 4 (sobre a confissão), por exemplo, que ele teve um sonho, cujos personagens principais são o craque de futebol chamado "Risadinha" e Santa Teresinha, que também tem relação com a alegria e o riso, na mística cristã.

Ao nível pessoal, TR identificou-se com o personagem Iben, aquele que nasceu para a política. Em sua primeira carta a VM, ele assina com este nome: "Iben, Teheran". Isto corrobora as impressões que os familiares têm dele: ele interessa-se muito por política.

Mas também é Iben que está se sentindo inferiorizado por permanecer em Teheran, na Pérsia, subjugado politicamente sob o regime ditatorial do "xá Palevi": "Invejo-te, Rustan amigo, (...) O que eu daria para lograr sair de Teheran! Se ao menos me fosse permitido vagar de um lado para outro, ainda que dentro de nossas fronteiras!" (NCP nº II)²³⁵

TR utiliza-se, em sua primeira carta, de imagens desta NCP e deste personagem, para falar a VM sobre o que ele está sentindo dentro do hospício: "Aqui em Teheran, como tu sabes, a base fundamental, o regime interno é negar-se tudo, dando-se tudo, é nesta negação que reside ao meu vêr, todo o amor ao nosso próximo, do nosso ser." ²³⁶.

Mais adiante, ele diz que eles, os persas, pensadores ou não, anseiam por ter uma pátria livre do jugo estrangeiro (que aqui tanto pode se referir ao próprio hospício como *locus*

²³⁵ Incluiremos, para fins de identificação, a abreviatura de Nova Carta Persa (NCP) com seu número correspondente ao lado.

²³⁶ Aqui vemos pela primeira vez aparecer seu "pensamento por antinomia", isto é, sua dualidade de sentimento e opiniões, ao qual nos referimos na página 149.

de repressão, como ao "estrangeiro nele mesmo" que seria a repressão de sua história pessoal ainda não revelada). E aparece, novamente, o sentimento contraditório: "Ah! meu caro Rustan como me sinto feliz nesta querida Teheran, aqui tudo é poesia e todos são poetas e se vencem as mais difíceis barreiras que se antepõe a cada indivíduo durante a peregrinação que faz dentro do próprio coração, de sua alma, do seu eu." É evidente que TR está se referindo à sua realidade tanto externa (Teheran aqui é o hospital e os poetas são os pacientes) quanto interna (seu coração, sua alma, seu eu).

Na continuação desta carta, há uma primeira menção à Igreja e aos padres católicos, que estão no cerne de sua problemática pessoal: "Liberdade, doce liberdade, liberta-nos do jugo estrangeiro e de nós próprios. Quem é que nos pode liberar do jugo estrangeiro e de nós mesmos? A Igreja!...porque já não o fez?... Que grandes heróis e que grandes covardes são os padres!". Metaforicamente ele faz menção ao "segredo" que ele possui, e que é veneno em sua alma...

Até a quarta carta, suas imagens e fantasias "delirantes", tanto pessoais como coletivas, vão crescendo de intensidade, até desembocar na confissão de que um dia manteve relações "íntimas" com um padre. Por este motivo, vamos nos ater, mais detidamente, a estas quatro primeiras.

Ao mesmo tempo que podemos resgatar fragmentos de sua história pessoal perdida, também é legítimo ler esta história pessoal de TR a partir dos mitos da consciência coletiva que se apresentam no momento: o nazi-facismo, os regimes totalitários pelo mundo e a guerra da Espanha, por exemplo. Os mitos coletivos estavam substituindo, no momento, a história pessoal mantida inconsciente.

A segunda carta endereçada ao Arcebispo Metropolitano Dom João Becker, de Porto Alegre, explicita a ampliação de sua problemática ao nível coletivo. "Hespanha martyrizada, esfacellada e levada quase à completa ruína material , debatendo-se em dores, tingindo de sangue sua terra, seu berço, deu à luz uma creança: A Paz. É pela paz que a humanidade de nossos dias, e de todos os tempos vem se batendo. O fogo que incendiou Hespanha, contaminou o universo. Ardendo em chamas pela liberdade, o mundo tem cometido os maiores desatinos". Esta imagem da Espanha esfacelada é a metáfora para sua psicose do momento, que se caracteriza pela perda interna da barreira entre o individual e o coletivo.

É certo que ele lia, além das crônicas, as notícias da guerra na Espanha e os comentários políticos. Suas cartas são ricas em comentários a estes assuntos do momento. Nos números do jornal "Correio do Povo" de abril de 1937 que pesquisamos, havia muitas notícias sobre tal guerra, longas descrições sobre o estado atual da Europa em meio a tantos acontecimentos. Por exemplo, no dia 7 de abril, há uma matéria de página inteira, com a seguinte "manchete":

A Guerra da Hespanha atravessa uma phase culminante lutando em todas as frentes - Para fazer a guerra e poder enfrentar o inimigo com todo o rigor, os governistas com o decorrer do tempo conseguiram fortalecer-se e organizar-se afastando a política.²³⁷

Também VM fala na NCP nº XVI, sobre a Espanha em guerra, dando um sentido muito próximo ao de TR: "De qualquer forma, meu caro Rustan, de uma coisa não resta dúvida: é que na Espanha não se está decidindo sòmente a sorte de um govêrno, de um regime: decide-se alí a sorte do mundo".²³⁸

²³⁷ Correio do Povo, 7 de abril de 1937, p. 3.

²³⁸ Moog, V. op. Cit. p.108.

Na mesma carta 2 de TR, insere-se, já, seu discurso sobre o problema da sexualidade no Clero Católico, cerne de sua problemática pessoal. Ele refere-se a um discurso do ministro alemão nazista Goebbels, que ele teria lido no *New Deutsche Zeitung* de 29 de maio, e faz das palavras dele as suas: "Posso afirmar diante do povo alemão que a peste sexual terá que ser e será, extinta com tronco e raiz:' Realmente cabem às confusões sexuais do clero Cathólico a culpa disto.' " E, depois, continua citando o discurso do ministro que culpa os ex-jesuítas, pastores e frades de perturbarem a ordem pública.

Em seguida, TR defende a Alemanha de Hitler, que "está hoje em dia que é um só bloco em prol da liberdade, igualdade e humanidade, que é o ideal de todo christão de bom pensamento".

Esta carta, como vimos, é endereçada a Dom João Becker, que apoiou o Governo Getúlio Vargas, tendo como um de seus interesses retomar o poder que a Igreja Católica havia perdido com a proclamação da República no Brasil.

A década de 30 permitirá à Igreja, no Brasil, redefinir sua inserção na sociedade civil e sua articulação com as classes emergentes e com os novos donos do poder. Desta redefinição fará parte um crescente enfrentamento ideológico com o integralismo, bem como com o socialismo e com o corporativismo estatal na disputa pela conquista da classe média e das classes populares respectivamente.²³⁹

Assim é bastante pertinente que TR escreva ao Arcebispo, pois vê neste uma autoridade que, além de ser capaz de compreender seus problemas, também está inserido num jogo de disputas de um regime totalitário.

²³⁹Zemor, Fernando. *Estado e Igreja no Brasil da década de 30*. <http://www.brasil.terravista.pt/claridade/1208/histor06.htm>

Além disto, se analisarmos pela "via do inconsciente", perceberemos que o próximo "passo" de TR será vincular-se (identificar-se) a Deus, como fica claro em suas fantasias da carta 4. Este seria o "último recurso" ante a falência total de seu ego, entrando em psicose.²⁴⁰

Ter, portanto, escrito a Dom João Becker, pode significar o passo intermediário: entre os mortais e Deus, existem os padres, neste caso, "o padre dos padres" que é o Arcebispo ("saudo-vos como paladino da paz do Brasil e faço uma prece a Deus, ao findar esta, que Deus vos dê ainda muitos annos de vida e a nós vosso fecundo governo espiritual").

Nesta mesma carta, ainda, ele já informa que Deus supremo é a perfeição e que se um povo seguir um caminho errado, só Deus há de saber reconduzi-lo para o que é de Sua vontade.

TR completa a carta mostrando uma face de seus ideais, provavelmente aqueles a que se filiava conscientemente, mas nem assim escapa do "dualismo": "O meu ideal em prol de minha terra natal, o Brasil, é Deus, pátria e família, enquadrado no integralismo, mas se o povo quer a democracia julgo fazer mal opor-me a soberana vontade do povo, o povo é que traça o seu caminho, repito."

A terceira carta, também endereçada ao Arcebispo, anuncia a "hecatombe universal". Falando do Apocalipse (que significa revelação) bíblico de São João, ele revela simbolicamente o que está para acontecer a ele próprio.

²⁴⁰ Deixaremos uma pergunta: nota-se que o "psiquismo" do paciente foi deteriorando-se durante a internação, até, na carta 4, ele fazer a confissão, momento do auge de sua psicose (até onde nos é possível perceber). Não teria sido a própria condição de repressão (pelo tratamento e também confinamento) dentro do hospital que detonou a crise maior? Por outro lado, será que sua sensação de "estar em tratamento" não predispsô que ele conseguisse "confessar"? Uma outra possibilidade: amparado na "ciência" ele confessou o que um padre fez, coisa que ele não deve ter jamais sentido coragem de fazer aos próprios confessores padres.

Nesta carta, ele já usa de sarcasmo e ironia ao se referir a Dom João Becker como um "teólogo ateu". Fazendo uma enantiodromia ²⁴¹ em relação à carta anterior, ele xinga-o, dizendo, entre outras muitas: "Quis o destino que o autor desta, tenha que destapar toda vossa (da igreja) vergonha. Porque não quizesse ouvir vou destapar 'a tua vergonha', diz Elle no Apocalypse de São João." Aqui, o verbo "destapar" faz menção ao anjo do Apocalipse: "Quem é digno de abrir o livro, e de desatar os seus selos?". Desta forma, TR assume neste momento, também, o papel do anjo, que abre os selos (revela os segredos) do Apocalipse.

Misturando sua realidade no hospital, com uma raiva interior, TR expressa: "Para dizer-vos basta que estou escrevendo encostado da latrina e de cigarro na boca, transformando o púlpito da igreja em latrina, prego a palavra de Deus. Transformai a vós também. Que só assim salvareis-vos e a humanidade."

A próxima passagem da carta é, então, uma interpretação do Apocalipse de São João, onde ele (TR) é Cristo (ainda não é Deus!). Falando sobre os quatro animais ele diz: "(...) o que tem a figura de uma fêra é Stálin, o credo vermelho...o que tem a figura de uma novilha é Hitler e Mussolini, o nazismo e o fascismo... o que tem a figura de homem é o Papa, a igreja...o que tem a figura de uma águia voando, é o autor destas linhas, um perverso, que, eu teu Jesus converteu, a quem Deus, meu Pae celeste, deu a magia das palavras e, este mísero ser humano teve a infinita graça de ser o construtor da paz Universal.". Aqui temos a alusão a, talvez, seus dois problemas principais: ele é o perverso que manteve um amor secreto com um padre e ele tem o dom da "magia das palavras", que nos remete a sua vontade (ou mais que vontade, sua aptidão nunca desenvolvida a pleno, por incapacidade ou por repressão da família) de ser escritor. Estes seus segredos inconfessos fazem-no identificar-se a Cristo, que foi sacrificado em prol da humanidade.

²⁴¹ Termo usado em psicologia, que significa o movimento de ir para o lado oposto instantaneamente.

Ainda sobre a imagem do Apocalipse: em nossa prática com pacientes, vemos que esta imagem simbólica (arquetípica) sobre o "fim do mundo", que surge em sonhos, visões ou delírios de pacientes, muitas vezes precede uma crise psicológica grave.

Várias passagens desta terceira carta, impossíveis de serem citadas na íntegra neste espaço, mostram sua confusão e o quanto está "discutindo" interiormente sobre sua própria loucura. Vemos na frase seguinte a expressão máxima disto, neste momento: "Tenho o pressentimento que este homem, até então louco ficará da cegueira do espírito...logo- não podemos afirmar que é ou não louco, Deus o sabe e Deus neste caso é o tempo." Certamente, ele está sentindo-se "enlouquecer", neste momento, dentro do HPSP.

Digno de relacionarmos, aqui, é a menção a uma das cartas persas de Vianna Moog que se chama "Cabeça de Papelão". TR escreve: "Tu meu irmão Vianna Moog, me ensinaste a ter cabeça de papelão no Correio do Povo, num Domingo, e a servir chá através de tuas cartas persas, que doce chá servido com a cara mais imbecil do mundo, PG solta toda flora de teu cancro imbecil. João do Rio, "Relojoeiro", autor de "cabeças de papelão", toma lá minha cabeça, não a quero mais, fica em perpétuo concerto, o que quero é tua cabeça de papelão."

Esta NCP foi publicada no Correio do Povo, em 11 de abril de 1937, num domingo. Notemos que sua data é anterior à internação de TR. No livro, ela é a última carta (de número XXV) e tem o título "O Homem que tinha cabeça de papelão".²⁴² Segundo VM, ele baseou-se no conto de João do Rio, intitulado "Rosário de Ilusão"²⁴³, para escrever esta história.

É uma carta de Rustan a Iben, respondendo a este sua anterior, que começa assim:

²⁴² Encontra-se reproduzida na íntegra no Anexo 3 deste trabalho.

²⁴³ Não encontramos, em nossa pesquisa, este conto de João do Rio, para de traçar um paralelo.

O teu norueguês não tem nenhuma originalidade. O seu modelo é um espanhol maluco que, a pretexto de desfazer agravos e restabelecer sobre a terra a idade de ouro, passou a vida a investir contra moinhos de vento, espancado pelos mercadores, corrido a pedradas pelos cativos e escarnecido por toda gente.²⁴⁴

Podemos imaginar, a partir deste trecho, a identificação que TR fez. Não havíamos mencionado, ainda, que na segunda carta de TR, ele refere-se a Cervantes, ao falar da guerra civil espanhola, da seguinte forma: " Se Cervantes, o grande escritor espanhol levantasse do túmulo e visse sua terra tão devassada pelo crêdo de Moscou, o que diria? Teriam forçosamente lhe fugido dos lábios as seguintes palavras: Stalin, Stalin, Dom Quixote, atacas moinhos de vento! Que fizeste de tua e minha terra? Que fizeste dos paizes onde infiltraste teu credo malsão?"

É como se ele, TR, sentisse que lutava contra moinhos de vento, uma luta inglória contra seu estado psíquico, que estava ruindo, como a Espanha, na guerra contra o comunismo.

Mas voltando à carta persa de VM, esta continua falando em heróis, e destes, daquele que Rustan preferia: o brasileiro, cuja história "vem narrada num conto que traz este título singular: 'o homem de cabeça de papelão' " - fazendo referência ao conto mencionado de João do Rio.

Na seqüência, conhecemos esta pitoresca história, aquela do herói que nasceu com a paixão da verdade. Ele só falava a verdade e seguia os impulsos do coração; era detestado por todos e em casa tornava-se inconveniente. Não mentia nunca e foi expulso de todos os

²⁴⁴ NCP, nº XXV, p. 163.

colégios. " A opinião geral é que tinha má cabeça. - Mas tem bom coração -, desculpava-lhe a mãe, a única pessoa que lhe queria bem." ²⁴⁵

Ele não durava em emprego algum, pois os patrões, assim que descobriam que tinha idéias próprias a respeito de cada assunto, demitiam-no. Além disto, continuava só a dizer a verdade e a seguir os impulsos do coração. Era despedido do comércio, pois se recusava a mentir; era demitido das fábricas, porque queria organizar sindicatos; era despedido dos jornais por se recusar a escrever o que não pensava.

Apaixonou-se pela filha de sua empregada, mas esta recusou-se a desposá-lo. O herói convenceu-se, por fim, que os outros todos tinham razão, e ele tinha uma cabeça que não funcionava bem. " E, no entanto, sentia no peito infinitas reservas de simpatia para com a humanidade, de piedade para os pobres, e até para os ricos, porque não sabiam o que faziam".

Um dia, andando maltrapilho e infeliz pela rua, viu uma placa dizendo que ali consertavam cabeças. Prontamente entrou, e foi atendido pelo próprio "consertador de cabeças". Este disse-lhe que poderia consertar sua cabeça, mas levaria um certo tempo, então que ele levasse emprestada uma de papelão como empréstimo.

Nosso herói aceitou e em pouco tempo estava transformado: ganhou muito dinheiro, tinha poder político, prestígio na sociedade. Não sentia mais piedade por ninguém, e teve uma vertiginosa e invejável ascensão social, industrial, comercial e política. "Só sua mãe não o reconhecia. Evitava-o sempre."

Após algum tempo, passando em frente à casa onde havia deixado sua cabeça (sua máquina de pensar), entrou (pois só então ele se lembrou dela) e lá estava o proprietário que

²⁴⁵ Na carta 11, TR faz uma menção à sua mãe, que seria uma "santa", a única pessoa que lhe compreendia.

lhe disse que o esperava há muito... Ao ser questionado se o concerto havia dado muito trabalho ele respondeu: "Qual nada! Nunca vi cabeça tão perfeita É a placa sensível do tempo e das idéias." O capitalista, então, considerou longamente, e resolveu deixar sua cabeça lá e ficar com a de papelão.

VM termina a carta assim: "Meu caro Iben, queres um conselho? Adota uma cabeça de papelão!"

TR disse tê-la adotado. É visível a identificação com este personagem- herói, antes de ter a cabeça de papelão. E ser herói, neste momento de crise, é também uma tentativa de elevar seu problema a um nível coletivo: só feitos heróicos poderiam salvá-lo da "perversão".

O mito do herói é encontrado em várias mitologias e, embora as particularidades que apresenta em cada uma destas, tem um significado genérico. Em geral os heróis são seres semi-divinos, de nascimento humilde mas milagroso, passam por provas sobre-humanas, lutam triunfantemente contra o mal, falham ante a tentação de seu orgulho (hybris, ou "desmedida", em grego), e muitas vezes morrem por motivo de traição ou por um ato de sacrifício heróico.²⁴⁶ É só pensarmos em alguns "heróis" conhecidos, como o grego Hércules (ou Hércules e suas 12 tarefas), Cristo no Novo Testamento, Gilgamesh da Babilônia, Rustan - o herói persa que caiu numa armadilha feita por um homem de sua extrema confiança (note-se que é o mesmo nome do viajante persa que veio ao Brasil, nas cartas de VM), e tantos outros...

Este mito aparece muito em fantasias de doentes que possuem sentimentos de inferioridade e precisam compensá-lo realizando aquilo que seu "eu" sente como uma

²⁴⁶ Para maiores detalhes, ver "Heróis e fabricantes de heróis", escrito por Joseph Henderson, in: Jung, C.G. (org.) *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

"façanha heróica". Em outras palavras, "pode-se dizer que a necessidade de símbolos heróicos surge quando o ego necessita fortificar-se - isto é, quando o consciente requer ajuda para alguma tarefa que não pode executar só ou sem uma aproximação das fontes de energia do inconsciente."²⁴⁷

Porém, ter cabeça de papelão, neste momento, não deixa de ser, novamente, uma ambigüidade: embora VM trate este personagem como herói, por ter passado por tantas desavenças, ele tornou-se aquilo que não é. A ambição do personagem foi maior, tornou-se capitalista e deixou para trás uma cabeça perfeita, "placa sensível do tempo e das idéias". Transformou-se, assim, num anti-herói.

Quando TR mencionou que teve uma cabeça de papelão, ele estava admitindo sua traição a si mesmo: "toma lá minha cabeça, não a quero mais", e, em seguida, sucumbiu em suas forças psíquicas.

Na carta seguinte, a quarta em nossa seqüência, também tendo VM como interlocutor, ele conta um longo sonho e termina com um enxerto de uma carta para Hitler, onde faz a "confissão" (embora nesta de número 4 ele tenha cortado - censurou! - a confissão explícita) e lhe manda suas "chinelas" como presente.²⁴⁸

Esta "carta/sonho" está toda escrita em versos e começa assim: "Vou contar-te um sonho violeta/de ódio e ironia/ de escárneo e amor/ baseado na mais linda flor/ a santa Theresinha/ É ela que vai fallar/ odiar, amar e com ella outra santa/ - já que não soffrena o pingo/ que dá a cada passo respingo/ do furor d'alma que odeia com calma/ e apanho neste

²⁴⁷ Op. Cit. p.123.

²⁴⁸ Remeto o leitor ao Anexo 2, para a leitura integral desta carta. Devido ao espaço, trataremos agora de algumas passagens mais significativas que respaldam nossa interpretação. Sua complexidade é tamanha, que seria impossível resumir o sonho, sem perder partes importantes.

apanage/ porque são versos de Boccage/ (...)"

TR inicia sua carta/confissão com oxímoros, que irão aparecer em toda ela, a cada verso. O violeta, já é a cor que une os opostos vermelho e azul. Boccage, o "poeta pornográfico", que na carta anterior ele já havia citado, dizendo ser ele mesmo (um Judas Boccage), aparece aqui com Teresa, uma santa. Podemos relacionar, talvez, esta dupla imagem, com a vergonha ou culpa que ele sente pela sua relação com o padre.

Ele começa o relato do sonho dizendo que viu este escrito num jornal ("que berra e não faz mal"), e que o sonho era "**inspiração Minha- do eterno-** mostrando-me paraizo e inferno, verão e inverno...". Neste trecho, aparecem duas metáforas, que jogam com a questão do individual e do coletivo, fazendo desaparecer seus limites. É feita uma menção crítica a VM (identificado à pessoa de TR, portanto personagem de seu inconsciente pessoal), escritor jornalístico crítico - e portanto, também, figura da "consciência coletiva" -, mas que berra e não faz mal, isto é, suas críticas não se juntam a uma prática crítica: escrever não está mudando sua vida., TR não é um escritor conhecido. No final desta carta ele diz: "sou por enquanto teu inimigo".

A outra metáfora é referente ao próprio sonho, que ele identifica sendo seu e também vindo do "eterno", isto é, do inconsciente coletivo. Na sua lógica, se ele é o eterno, então ele é Deus. Esta identificação com figuras (imagens) arquetípicas é uma das manifestações de cisão psíquica grave, de psicose.

Eis a primeira parte do sonho, cujos elementos servirão à nossa análise inicial:

Vi o risada o formidável/ em brinquedo confortável/ que a seus pés Christo poz/ e disse-lhe a mão no hombro pousando/ Vê lá depois disto/ se tudo conquisto/ "Mergulhei-te (afirma?) em dois tinteiros a penna" – Mas contigo apanha "todo" mundo/ neste shoote profundo"/ - Risada agora alegre deus bolaço que rompendo das

nuvens o véo/ indo parar lá no sétimo céu/ e numa janella aparece um anjinho ligeiro/ cretino, damninho, brejeiro/ e diz: “não me amole/ se não queres que vivo te esfole/ eu tb. Estou a procura de um padre cura/ e não acho aqui um trouxa com quem me divertir/ atira de volta a bola e põe-se a rir/ veja se acheis lá embaixo um padre/ que no brinquedo te sirva de compadre”/ - Agora aparece a mais bella das santas/ que com milhões outras tantas nosso Risada seduziu/ Nosso crack acabrunhado/ fica bestunto embrulhado/ Dizendo: Risada...dou-te essa rosa encarnada/ que tem o perfume da mais linda rosa amada/ e arranjei-te por goleiro um/ que de fortaleza é um Verdun/ mas tem que dar-lhe bem na testa/ o bolaço que no céu continua a festa/ - já não se pode com o mormaço, faça agora já/ se se não quer ouvir o protesto do Eterno Tupá”/ - E a multidão de santos grita/ se não te aprumas continua a fita/ e Risada ouvindo o pedido das rosas a flôr/ dá um shoot que dá uma dor/ e todos os santos e santas cantam: “Eu sou a poderosa artilharia/ que nas lutas se impõe pela metralha/ a ação das outras armas auxilia... com seus tiros de tempo e confusão/ às fileiras “inimigas” leva “morte” e distração/ Entra o juiz em scena/ homem alto tez morena/ um hespanhol desconhecido/ e sôa o apito...frio frrrio/ Quiero hablar com esto moço/ e ustedes gritando no pósso/ O crack com medo treme/ não se sabe se de entusiasmo freme/ e pensa: será que santa Therezinha não é também grande Evinha?

O personagem principal do sonho é o "crack Risadinha", jogador de futebol. Este tem brinquedo confortável a seus pés, que Cristo lhe deu, parecendo que são dois tinteiros e pena para escrever. Dá um chute que vai ao céu, de onde aparece um anjinho que não quer ser incomodado, que diz que também quer um "padre cura" e, pondo-se a rir, devolve a bola. Surge uma santa, a mais bela, que dá uma rosa encarnada a Risadinha. Esta consegue-lhe um goleiro, da fortaleza de Verdun, porém este também tem que ser acertado na testa, para continuar a festa no céu. O craque dá o chute a pedido "das rosas, a flor", acerta o alvo e identifica-se com a poderosa artilharia. O juiz ("de futebol") entra em cena, e pede para falar com ele. E Santa Teresa pode ser também Evinha (aqui uma alusão provável a Evita Péron).

Podemos depreender desta parte, que o craque Risadinha é ele mesmo, que dá um chute no tinteiro, "um tiro para a lua", para usar uma expressão popular. Significa que o momento em que ele escreve (tinta e pena) é o momento em que se sente livre, vai à lua, aos

céus. Portanto, novamente, identifica-se a Deus. Ao mesmo tempo, a metáfora de futebol²⁴⁹, significa algo importante na psique masculina, é uma espécie de "iniciação" do homem em seu meio social masculino. Aqui, o futebol confunde-se com artilharia de exército, outro local preferencial de homens.

Pela história contada por seu pai, TR esteve em alguma "guerra". Aqui ele se refere a Verdun, que foi uma das batalhas da Primeira Guerra Mundial, ganha em 1916 pela França, com a retirada da Alemanha. Mas não foi esta a "guerra" que lhe deu o tiro na perna, concretamente, pois nesta época ele teria em torno de 13 anos. Na carta 7, endereçada ao General Flores da Cunha, apresenta-se como o "vosso humilde e obscuro soldado" e revela que na revolução de trinta marchou "nas fileiras do exército da liberdade".

Acreditamos que Verdun apareça, aqui, como um símbolo coletivo que se aparenta à sua história pessoal, que neste momento está compensando a falta do entendimento desta pela consciência. A batalha de Verdun (entre França e Alemanha) foi considerada o maior e mais brutal combate da Primeira Guerra Mundial, tendo durado dez meses, com uma baixa de 970 mil homens. Verdun resistiu a muitos ataques e é lembrado como o campo de batalha que teve a maior densidade de mortes por metro quadrado. Nenhum dos lados ganhou, na verdade, por estratégias de guerra. A "vitória" da França deu-se pela retirada da Alemanha, que foi defender-se da Inglaterra e Rússia em outro lado. O general Henri Petain, que comandou as tropas do exército francês em Verdun tinha a seguinte frase como mote de sua luta: "Ils ne passeront pas!" (Eles não passarão!).²⁵⁰ Nosso paciente TR, no final da carta que estamos

²⁴⁹ O sonho é contado numa divisão temporal semelhante a jogo de futebol: primeiro e segundo tempos.

²⁵⁰ Citado por David Koeller, na homepage da North Park University. "*The battle of Verdun, 1916*" <http://campus.northpark.edu/history/WebChron/World/Verdun.html>

analisando, diz: "Ah, se a gente levantasse das nuvens o véo, que paraíso, hein?...De dois mil não passarás!"

Esta alusão à batalha de Verdun coloca sua problemática como difícil e sangrenta, isto é, há um profundo sofrimento em sua alma, com várias perdas. Mas também ele resistiu a tantos "ataques" (aqui simbolizando as agruras em conviver com o padre que o seduziu, ou a resistências de sua família em aceitá-lo como era). "Levantar das nuvens o véu", pode simbolizar trazer à tona toda sua história pessoal, seu "segredo- veneno" que absorve sua saúde mental.

Alusões ao embate França/Alemanha aparecem em vários momentos de suas cartas.

VM, em sua NCP nº XV, escreve que esta rivalidade entre franceses e alemães apresenta-se cada vez com contornos mais alarmantes. Ele considera que estas recíprocas diferenças não foram geradas por nenhum ódio de raça, "senão pelo capricho de mesquinhos interesses dinásticos..."²⁵¹

Neste sentido também, a figura de Hitler é explícita em várias cartas, em geral, como alguém que TR admira, sendo inclusive o receptor de sua confissão consciente (ver carta 5).

O "contraponto" feminino desta problemática surge na imagem de Santa Teresinha.

Teresa do Menino Jesus (Teresa Martin) era francesa, morreu com 24 anos, em 1897, no Carmelo de Lisieux, onde passou nove anos de sua existência. Deu à sua breve existência o cunho inigualável do sorriso, expressão de uma alegria ultraterrena, que, segundo suas palavras, residiam no mais profundo da alma. Ela tinha lindos cabelos loiros, olhos azuis,

²⁵¹ Moog, V. Op. Cit. p.96. Ver mais especificamente o que ele escreve na página 97 sobre a complementariedade destes dois "países vanguardas da civilização ocidental".

traços delicados, enfim, era extraordinariamente bonita.²⁵² Foi invocada na França, em 1944, como padroeira secundária do país, ao lado de Joana D'Arc.

Santa Teresa era poetisa, autora de peças de teatro (entre elas uma remarcável sobre Joana D'Arc), pintava flores.²⁵³ Guardou em si, o espírito infantil e de alegria e, mesmo doente (morreu tuberculosa), continuava "a jogar para Jesus flores de pequenos sacrifícios". Entre suas ações santificadas, figuram o "milagre das rosas" e o pedido de perdão ao imperdoável (conta-se que ela pediu que fosse perdoado um homem que havia matado uma criancinha e duas mulheres).²⁵⁴

Ela deu à sua vida de ascese o título de "Infância espiritual". Há uma passagem de sua obra que se assemelha ao sonho de TR, em alguns elementos:

Eu havia me oferecido a Jesus Menino como um **brinquedo**, e lhe havia dito que não se servisse de mim como uma coisa de luxo, que as crianças se contentam em guardar, mas como uma pequena bola sem valor, que ele pudesse jogar na terra, empurrar com os pés, deixar em um canto, ou também apertar contra o coração, quando isso lhe agradasse. Numa palavra, queria divertir o Menino Jesus e abandonar-me aos seus caprichos infantis.²⁵⁵

O sofrimento de Santa Teresa, transformava-se em alegria, para doar-se ao Menino Jesus. A analogia com TR se faz, na medida em que ele também conservou uma forma de expressar em risos (o craque Risadinha) aquilo que sofria no momento. Seu personagem transformou-se na própria sátira de sua situação. Várias passagens de suas cartas também possuem esta conotação, não somente a carta da confissão. O poder de rir de si mesmo é um

²⁵² Sgarbossa, Mario. *Um santo para cada dia*. São Paulo: ed Paulinas, 1983, p.313.

²⁵³ Na carta 6, TR compara-se também às pessoas sensíveis, artistas, que adoecem pela dedicação a este tipo de trabalho, ou se matam por amor.

²⁵⁴ Para maiores detalhes, ver a obra de Jean Chalon: *Thérèse de Lisieux, une vie d'amour*. Paris: cerf/Flamarion, 1996.

²⁵⁵ Citado por Sgarbossa, op. Cit., p.313. O grifo é meu.

dom de poucos, ou então um dom necessário para poder não submergir totalmente no sofrimento. Mas a própria santa não é poupada das dualidades de TR: ela também pode ser Evita Péron, ela também tem um "olhar de ódio que espanta"...

Notamos que as questões que ele coloca em suas cartas, discutido-as ao nível das problemáticas coletivas, são também problemas seus, pessoais: a crise com a igreja católica (a sedução pelo padre), a "sangrenta guerra da Hespânia" (crise psicológica pela qual está passando), a avareza (os problemas com a fábrica e negócios da família, nas quais é rechaçado pelo pai).

Na continuação de sua carta confessional, começa uma passagem em que ele relata sua própria vida, na voz da santa: "Vou dizer-te um pouco de tua vida: Eu vi!...que te levaram quatro vezes à ruína/ moral e material esta 'casta fina'/ derrotaram-te levando a derrota a si/ tudo isto com meus olhos vi/onde lhes dava o pão/tiraram-te o comer e em teu lar entrou a fome e a miséria/(...) trabalhaste vinte horas e dormias quatro/..."

Ele está, em versos, dizendo o que expressou em outras cartas: foi colocado para fora da empresa da família (carta 11); era padeiro ("lhes dava o pão") e, metaforicamente, ficou sem o pão (também um "alimento espiritual") para sua casa. Também relatou em várias cartas que ele trabalhava muito e que deve seu estado atual a excesso de trabalho físico.

Nos versos seguintes, torna-se claro que há algum tempo atrás ele foi internado num sanatório para "dementes e nervosos", em Santa Cruz, onde sentiu-se arruinado física e espiritualmente.²⁵⁶ Voltou de lá arruinado financeiramente, e "agora em casa ficaste quase louco verdadeiramente". Embora fraco, foi trabalhar como vendedor de bebidas, num

²⁵⁶ Note-se que o pai, na internação atual, não respondeu à pergunta sobre hospitalizações anteriores.

caminhão da Ford, para não sobrecarregar seu pai.

É neste momento da carta que ele se refere pela primeira vez ao padre Benjamim Aragão, "de quem tanta coizinha se dizia (te afivelei padre!)". Mais tarde, em outra carta (carta 6) fica claro que foi com este padre que ele manteve relações "íntimas". Parece que este também tentou ajudá-lo neste momento, mas sabe-se lá a que preço!

TR junta a esta parte da carta o relato da morte de sua filhinha de nove meses, "um duro golpe" e parece sentir-se culpado pela sua morte, talvez por não tê-la batizado, ou pela sua própria culpa no envolvimento com o padre.

A seguir ("segundo tempo"), voltam as metáforas com imagens coletivas, que simbolizam, agora, sua relação proibida. A santa pede que ele conte mais, para ganhar a rosinha que ela prometeu. Fala, então, de Hitler, o "Adolphinho", que quer tirar o padre do gurizinho: "Lembrei-me quem será Hespanha? Que em luta cannibalesca quer devorar o padre esta besta. Não...disse a santa brandamente, este homem é teu/ Hitler tem o dele o comunista/queres o padre e faminta gana avarista?/..."

Fica explícito, neste momento, a relação que ele e o padre mantiveram, e sua dualidade de amor e ódio. O jogo de poder e submissão, típico do nazismo, instalou-se dentro dele. Por esta confissão e as que se seguem na carta, fica parecendo que ele, de alguma forma, gostou do padre. Talvez seja este o verdadeiro (o fato histórico) motivo de sua doença, de sua "cisão psíquica".

És tu T. que tens que lhe beber todo sangue/ tudo te dou para ti para outro nada mais tenho/ e agora aplica-lhe mais ainda o lenho/ Conta que teu pai quasi arruinado quis (por causa delles) se agarrar ao contrabando como te agarraste ao humanitário doutor/ soffreu grave prejuízo/ mas não fazia o mínimo sigo/ que é que lhe fazia este mal/ não julgava que era o "irmão" padre infernal/ feixou depois a fabriquinha/ e dedicou-se ao sabão/ para vê se por ti e por elle ganhava o pão na cidade vender ias/ dias quentes ou

frios quasi todos dias/ Mas eis que mesmo te cuidando/ o padre sempre te andava espionando/ um dia num pequenino armazem na rua Pereira Franco/ encontraste um velhinho que vendia “contrabando”/ e por dizeres somente ao jovem innocente/ que o livro fruto prohibido não faz mal a gente/ bastou para que como a morte em cada mortal/ te corria a humana besta o padre infernal/ e se isso não é verdade/ que o diga então o povo da cidade/ Novamente e pela terceira vez o padre a grande hiena o tigre/ te pregou o tijolo na testa/ Aqui te tenho padre cura/ sou eu!!! Quem o ferro te empurra. – Que queres mais minha santa? Vês lá querido, a santa me beija os olhos – “Vês lá no correr fronte pura/ aquele homem foste?” / deixa-lhe dar um shoote!/ passa-lhe a bola”/ - o santo rebate e dá um effeito venenoso na bola/ que descreve um semi circulo no chão/ o padre atira e quer agarral-a o covardão/ mas vejam aconteceu outro milagre...ao querer agarral-a a bola vira cobra- mussum escapa-lhe e vai em goal.

Ao terminar esta parte da carta, que é muito longa, antes de "cair o pano e terminar a fita", como ele diz, TR ganha a rosa da santa e ainda a promessa de que terá um lar feliz com sua esposa: "– Santa Therezinha e a rosinha? Aqui a tens e dizer-te vou/ pela fé que te dou/ é Ervelinda Therezinha, tua doce esposa/ vê lá se ainda te falta alguma couza/ Soffreu contigo e comigo/ Toda miséria que o padre vos deu mas dou-te a ti e a ella o lar feliz, bellíssimo céo ".

Continua, então, falando com Vianna e diz: "eu choro quando deveria rir, a dor que no peito se passa não podes sentir". Está feita a "catarse", o segredo foi revelado e ele sofre um pouco mais conscientemente. Mas diz estar vingado, "a dor se me adunca n'alma, Elles viravam mercado a igreja, com salmos vendiam cadeiras no céo encobrimdo, roubando do Eterno Véó (...) e estes que da terra natal exilados cantavam 'falsos' e prohibidos fados amados homens num mystico de ódio e vingança".

Após terminar a carta a VM, ele não se "contenta" com o que já contou e escreve a Hitler, pedindo que seu amigo lhe entregue a carta:

"PS: Queiram transmittir à Sua Excellencia snr. Adolph Hitler as minhas escusas, por ter lhe furtado o padre. Tenho vontade de condecorar o meu grande bemfeitor. Aqui há um italiano que fez uma chinella estrambolica qualquer, roubo-a e mandarei à allemanha (a chinella é feita de galhinhos de sinamomo) e (...) juntarei uma

dedicatória como segue." No final, ele diz que mandará, então, as suas próprias "chinellas".

A dedicatória é a confissão, agora escrita em alemão, onde diz que o "padreco" o enganou, porque ele pode enganar a Besta; "mate a pauladas os padreco cachorros, estes predadores vagabundos (...) me livre dos padres de papel, da borracha sobre o peito, o padre 'copula' quando quer, isto eu quero e mais nada (...)"

Na carta 5 ele escreve mais uma parte, que retira na quarta que está anexada àquela a VM. Neste pedaço, ele diz que os padres o seduziram, "o que eu podia fazer? Se eu na última hora deus tivesse dito não faz isso estás no caminho falso (...)". Termina pedindo que Hitler lhe mande um confessor, que embora ele tenha medo ele confessará tudo, talvez por escrito. Assim seria melhor, disse TR, pois a Igreja teria documentos para aniquilar (esmagar) seus inimigos.²⁵⁷

Cabe-nos, por fim, fazer uma amplificação do simbolismo da "chinella". Encontramos algo referente a sandálias, que se aproximam de chinelas, por serem menos protegidas e fechadas que sapatos. No livro de Rute (4-7), no Antigo Testamento, lê-se que era um costume antigo em Israel, entre os parentes, que quando um cedia seu direito a outro, para a cessão ser válida, aquele que cedia tirava a sandália e dava-o a seu parente. Era a garantia de um contrato, ou um símbolo do direito de propriedade. Este costume referia-se especificamente à lei do casamento com a mulher do irmão morto - ou seja, o cunhado (ou parente mais próximo) era obrigado a assumir a mulher do irmão morto. Caso ele não

²⁵⁷ Na carta 6, que ele torna a escrever a VM, ele relata que soube que o padre Benjamim Aragão casou-se e está destinado a "carregar a doce canga do matrimônio ao pescoço" (afirmação esta que tem um tom de ironia). Mas ao mesmo tempo parece um tanto arrependido das confissões, embora revelando uma certa mágoa em relação ao referido padre.

quisesse fazê-lo, deveria ceder seu direito de posse sobre a mulher ao candidato que aceitasse a missão, através da cessão da sandália.²⁵⁸

Enviando chinelas brasileiras a Hitler, cede o Brasil à Alemanha (como foi feito, num certo sentido, pelo governo de Getúlio Vargas). Isto, no plano coletivo, o que representa, ao nível individual, o aniquilamento de sua psicologia pessoal, que está dizendo o mesmo: eu dou cessão a ti (ao padre) através desta chinela a Hitler. É estranho, no mínimo, usar um costume judaico para se comunicar com o nazismo...

Isto significa, em sua psicologia, a dinâmica de posse e submissão, na dualidade típica de TR.

Muito mais poderíamos falar sobre suas cartas, riquezas inigualáveis como fontes históricas. Mas acreditamos que, com esta análise realizada, nosso propósito já foi alcançado.

3.2.Uma outra abordagem...

"Quando alguém possui uma nova concepção, uma idéia original, quando apresenta pessoas e coisas de um ponto de vista inesperado, há de surpreender o leitor. E o leitor não gosta de ser surpreendido. Só procura numa história as tolices que já conhece. Se alguém tenta instruí-lo só consegue humilhá-lo e irritá-lo. Não tente esclarecê-lo, pois gritará que estão insultando suas crenças."

(Anatole France)

"Em geral, gostamos de chamar de insanidade aquilo que não entendemos." (Jung)

²⁵⁸ Ver: Chevalier, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.800.

Talvez TR concordasse com o Zaratustra de Nietzsche quando este afirmou: "É preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante"...

Mesmo sabendo que a intenção deste trabalho não recai sobre a avaliação de técnicas médicas e métodos psicoterapêuticos, é lícito acolhermos o pensamento do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que modificou o entendimento de doença mental, a partir de sua teoria psicológica sobre o ser humano. Este cientista, humanista e pensador original da psique no século XX, formulou sua teoria em cima de bases empíricas. Ele possui um modelo teórico fisiológico para a psique, partindo, portanto, do pressuposto que o ser humano é "a priori" saudável e não um neurótico congênito.

No decorrer desta dissertação já nos valem de seus pressupostos teóricos. Cabe agora, a partir deste caso apresentado, citar uma outra abordagem possível de tratamento, a qual podemos resgatar de sua obra:

Quer se trate da compreensão de um ser humano ou do conhecimento de mim mesmo, devo abandonar, em ambos os casos, todos os pressupostos teóricos. E tenho consciência de, eventualmente, passar por cima do conhecimento científico. No entanto, considerando-se que o conhecimento científico goza não apenas de aceitação universal mas constitui a única autoridade para o homem moderno, a compreensão do indivíduo significa, por assim dizer, o "crimen laese maiestatis" (um crime de lesa-majestade) porque prescinde do conhecimento científico. Essa renúncia significa um grande sacrifício; de fato, a atitude científica não pode abrir mão da consciência de sua responsabilidade. Se o psicólogo em causa for um médico que não apenas pretende classificar seus pacientes segundo as categorias científicas mas também deseja compreendê-los, ficará, em certas situações, exposto a uma colisão de direitos entre duas partes opostas e excludentes: de um lado, o conhecimento e, de outro, a compreensão. Esse conflito não se resolve com uma alternativa exclusiva - "ou ou" - e sim por uma via dupla do pensamento: fazer uma coisa sem perder a outra de vista.²⁵⁹

²⁵⁹ Jung, C.G. *Presente e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.5.

Embora não possamos provar, por exemplo, que TR era amigo de Vianna Moog, ou que ele tenha sido "violentado" pelo padre, ou que ele tenha inventado a "fórmula" do sabão anti-caspa que produzia, todas estas questões abordadas por ele - individuais e coletivas - eram reais pois atuavam em seu psiquismo como realidades psicológicas vivas. Seu imaginário "desde dentro", isto é, suas fantasias inconscientes, que tomam forma em seus discursos delirantes, representam a história individual que neste paciente não foi levada em consideração. E, se não conhecermos os fatos reais a que se referem, não há, também, como interpretar este sistema simbólico individual. Assim, fatos históricos de uma vida e interpretação simbólica juntam-se num único sentido: reconhecer um problema (compreensão) e buscar sua cura.

A dialética entre história individual (contada a partir dos "complexos" do inconsciente pessoal) e coletiva (mitos da consciência coletiva e simbolismo arquetípico do inconsciente coletivo) levaram-nos à compreensão da realidade psicológica do paciente, que podemos chamar de "imaginário do doente".

Os "complexos", que conceituamos no capítulo teórico, são o fruto da história pessoal, que, neste caso, foi esquecida; eles estruturam este imaginário que vem "de dentro", desta história individual. Em TR, foram simbolizados, entre outros, pela imagem do padre, por VM e o personagem Iben das NCP, a imagem de pai (imago paterna ou "complexo paterno") e mãe (imago materna ou "complexo materno") que existe em sua psique, por santa Teresinha (o componente psicológico "feminino" da personalidade de um homem, denominado em PA de "anima").

Os símbolos coletivos, ligados à história da consciência coletiva, apresentaram-se nas imagens das guerras (Verdun e guerra civil espanhola), do próprio Hitler (representando o

nazismo), na metáfora do futebol, e em suas idéias políticas, sociais e econômicas relacionadas nas várias cartas. Aquele simbolismo coletivo que é arquetípico (que possui raízes na história cultural da humanidade e que formam nossas bases psíquicas irracionais), surgiu nas imagens do Apocalipse bíblico, no mito do herói, nas imagens "místicas" da santa, por exemplo.

O mapeamento, mais completo possível, deste imaginário e a compreensão do que todos estes símbolos significam nesta vida **em particular**, conduzem a uma outra abordagem, tanto na forma de tratamento, como na forma de entendimento de uma história humana. Repetimos, a história pessoal são os fatos históricos sobre os quais se debruça a interpretação.

Uma outra concepção sobre "processos inconscientes", portanto sobre "imaginário", leva-nos a relativizar os diagnósticos e rótulos psiquiátricos e, portanto, a necessidade da prática de exclusão dos doentes mentais.

Novamente nos valem de Jung:

O dogma, ou a superstição intelectual de que somente as causas físicas eram válidas, manteve fechado ao psiquiatra o acesso à psique de seu paciente e introduziu-o às mais ousadas e estranhas intervenções no mais delicado de todos os órgãos, em vez de permitir ao menos o pensamento da possibilidade de conexões e efeitos genuinamente psíquicos, ainda que esta última fosse óbvia para uma mente sem preconceitos.²⁶⁰

O imaginário sobre a loucura não se limita a "fórmulas" ou estigmas que caracterizam o louco como um ser excluído da sociedade. Existe uma gama de fatores que aí interferem. A atribuição de um estereótipo refere-se à sistematização de uma identidade, não considerando a diversidade das representações. A dicotomia, então, se instala (é louco ou não é louco),

²⁶⁰ Jung, C.G. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1997. Este texto foi escrito em 1952.

desaparecendo qualquer possibilidade de diálogo com o imaginário do próprio doente.

A psique, um "órgão" ou "produto interno" da alma humana, não pode ter suas expressões (simbólicas e no entanto reais e atuantes) desprezadas na constituição de um imaginário, seja sobre a loucura, seja sobre uma personalidade individual.

A teoria científica psiquiátrica elimina estas manifestações, no momento em que equaciona enfermidade mental (psicológica) com doença cerebral.

Os diagnósticos clínicos são importantes pelo fato de proporcionarem uma certa orientação, embora não ajudem o paciente. O ponto decisivo é a questão da "história" do doente, pois revela o fundo humano, o sofrimento humano e somente aí pode intervir a terapia do médico.²⁶¹

Devemos perguntar, portanto, se os parâmetros utilizados neste caso para rotular de doente mental e declarar que ele teve alta sem cura, são suficientes para o tratamento de uma personalidade tão singular. Como avaliar este fato, se não for pela visão de mundo de sua família, de seu meio, da medicina dominante, que o quiseram proibir de escrever e ler autores como Kant, Schopenhauer, para ficar somente com alguns que ele cita? Não estou com isto dizendo que ele deveria ser um erudito, porém, era seu desejo instruir-se e refletir sobre questões cruciais de seu tempo, e via na filosofia, política e literatura um meio para isto. Mas, com certeza, estes aspectos criativos de sua personalidade passaram despercebidos pelos médicos da época e foram reprimidos pela "visão de mundo" de sua família.

Assim sendo, resta-nos questionar se os próprios médicos que trataram dele, que diagnosticaram e o mantiveram este tempo todo sofrendo as agruras de uma internação em hospício, estiveram realmente convencidos de sua doença mental parafrênica. Se resgatarmos

²⁶¹ Jung, C.G. *Memórias...*, (op. Cit.), p.115

o paralelo que fizemos com o imaginário da consciência coletiva da época, certamente a resposta seria afirmativa.

Na realidade esta é apenas uma história entre tantas outras, que aparecem nas fontes pesquisadas, quais sejam, os prontuários médicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, e nos hospícios de nosso país, e que nos fazem refletir sobre os tênues limites entre a saúde e a doença mental.

Ela serve de matéria prima essencial, para o historiador da Nova História Cultural que se debruça em busca de pistas e refaz um pouco da história do imaginário, das sensibilidades, das representações simbólicas, no que tange a uma matéria que até há pouco tempo estava nas mãos dos especialistas, que, admitamos, pouco ou nada se interessam, em sua prática, pelos aspectos históricos, sociais e culturais do que se denomina doença mental, mas tão somente por técnicas científicas, diagnósticas e de tratamento. Não se dão conta de que, se os hospícios e clínicas psiquiátricas de hoje estão super lotados é porque algum erro no percurso histórico de sua disciplina científica aconteceu e não foi trazido à tona por seus olhares. Este erro, de alguma forma, é passível de ser investigado pelo historiador que se preocupar com o imaginário de uma época e dele escrever uma versão da história, da história que se passou em nossos hospitais psiquiátricos. É uma tarefa de grande envergadura, ainda por se constituir, porém já com contribuições importantes nos meios acadêmicos de historiadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a finalidade desta pesquisa tenha sido atingida, na medida em que nos foi possível observar alguns aspectos do imaginário sobre a loucura, sob alguns ângulos diferentes. E, com isto, demonstrar quão tênues são os limites que podemos traçar entre a saúde e a doença mental, se prestarmos atenção em suas diversas representações.

A partir das fontes pesquisadas, foram resgatados alguns dados pertinentes às representações sobre a doença mental, bem como reavaliadas questões que demonstraram não haver uma dialética (e sim uma dicotomia) no tratamento do doente: de um lado, a autoridade médica de diagnóstico e tratamento (bem como os interesses "políticos"), e de outro, a vida e a psicologia (história) própria de cada doente. Existia, portanto, um abismo entre a prática médica e a compreensão da história de vida do paciente.

Quando o professor Roger Chartier, no seminário "Fronteiras do Milênio", que aconteceu em 1999 em Porto Alegre, respondeu à questão de uma colega sobre a ocorrência de uma possível mudança (ou transformação) na estrutura mental do ser humano (ela perguntava relativo à recepção de textos e autores), através do tempo, ele disse que era difícil traçar esta trajetória historicamente, mas não impossível.

Talvez uma parte desta resposta encontre-se exatamente no espaço preenchido pelos registros simbólicos do inconsciente. Como nos disse Jung, "tanto quanto o corpo, a psique é uma estrutura extremamente histórica", ligada também aos produtos sociais e culturais da humanidade.

Exatamente por não trabalharmos, aqui, com uma concepção de simbólico antagônica ao "real", é que se torna possível afirmar que o conjunto de imagens simbólicas (imaginário) constituem-se em fontes preciosas para a pesquisa de uma realidade histórica.

Assim, foi possível trabalharmos com a Nova História Cultural e a Psicologia Analítica, que se fertilizaram mutuamente no resgate das representações simbólicas sobre a doença mental. O símbolo serve, exatamente, de ponto de união entre "real" e imaginário, podendo levar, portanto, a uma transformação de sentidos.

Em certa medida, esta pesquisa legitima a ampliação do trabalho do historiador, na busca e sedimentação de novas metodologias, bem como a descoberta de novos campos de pesquisa e a utilização de novas fontes.

Assim como através da literatura podemos recuperar traços da história de um local, ou de uma sociedade, também por intermédio destes registros simbólicos do inconsciente podemos resgatar, não só a história de um indivíduo e sua trajetória, mas também fragmentos de um passado coletivo...

A interpretação dos símbolos das fantasias (sonhos, delírios, contos, obras de arte,...) do homem proporcionam um mapeamento fidedigno do estado atual de seu psiquismo, bem como do espírito de uma época.

Observamos, por exemplo, que Ricardo Weber (RW) e TR viveram na mesma época. Ambos de origem alemã, desenvolveram concepções próprias e diferenciadas de pensar o mundo e a vida. Pelo que podemos observar, os dois tentaram colocar na sua prática, as "teorias" às quais se filiavam. Mas a vida lhes proporcionou encaminhamentos diferentes às suas problemáticas.

TR sofreu com a exclusão explícita, concreta, indo parar em hospitais, tendo sido desacreditado pelos seus familiares. Recebeu formalmente o rótulo de "doente mental", isto é, a concepção de mundo e ciência de seus contemporâneos conduziu-o, sem entraves, a habitar o "espaço crítico" de sua psique, por um tempo longo demais. O que teria acontecido com ele após sua saída do hospital?

RW, por sua vez, também ganhou de sua família os rótulos de "louco" e "esquisito". Porém ele criou quatro filhos, foi um profissional competente em sua área, conseguiu publicar um livro e levar adiante suas idéias "naturistas". Mas também isolou-se dos familiares, embora espontaneamente. O convívio com estes não lhe agradava. Só não morreu sozinho, pois aceitou morar com uma filha, no final de sua vida.

Como poderíamos pensar a diferença entre estas duas histórias? Arriscamos responder que na vida de RW não aconteceram "incidentes" que lhe fizessem sucumbir a uma psicose, seguida de internação. Isto ressalta a importância da história pessoal e do imaginário do paciente, na base da doença mental.

Por outro lado, o momento em que o Brasil passava constituía-se num solo histórico fértil para o estabelecimento de práticas de exclusão como foram realizadas. Os preceitos do positivismo, coadunados com os preconceitos da eugenia, eliminaram outras formas de relacionamento com aqueles que precisavam de terapêutica psíquica.

Algumas questões podem, também, ser levantadas aqui, diante da história do Hospital Psiquiátrico São Pedro, sob administração do dr. Jacintho Godoy. Como a "tão exaltada" modernização poderia levar à melhoria dos tratamentos, se foram levados em conta apenas os aspectos externos? Esta contradição está relacionada, sem dúvida, com a ideologia do Estado Novo (vide, por exemplo, as grandes obras públicas municipais realizadas no mesmo período,

quando a cidade também passou por modernizações grandiosas) e à visão de mundo de seu "chefe".

A Constituição de 1937 implantou um regime autoritário, reforçando os poderes do Presidente da República. Uma das justificativas do governo, para isto, era a personalidade "excepcional" e carismática de Getúlio Vargas e sua "extraordinária" capacidade pessoal tida como exemplar. Sua imagem era propalada como a de um trabalhador que deveria ser seguido por todos os trabalhadores.

Assim, o "culto ao chefe" cumpria a função de apresentar o Estado Novo como um modelo de eficácia e racionalidade. Centralizado na figura de Vargas, buscava garantir unidade administrativa e evitar a diluição de responsabilidades. A relação desta prática com a administração do Dr. Godoy no HPSP não é mera coincidência.

Fica claro que a morte de tantos pacientes, muitas advindas das técnicas usadas, é equivalente à esterilização dos "rebentos degenerados", à purificação da raça. Estas técnicas não estariam explicitamente a serviço do ideal eugenista? Pelo menos, pudemos observar que a concepção organicista da medicina psiquiátrica encaixou-se perfeitamente nos parâmetros biológicos da eugenia, portanto àqueles parâmetros de exclusão.

Também a violência aceita (tacitamente?) pelos funcionários e irmãs de caridade mostra o horror que se instalara nas internações daquela época.

Numa visão mais ampla, em relação às terapêuticas, sabemos que não eram só aquelas organicistas que vingavam pelo mundo. Na época em que Jacintho Godoy escreveu seu livro, Freud já havia até morrido e Jung estava no fim de sua vida. Portanto, a Psicologia Médica já existia.

No mesmo período histórico de nossa pesquisa, mais especificamente em meados da década de 40, uma outra e "nova" (para o Brasil) abordagem de psiquiatria era colocada em prática no Rio de Janeiro, pela psiquiatra Nise da Silveira, no hospício de Engenho de Dentro, Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II. Ela começou a desenvolver um trabalho de terapêutica ocupacional, com pacientes psicóticos internados, utilizando o referencial da psicologia de Jung. Como ela mesma diz em seu livro "Imagens do Inconsciente", seu trabalho não se inspirou na psiquiatria predominante do momento, caracterizada pela escassa atenção que concedia aos fenômenos intrapsíquicos que aconteciam nas psicoses. Seu interesse era de "penetrar" no mundo interno do esquizofrênico, que ela pressentia estar repleto de significados.

Na Seção de Terapêutica Ocupacional que dirigiu (de 1946 a 1974), ela pôde observar, através das imagens expressas pelos pacientes, que o mundo interno do psicótico encerrava insuspeitadas riquezas e as conservava mesmo depois de longos anos de doença, "contrariando conceitos estabelecidos". As técnicas utilizadas eram principalmente desenho, pintura e modelagem.

Sua descoberta da psicologia de Jung, revelou-se como aquisição de novos instrumentos de trabalho. O entendimento, a partir deste referencial, das imagens produzidas pelos pacientes lançou, pela primeira vez no Brasil, a possibilidade de uma abordagem mais eficiente e humana no tratamento de doentes mentais. Como a própria doutora Nise dizia, delírios, alucinações, gestos, estranhíssimas imagens pintadas ou modeladas por esquizofrênicos, tornavam-se menos herméticas se estudadas segundo este método de investigação.

Mais tarde, estes trabalhos foram reunidos no Museu de Imagens do Inconsciente (fundado em 1952), que percorreu mundo afora. Jung conheceu este trabalho da psiquiatra brasileira, no II Congresso Internacional de Psiquiatria, sediado em Zurique, em 1957, e ficou realmente impressionado ao ver suas "descobertas" ali, representadas por doentes de uma terra tão distante...

Este exemplo é paradigmático do trabalho que pode ser feito com este referencial. Como ficou evidente, ela não pactuava com o "espírito" dominante no meio psiquiátrico, podendo dar um outro encaminhamento para a mesma problemática: o respeito pelo imaginário (história) do doente mental e suas representações (manifestações).

Da mesma forma, o cientista social deve ter presente em suas avaliações sobre a realidade social empírica, que existe também uma face desta realidade que não é racional e que nela não podemos chegar a não ser pela via simbólica. Isto não nos leva a questões metafísicas, se não quisermos. A face "não racional" da realidade está presente no nosso campo diário de atuação, independente de nossa vontade. Ela manifesta-se em pequenos "atos falhos", pensamentos repentinos que surgem à nossa mente, sensações diversas (quem até hoje não teve a experiência de, ao sentir um cheiro passando por algum lugar, lembrar de alguma situação ocorrida no passado, ou algum lugar esquecido na memória, ou então ao escutar uma música, lembrar-se de um antigo amor, ou de alguma dor...), sonhos, fantasias, obras artísticas, obras científicas, delírios, alucinações, etc.

Surge, então, no horizonte dos historiadores, a Nova História Cultural, que pode dar conta deste material, através da diversificação dos métodos de pesquisa, bem como da ampliação das fontes a serem utilizadas.

A "eterna" e arquetípica busca do sentido da História e de seus fatos, a partir de fragmentos ("cacos") do passado, legitima esta diversificação de fontes e métodos do historiador contemporâneo. Certamente esta possibilidade está calcada numa Weltanschauung que, perceptivelmente, se instala em nosso mundo. Após tanto tempo lutando e enfrentando regimes autoritários, talvez o ser humano esteja abrindo seus olhos para captar outras visões sobre ele mesmo e outras formas de se relacionar com o mundo que o abriga.

Com otimismo, queremos parafrasear nosso paciente e dizer com ele: "De dois mil não passarás!"

BIBLIOGRAFIA

I - FONTES

ESCRITAS:

PRONTUÁRIOS MÉDICOS DO HOSPITAL SÃO PEDRO DE PORTO

ALEGRE, dos anos de 1937 a 1950. Estes prontuários encontram-se no Arquivo Público do Estado do RS, em Porto Alegre. É imperativo que se guarde sigilo do nome do paciente, bem como de outros dados que possam revelar sua identidade, portanto não colocarei aqui o número dos prontuários. Foram pesquisadas as seguintes caixas, sendo que cada caixa possui 20 prontuários em geral: 3, 405, 406,407,408, 415,416,417, 418, 419, 485, 486, 492, 493 (as caixas foram escolhidas aleatoriamente devido à grande quantidade das mesmas. Foi feita uma tentativa de contagem das mesmas em seus números absolutos para este período analisado. Porém devido às condições em que estão armazenadas no Arquivo, que impossibilitam a contagem exata, seu número total **aproximado** aparece na introdução desta dissertação).

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE 1943 DA CIDADE DE PORTO

ALEGRE - (1943) - DE JOSÉ LOUREIRO PAIVA, com a colaboração técnica de Eduardo Pereira Paiva. (exemplar único) . Encontra-se no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. (AHPA)

PORTO ALEGRE, BIOGRAFIA DUMA CIDADE (s.d.) - Org. por Capitão Álvaro Franco, ed. Tipografia Centro (Porto Alegre), livro comemorativo do bicentenário, provavelmente escrito em 1940. (raridade-AHPA)

ASPECTOS GERAIS DE PORTO ALEGRE (s.d.) - Org. por Fortunato Pimentel, ed. Globo (Porto Alegre), provavelmente escrito em 1945. (raridade-AHPA)

A PSIQUIATRIA NO RIO GRANDE DO SUL - Jacintho Godoy, Porto Alegre: edição do autor, 1955. (BHPSP)

NOVAS CARTAS PERSAS - Vianna Moog, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937. (BPRS; Coleção Guilhermino César - exemplar único)

JORNAIS:

CORREIO DO POVO - 1 a 30 de abril de 1937. (MCSHC)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - 22 de março de 1951. (MCSHC)

IMPRESSOS:

"MEMÓRIAS DE UM VELHO HOSPÍCIO" - I a IV (1975/1979): impresso interno do Hospital Psiquiátrico São Pedro, com textos de Rui Carlos Müller (chefe do Serviço de Recreação do hospital em 1975), ilustrações de Alkindar da Cunha Sardo e pesquisa da professora Marta Lilian Flores. Este impresso foi feito para divulgar o hospital no ano de seu centenário, que achavam ser em 1979. Começou a ser escrito em 1975. Com a pesquisa realizada, descobriram

a data correta (1984), porém estes 5 capítulos da história do hospital foram publicados em 1979. Gentilmente cedido pelo dr Ygor Arzeno Ferrão, ex-diretor de ensino e pesquisa/HPSP (1998).

ORAIS:

ENTREVISTAS: com irmã Paulina (do HPSP), Ilita Patrício (assistente social), filhas de Ricardo Weber

II - BIBLIOGRAFIA GERAL

ARIÈS, Phillipe. *Sobre a história da morte no Ocidente*. Lisboa: Teorema, 1988.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. *Enciclopédia Einaudi* - vol 5. Porto: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1982.

BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Ática, 1985.

BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

BOURDE, G. e MARTIN, H. *Les écoles historiques*. Paris: Éditions de Seuil, 1983.

BOURDIEU, Pierre. O Poder simbólico. RJ: Bertrand Brasil, 1989.

BARCELOS, Ramiro (Amaro Juvenal). *Antônio Chimango, poemeto campestre*. Porto Alegre: Editora Globo, 1961.

CARVALHO, J.M. *A Formação das Almas; o imaginário da República*. SP: Cia.das Letras, 1990.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem, introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASSIRER, Ernst. *El problema del conocimiento*. Tomo iv. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1986.

CASTEL, Robert. *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. RJ: Graal, 1978.]

CHALON, Jean. *Thérèse de Lisieux, une vie d'amour*. Paris: cerf/Flammarion, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. RJ: Xenon, 1989.

CUNHA, Maria Clementina P. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DELAY, Jean. *Méthodes biologiques en clinique psychiatrique*. Paris: Masson & Cie. Éditeurs, 1950.

DOSSE, François. *A História em migalhas*. Campinas: ed da UNICAMP, 1994.

ELLENBERGER, H. *El descubrimiento del inconsciente - história y evolución de la psiquiatria dinámica*. Madrid: Editorial Gredós, 1976.

FAURE, G. A constituição da interdisciplinaridade: barreiras institucionais e intelectuais. *Tempo Brasileiro*, n.108, p.61-68, jan/mar, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Getúlio Vargas e outros ensaios*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

FREITAS, M. G. de. *Psique e soma: duas ordens de razão*. In: *Gastroenterologia e suas relações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, [s. d.]

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

GODOY, Jacintho. *A Psiquiatria no rio Grande do Sul*. Porto Alegre: edição do autor, 1955.

GOLDIM, José Roberto. *Eugenia*. Texto de Internet: endereço eletrônico <http://www.ufrgs.br/HCPA/gppg/eugenia.htm>

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JACOBI, Joland. *Complexos, arquétipos e símbolos na psicologia de C.G. Jung*.

SP: Cultrix, 1990.

JUNG, C.G. *OBRAS COMPLETAS*, 20 volumes, Ed. Vozes (em português).

JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

1984.

JUNG, C.G. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Jung, C.G. *O homem à descoberta de sua alma*. Porto: Tavares Martins, 1975.

KALINOWSKY, Lothar et alii. *Tratamientos por choque, psicocirurgía y otros tratamientos somáticos en Psiquiatría*. Barcelona, Madrid, Valencia: Editorial Científico-médica, 1953.

KAPLAN, H. & SADOCK. B. *Compêndio de psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KREBS, Débora. *Representações da cidade, visões do cotidiano: Porto Alegre e os imigrantes judeus no Estado Novo*. Dissertação de mestrado (História), UFRGS, 1999.

LEVI, Giovanni. A Micro- história. In: *A Escrita da História, novas perspectivas*. SP: UNESP, 1992.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: ed. Livraria Sulina, 1968.

MACHADO, Roberto et. al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MACIEL, Maria Eunice. A eugenia no Brasil. In: *Anos 90*, revista do PPG em História, UFRGS. Porto Alegre- n.11, julho de 1999, p121-143.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MIRON, Vera Lúcia. *Loucos, nervosos e esquisitos: memórias da loucura em Ijuí (RS), 1890-1990*. Tese de doutorado (Enfermagem), Ribeirão Preto, 1998.

MOOG, Vianna. *Novas cartas persas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

PATLAGEAN, Evelyne. *A História do Imaginário*. In: Le Goff (org.). *A Nova História*. Coimbra: Almedina, 1990.

PECHMANN, Robert Moses. A cidade dilacerada. In: Pesavento S. e Souza, C. (org.). *Imagens urbanas, os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: ed da Universidade/UFRGS, 1997.

PESAVENTO, Sandra. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PESAVENTO, Sandra. *O Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: ed da Universidade/UFRGS, 1994.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista brasileira de história* São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.15, n.29, 1995. p.9-27.

PESAVENTO, Sandra. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: (16), Julho- dezembro, 1995, Ed. FGV.

PESAVENTO, Sandra J. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, Cláudia et. al. {org.}. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

PESAVENTO, Sandra J. *Imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Ed da Universidade UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra. *Memória Porto Alegre, espaços e vivências*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PORTELA, E. A reconstrução da disciplina. *Tempo Brasileiro*, n. 108, p.5 a 7, jan/mar, 1992.

REALE, Giovanni. *História da filosofia*. Tomo II (Do Humanismo a Kant). São Paulo: Paulinas, 1990.

SANTOS, Nádia M.W. *A concepção de inconsciente na História: do final do século XIX à Nova História Cultural*. Comunicação realizada na **II Jornada de História Cultural**, junho de 1999.

SCHIAVONI, Alexandre. *Um furacão na Cidade: O hospício São Pedro na Porto Alegre "fin de siècle"*. Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS, n.10. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

- SCHIAVONI, Alexandre. Corpo e loucura na Porto Alegre “fin de siècle”. In: LEAL, O. (org). *Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Ed. Universidade /UFRGS, 1995.
- SCHIAVONI, Alexandre. *O corpo insano. Concepção popular e saber médico na virada do século XIX*. In: SAÚDE: revista do NIPESC/UFRGS, vol.1, 1996.
- SCHIAVONI, Alexandre. A institucionalização da loucura no Rio Grande do Sul: o Hospício São Pedro e a Faculdade de Medicina. Dissertação de mestrado (História), UFRGS, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia. *Espetáculo das raças*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SGARBOSSA, Mario. *Um Santo para cada dia*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.
- SILVA, José Werneck. (org) *O feixe e o prisma, uma revisão do Estado Novo*. RJ: Jorge Zahar, 1991.
- SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: editorial Alhambra, 1982.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TUNDIS, S. e COSTA, N. *Cidadania e loucura, políticas de saúde mental no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- TODOROV, T. *Teorias do Símbolo*. Campinas: Papirus, 1996.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: ed 34, 1993.

WADI, Yonissa M. *“Palácio para guardar doidos”*: uma história das lutas para a construção do hospício de alienados e da psiquiatria no RS. (dissertação de mestrado) (História), UFRGS, 1996.

WEBER, Beatriz. *As artes de curar: medicina, magia e positivismo na República Rio-Grandense.- 1889/1928*. Tese de doutorado (História), Campinas, 1997.

ANEXO 1

CERTIFICADO DE INTERNAÇÃO

E

DADOS COMEMORATIVOS (1937)

Esta ficha mudou em conteúdo nos diversos períodos de existência do Hospital São Pedro. Neste nosso período pesquisado ela apresentou-se de duas maneiras. Transcrevo aqui aquela de 1937 e anos seguintes, a qual foi mais encontrada nos prontuários revisados.

CERTIFICADO DE INTERNAÇÃO

Os abaixo assinados certificam que _____ filho de _____ de raça _____, com ____ anos de idade, natural de _____, estado civil _____ (si casado declarar com quem _____), de profissão _____, apresenta (*) _____, precisando ser internado no Hospital São Pedro, em Porto Alegre, para observação e tratamento adequados.

(*) Não há mister de fazer o diagnóstico psiquiátrico, mas simplesmente um inventário e sintomas: si o paciente está excitado ou deprimido, si tem exaltação ou enfraquecimento psíquicos, si orienta-se ou não no tempo e no espaço; as idéias delirantes que apresenta, os propositos incoerentes, etc, ajuntando os sinais físicos que fôr possível colher no exame dos diferentes aparelhos.

DADOS COMEMORATIVOS

I - Antecedentes hereditários e colaterais

Os pais são vivos?

Tem laços de consangüinidade?

De que faleceram e em que idade?

A mãe do paciente durante a prenhez sofreu moléstias, traumatismos, fadigas, emoções, privações, desgostos?

O parto foi a termo? Foi duplo?

Empregou-se fórceps ou foi mister outra intervenção?

Quantos irmãos vivos tem, homens e mulheres?

Entre estes, qual o lugar do paciente em ordem cronológica?

Há falecidos? De que e em que idade?

Houve ou há casos de alienação mental nos avôs, tios, pais ou irmãos/

Há entre estes suicidas, homicidas, alcoolistas, portadores de afecção do Sistema Nervoso ou outra doença crônica (sífilis, tuberculose, cancer, etc)?

II - Antecedentes pessoais

Com que idade caminhou e falou?

Como se fez a dentição?

Depois da primeira infância teve convulsões, micções noturnas involuntárias, terrores noturnos?

Que moléstia apresentou na primeira infância (até 2 anos), na Segunda infância (até 7 anos), na terceira infância (até 12 anos)?

Na adolescência?

Na idade adulta?

Contraiu sífilis? Com que idade?

Submeteu-se a tratamento regular? Em que consistiu?

Que outras moléstias venéreas contraiu e quando?

Fazia uso de tóxicos: álcool, morfina, cocaína, ópio?

Que espécie de bebidas alcoólicas: vinho, cerveja, cachaça, graspa?

Qual a dose diária desses tóxicos?

Sofreu traumatismo craneano ou outro? Há quanto tempo?

Como era a sua inteligência antes da moléstia atual?

O seu caráter: era o paciente alegre ou triste? Expansivo ou retraído?

Instável? (alternativas de alegria e tristeza, de optimismo ou pessimismo)

Orgulhoso, desconfiado, susceptível, excêntrico?

Impressionável, escrupuloso, tímido?

Violento, colérico, impulsivo?

Sugestionável, mentiroso, simulador?

Inafetivo, brutal, perverso?

O seu apetite sexual: exaltado, diminuído ou pervertido?

Em que idade se estabeleceu a menstruação?

É esta regular?

Quando e como se operou a menopausa?

Sofreu alguma intervenção cirúrgica no útero ou anexos? Quando?

Teve abortos, natimortos, filhos falecidos em tenra idade? Quantos?

Quantos filhos vivos tem?

III - Doença atual

A que causa é atribuída a doença atual?

Que atos praticados pelo paciente deram lugar a suspeitar de alienação mental e quando foram percebidos?

Manifestou tendência ao suicídio e já fez alguma tentativa?

Cometeu outra reação anti-social?

Quais sinais neurológicos observados (ictus, hemiparesias, crises epileptiformes, perturbações da palavra)?

O paciente teve assistência médica durante quanto tempo e que tratamento foi instituído?

Foi tentada a cura da moléstia por meios extra- médicos (benzeduras, feitiçaria, batuque, espiritismo)?

Já apresentou anteriormente doença mental? Quantas vezes e quando?

Teve internações em Sanatório ou hospital de psicopatas? Quando?

IV - Resenha médico-social

Em que ambiente transcorreram a infância e a juventude do paciente e qual a natureza desse ambiente, na família, internato, na oficina ou alhures?

Como foi a escolaridade? Quanto tempo durou? Qual foi o aproveitamento? A conduta do paciente em relação a mestres e discípulos?

Como se comportou no serviço militar?

Com que idade se casou e qual a idade do outro cônjuge?

Como empregava a atividade e qual o meio em que vivia ultimamente?

Tem variado de profissão?

Tem tido insucessos na vida prática?

Sofreu alguma vez processo judicial?

Esteve em prisão?

Teve recentemente algum abalo moral?

Qual situação financeira do paciente e de sua família?

Qual o seu grau de instrução?

Quais as leituras de sua predileção?

Que religião professa?

É praticante?

Entregava-se a práticas de espiritismos, batuques ou feitiçarias?

V - Outras informações

ANEXO 2

CARTAS DO PACIENTE T.R.

(1937)

(Optou-se por manter a grafia original das cartas, com o intuito de preservar o português correto em que foram escritas pelo paciente.)

CARTA 1

Ilmo Sr.

Vianna Moog

Correio do Povo

Li tua chronica da semana passada e estive ancioso por responde-la mas até hoje não tive oportunidade para fazel-o. Aqui em Teheran como tu sabes, a base fundamental, o regime interno é negar-se tudo, dando-se tudo, é nesta negação que reside a meu vêr, todo amor ao nosso próximo, do nosso ser. Foi um imenso prazer constatar que agora estás no Brasil estudando os costumes político- financeiros deste paiz onde como já disseste noutra carta ninguém obedece e tudo corre como num sonho de 1001 noites...Tu bem sabes meu precioso amigo que nunca tive a ventura de transpôr as fronteiras de nossa querida Persia, terra que tu como bom persa que és, e não deixarás de ser para isso conheço-te sobejamente, terra que para ti, para mim e para todo bom Persa que até hoje conseguimos aliar ao nosso ideal sagrado, representa o que todo Persa pensador ou não mais aneia, é ter uma pátria livre do jugo estrangeiro, liberta por e em si mesma. Ah! meu caro Rustan como me sinto feliz nesta querida Teheran, aqui tudo é poesia e todos são poetas e se vencem as mais difficeis barreiras que se antepõe a cada indivíduo durante a peregrinação que faz dentro do próprio coração, de sua alma, do seu eu. Estou mais ou menos ao par do momento político que vive o Brasil, terra que ora visitas , também conheço perfeitamente o eixo político que creou uma verdadeira confusão de idéias, que não é exagero dizer, em todos paizes do universo. Caro amigo, sinto e lastimo imensamente que o Brasil não queira se orientar pelo livro mais sagrado de nossa terra e de todo mundo, que foi escripto com o próprio sangue do grande propheta que morreu

pregado na cruz de Gotgotha, cuja vida foi ensinar a cada habitante deste mísero planeta o que mais nobre e belo o homem, uma consciencia sã de que nasceu para ser feliz e perfeito.

Liberdade doce liberdade, liberta-nos do jugo estrangeiro e de nós próprios____

Quem é que nos pode libertar do jugo estrangeiro e de nós mesmos? A Igreja!...porque já não o fez?...

Que grandes heróes e que grandes covardes são os padres! Porque não seguem o exemplo de nosso grande General Osório que dissera, “A minha maior honra será, mesmo depois de morto, quando eu souber que os povos do Universo queimaram seus arsenais”.

Meu caro amigo como vês transportei-me em espírito da nossa Teheran ao Brasil e estou contigo onde estiveres, no Rio de Janeiro ou em Porto Alegre e tenho me interessado tanto pelo Brasil, que estudei minuciosamente sua história; que povo heróico! Um. fremito de entusiasmo perpassa todo meu ser e te juro pelo sangue do meu sangue que hei de escrever em nosso idioma a história dessa grande nação de além mar. Depois voltarei ao meu ofício de saboeiro, de que sou profundo conhecedor, a fórmula que me deste por carta dá sabão é magnífico e tem causado expanto nos meios científicos de nosso paiz, tanto que já tem tido franca aceitação pelo paes da medicina, que hoje já não vacilam empregá-lo nos casos em que certas circunstâncias o requerem. Mas a fórmula, meu caro eu não vendo por preço nenhum, fica entre nós.

A seguir escreverei uma carta ao Arcebispo D. João Becker de Porto Alegre, cuja cópia te enviarei incontinenti, quero transmitir ao grande teólogo, que é o modo como nós, os Persianos, interpretam a paz de uma nação e os remedios para consegui-la. Com a carta ao Revmo. Arcebispo termina a obra que não é minha e sim do grande Deus todo poderoso que a escreve por minhas mãos. Teu sincero amigo Iben, Teheran

CARTA 2

Revmo. Arcebispo Metropolitano

Dom João Becker

Porto Alegre

Peço venia para transmitir-vos as reflexões de um operário e servo de Deus, em Jesus Christo, em torno de vosso discurso pronunciado, por ocasião do encerramento das Festividades do Divino Espírito Santo que foi publicado pelo Correio do Povo, matutino Porto Alegrense.

A' pergunta que fazes: “ Guarda o que houve esta noite?” creio não errar se a comparo à Hespanha, que desde o rompimento da Guerra Civil, é em si, uma pergunta e ao mesmo tempo uma resposta ao mundo espiritual e intelectual de nossos dias.

Hespanha martyrizada, esfacellada e levada quase à completa ruína material, debatendo-se em dôres, tingindo de sangue sua terra, seu berço, deu a luz uma creança: A Paz. É pela paz que a humanidade de nossos dias, e de todos os tempos vem se batendo. O fogo que incendiou Hespanha, contaminou o universo. Ardendo em chamas pela liberdade, o mundo tem comettido os maiores desatinos.

Se Cervantes, o grande escritor Hespanhol levantasse do túmulo e visse sua terra tão devassada pelo crêdo de Moscou, o que diria?

Teriam forçosamente lhe fugido dos lábios as seguintes palavras: Stalin, Stalin, Dom Quixote, atacas moinhos de vento! Que fizeste de minha e tua terra? Que fizeste dos paizes onde enfiltraste teu credo malsão?

Li, também, o discurso do Dr. Goebbels, ministro allemão, inserido no New Deutsche Zeitung, de sabbado, 29 de maio, de cujo extrahi para me servir de argumento o seguinte:

Posso afirmar diante do povo alemão que a peste sexual terá que ser e será, extinta com tronco e raiz: “Realmente cabem às confusões sexuais do clero Catholico a culpa disto.” Carta de Napoleão de 26 de agosto (1796), que lhe serviu de argumento: “Constatee meus senhores, que os ex-Jesuítas, pastores e frades perturbam a ordem pública. Esclareço V. aos superiores das diversas ordens, que à primeira queixa que se fizer contra os frades, responsabilizarei todo claustro, e, as tocarei cidade a fora, confiscando seus bens em proveito comum.”

Este discurso de Goebbels, pronunciado em resposta aos constantes ataques do Cardeal Mundelein, norte-americano, creio tem o fim de evitar a perturbação da ordem interna e paz da Alemanha, pelas constantes investidas do clero, como sejam a leitura da Encyclica Papal em plena Berlim, e outros factos já conhecidos. Perdão Excia. Revma., a Alemanha de Hitler, está hoje em dia que é um só bloco em prol da liberdade, igualdade e humanidade, que é o ideal de todo christão de bom pensamento. A meu vêr, nós os christãos não podemos pregar o evangelho a fogo e ferro, inflamados pelo nosso sublime ideal, isso vai contra a doutrina de Christo, nosso supremo mestre, cuja vida toda foi ensinar-nos sermos pioneiros da paz em qualquer terreno, segredo mater da completa felicidade e perfeição humanas, diante nossa peregrinação na terra, dolorosa ou feliz, dependendo tudo, como sabemos, de nós mesmos, sim, creio firmemente de que somos os forjadores de nosso extremo bem e mal. Extremamente felizes com a ajuda de Deus, e extremamente desgraçados quando nos afastamos Dele.

Acredito, também, que jogar-nos contra a Alemanha de hoje, é investir contra uma muralha de aço, de antemão quase invencível ante a resistência que seus homens nos oferecem, ferindo-nos mesmo, com o ferro de Cervantes, apontando nosso quixotianismo, apontando-nos erros que involuntariamente praticamos. Porque não deixamos isso nas mãos de Deus?

Deus todo poderoso vive ainda e não morre nunca. Sabemos que Elle nos conheceu, mesmo, antes de nascermos e que não nos cabe um cabelo sem a sua vontade.

Acredito que Deus nos deu estas três sciências, que se fundem numa só philosophia, que são a philosophia Médica, Política e Cristã e que tudo, como bem diz o padre Christiano Lahr, começa pelo homem indo terminar na suprema perfeição de Deus. A vontade de um povo e a vontade de Deus, e se este povo seja elle qual fôr, seguir caminho errado Deus há de saber reconduzil-o para aquele que é o da sua vontade por intermédio de seus Servos Terrestres.

O meu ideal em prol de minha terra natal, o Brasil, é Deus, pátria e família, enquadrado no integralismo, mas se o povo quer a democracia julgo fazer mal opôr-me a soberana vontade do povo, o povo é que traça o seu caminho, repito.

Saudo-vos como paladino da paz do Brasil e faço uma prece a Deus, ao findar esta, que Deus vos dê ainda muitos annos de vida e a nós vosso fecundo governo espiritual. Não tive em mente prolongar tanto esta, e peço-vos me perdoar se vos roubei vosso precioso tempo com coisas que Sabieis, talvez já antes de eu nascer e subscrevo-me.

De V. Excia. Revma.

Amº e Venerador

T.R.

Hospital São Pedro, 4 de junho de 1937

CARTA 3

Excia. Revma.

D. João Becker

Arcebispo Metropolitano

Porto Alegre

Novamente bato à vossa porta e peço venia para entrar onde já estou.

A presente é o complemento supremo de tudo o que tenho escripto. Aquillo que tenho escripto, tem tido a imperfeição perfeita, sendo que, hoje, passa a ser a suprema imperfeição e a suprema imperfeição. Quiz o destino que fosse comprada esta tinta encarnada, de um louco mais certo que vós. Quiz o destino que o ódio e o “amôr” que vos tenho fosse escripto com tinta vermelha, exprimindo mais forte ainda a “dor” do ódio e da “paixão”. Apaixonado por vós, vos odeio, porque pregais na igreja o cúmulo da imperfeição- perfeita.

A custo remo as idéias, porque me queima o maior fogo do ódio. Vós, meus guardas e guardados, negando-me uma tinta e papel, arrastais o povo à revolução e à guerra. Vós meus guardas- guardados, arrastais a humanidade à hecatombe universal.

E negastes-me a tinta e o papel para “escrever”, para lançar, “talvez”, pela centésima vez a pedra fundamental da paz universal.

Vós meu caro theólogo ateu, acreditais que a paz universal é abstracta e que reside no eu, na paz pessoal. Desesperasteis de Deus, porque não resolveis rezando, ajuda-me a crêr, mas eu, o autor destas honradas linhas rezou.

Quiz o destino que o autor desta, tenha que destapar toda vossa (da igreja) vergonha. Porque não quizeste ouvir vou destapar “a tua vergonha”, diz Elle no Apocalypse de São João.

Meu nobre, casto e féro, mas leal adversário prega a Bíblia que não leu!...Meu nobre adversário queimando no fogo do inferno, de cima do púlpito queima os crentes encarnando Deus...Ao dizer-vos isso rola-me uma lágrima sobre a face...cego!!!...porque não deixas que Christo te unte os olhos com barro, para teu curar desta cegueira de espírito!...A todo instante sou interrompido por loucos que, ora me pedem cigarros, ora fogo, ora a penna. Para dizer-vos basta que estou escrevendo encostado da latrina e de cigarro na bocca, transformando o púlpito da igreja em latrina, prego a palavra de Deus. Transformai-a vós também. Que só assim salvareis- vos e a humanidade.

Não tenho medo de errar porque quem está me inspirando é Elle o Altíssimo,...que é tão bondoso, vendo que eu estava cansado de estar em pé (veja o que faz a fé) deu-me uma mesa e cadeira p/ nela, sentado sobre a cadeira, sentado sobre a cadeira, sobre a mesa escrever, neste mármore frio gravo a palavra de Deus.

Cego abre os olhos e vê!...

Olha p/ os meus olhos e vê Christo desta figura que deante de ti tens.

Olha-te como homem e diz filho vem...

Vê filho eu sou Christo...Vê filho...tu és aquelle de que falla o Apocalypse de S. João, escripto por meu Pai. Tu és aquelle quem se compadecia da miséria e imperfeição humana...e o Papa é quem mediu a igreja com sua declaração: “os crimes sexuaes cometidos dentro do claustro gritam aos céos,” mas não é estes que gritam aos céos...são os crimes espirituais.

E Christo continuando...Vê...estes quatro animaes de que fala S. João no Apocalypse são: o que tem a figura de uma féra é Stalin, o credo vermelho...o que tem a figura de uma novilha é Hitler e Mussolini, o nazismo e o facismo...o que tem a figura de homem é o Papa, a igreja...o que tem a figura de uma águia voando, é o autor destas linhas, um perverso que, eu teu Jesus converteu, a quem Deus, meu Pae celeste, deu a magia das palavras e, este mísero ser humano

teve a infinita graça de ser o construtor da paz Universal. Vê filho...a mulher que se debateu em dôres de parto, dando à luz uma creança que é a Hespanha e, para maior consolidação da verdade está viva também...é Lúcia Regina, uma grande poetiza quem à luz esta creança, torturada pela dôr desesperadora do parto espiritual, sentiu em seu coração toda dôr e horror de Hespanha martyrizada.

Jesus nos diz: filhos se ainda não crêdes então orai “Meu pai celeste, ajuda-me a crêr.” Espanha é outrossim a Harmagedon de que falla o Apocalypse de S. João. E para darmos a paz ao mundo temos que ensinar a nobre guerreiro general Franco a rezar um padre nosso, perdoai-me os meus peccados assim como perdôo aos meus, que contra mim peccaram. Franco está crucificando Christo...Agora para vêres a realidade...agora que te julgas vencedor estás vencido...é tão falsa a tua vitória terrestre. Tu Franco, poderás somente subjugar o comunismo, mas vence-lo somente Deus que o pode...e vencido já está o comunismo, faltanos somente a verdadeira concepção. Para encerrar, te digo Franco, agora que mostraste ao teu feroz adversário que o subjugaste entrega-te a elle deixa de o massacrar que, tu de arma na mão te entregas acabando de uma vez para sempre, para mil annos, com a guerra, deixando-o em paz. Não te preciso dizer mais – a aparente declaração de guerra à Hespanha não passa de uma farça de Hitler, que ele também é um construtor da paz mundial. Esta tentativa é somente um golpe da igreja que não comprehende que é responsável pela discórdia Universal, que geraria a hecatombe mundial.

O Papa é directo reformador da igreja, mas o indirecto é Carlos Alex. Haman, este é sobre cuja testa, como diz o Apocalypse, está escripto o número 666. Elle é um grande philosopho; foi missionário, (agora mesmo a superiora me absolveu) esteve em Süd-west África, e fala perfeitamente diversas línguas. Agora o autor reza “Meu Deus ajuda-me a crêr; quando ia me esquecendo eis que surge o homem e me diz...você também escreveu ao animal que tem o

número 666 escripto sobre a testa?” e uma vez me dizia é elle...quem to está dizendo...aconteceu um milagre...Tenho o pressentimento de que este homem, até então louco ficará da cegueira de espírito...logo – não pudemos afirmar que é ou não louco, Deus o sabe e Deus neste caso é o tempo. Quando ia-se embora elle, voltando-se novamente desprende do seu (?) um vidro, partindo-se e está em pedaços aqui sobre a meza. E quem sabe lá se aquelle jovem de quem estou falando não viu o Altíssimo de facto e ficou transtornado porque não tinha fé, quem sabe se não é elle que tem que dar mais um testemunho da grande verdade desta carta.

Apocalypse:...

E uma voz, digo, uma grande voz que dizia qual a voz de sete anjos: ide e derramai sobre a terra os sete cálices da ira de Deus. Uma voz me diz, escreve agora o último versículo do Apocalypse.

A graça de nosso Senhor Jesus Christo esteja com todos vós; Amém. Certo ou errado não penso mais – A compaixão me diz. Agora podes conversar c/ os teus companheiros de lutas, chegou a hora...até o enfermeiro Marques, o enfermeiro mór me diz vindo buscar uma caneca d’água,...vê estou doente e lembra-te que me prometteste em espírito...Adeante o direi: já não cuido mais da pontuação...

Assis Chateaubriand...meu nobre oleiro...que tijolada hein? Tu me ensinastes a dar tijoladas dentre os tijoladores. Lembras-te que um dia, elogiando o teu cock-tail te disse: já a esta hora a terra brasileira cobre o teu espírito imortal,...em ti, o general Osório teve a honra de saber que saber que os povos do universo queimaram seus arsenais. Já estás tu também immortalizado, na estátua da praça da Alfândega, aqui em Porto Alegre. Continua Assis, continua a dar tijoladas e um dia a estátua será teu busto sobre um vasto tijollo, assim como é vasta a tijollada que ainda tens que dar.

Tu meu irmão, Vianna Moog, me ensinaste a ter “cabeça de papelão” no Correio do Povo, num Domingo, e a servir chá através das tuas cartas persas, que doce chá servido com a cara mais imbecil do mundo, P. G. solta toda flora do teu cancro imbecil. João do Rio, “Relojoeiro”, autor de “cabeças de papelão”, toma lá minha cabeça, não a quero mais, fica em perpétuo concerto, o que quero é tua cabeça de papelão.

E tu André Carrazoni, é tua filha Lúcia Regina, que ao mesmo tempo é minha mãe minha irmã e minha esposa espiritual.

Vou-te beijar a ti própria afora, ninguém pode proibir um filho a beijar sua mãe, esposa e irmã; que beijinho gostoso o de tua boca virginal, ensinaste-me a ser como és, forte, e já não temo não temo as consequências do amôr carnal, que me ameaçou querer romper com as sagradas leis de Deus. E tu saberás como eu sou perpetuamente feliz sobre a terra porque a perpétua felicidade é um fato tão concreto como a paz mundial. Si todo desespero de tua nobre alma, na tua “creança mendiga”, lembras-te de mim ao escrevê-la Vianna tu precisas fazer com que Lúcia leia esta carta mas prepara o terreno com tua inteligência.

Atanagildo Gonçalves, a tua vida é a minha, és meu irmão, tu tens como o Vianna Moog direito ao que vos disse. Vianna terá o primeiro nobel da paz deste anno, e tu terás o que te prometi hoje; bugre velho serás o terceiro enfermeiro mór deste hospício. O Marques, esta mãe portuguesa, está doente, doente de tanto trabalhar e, aqui, tb., Elle tem o que lhe prometi. Aqui há um triste ente neste Hospício, não sente toda miséria de seus paes, quem a sente são os que te contemplam, tem o apelido do grande mestre Boccage, o poeta dos poetas a quem se nega a immortalidade. Neste ente infeliz vejo Boccage imortalizado, profere uma infinidade de palavras imoraes este ser disforme que lhe ensinaram. Hoje completo a obra do médico que no Rio ou em S. Paulo lançou a pedra fundamental da coo-educação sexual e, ao autofundador seu aqui agradeço.

Ao deparar c/ o segundo pseudo-Bocage não pude deixar de proferir de sopetão o seguinte versinho, porque tb. Eu Bocage sou:

Pobre Judas Bocage...

Da humanidade escarro

Guardei p/ ti

O meu último cigarro...

Para que dizer mais...

Tanta beleza e tanta desgraça

Vai no cigarro e na cachaça...

Finalizo e não chegou ao fim

Porque este canto não partiu de mim

Mas sim de mão que ama e amou

E cuja mão o Altíssimo inspirou

Sou pobre de espírito e quasi fracasso

Ante a matéria de Deus não me ergue o braço

De V.V. Excias.

Amo. Atto e Obrigado

TR.

Hospital São Pedro 23 de junho de 1937

CARTA 4

A confissão

Vê lá Vianna vou-te contar um sonho violeta/ de ódio de ironia/ de escárneo e amor/ baseado na mais linda flôr/ a santa Therezinha/ - É ella que vai fallar/ odiar, amar e com ella outra santa/ - já que não soffrena o pingo/ que dá a cada passo respingo/ do furor d'alma que odeia com calma/ e apanho neste apanage/ porque são “versos” de Boccage/ - Mas vamos ao sonho: ...vai nosso crack Risadinha/ quem é adivinha?/ que toda interrogação e tens de mim compaixão/ vi em minha frente um jornal/ que berra e não faz mal/ em que descripto vinha/ o sonho, inspiração Minha – do eterno – mostrando-me paraizo e inferno/ verão e inverno...Mas vou abreviar/ senão nada posso contar: - Vi o risada o formidável/ em brinquedo confortável/ que a seus pés Christo poz/ e disse-lhe a mão no hombro pousando/ Vê lá depois disto/ se tudo conquisto/ “Mergulhei-te (afirma?) em dois tinteiros a penna” – Mas contigo apanha “todo” mundo/ neste shoote profundo”/ - Risada agora alegre deus bolaço que rompendo das nuvens o véo/ indo parar lá no sétimo céu/ e numa janella aparece um anjinho ligeiro/ cretino, damninho, brejeiro/ e diz: “não me amole/ se não queres que vivo te esfole/ eu tb. Estou a procura de um padre cura/ e não acho aqui um trouxa com quem me divertir/ atira de volta a bola e põe-se a rir/ veja se acheis lá embaixo um padre/ que no brinquedo te sirva de compadre”/ - Agora aparece a mais bella das santas/ que com milhões outras tantas nosso Risada seduziu/ Nosso crack acabrunhado/ fica bestunto embrulhado/ Dizendo: Risada...doute essa rosa encarnada/ que tem o perfume da mais linda rosa amada/ e arranjei-te por goleiro um/ que de fortaleza é um Verdum/ mas tem que dar-lhe bem na testa/ o bolaço que no céu continua a festa/ - já não se pode com o mormaço, faça agora já/ se se não quer ouvir o

protesto do Eterno Tupá”/ - E a multidão de santos grita/ se não te aprumas continua a fita/ e Risada ouvindo o pedido das rosas a flôr/ dá um shoot que dá uma dor/ e todos os santos e santas cantam: “Eu sou a poderosa artilharia/ que nas lutas se impõe pela metralha/ a ação das outras armas auxilia... com seus tiros de tempo e confusão/ às fileiras “inimigas” leva “morte” e distração/ Entra o juiz em scena/ homem alto tez morena/ um hespanhol desconhecido/ e sôa o apito...frio frrio/ Quiero hablar com esto moço/ e ustedes gritando no pósso/ O crack com medo treme/ não se sabe se de entusiasmo freme/ e pensa: será que santa Therezinha não é também grande Evinha?

No lo apoquente isso/ jo soi teu Mestre Jesus Christo/ também hablo el portuguez/ i se hablei em castelhano/ foi para me conheceres pela voz/ é a verdade a dura noz/ - Risada chora e se lança a seus pés – Te quero bem e na cruz tb. por ti morri/ te quero muito a ti, escreve!...se não queres que outra vez morrerai/ estes versos a Boccage Eu inspirei/ tremes mas sabes quem te ergue o braço, e te conduz pelas nuvens, pelo espaço ouve o que te dirá mais a bella santa/ cujo olhar de ódio já espanta/ - Ella falla com ternura agora/ - Não tenhas medo Boccage dá o fóra/ ... eu te conheço Manuel Maria/ e dou lugar à Virgem Maria/ ...Ella...dizem elles/ que tem de Elephante pelles/ que sou a mãe de Deus o Altíssimo/ ve o Eterno transformar por teu engano a palavra felicissimo em amor e inferno/ ...dizem que dei à luz/ quem me fez e me deu à luz/ tu – duas cartas me enviaste/ e não querem ouvir/ ou por fé, ou por ignorância/ com sua féra boba tolerância/ destroços os ídolos/ que nesta hora se Elle não é/ e dos outros a forte fé/ levariam a humanidade da victoria ao espinho/ não fora o Eterno Mocinho?!.../ Toma este é teu cigarro se ainda da nicotina não sentes o farro/ o teu cérebro de “santo” vira latrina, este lado divino,...quando elle canta é latrocino – “Escuta mais que vou-te dizer/ que elles, hoje, todos hão de comer/ Dize- lhes a história do calendario/ que do sétimo dia fizeram o errario/ O Eterno creador/ pede seu favôr/ que faças do sabbado o dia de

descanço/ e do Domingo o primeiro se não quer que te amanzo – Agora por enquanto deixa/ e tudo na flor do/ sigallo feixa – Vou dizer um pouco de tua propria vida: Eu vi!...que te levaram quatro vezes a ruína/ moral e material esta “casta fina”/ derrotaram-te levando a derrota a si/ tudo esto com meus olhos vi/ Onde lhes davas o pão/ tiraram-te o comer e em teu lar entrou a fome e a discórdia/ diz tudo bem explicado/ se não queres que sonhe um bocado/ trabalhaste vinte horas e dormias quatro/ mas um dia deste testemunho de tua fé/ bastou para que nada te deixassem de pé/ arruinado phisica- espiritualmente/ foste a Santa Cruz quase demente (que coincidencia)/ na cidade onde tem um pouco pra fora/ um sanatório/ que dementes e nervosos e lá te mantinhas em oratória/ mas não tivestes tempo de alcançar cura/ diz tudo sou eu quem te empurra/ voltaste de lá arruinado financeiramente/ agora em casa ficaste quasi louco verdadeiramente/ e teu phisico ainda era muito fraco/ e vivias tu pobre Baco/ quasi que de esmolos/ Mas vendo que contigo desgraçavas teu pai/ que não sabia o que contigo vai/ e num esforço cruel/ transformavas doçura- trabalho em fél/ foste num caminhão Ford vender bebidas/ isso há tempo passado tempo ido – E já está rota, e pouca a força das palavras/ - Um dia de tanto forcejar sob a carga de caixas pesadas/ quasi cahiste em frente ao Instituto Pereira filho/ que vendo-o a ti pobre e como um cão solitário/ a uivar como o cão de esgotos de junqueiro, o Fiel/ e elle quis te ajudar- isso é amargo fel/ mas teve medo do gigante anão/ Do padre Benjamim Aragão (te afivelei padre!) de quem tanta coizinha se dizia/ e que tu cão solitário até defendias, o que não merecia” – Deus tirou-me depois a filhinha/ que era um anjo e mal nove mezes tinha/ (a primeira) (e quem sabe?) forte menina como meu gury mas vou guardar sigillo não tenho provas patentes (já se esqueceu?) não é de balde que conheço leis/ para mim foi duro golpe (senti o cheiro)/ e porque não a havia baptisado (nem tenho mais) e tremo de rancor até na cova quizeram botar (o meu sangue) o caixão virado (Vianna jurei-te pelo sangue do meu sangue)/ não fosse um tio meu/ que a tempo viu o que

não havia notado eu/ E como um propheta/ de Deus uma trombeta/ um jovem pastor da Assembléia de Deus/ que fica ali na Floresta em frente a cervejaria/ as seguintes palavras propheta/ Deus quer fallar com os irmãos (os “irmãos”)/ De torturado a obrigação não senti/ depois, e que não fiz lá faço aqui/ Depois que elle de pigmeu me fez gigante (já passou mais o horror) e agora lhes caio na pelle/ ainda tem mais não expuz de (?) a scena a oitava parte ainda tem marmellada/ e finalizo “rindo” o Segundo tempo – O jogador foi dormir mas esta noite quando no leito pra lá e pra cá me reboleava/ Therezinha a santa me fallava “Ainda não tens a rosinha que te prometti/ e para conquistal-a conta mais/ que conta também minhas dores meus ais/ porque queres tu Adolpinho/ tirar o padre deste guryzinho?.../ Lembrei-me então quem será Hespanha? Que em luta cannibalesca quer devorar o padre esta besta. Não...disse a santa brandamente este homem é teu/ Hitler já tem o delle o comunista/ queres o padre e faminta gana avarista?/ És tu T. que tens que lhe beber todo sangue/ tudo te dou para ti para outro nada mais tenho/ e agora aplica-lhe mais ainda o lenho/ Conta que teu pai quasi arruinado quis (por causa delles) se agarrar ao contrabando como te agarraste ao humanitário doutor/ soffreu grave prejuízo/ mas não fazia o mínimo sigo/ que é que lhe fazia este mal/ não julgava que era o “irmão” padre infernal/ feixou depois a fabriquinha/ e dedicou-se ao sabão/ para vêr se por ti e por elle ganhava o pão na cidade vender ias/ dias quentes ou frios quasi todos dias/ Mas eis que mesmo te cuidando/ o padre sempre te andava espionando/ um dia num pequenino armazem na rua Pereira Franco/ encontraste um velhinho que vendia “contrabando”/ e por dizeres somente ao jovem innocente/ que o livro fruto prohibido não faz mal a gente/ bastou para que como a morte em cada mortal/ te corria a humana besta o padre infernal/ e se isso não é verdade/ que o diga então o povo da cidade/ Novamente e pela terceira vez o padre a grande hiena o tigre/ te pregou o tijolo na testa/ Aqui te tenho padre cura/ sou eu!!! Quem o ferro te empurra. – Que queres mais minha santa? Vês lá querido, a

santa me beija os olhos – “Vês lá no correr fronte pura/ aquele homem foste?” / deixa-lhe dar um shoote!/ passa-lhe a bola”/ - o santo rebate e dá um efeito venenoso na bola/ que descreve um semi circulo no chão/ o padre atira e quer agarral-a o covardão/ mas vejam aconteceu outro milagre...ao querer agarral-a a bola vira cobra- mussum escapa-lhe e vai em goal.

Agora aparece um anjinho, traz nas mãos uma corbeille de rosas em forma de cruz/ vi disse a santa todas ellas a teus pés puz/ aquelle queimaram em plena via pública naquella republica/ no “tempo” da inquisição. Podes agora fallar ao padre – Vem comigo amôr luz dos olhos meus onde toda flôr tem perfumes teus esta aldeia amiga tem um coração, soffre tua ausência, tem pois compaixão! A palidez da luz etérea canto esta linda canção de amôr, vem meu benzinho os teus olhos “Maria” ver esta hora queria – Vem cá santíssimo padre Benjamim Aragão, eu sou besta tu intelligente, não digas que não/ tu no jardim florido do Sinclair és pinto/ e te perdes no proprio labyrintho/ e a cada passo das com a testa no murro/ oh...santíssimo imbecil gigantissimo burro/ e se ainda não sentes o cheiro/ daquelle que para ti parecia dinheiro/ então não sei mais se fede o cigarro/ ou é perfumado mas esta te amarro/ e se algum dia encontrases o diretor da faculdade Dr. Blessmam Guerra/ pede-lhe no teu sabidissimo craneo o bisturí ferre/ Agora chega vou por ti rezar um padre nosso/ mas é impossível não posso/ que tu és capaz ainda de me canonizar o dia em que eu na cova parar/ mas deixa-me ao menos o descanso/ quando na vida o tema, então avanço/ ao dizer-te isso abre-se deante de mim o céu/ e veja grandiosíssimo besta/ o céu hoje está em festa – Santa Therezinha e a rosinha? Aqui a tens e dizer-te vou/ pela fé que te dou/ é Ervelinda Therezinha, tua doce esposa/ vê lá se ainda te falta alguma couza/ Soffreu contigo e comigo/ Toda miséria que o padre vos deu mas dou-te a ti e a ella o lar feliz, bellissimo céu – Vamos agora deixar o campo, S. Sepé, e o cigarro de que marca e espécie é – vou –to dizer: - é marca

fedentino Molle Banana / e meu padre já não o profana/ Vê lá depois disto se ainda tens pena
que as mais raparigas te chamem morena.

(Cahe o pano terminou-se a fita que pena hein “morena”)

Vianna eu choro quando deveria rir

A dôr que no peito se passa não podes sentir

Pedindo a Deus o Altíssimo

Agora vingado e felicíssimo

A dôr se me adunca n’alma

Elles viravam mercado a igreja, com salmos vendiam cadeiras no céu
encobrando, roubando do Eterno Véo

o espantalho vosso junqueiro e Camões

ouvis-me Goethe e Schiller que em versos pequenos senões

e juntos estando no mesmo rytho

cantavas que no peito tinheis escripto

e estes que da terra natal exilados

cantavam “falsos” e prohibidos fados

amados homens num mystico de ódio e vingança

Puz teu rótulo de escárneo Boccage, na matança

É este teu grito heróico imperador

Da independência e liberdade inspirador

D. Pedro de Orleans e Bragança –

Filhos eu vos dejo uma feliz Republica

“e detestai os inimigos da ordem pública” –
Dissesteis levando para o exílio na cruz
Soffrendo, chorando como o mestre Jesus
E se ainda o mundo não se livra dos tyranos
Os Céos se abrem e fulminam os profanos
São “elles” que no lado o Mestre espetaram
E batem no peito, resando, os olhos
Reviram lançando guerra, lançando miséria,
Uivando de rosários uma canção funesta
E se não me passa Hespanha pela mente
Derramando sangue irmão na luta ingente
Tornava-se um livro esta que o destino teve ser carta e em mim tudo ainda escreve
Quer irromper um vulcão de Sentimentos
Mas deixo da penna e tinta das palavras cimentos
Chora...que não precisas mais trahir teu grande Deus...coração.
Contigo nos céos as trombetas dos serafins entoam a canção.
Teu é o reino a força e a beldade
De eternidade para eternidade –
Vou fallar de tua obra Ludwig Huna
Alvo teu livro, fallarei da tua tribuna
Abro a capa do teu livro os Borgias
De Lucrezia, Cezare e o Papa Alexandre
Do papa que foi amante da própria filha
Matando-lhe três maridos da nobre trilha

Tenho de ti a traição Valentíssimo Cazare
E teu cigarro meu nobre bispo cheira fosse
Da peste da podridão que elle exala
Vaes ficar estupezado e perder a fala
Não vou descrever toda chacina
Para isso não me chega a pagina
Vou descrever a morte daquelle papa
Numa só vez o violentíssimo tapa
Querendo eliminar doze cardeais
Que estavam, “pequeninos” cardeais
Num dia em faustoso e lindo banquete
Que lhe dava em honra a “possante paquete”
Um cardeal mas grande de crista vermelha
O papa da mão não comia do seu semelha
(Esta) Mandou a casa do cardeal seu cozinheiro
Mas este confessa ao cardeal inimigo ligeiro

Garantindo ao cozinheiro a choca pinta
A vida assim a sua e de seus companheiros...
Mandou que os vermelhos doces envenenados
Pelos verdes em venenosos fossem trocados
A velha fera come, depois grita traição!...
Trahiu-me mestre cuca o damnado cão
Morre estorcendo-se em dôres no dia seguinte

Mas Cezare salva-se com o antidoto conseguinte
 Toma contra venenos e se envolve em carnes
 De muares mortos, quentes, e consegue os Bernes
 Da víbora veneno se livrar, mas melhor fôra
 Tivesse morrido, a vida que antes linda flora
 Transformou-se em rosto lhe lançam escarneo
 Os que sempre devorava qual fera de Bornéo.

Vianna meu bom amigo, eu te digo hontem tiveram aqui dois anjos da guarda, um de avental branco (ando cansado)... o outro de fato preto tinha no dedo um anel com pedra rubi ladeada por dois brilhantes, o primeiro trazia um livro no qual se lia Faculdade de Medicina. Explica-me: isso foi também uma visão ou realidade. Agora quem está besta sou eu; hoje, sabbado, tiveram aqui três soldados, sentaram-se em frente de mim que tinha recebido a visita de minha esposa e filhinho, meu irmão e sua noiva, aos soldados fiz uma senha e um se levantou como quem agradece, isso tudo é por andar eu bancando o moleque ahi na rua? – Meu caro amigo aqui no hospício começo a ver fantasmas, o velhinho Carlos Alex. Hamann não é louco e está há nove annos disse-me, aqui, innocente, quando vim para cá o primeiro homem que me fallou foi elle e disse hoje é o dia em que será derrubada a basilha catholica, isso não é de vêr phantasmas, outro di-lo Pedro Rodrigues, que foi sub-gerente do Banco do commercio (Rio Grande) vivia excomungando os padres, não mesmo de ver diante de si os subterraneos dos claustros do tempo da inquisição? Ah, se a gente levantasse das nuvens o véo, que paraíso, hein?...De dois mil não passarás!

Teu humilde amigo

T.R.

Hospital de alienados mentais:

Sabbado, 26 de junho de 1937.

PS: Queiram transmittir à Sua Excellencia snr. Adolph Hitler as minhas escusas, por ter lhe furtado o padre. Tenho vontade de condecorar o meu grande bemfeitor. Aqui há um italiano que fez uma chinella estrambolica qualquer, roubo-a e mandarei à allemanha (a chinella é feita de galhinhos de sinamomo) e (...) juntarei uma dedicatória como segue.

(A carta que se segue é uma cópia da carta escrita posteriormente, no dia seguinte- carta 5. É um enxerto onde a última parte da original (digitada em itálico na carta 5), que se configura como uma confissão, foi nesta omitida pelo autor. Por seu caráter confessional, mas sobretudo pelo possível significado de tal omissão, este trecho será de grande importância para as nossas considerações analíticas. Como talvez tivesse o intuito de enviar esta e não a outra, foi omitida a última parte daquela)

Seiner Excellenz

Sua Excelência

Herrn Adolf Hitler

Sr. Adolf Hitler

Dieses ding ist für den Mann

Esta coisa é para o homem

Der diesen Schlappen tragen kann

Que pode trazer este (pano)

Er hat Ihm gekrieg den Pfaffen

(Ele o enganou o "padreco")

Weil Er dat Biest konnte Affen

Porque ele pode enganar a Besta

Ich schick es Ihm mit allem Dreck

Eu envio a Ele com toda a sujeira

Gott sei dank der Paff ist Weck

Graças a deus o (padreco) saiu

Schlag Sie tot die Paffenhünde

Mate (à pauladas) os (padreco cachorros)

Diese Raubtiere Vagabunde	Estes predadores vagabundos
Hab' i noch ni alles gesagt	Ainda não disse tudo
Adolf Hitler es sagen mag	Adolf Hitler o deve dizer
Wenn Er mich dafür will Lohnen	Se ele me quiser por isto recompensar
Brauche ich kein Palast bewohnen	Não preciso nenhum palácio habitar
Geb' Er mir nen Pfaffen aus (ans) Papier	Me livre ele dos padres de papel
Nen' Gummi dran das auf der Brust	Da borracha sobre o peito
Der Pfaffe bammeln kann nach lust.	O padre "copula" quando quer
Dat will i haben weiter nischt.	Isto eu quero ter, nada mais.
Schade das die G'schicht schon aus ist.	Pena que a história já acabou.

Dank voraus Hochachtungsvoll

Agradeço em antecipação

Ihr kleiner Freund

Seu pequeno amigo

T. R.

T. R.

der "Truxa"

o "Truxa"

A chinella irá e terá a benção do papa, mas é a minha que vae. O resto entrego a ti Vianna e a vos todos, creio, para maior brilhantismo da cerimonia arranjar uma pseudo- revolta e depois envia uma cópia desta que por falta de papel não pude tirar.

Ando Seboso e tenho vontade de sahir quando vão me tirar daqui?

Creio que já tem confiança bastante em mim e os bensedores não farão nada a mim. Vou metter uma carta pedindo um padre para me confessar, etc. Sou por enquanto teu (inimigo)

Vae uma respectiva dedicatória, e tudo o mais, precisa ser digna de grande chefe.

Na voz do Upa eu tinha, agora, que avisar

CARTA 5 (original)

(tradução)

Seiner Excellenz

Sua Excelência

Herrn Adolf Hitler

Sr. Adolf Hitler

Dieses ding ist für den Mann

Esta coisa é para o homem

Der diesen Schlappen tragen kann

Que pode trazer este (pano)

Er hat Ihm gekrieg den Pfaffen

(Ele o enganou o padreco)

Weil Er dat Biest konnte Affen

Porque ele pode enganar a Besta

Ich schick es Ihm mit allem Dreck

Eu envio a Ele com toda a sujeira

Gott sei dank der Paff²⁶² ist Weck

Graças a deus o (padreco) saiu

Schlag Sie tot die Paffenhüunde

Mate (a pauladas) (os padrecos cachorros)

Diese Raubtiere Vagabunde

Estes predadores vagabundos

Hab' i noch ni alles gesagt

Ainda não disse tudo

Adolf Hitler es sagen mag

Adolf Hitler o deve dizer

Wenn Er mich dafür will Lohnen

Se ele me quiser por isto recompensar

Brauche ich kein Palast bewohnen

Não preciso nenhum palácio habitar

Geb' Er mir nen Pfaffen aus (ans) Papier

Me livre ele dos padres de papel

Nen' Gummi dran das auf der Brust

Da borracha sobre o peito

Der Pfaffe bammeln kann nach lust.

O padre "copula" quando quer

Dat will i haben weiter nischt.

Isto eu quero ter, nada mais.

Schade das die G'schicht schon aus ist.

Pena que a história já acabou.

²⁶² "*Pfaffen*" é "Weltgeistliche; (heute abwertender) Geistlicher" (WAHRIG, 1980, p.983), portanto é mesmo o que chamaríamos de "padreco", em tom pejorativo. Porém "Paffen", que ele usa duas vezes é, por assim dizer, soprar a fumaça de cigarro ou charuto com barulho, isto também "Paff". (nota do tradutor) Existe a possibilidade de esquecimento do "f" para ficar "Pfaff". Mas também, como veremos na análise do caso, o autor fazia trocadilhos e era irônico em muitas passagens de suas cartas, dando a entender, metaforicamente, o que havia acontecido sexualmente entre ele e o padre. Desta forma, o trocadilho entre charuto/cigarro/fumaça e "padreco" possui um sentido.

Ehr"werden können Sie mich verzeihen?	Excelência, poderia me perdoar?
Mich verführt haben die Pfaffenschafte ²⁶³ .	Os padres me seduziram, o que eu/
Was hätte ich getan?	O que eu poderia fazer?
Wenn ich zur letzten Stunde Gott	Se eu na última hora deus
hätte gesagt	tivesse dito
tu es nicht du bist auf falschen	não faz isso tu estás no caminho falso
weg geraten. Ich Hochwürden wollen	Eu excelência gostaria de
gnädigst mir einen Beichvater senden,	enviar-me por caridade um confessor,
werde alles beichten, habe jetzt noch etwas	confessarei tudo, tenho agora um pouco
bange, aber vielleicht tue ich es schriftlich./	de medo, mas talvez eu faça isso por/
ich glaube	escrito, eu acho seria
es wäre besser denn so hätte die Kirche/	melhor porque assim teria a Igreja/
documente	documentos (registros)
um Ihre ²⁶⁴ feinde niederzerschmettern. Warte/	para aniquilar (esmagar) os Seus/
aber geduldigst	inimigos. Mas espero com a máxima/
	paciência
auf Euern befehlt.	pela Sua ordem.
Glauben Excellenz na mir, haben	Acredite Excelência em mim o Senhor
Sie einen aufrichtigen Freund gefunden der die/	encontrou um sincero amigo que ama a/
Wahrheit liebt	verdade
Euer Hochwürden	Sua Excelência

²⁶³ O termo alemão para *clero* é *Pfaffentum*. A palavra *Pfaffenschafte* inexistente no Hochdeutsch (a língua padrão). Optamos pela tradução *padres* e não *clero*, por parecer-nos que TR quis referir-se a um número grande de indivíduos, não porém ao todo da corporação. O uso do termo *verführt* e o profundo tom de arrependimento moral que o autor confessa endossam a conotação sexual do relato que a nossa interpretação defende. (Nota do tradutor)

²⁶⁴ A forma do possessivo *ihre* (suas, seus) poderia referir-se tanto a Hitler quanto à Igreja. Sabemos referir-se ao primeiro pelo uso epistolar da maiúscula, quando o remetente refere-se ao destinatário. (Nota do tradutor)

Freuer Freund

T. R.

P.S. Excellz. werden verzeihen dieses papier/
gesandt zu haben. Mich dringt die innerliche/
Not.

Sonntag, den 27. Juni 1937

Alegre amigo

T. R.

P.S. Excelên, queira me desculpar por/
ter-lhe enviado este papel. Em mim/
urge uma necessidade interior.

Domingo, 27 de junho de 1937

CARTA 6

Ilmo Sr.

Vianna Moog

Saudações

Soube que o padre Benjamim de Aragão tinha se casado e portanto presentemente está fora de ser alvejado por aquela “manifestação de desagrado”. Agora que sei que o mesmo se redimiou dos erros praticados quando expoente da Ação Catholica contra a qual dirijo aquela minha carta, só me resta uma cousa a fazer: é felicitarl-o pela acertada resolução desejando-lhe a maior ventura p/ o futuro, que sejam de tranquilla prosperidade os annos que lhe foram destinados carregar a doce “canga” do matrimonio ao pescoço. ___Devo também acertar um erro que conforme explicarei, não cometi, é o de tratar V.V.S.S. por tu. Fi-lo na consciencia de quem se dirige a paes, irmãos e irmãs, q tanto bem me fizeram e ainda fazem. ___Certifico também as ásperas expressões, que como disse presentemente tem o fim de alvejar directamente a Ação Catholica, attestando o meu estado de hyper-excitação nervosa, que claramente transparece naqueles versinhos rudes, pelo facto de reviver dias amargos e estar actualmente adoentado e em tratamento achando-me sob o açoite da medicina que desequilibra para equilibrar. Para vos dar também um panno de amostra ligeira do meu estado actual, citarei um caso que observei há alguns anos: ___Uma moça de muito talento estudava violino; fazia tão rapidos progressos que deixava pasmos seus paes e seu mestre, mas heis um erro condenavel; a moça não tinha a necessária distração, ou melhor um auxílio que enrijecesse o seu sistema sensitivo dando-lhe a necessária resistência que, no caso, tornava-se

indispensável, e sobreveio a bancarrota física. Assim aconteceu a mim, e acontece muito neste grato planeta.

Outro exemplo em poucas palavras: Um rapaz lia tudo quanto há de romances do gênero Romeu e Julieta, um bello dia apaixonou-se e, não sendo correspondido, pela deidade, matou-a suicidando-se em seguida. Estes argumentos quero também, relativamente tornar alusivos a um fato, tão deplorável quanto natural, contemporâneo, bastante conhecido e tenho a pretensão de offerecer os meus préstimos se delles quizerdes vos utilizar para sanar o mal que sobreveio, e que, creio o caso exige. Não devemos deixar ao abandono de si próprio quem tanto bem nos quer. Caso seja aceita minha cooperação direta escolho o dia em que sahir deste hospital para entrar em acção e vos garanto que é um tijolão certo para muita gente bôa. Por enquanto acho melhor deixar tudo como está e o melhor é a tarta-mudez até as cousas melhorarem.

Junto a esta uma carta dirigida ao Gen. Flores da Cunha que creio ser razoável enviar ao mesmo, para dar a S. Excia. uma satisfação de meus, nossos actos, embora, como suspeito, seja conhecedor de tudo o que se passou e passa. Mas deixo tudo ao inteiro dispôr de VVSS que poderão envia-la ou não ao destinatário, e subscrevo-me.

De VVSS

Amo...e Venerador

T.R.

PS: E a chinella foi?

Se o santo não desconfia eu era capaz de fazer c/ que a entregasse na N. Deutsche, mas...quasi que é demais, não acham?

CARTA 7

Ilmo Sr. General

José Antônio Flores da Cunha

D. D. Governador do Estado

Porto Alegre

Saudações,

Tem a presente o fim de hypothecarvos a inteira solidariedade deste vosso humilde e obscuro soldado, que já na revolução de trinta marchou nas fileiras do exército da liberdade.

Outrossim trago ao vosso conhecimento – conforme documentos juntos, que no meu obscuro modo de pensar poderão ser de utilidade para concorrer à victoria da causa da nação, de qual sois nesta hora legítimo pioneiro e expoente máximo da vontade da nação – desejando apontar-vos os erros políticos do clero, que por intermédio de sua ingênua mas nefasta acção arruina indivíduos e leva à divergência toda uma nação e conforme atesta a história, desde remotos tempos, o mundo inteiro.

Já Napoleão em carta dirigida a um Superior da Igreja, no ano de 1796, acusava-a de perturbação da ordem interna de seu paiz, ameaçando confiscar-lhe os bens, caso se repetissem tais desordens, prometendo, ainda, tocar os responsáveis cidade afora.

Conheceis sobejamente a história e, para não vos roubar inutilmente vosso precioso tempo não me servirei de outro argumentos, senão as cartas adjuntas.

Quer vosso soldado demonstrar ao seu recto e bravo general que, como sempre, sabe ser disciplinado e pede-vos, o indispensável apoio moral e material e vossas ordens para o porvir.

Como podeis deduzir pelas provas juntas está tudo prompto p/ a batalha esperando tão somente vossa autoritária voz de comando. Aproveito a oportunidade para subscrever-me.

De V. J.

Humilde Amo.e venerador

T. R.

Hospital São Pedro, 7 de julho de 1937.

PS: Rogo desculpar-me V. Excia o feitio desta que é cara como tudo, aqui no hospital, onde estou e tenho que lutar com sérias dificuldades para adquirir um pouco de papel e tinta na altura, pois creem que sou maníaco.

CARTA 8

Ilmo Sr.

Redator chefe do Correio Paulistano

São Paulo

Saudações

Rogo-vos o especial favor fazer com que chegue às mãos dos verdadeiros destinados a presente.

Peço venia para felicitar aos nobres detractores do Sr. Armando de Salles Oliveira, pela tão acertada propaganda a favor do mesmo.

Nós aqui no Sul, nunca esperávamos tanto patriotismo e sinceridade dos nossos leaes adversários, e agradecemos aos mesmos facilitarem-nos tanto dizer o que de há muito era nosso intuito. O Sr. Salles de Oliveira, de facto demitiu-se do governo paulistano, pelos motivos apontados no Correio Paulistano, em artigo publicado em 1-6-1937, cansado de sustentar aquella ninhada de Momedes, que prejudicam tanto todos os governos e o paiz inteiro. Receando ficar sem a mamadeira que os mesmos incitam seus ledos e cegos patrícios contra o mesmo, não sabem ou por quixotismo ou por completa cegueira, os injustiçados que negar a vitória ao Sr. Salles de Oliveira é negá-la a si próprio.

O autor destas linhas, pequeno industrialista, fabricante de sabão contra a “caspá”, que tem dado os melhores resultados possíveis contra este mal, é estabelecido em Canôas 4^o distrito de Gravatahy (bem próximo a Porto Alegre) a rua Aracá mineiro 1343; ex-integralista, está disposto a “vender” a fórmula secreta do artigo que industrialisa. Asseguro aos nobres patrícios que escrevo esta expontaneamente sem a ajuda de diretos interessados ao fim a que

se destina e que, até bem pouco, era perfeito Dom Quixote, mas um facto abriu-me os olhos e passei a observar, desde então, a política nacional e internacional e tenho a firme convicção de não errar se digo que o integralismo do Sr. Plínio Salgado apesar de seu excellente programma, nunca poderá apaziguar e unificar o paiz, se não conseguir se livrar de certo elemento pernicioso de que tanto nos conta a história, desde remotos tempos, e cujos desmandos apoiando o integralismo arrastam a nação à chacina que temos por exemplo na Hespanha contemporânea. Dou-vos provas patentes do que estou dizendo, para isso basta contar um pouco de minha vida completamente desastrada por trez vezes por perseguições de ordem religiosa.

Asseguro-vos, nobres patrícios, que não duvido de vosso são patriotismo, e outrossim que negar a vitória ao Sr. Armando de Salles é perturbar não somente a paz interina como, dito em uma palavra, arrastar o mundo, a então, inevitável hecatombe caso não nos antepormos a estes fanáticos defensores da fé christã, e finalizo excusando-me da rude linguagem operária.

Aproveitando a oportunidade, subscrevo-me.

De V.V.S.S..

Amo. Atto. Obrigado

T.R.

Canoas, 08 de julho de 1937

Bilhete anexo:

“Vianna

Esta carta aos paulistas vale alguma coisa mas vossa opinião abalisada vale mais, disponha a vontade.

R.”

CARTA 9

(No envelope Ilmo Sr. Vianna Moog – “Correio do Povo”)

Ilmo Sr. Aristides Milão

Porto Alegre

(H.S. Pedro, 13 - julho – 1937)

Tive a felicidade de ler nessa: “Carta a um amigo” e pelo conteúdo do mesma suspeito que foi dirigida a mm, mas se erro queira desculpar-me, que errarum humanum est. Notei vosso bom intuito e extrema bondade de vosso coração por isso não pude me furtar de dirigir-vos a presente.

Antes de tudo torna-se necessário dar uma mais nítida impressão de minha pessoa e psychologia relativa e devo dizer vos para iniciar algo a respeito de minha educação escolar e depois um pouco de minha cultura filosofica que é a meu vêr ainda um tanto falha e escassa. Minha educação escolar foi somando tudo perto, talvez de quatro annos, tive porem, os melhores annos de collegio de minha infancia interrompidos por ter enfermado, durante três annos, com uma osteomielite na perna esquerda em consequencia de jogo de football. Se dissesse que fui bom alumno mentiria, posso até qualificar a minha intteligencia, até hoje ainda, de um tanto vagarosa, digerindo tudo que diz respeito a estudos e sciencias com certa lentidão, mas falando com toda sinceridade e sem falsa modéstia ou vaidade (que) tenho boa memória, aquillo que digeri, não esqueço tão facilmente. Não sou hoje um heroe, que vende saúde como os há que podem se submetter as maiores estravagancias sem soffrer em consequencia grandes dannos, porque fui um tanto sacrificado na minha adolescencia pelo trabalho duro na padaria de propriedade de meu pae, e mais tarde pela verdadeira fome de diversões, como sejam bailes e outras do mesmo genero. Com relação a mulher posso affirmar-vos que não sou lá muito ingenuo pois que conheci, isto é, tive muitos namoros de

solteiro e tb. Conheci bastantes moças não famílias, no tempo de solteiro; casei-me aos 31 annos heis a razão. Tive quando solteiro e já há alguns annos um dos taes grandes amôres não correspondido por isso julgo-o grande, e ia apezar de tudo contractar casamento com a deidade que me fazia tudo menos dar-me o gosto de mostrar em público que me correspondia; Era para ser um casamento ageitado por ambos os paes, de meu lado e do lado de minha adorada. Para encurtar: rompi com a mesma uma semana antes do contracto de casamento e me bendigo assim como a moça que também , já é casada, louva o meu desusado “heroismo”, por um capricho muito meu. Hoje gabo-me com as experiências que adquiri de conhecer um bom bocado a alma da mulher, pois veja só quando tinha rompido a mesma depois quando notou a dureza da attitude desmancha-se de amores, sei lá se eram fingidos ou não. É a eterna história paradisíaca do fructo prohibido.

O que acima ficou escripto foi tão somente para dar-vos um breve retrato de minha alma que julgo um tanto escaldada.

Hoje sou casado e vivo tranquillo e feliz porque sei temperar a válvula de felicidade conjugal; aprendi a saber querer com Mardeu que estudei e não tenho felizmente inveja de nenhum casal neste grato planeta. V. S. teve um retrato psicologico imperfeito de mim e dahi nasceu uma pequena falha na interpretação de um certo caso muito comentado na nossa metropole, sendo o mesmo deturpado por indivíduos uns por quererem todo bem possível ao próximo que incorram no erro de agraval-o ainda mais ante os olhos famintos das tias solteironas e outras pessoas que, talvez por cometterem erros graves neste sentido, exploram-no para seu proveito pessoal, querendo-se assim desconto empurrando as costas do innocente seu próximo, seus erros de todos conhecido. Torna-se necessário dizer-vos que não attribuo nenhum destes erros a vós um bondoso amigo e digo-vos que acredito na sinceridade de vosso valioso auxílio no caso que julgo até indispensável, porque vou aproveita-lo para dar com o

auxílio de bons amigos como vós, uma lição de moral e (condenação ou coordenação?) aquelles que somente a conhecem por nome e affirmo-vos que não há quem me faça desistir deste intuito que não tem por objetivo a mesquinhez da vingança pessoal ou collectiva, não...nem nobre amigo, para isto dizer-vos que sou um dos pioneiros da paz mundial que tb. Repousa suas bases sobre a paz individual e de família para com família, de cidade para cidade e de paiz para paiz.

Sou adepto de Kant que conheço através dos ensinamentos de um velho professor alemão de nome Guilherme Lauter, morador desta cidade.

Tenho um verdadeiro amor filial a este bom velhinho, que quando sem diretamente quere-lo, me dava lições de philosophia enthusiasmava-se a ponto de me agarrar pelos ombros sacudindo-me soltando livremente o seu temperamento de bavário. Quando tive a primeira lição do mesmo senti ímpetos de fugir ante o vociferar do mesmo, não tivesse sido avisado em tempo pelos filhos do mesmo, meus íntimos amigos, e eu tinha tomado a sério aquelle semi gigante de quasi dois metros de altura. Elle é também um profundo e adeantado conhecedor da política do nosso paiz que foi como Wagner repellido em Pelotas, onde morou muitos annos. Conhece também bastante a mineralogia enfim tenho-o como um sabio pelos multiplos conhecimentos scientificos, e conhece também o Rio Grande do Sul bem dizer a palmo.

Não vos illudis pelo que ficar exposto que o autor destas linhas é um profundo conhecedor de philosophia. Não tenho-me nesta conta.

Sou antes de tudo mesmo que não pareça, um bom christão e o desespero de Freud e Schopenhauer, pessimismos, já tive, mas soube querer e Deus deu-me um lar feliz para um completo equilíbrio. Tenho nas mãos de meu amigo Vianna Moog um relato de minha vida, muito perseguido, depois de casado, pelo catholicismo do qual sou declarado adversário, tanto

que accuso-o de perturbador da ordem publica e indireto provocador das revoluções e guerras de já Napoleão os accusava. Estes semi loucos disseminadores das maiores misérias, das quaes nem todas as obras de piedade praticadas não os redime, praticam os maiores desatinos por intermedio da Acção Catholica da qual sou uma victima assim como toda a humanidade, a quem dão a ilusão de uma fé errada de quem são as próprias innocentes mas ferozes victimas. Basta dizer-vos que Hitler neste sentido tem como seu maior aliado a Mussolini e a história desde a inquisição ao nosso tempo a qual juntará a história de minha vida destes ultimos annos. Se quizerdes vos alistar catholico ou não à nossa acção contra a inquisição contemporanea, sois meu amigo, se não, estes, asseguro-vos, não nos faltam e hoje marchamos triumphantes para a victoria certa e infallível. Aproveito a oportunidade para subscr.

De V.S.

Ilmo Atto. e Obrº

T. R.

PS: Fallei hontem, com o Sr. Ulysses Xavier do Rego, que disse-me estar disposto a rebater a technica formidavel do artigo do Sr. Egydio Ih-tá-Qui, e vae escolher o thema, talvez, Christo pregado à cruz exclamando Eli, Eli absatani do seu livro projetado “A sã doutrina de Christo ante o christianismo”, de todos os tempos. Pelo que me disse e os argumentos que pretende expôr vae ser uma rajada de minuano, de Sul ao Norte do nosso paiz, e se minha “cara-metade” não me trouxer papel que tanto lhe pedi estou frito em pouca banha, não podendo-vos transmittir as minhas impressões dessa discussão política- religiosa. Aqui nem a muque dão-me papel; Regime do hospital!...Gostaria ouvir vossa valiosa opinião, se a relação de vida

daquele moço, que conheceis não precisará de um attestado de fé pública? Elle é forte, mas não é “santo”, é tão somente um pae de família, que ama muito esposa e filho.

CARTA 10

À imprensa

A Avareza

Das qualidades mais desprezíveis que o homem adquire, a avareza é das que marcha na vanguarda. As consequências deste flagello nitidamente se faz sentir na era de abertura e fome que leva as classes desfavorecidas (talvez por não serem avaros) a cometer verdadeiros desatinos extremistas, por se verem sem recursos para fazer frente a fome que ameaça lhes destruir por completo o lar abalado pela privação.

Enquanto uns famintos de riqueza e bem estar acumulam fortunas, pouco se importando da sorte de seu próximo, o braço forte, o operário, o camponez, outros curtem em suas entranhas e acumulam um arsenal de desprezo e ódio aos que deshumanamente os exploram e que sabem tão bem construir faixas de cimento para deslizar com seu luxuoso limousine, descuidando por completo, de dar uma melhoria que fosse às estradas de rodagem, que em determinadas épocas do ano dificultam e até impedem o transporte de mercadorias. Que nos importa que o colono entupa com suas mercadorias, produto de pezado e amargo labor, em casa, se nós temos faixinhas lisas para nelas gozar, a sensação da velocidade de nossos automóveis, queremos é viver enquanto estivermos vivos e viver se vive só uma vez, que toque a gaita e continue a farra. Que nos importa que operário ganha num dia de labor tanto quanto um de nós gasta para tomar café de manhã e que tenha que sustentar com esta meia dúzia de nicheis toda uma família.

Mas a avareza não se manifesta somente na classe abastada e sim adunca as suas garras no coração de cada indivíduo sob as mais “comezinhas” manifestações psicológicas. Um exemplo simples e claro tenho observado neste hospital cujas operárias (enfermeiras) estão

pleiteando o reajustamento. Estes fazem o mesmo que faz o ricaço, pouco se importam, na maioria de seus camaradas menos favorecidos da sorte. Sei que neste hospital há um chefe de família que no mês passado ganhou um salário que lhe dá uma diária pouco mais de 4\$000 réis por dia, que ficou no esquecimento. Mas não é somente isso e sim a luta entre os próprios, mais bem remunerados, para sobrepujar o seu semelhante é que me faz exclamar: avareza!

O que se dá aqui, no exemplo acima citado dá-se em todas as classes sociais e no seio, até, de cada família e mesmo entre dois indivíduos, se bem que estes muitas vezes pela força do hábito não se apercebem de tal.

Ao mundo tresloucado de hoje digo juntamente com as maiores autoridades que no assunto de pacificação da humanidade estão envidando os maiores esforços. Outro destino nos espera, mais nobre e enaltecedor: a completa igualdade.

Não obstante estar Hespanha num montão de cinzas e a recém iniciada guerra sino-japonesa, marchamos a passos firmes para um futuro risonho que será um verdadeiro mar de rosas em contraste com o passado vil e egoísta do mais pequeno dos planetas: a terra.

Por hora nada mais podemos fazer senão nos contentarmos com o que temos, e aos que puderem ajudar, ao pobre que o façam, pois que para o futuro de pouco lhes adiantará todo ouro acumulado, porque este perderá quase que completamente seu valor.

Feliz de minha pátria que não é ricaça e sim devedora dos próprios cabellos ao estrangeiro avarento e explorador que nos roubou a semente preciosa da seringueira, jogamos assim a miséria o que devia hoje ser o mais rico dos estados: o Amazonas. Feliz do Brasil que tem terra em abundância porque esta somente terá valor futuramente e adeus dívidas. Se o estrangeiro, depois de estar tudo nos eixos, nos quiser vender machinário, automóveis, aeroplanos, terá que receber em troca artigos de fauna vegetal (os próprios que nos roubou) e de nossa lavoura. Se quizermo-nos adiantar e preparar para o infalível próximo vindouro (que

levará dez anos) adquiramos o quanto mais depressa possível maquinário agrícola, favorecendo a cultura dos gêneros de 1ª necessidade.

Deixemos de cruzar os braços e de exclamações tolas e inúteis e errados remédios para combater a crise, esta não passará enquanto o ouro tiver valor e a indústria na faina enlouquecedora continuar a produzir, produzir...1/3 a mais do que há possibilidade de colocação em todo o mundo. A guerra sino - japonesa fará pequena melhoria---mas muito pouco para nós. Deixemos por hora que se partam as cabeças, quando estiverem cansados os chamaremos de idiotas e eles se convencerão disso.

Como já disse o Brasil está sob qualquer ponto de vista melhor situação e com grande vantagem sobre qualquer paiz do mundo. Haverá quem duvide?...presentemente o que temos que fazer é auxiliar o mais possível a pobreza para evitarmos um provável desatino por parte desta e a infiltração comunista que distroe e não constroe. Constroe todo aquele que (apagada frase) tem presente de para o futuro quem pensa acumular ouro e um lucro. Ajudamo-nos pois reciprocamente, demos, a matéria a quem dela necessitar e o espírito quem dele carece.

Respeitosamente. T.R.

Hospital São Pedro 28/8/1937

PS: Quanto ao movimento político interno ou externo pouco de momento me interessa. Quando estiver em liberdade e em contato direto com os loucos lá fora é provável que estudando a pshycologia das “multidões” dirigirei uma carta a Stalin. A Bastilha em parte entregou-se e está por conta dos “mascarados” o resto.

Creio que uma reacção não é de esperar porque seria a maior imbecilidade de todos os tempos. A minha conduta, apesar de tudo, foi de cavalheiro e continuarei a sê-lo sempre.

CARTA 11

À imprensa

Meditações e previsões sobre o futuro

O futuro é coisa que mais curiosidade nos desperta. Fica-se satisfeito quando, embora não acreditando na cartomancia, a cigana à qual damos um nichel, mais para ajuda-la que para nos dizer a tal tão tradicional sorte, diz uma porção de coisas entre as quais sempre uma ou outra é acertada. Geralmente nos contam coisas boas. Mas a mim não interessa tanto saber algo do meu futuro individual e sim o futuro dos meus filhos e da humanidade. As cartas das quais leio esse inconfundível e inevitável porvir são as circunstâncias, que nunca enganam de um todo.

Vejamos: há 400 ou 500 anos atrás não se conhecia outro sistema de fabricar meias senão a mão; não se fabricava calçados senão a mão, etc. Hoje existem machinas que manejadas por um só indivíduo, produzem em 20 minutos 24 vezes mais que uma pessoa antigamente fazia trabalhando de sol a sol.

Deste e outros fatores podemos deduzir, sem receio de errar, que o mundo está no apogeu do desenvolvimento, se bem que quais diariamente surgem novidades no terreno da machinica, chimica, etc. Aquillo que serviu perfeitamente há 20 ou 30 anos, foi suplantado por coisa melhor, de mais rendimento sob qualquer ponto de vista, e o que hoje julgamos insuperável amanhã será superado e nos então exclamamos admirados: ora veja só!...

O mundo corre para frente, como cafre atacado de hydrophobia. O capital aumenta e se funde em empresas poderosas: Institutos, Soc. Comm., e indústrias, que eliminam, quasi por completo hoje e completamente amanhã, a concorrência, de capital individual na proporção

que a machina está por um só indivíduo. O plantador, como diz Remy Fonseca, é obrigado a utilizar-se do capital, hypothecando-lhe o produto que ainda está por nascer e para isso é obrigado pelas circunstâncias. Os “juros” que paga são elevadíssimos, além de arrumar fora disso a cangalha, que lhe serve para o transporte nas pessimíssimas estradas de nossa terra, resultando disso um duplo prejuízo (mas aparente). Relatividade!...O capital, como já disse, se une e reúne e tornará a se reunir até que teremos no Brasil a completa eliminação da classe média como nos E. Unidos. (Sei de um homem que saiu há cerca de vinte anos do Brasil com trezentos contos do bolso perdendo tudo nos E. Unidos. Há 2 anos mandou para cá um seu filho para estudar a situação do pequeno industrialista aqui, a fim de tornar possível seu retorno, mas até hoje ainda não veio.) Existirá somente o operário e o grande capitalista, e até entre o primeiro existirá ainda, a concorrência individual, pois que as grandes empresas serão tantas que se estabelecerá a concorrência, como entre duas pessoas, obrigadas, de um lado pela necessidade, de outro pelo herdado egoísmo e fome ao poder, a suplantarem a querer ser melhor enfim...

Se o mundo continuar nesta marcha a hecatombe universal é inevitável. Uns devorarão aos outros, como lobos famintos...Vianna Moog disse: “No Brasil tudo muda, ninguém se entende e tudo vai bem!” O que se dá no Brasil dá-se com a maioria dos países. Nem o facismo, nem comunismo, nem ismo nenhum dará ao mundo a prosperidade se os povos não se convencerem de seu egoísmo. Comunismo e facismo não passam de um jogo passa-tempo. Onde surge o comunismo surge o anticomunismo. Onde surge o nazi e o fasci surge o adversário. Poderão nascer destas “creanças” quantas quizerem, nada adiantará...O Brasil deve e está deixando de coxilar naquella confiança inerte de que amanhã descobriremos um homem que pagará as dívidas do país, com seu bom governo. No Brasil tem de tudo menos união, e somente esta poderá salvá-lo de sua ruína completa. Deus foi brasileiro e ainda é,

mandando que o vento nos apanhe a lenha e derrube caixos de bananas, que nem nos damos ao trabalho de ajuntar, prevenindo-nos para o futuro...Tomemos como exemplo a Itália, cujo povo para ajudar as custas da guerra à Abissínia, sacrificou parte de suas jóias...

Se dissermos hoje ao povo: o Brasil precisa de um auxílio semelhante para arrumar-se a fim de se tornar uma potência que impõe respeito, as grandes massas nos chamarão de idiotas. O Brasil tem necessidade premente disso, se quer ter a mesma sorte da Absínia.

Se o Brasil se arrumar, automaticamente se arrumarão os demais países sulamericanos isso é tão lógico como um e um, são dois. As boas relações diplomáticas depois serão a fortaleza do continente sulamericano, que impedirá a invasão completa do estrangeiro, pois que a financeira é um fato que não podemos omitir. Não precisamos de armamento p/ uma guerra, que é difícil sahir, dada a índole pacifista e soberanamente diplomata do nosso povo, mas tão somente para dar um golpe de diplomacia no estrangeiro que nos explora e vai lentamente se apoderando do país. O golpe segundo a minha opinião seria o mesmo de Hitler, com relação às dívidas de guerra, pois que nós pelo caminho que vamos só temos que nos enterrar mais em dívidas e se não me trae a memória o Brasil já fez até um empréstimo para pagar os juros dos E. Unidos. Ora se é assim! Quem empresta para pagar juros, está na situação de pagar juros sobre juros. Para que dizer mais? Todos nós sabemos disso. O que acho motivo de sérias apreensões é que relativamente pouco tem sido feito para melhorar a situação ruínosa do país de nada vale. O único valor é o de ganhar tempo e mais cousa alguma.

Aproveito ainda a estadia aqui no hospital para escrever algumas idéias e considerações porque sei estas estão tendo boa aceitação junto ao meio literário e autoritário do meu país por partirem de quem tem relativamente pouca cultura. Admiro-me as vezes que ainda há pessoas que me olham como quem está deparando com o milagre do século. Ora sabemos que destes pequenos milagres há milhões mundo afora, mas que não tem a petulância de se prevalecer da

bondade e paciência de seu proximo como faço eu. Continuarei apesar, a escrever sei que contribuo com as minhas modestas linhas para a obra dos que pensam com sensatez nos problemas da atualidade mundial...Se os pequenos pensam como os grandes é signal seguro de que ambos estão certos. Disse que escreveria enquanto estou aqui porque em casa não poderei faze-lo, devido que pae mãe esposa irmãos se

(estes dois pedaços de carta foram encontrados isoladamente, escritos em papéis diferentes, e depois juntados neste trabalho pelo contexto)

anteporem a mim como uns endemoniados por julgarem que estou louco.

Meu pae esteve aqui me visitando no sabbado passado. Eu querendo conseguir mais liberdade em casa, disse-lhe em resposta a sua pergunta se já tinha deixado a mania de escrever que se era loucura porque não me deixa esta. Foi quanto bastou para que pouco depois sahisse...almente se despediu de mim. Para mim acho que esta contrariedade até é uma vantagem, pois que tenho notado, quando me incomodam, tenho até mais inspiração. É verdade que as vezes desanimo um pouco e não faltava muito me convencer da minha loucura...

A minha vida até hoje foi, nada mais, nada menos que um rosário de contrariedades deste quilate.

Sahi da sociedade que tive com meus irmãos porque estes se opunham ao meu plano de fabricar o pão com fermento Fleischmann, que naquella epocha estava sendo introduzido, com verdadeiro bombardeio de reclames. Conheço sobejamente a história do judeu, e pude avaliar que o fermento Fleischmann iria ser introduzido sem a menor dúvida. Ora, a casa teria soffrido um grande impulso progressista se fôssemos um dos primeiros a melhorar o artigo. Mas qual quem foi que disse que eu convencia os meus desta vantagem... A saboaria da qual faço parte nasceu da minha idéia. Todo o melhoramento da fabricasinha etc. (não exagero). E

um dia o meu pae poz na mesma meu irmão (o mais moço da família) e pouco tempo depois por ocasião de uma forte crise de negócio (saboaria é um péssimo negócio) recebi estupefato, a ordem de procurar um emprego. Eu, que comecei a fazer sabão em latas de queirozene em minha casa, passando pouco tempo depois a fazel-o em casa de meu pae, num tacho um pouco maior, fui o primeiro a ter ordem para dar um jeito na vida.

Verdade é que a fabricasinha foi montada com capital de meu pae, mas meu irmão também.

Não entrou com cousa alguma. Eu não sou dos que vivem em desharmonia com seus paes.

Desde os 14 annos, com exepção de dois annos, trabalhei sempre com e para meus paes.

Dos filhos, que o velho meu pae gosta menos, sou eu, mas felizmente a minha mãe é ma santa p/ mim, mesmo que tenha que fazer o que lhe dicta o velho, tem agido c/ muita habilidade, servindo sempre de mediadora. Se digo que meu pae é homem de má índole minto. É tão somente no systema de orientação que sempre divergimos. Mas o meu grande amigo é o futuro e eu confio plenamente nelle. Tenho esperança de sahir completamente curado deste hospital pois que a meu ver o factor máximo de minha moléstia é o excesso de trabalho physico e intellectual, para meu corpo enfermo, se bem que há outros factores. Enfim uma causa age sobre a outra resultando o desequilíbrio da saúde. Terei errado dizendo tudo isso? Pouco já me importa. Tive que desabafar uma vez o que me ia no íntimo, mesmo que isso seja erro. O meu estado de saúde tem melhorado muito graças a attuação por parte dos scientistas inclusive o director deste hospital e quando me lembro da possibilidade de minha completa cura, tenho vontade de ficar mais um ou dois annos, não obstante ter muita saudade de esposa e filho que vejo uma vez por semana.

De V.V.S.S. Humilde amigo

T.R. H.S. Pedro 02 de setembro de 1937

CARTA 12

(esta carta coloca-se por último, pois sem data não foi possível colocá-la na numeração. Seu contexto também não é esclarecedor neste sentido. Entende-se que a carta de número 11 de nossa numeração realmente tenha sido a última escrita no hospital, em função de seu conteúdo e de sua data, que corresponde a poucos dias antes de sua alta hospitalar)

Ilmo Sr Gal.

Flores da Cunha

Humildemente venho vos pedir transmittirdes ao sm. Hitler, pelos canais competentes, porque este ainda não terminou com a guerra de Hespanha, pois que tem documentos suficientes para faze-lo. Que deixe os legalistas vencer pois que o que estes querem é o mesmo que elle (Hitler) quer: terminar com a ignorância e (?) maldade christã do clero mais nada. Stalin não passa de um Paulo que perseguindo Christo, persegue seu próprio ideal dissiminando a morte. O meu artigo está destinado a terminar de uma vez para sempre com a ignorância malsã do clero e da rápida pacificação de Hespanha, que Hitler não poderá passificar nem com os mais sábios tratados com França e Inglaterra.

Acho que basta de derramar sangue humano.

Do vosso Soldado em Jesus Christo

T.R.

Esta carta deverá ser enviada ao general ou transmittida por telefone c/ urgência.

Não tem nada que conferenciar com o Arcebispo. Quem nos manda é Jesus por intermédio de seu servo, o doutrinador da sã doutrina.

VERSINHO

“Versinho”, avulso na pasta, escrito no verso de um papel de propaganda de chocolate
(Woltmann, chocolate puro – Fábrica Woltmann, Porto Alegre – R. Gr. do Sul. Rua
Francisco Ferrer 190 – Rua dos Andradas, 1441)

(La vae um Judas)

O sino da igreja havia,

Recém dado meio dia

Sob o céu turvo cinzento

Dum dia nebloso, friolento

Passam, ante mim, carregando a cruz

Qual se fosse uma visão

As esposas de Jesus

Oh castos anjos da piedade

Tendes na frente a luz da santidade

Num anelo à outra vida;

A eterna, nunca vivida

E o sino havia

Recém dado meio dia...

Anunciamos aquela alma

Que renunciou com calma

Que inda mais pura

Soffre toda tortura

Da cruciante dôr

Dum grande amôr

E não se engana quem em Deus confia

(Pseudônimo) Ulysses Xavier do Rego

ANEXO 3

REPORTAGENS E FOTOS

Correio do Povo, 04 de abril de 1937, p. 3.

TRÊS ANOS DE LEGISLAÇÃO EUGÊNICA:

O que se realizou na Alemanha na luta contra a degenerescência dos rebentos - um triunfo visível do pensamento biológico das últimas décadas.

Há três anos na Alemanha foi iniciada uma das mais momentosas experiências eugênicas na história do mundo.

Um período de três anos é naturalmente insuficiente para julgar os efeitos de uma medida concebida nos termos de gerações sucessivas. É biológica em sua natureza e a biologia quando aplicada na raça humana é uma ciência cujos vestígios se estendem até o remoto passado. Daí, seguramente, os legisladores eugênicos invariavelmente falarem dos efeitos que se revelarão por si mesmos durante os próximos milhares de anos.

Além disto é geralmente concordado que a legislação eugênica deve ser olhada unicamente à luz da ciência. Ela não é política no sentido ortodoxo da palavra. Opera melhor silenciosamente, como que sob a superfície. Assim, embora a lei alemã para a prevenção de rebentos degenerados tenha sido recebida como uma grande conquista política, mais nenhum acréscimo político está sendo feito sobre ela.

PERSUASÃO OU OBRIGATORIEDADE

Os adversários dessa espécie de legislação, vendo nela uma ameaça aos sagrados direitos do indivíduo, experimentam provas que a lei não está trabalhando satisfatoriamente. Como é geralmente conhecido, consoante esta lei, todo médico alemão está na obrigação de relatar à

Corte de Eugenia local, o nome de qualquer de seus pacientes que esteja sofrendo de alguma moléstia ou deformação física de caráter hereditário. A Corte de Eugenia põe-se então diretamente em contato com o paciente e aconselha este à esterilização voluntária.

Este, ao que parece, drástico proceder, foi estabelecido na Alemanha como em outros países também, inclusive na província de Alberta no Canadá, que foi pioneira neste campo - em vista do prevaecimento de certos impressionantes fatores intoleráveis neste século, agora que os meios biológicos do pensamento se tornaram predominantes. Cada nação tem a sua cruz em matéria de enfermidades. A Alemanha considerada muito justamente como uma das mais sadias nações européias tem a sua riqueza racial posta seriamente em perigo pelo prevaecimento, *inter alia*, de cerca de 280.000 casos de esquizofrenia, um nome científico que abrange várias desordens de espírito.

Os reformadores sociais, em regra, têm desconsiderado tais fatos, principalmente devido a sentimentos humanitários. Porém uma sociedade determinada exclusivamente pela razão não pode permitir que seja constantemente ameaçada de desintegração pela persistência de um perigo desta espécie.

FALSO HUMANITARISMO

Já foi indicado que devido à natureza desta experiência eugênica é difícil obter dados que sirvam para mostrar como a lei está operando na prática. Um jornal médico estrangeiro recentemente publicou estatísticas alegadamente obtidas em círculos oficiais. Porém, o autor do artigo não ocultou sua hostilidade à experiência. Declarou que no ano de 1935 nada menos que 40.000 pessoas na Alemanha, sofrendo de enfermidades de caráter hereditário, tinham sido esterilizadas. Asseverou também que uma alta percentagem destas pessoas tinha morrido em consequência dos efeitos da operação. Essas estatísticas podem ser consideradas simples

ficções, estabelecidas provavelmente com o auxílio de dados fornecidos por alguma corte de eugenia local tirando a média correspondente para toda a Alemanha.

Como uma questão de fato, as opiniões pela ciência médica na Alemanha, depois que entrou em vigor a lei impedindo os rebentos degenerados, há três anos atrás, estão absolutamente a favor dos métodos de persuasão ao invés da drástica obrigatoriedade.

Uma coisa é certa. Requer coragem para fazer da esterilização uma arma na luta para erradicar a moléstia no organismo nacional. Porém a prudência foi chamada para auxiliar a aplicação de uma arma desta espécie, e tal coisa tem sido indubitavelmente mostrada pelos legisladores alemães, embora deva ser admitido que existe um forte grupo de entusiasmados extremistas. Todavia, exceto no caso de criminosos, a lei respeita os direitos e liberdades do indivíduo, estabelecendo que nenhuma operação deve ser realizada, sem primeiro obter o consentimento voluntário do paciente.

UMA IMPORTANTE DISTINÇÃO

Ademais, deve ser perfeitamente acentuado que a lei alemã levanta uma clara distinção entre a esterilização e a castração, sendo esta última uma pena obrigatoriamente imposta a certos tipos de criminoso sexual. Esta operação tem o efeito de alterar toda a personalidade da pessoa, criando um tipo definido de eunuco, enquanto que a esterilização não transforma a personalidade e, portanto, em sua aplicação, àqueles que sofrem de enfermidades hereditárias pode ser considerada como inútil, no sentido ordinário, e aconselhável nos casos onde a moléstia é acompanhada pela falta de controle próprio.

Já tem sido dito que aqueles nos quais foi realizada a operação são fáceis de se tornarem vítimas de um sentimento de inferioridade, porém os reformadores eugênicos respondem,

contra isso, que a moral conquistada pela idéia do sacrifício próprio para o bem geral é um fator compensador suficientemente forte para sobrepujar qualquer "inferiority complex".

MENDELISMO TRIUNFANTE

Durante as três últimas décadas, toda a vida cultural da Europa tem sido mais ou menos governada pelo pensamento biológico e agora a Alemanha experimentou três anos de legislação eugênica que na realidade deve sua origem à descoberta de Gregor Mendel, sobre as leis de transmissão hereditária. No campo de combate do declínio da população, uma especial legislação habilita os jovens casais que desejem contrair casamento a obterem ajuda financeira. Como somente pessoas sadias podem obter esses empréstimos, existia um fator biológico trabalhando e pode ser dito com segurança que não haverá sinais de degeneração da família em meio milhão de crianças nascidas de tal casamento, durante o regime Nacional-Socialista.

O segundo resultado visível é o decréscimo no cômputo das moléstias sofridas pela Nação. Sob este aspecto, deve-se contar seguramente com a legislação proibindo o casamento entre arianos e não-arianos. As atividades das cortes consultivas matrimoniais não devem ser esquecidas a este respeito. Tais coisas nada têm a ver com opiniões ou sentimentos. É a ciência da biologia aplicada à raça humana.

URBANIZAÇÃO E SUPER-INDUSTRIALISMO

Existem então os progressos que não são diretamente visíveis, e os quais devem ser considerados à luz da luta contra a urbanização e o super-industrialismo. Muito tem sido escrito sobre este tema pelos racialistas e biólogos alemães. Na verdade é computado existir

na Alemanha uma publicação anual de cerca de três mil livros tratando unicamente da ciência racial e seus problemas.

A regra é contrastar a liberdade e a igualdade da primitiva sociedade teutônica rural e o moderno industrialismo com sua urbanização e conseqüente crescimento de proletários sem terra, destruindo o equilíbrio biológico e sociológico da sociedade medieval. O conceito urbano da liberdade e da igualdade foi agora afastado do ideal alemão, que somente pode ser realizado através da urbanização, localização nas terras, reformas eugênicas e inculcando um novo espírito nórdico.

As cidades espessamente povoadas, declaram os racialistas e eugenistas, são sujeitas à psicologia das massas, que fornecem o comunismo com as suas mais fortes raízes. Somente em contato constante com o solo pode haver a realização da personalidade humana, e neste ponto, mais do que na habilidade dos cirurgiões alemães, deve ser procurada a garantia real da saúde e integridade racial das gerações vindouras.

Nota: optou-se por atualizar a ortografia.

Diário de Notícias, 22 de março de 1951, p. 12 e p. 5.

DESLEIXO E DESUMANIDADE - MERGULHO NOS ABISMOS DA MANSÃO DA LOUCURA

Um inquérito que se torna necessário- Mergulho no abismo- Inenarrável sordidez- Promiscuidade- Uma grave acusação- problema de administração

(autores: Nelson Grant e Paulo Tollens)

Promiscuidade, a nota geral. No dia 19 do corrente, a população, do São Pedro somava 2961

pacientes, sendo assim destribuídos: Indigentes homens1236

Indigentes mulheres.....1297

Pensionistas homens.....239

Pensionistas mulheres.....189

Na Divisão Esquirol, em que há 1294 doentes, só existem 780 leitos, faltando, pois, 514. E na Divisão Pinel, há um déficit de 200 leitos. Em suma, no HSP 714 doentes não tem cama. Em salões constringidos para uma população crescente, de instalações tão precárias que chegam a usar garagens para dormitórios, apinham-se os doentes, empilham-se dois a dois em camas estreitas, espalham-se pelo chão enovelados em mulambos. É a promiscuidade com todo o seu cortejo de males em que sobressai, gritando, a dificuldade de recuperação e cura dos doentes.

Jamais, porém, se cogitou de melhorar esta situação, ou, se houve esta preocupação, foi ela tão fraca tão mirrada - possivelmente por inconfessáveis interesses - que tudo continuou desesperadamente na mesma.

Simbolicamente, entre dois extremos do horror, desorganização, brutalidade, estende-se ondulante à nossa bela capital. A casa de correção e o Hospital São Pedro. Não é da primeira que iremos falar e sim a respeito da negreganda Mansão da Loucura que durante muito tempo constituiu verdadeiro "tabu", cerrada a qualquer visita pela imprensa, jamais se podendo transpor o gabinete da "alta" administração. Mas não vamos entrar nesses detalhes escabrosos que se ligam a um exame necessário da escrita que tantas revelações interessantes poderia fazer...É verdade, porém, que tais exames nem sempre revelam grande coisa, pois há maneiras legais de cometer os maiores assaltos ao erário público, de modo que se sabe com certeza que houve desvios, sérias irregularidades, mas nada se pode provar dentro de rotineiras práticas de firmes provas pelos métodos habituais de farisaísmo jurídico.

Enfim, após o relato do que vamos desdobrar nas linhas seguintes, cabe aos responsáveis pela coisa pública mandar abrir inquérito e aplicar a lei - se é que esta existe realmente também para punir os poderosos - em suas sanções rigorosas contra os que permitiram por muitos anos que se cometesse contra os infelizes insanos toda a sorte de atrocidades e desumanidades, atirados a uma situação de abandono e indiferença, jogados ao relento, condenados ao frio das enregelantes salas em que irremediavelmente se contrai a tuberculose. Porque a verdade é que em nosso sentimentalismo otimista, indenitente e subjetivo, não admitimos a existência destes quadros de angústia e abandono que se nos depararam num São Pedro, por exemplo. E muito menos estamos dispostos a crer que haja alguém responsável por este "malestrom" de incúria,

círculos infernais em que os esgares e os uivos dos dementes parecem provocados pela indiferença sardônica dos responsáveis, eles próprios mergulhados em outro inferno, o do orgulho empedernido, o da vaidade tola e requintadamente mórbida.

UM MERGULHO NO ABISMO

Há, não se pode negar, a dedicação comovente das religiosas e dos poucos enfermeiros, seres humildes que chegam a tirar o precioso do próprio bolso para não deixarem morrer certas iniciativas. Mas suas palavras, seus conselhos, não são, melhor, nunca foram ouvidos, morrendo no desalento e no desamparo. Houve, porém, durante muito tempo, o mais absoluto descaso por parte daqueles que deveriam, pela posição de mando que ocupavam, clamar incansavelmente para que se minorasse a infelicidade dos doentes. E esse descaso ainda mais avulta quando se tem em vista possuir o Hospital São Pedro recursos com os quais se poderia resolver esta calamitosa situação. Deixamos, porém, este ponto, por enquanto. E penetremos, depois de transposto o primeiro, no último pátio, o que fica aos fundos do edifício, onde os doentes passam a maior parte de seu tempo. É um pátio sem calçamento, intransponível nos dias de chuvas, os pés se afundando no barro pegajoso.

Chegamos exatamente à hora da refeição, cerca de 11 horas. Num vasto galpão chamado refeitório, no silêncio sepulcral das fisionomias inexpressivas, sentavam-se comprimidos 760 doentes. Com o chão embarrado e umedecido, poças d'água aqui e acolá, abre-se o refeitório, exceto na parte sul, a todos os ventos. Sem janelas, sem portas entram furioso vento e chuva, entisicando os miseráveis insuficientemente vestidos. Não é de estranhar, então, a incidência bruta da tuberculose entre eles. Mas o aspecto doloroso não pára aí: seus detalhes chocantes ferem sucessivamente e somam-se no estridente da nota de uma abjeção a que foram criminosamente atirados esses coitados de cuja sorte nenhum de nós está livre. São três

funcionários para a todos atender. É a falta de talheres: não possuem uma colher sequer, comem com a mão, levam o prato à boca, brutalmente. É servido arroz e feijão, às vezes carne, e, como falta prato fundo de folha, deixam de tomar sopa. Aos que trabalham servem ração dupla. E acontece que por falta de funcionários e vigilantes os doentes mais fortes roubam o único pão aos incapazes de se defender, tirando-lhes também não raro a própria comida. Quem nos contou este detalhe foi uma irmã de caridade, cuja voz comovida traduzia um sentimento de infinito desamparo.

INENARRÁVEL SORDIDEZ

A poucos passos do "refeitório", ergue-se o pavilhão dos fujões. Neles são trancafiados - como o nome indica - os doentes que se evadem do hospital, bem como os destruidores e depredadores. Nus, encaveirados, cabelos raspados, indefinível palidez, ensimesmados pelos cantos, empoleirados pelas camas tipo beliche, pesando um bafio insuportável a provocar vômitos incoercíveis. E enquanto um demente uivava e esmurrava a cabeça em "ais" lancinantes e ferozes que crispavam os nervos, um outro completamente despido tinha esparramado pela cama a comida e sobre ela sentava e calmamente almoçava. Aqui se mostra, mais uma vez, o desleixo da direção passada do São Pedro. Esses "fujões" e "destruidores" ficavam trancafiados no pavilhão, sem receber durante meses a fio um raio sequer de sol. Que custava levantar umas paredes ao lado, pequeno pátio - como está fazendo agora a atual direção - onde pudessem eles apanhar um pouco de sol? Bastaria para se ter esta inspiração um interesse mínimo ...

Saindo do grande pátio aos fundos do hospício, por pequena porta, passa-se para a seção dos "sórdidos". Foram os doentes que apelidaram o dormitório, que aqui se encontra, de maloca. Em galpão escuro de quatro metros de largura por doze de comprimento, dormem trinta e

cinco infelizes. No chão, como WC, um buraco no encanamento do esgoto. Pelas paredes de tábuas, frestas de mais de quatro dedos, têm os velhos e sórdidos seus dormitórios. Pelas camas, em que enxameiam moscas, manchas pretas e fedorentas. E um tênue cobertor para proteger do vento frio e úmido que zune pelas frestas. No dormitório dos doentes velhos é o mesmo quadro. Na seção de furiosos, já que não é possível conservá-los vestidos, pelas grandes janelas sem vidraças entra o frio e a chuva espadanante lava todo o pavilhão.

UMA GRAVE ACUSAÇÃO

Quando se percorre o São Pedro a irritação do visitante vai crescendo por encontrar situações que de nenhum modo se justificam. O fracasso de certas iniciativas não encontra explicação nas costumeiras desculpas de "falta de verbas", "falta de pessoal competente", "desleixo e nenhum interesse por parte dos subalternos", etc, etc. Só se pode atribuir o insucesso desses empreendimentos a uma pré-concebida e maquiavélica preocupação doentia de desorganizar, sabotar, aniquilar vontades e idealismos. Na Colônia Agrícola do São Pedro, cujo aviário chegou a contar com 1.600 aves de raça, receberam ordem um dia, pelo chefe, de levar todas as aves para um charco, onde teriam elas que perecer fatalmente, como sucedeu. E o aviário da colônia era um primor de ordem, asseio e limpeza. Por que se fez isso? Por que se impediu que a Colônia aumentasse a sua enorme produtividade, que fosse capaz de produzir tantas utilidades com que abastecer o hospital, ela que entre os anos de 47 e 50 rendeu mais de 700 mil cruzeiros? Por que essa estranha e mesquinha sabotagem? Parece que tudo se explica por aquele princípio geral que preside à atividade pública em nossa infeliz Pátria: não fazer e não deixar que os competentes o façam.

Os fatos que acabamos de citar são extraídos do relatório do diretor da Colônia Agrícola, cuja amargura transparece em frases como estas que permitem depreender aquelas conclusões por

nós tiradas: " - No domínio da pecuária, já em relatórios passados, fiz notar o que representará, em valores reais para a economia da instituição, uma vez amparada, a organização inicial que lhe imprimi e as realizações que se conseguiram. Os meus argumentos e as minhas solicitações não tiveram ressonância, por maiores que fossem meus desejos, não só junto ao senhor diretor do hospital, como ainda, de viva voz do senhor diretor do DES".

Isso sucedeu em todos os ramos da produção da Colônia. É que havia contra ela uma sentença extintora, ela que poderia se tornar uma fonte de renda prodigiosa para o São Pedro. "Tudo faltou. Desde o braço que substituiu o outro braço fatigado até o material agrário que diminui o esforço e aproveita o tempo."

Basta o que dissemos para sugerir fortemente que a situação do São Pedro é principalmente um problema de administração.

PROBLEMA DE ADMINISTRAÇÃO

O problema do São Pedro não é de psiquiatria. Seus psiquiatras são os melhores, homens capazes que merecem até elogios de sumidades estrangeiras. O problema do São Pedro é de administração tão somente. Não vamos mais fazer considerações próprias sob este aspecto. Vamos citar apenas o testemunho de pessoas autorizadas, médicos do hospital, desfazendo tantas explorações tecidas em derredor do fato de haver sido nomeado para a direção do São Pedro um médico fisiólogo do seu quadro.

Dionélio Machado, chefe da divisão Esquirol, de 1294 doentes diz: "Deposito muita confiança na nova administração. Muito espero da probidade do Dr. Antônio Brochado. Aliás, ele já iniciou a sua gestão dando uma nova organização técnica ao hospital, conferindo maior autonomia e responsabilidade aos seus auxiliares imediatos".

Luiz Ciulla, chefe do serviço de higiene mental, depois de fazer uma série de considerações sobre a reforma de certas seções técnicas e aconselhar inovações, termina com estas palavras: "Não é necessário que um diretor de hospital de doentes nervosos seja um psiquiatra. Assim, o maior sanatório da América do Sul, o de Juqueri em São Paulo, padrão de organização do gênero, não tem psiquiatra como diretor. E o Dr. Brochado pretende renovar o São Pedro nos moldes daquele grande hospital brasileiro. Confio nele".

Junot Barreiros, diretor da Colônia Agrícola, expressou-se desta forma: "Um administrador nada poderá fazer sozinho. Deve ser o esteio central de qualquer organização, bastando possuir duas qualidades imprescindíveis: senso e honestidade, que lhe permitam sabiamente escolher homens capazes. Nem sempre os técnicos são os mais indicados para as funções de administração. Rui, por exemplo, foi um sábio e no entanto fracassou como Ministro das Finanças. É que o administrador necessita de outras qualidades que muitas vezes não as possui o técnico. E o Dr. Brochado é o homem indicado para administrar este hospital".

Nesta reportagem existem **9 fotos**. É uma reportagem que começa na página 12 (última) do jornal e continua na página 5 (!!!). As fotos apresentam-se, evidentemente, um tanto apagadas devido à ação corrosiva do tempo nos papéis jornais. Porém, é possível identificarmos o que se segue.

Na **página 12** há 3 fotos: uma, de homens comendo; a segunda de um galpão escuro, com frestas nas paredes e a terceira com homens em cima das camas, sendo que em primeiro plano está um doente sentado sobre o próprio alimento que come.

Na **página 5** há 6 fotos. As três primeiras, no sentido horizontal da página, mostram grandes dormitórios, com pacientes mulheres, em primeiro plano, dormindo duas a duas nas camas. As outras três fotos, no sentido vertical da página do jornal, contêm fotos de médicos do hospital, os doutores Dionélio Machado, Antônio Brochado e Junot Barreiros, dando entrevista ao Diário de notícias.

As 6 fotos que representam os pacientes do hospital e suas instalações tentamos reproduzir nas próximas páginas, com suas respectivas legendas.



É a falta de talheres: não possuem uma colher sequer, comem com a mão, levam o prato à boca, brutalmente.



Em galpão escuro de 4 m por 12, dormem 35 infelizes. No chão, como WC um buraco no encanamento do esgoto. Pelas paredes de taboas, frestas de mais de 4 dedos, têm os velhos e sórdidos seus dormitórios.



Fujões e depredadores, nus, encaveirados, cabelo raspado, indefinível palidez, ensimesmados pelos cantos, empoleirados pelas camas tipo beliche, pesando um bafio insuportável a provocar vômitos incoercíveis. Um outro, completamente despido tinha esparramado pela cama a comida e sobre ela sentado.

(Esta legenda está abaixo das três próximas fotos do jornal, p.12)

A nota que fere todas as dependências do São Pedro é o ajuntamento promíscuo, criando dificuldades insuperáveis para o tratamento de recuperação dos doentes. Certo como é depender a cura de um relativo isolamento em que possa novamente o espírito reencontrar-se a si próprio. Belos dormitórios e refeitórios são o congestionamento acotovelante que aberra das normas mais comezinhas de saúde e equilíbrio psíquico.



A NOTA QUE FERE TÓDAS AS DEPENDÊNCIAS DO SÁ PEDRO É O AJUNTAMENTO PROM
MENTO EM QUE POSSA NOVAMENTE O ESPÍRITO REENCONTRAR-SE A SI PRÓPRIO.



ÇÃO DOS DOENTES, CERTO COMO É DEPENDER A CURA DE UM RELATIVO ISOLA
E ABERRA DAS NORMAS MAIS COMEZINHAS DE SAÚDE E EQUILIBRIO PSÍQUICO.



ISCO, CRIANDO DIFICULDADES INSUPERÁVEIS PARA O TRATAMENTO DE RECUPERAÇÃO. OS DORMITÓRIOS E REFEITÓRIOS SÃO O CONGESTIONAMENTO ACOTOVELANTE QUE

Diário de Notícias, 22 de março de 1951, p.5

A seguinte matéria encontramos na "crônica policial" do jornal, no mesmo dia e página em que foi colocada a reportagem acima sobre o Hospital São Pedro.

MALTRATADA NO HOSPITAL SÃO PEDRO

Compareceu à presença do dr. Lufredio Lopes Junior, de serviço de plantão da Repartição Central de Polícia, a senhora Belmira Saraiva, esposa de um funcionário do Frigorífico Armour de Livramento, para apresentar queixa contra duas enfermeiras do Hospital São Pedro desta capital, acusando-as de sevícias em sua pessoa.

Segundo declarou a queixosa, há tempos atacada de uma permanente enfermidade, conseguiu, por intermédio do dr. Sílvio Ribeiro, facultativo de Livramento, que a Prefeitura Municipal daquela cidade fornecesse uma passagem para Porto Alegre, às expensas da Assistência Social, a fim de se submeter a tratamento na Santa Casa de Misericórdia.

Aqui chegada, porém, não havendo leitos na Santa Casa, conforme alegaram, foi ela encaminhada ao Hospital São Pedro, onde foi internada. Acontece, porém, que embora não apresentasse qualquer sintoma de alienação mental, foi alojada naquele hospital, numa cela onde se achavam recolhidas 4 loucas furiosas, as quais entraram a agredi-la. A seus gritos de socorro, acorreram duas enfermeiras, as quais em lugar de protegê-la, entraram também a esbordoá-la, a ponto de fazê-la quase perder os sentidos.

Diante disso, resolveu fugir do hospital, o que de fato conseguiu mais tarde, dirigindo-se então à polícia para solicitar providências. O delegado mandou submeter a queixosa a um exame médico legal, a fim de instruir o processo que vai instaurar.